UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DESIGN
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN

PAULO GERALDO FIDELIS DE AZEVEDO

ANATOMIA DE UMA OCUPAÇÃO: cenários e comportamentos no Cais José Estelita em 2014

Recife
2020

PAULO GERALDO FIDELIS DE AZEVEDO

ANATOMIA DE UMA OCUPAÇÃO: cenários e comportamentos no Cais José Estelita em 2014

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Design.

Área de concentração: Planejamento e Contextualização de Artefatos.

Orientador: Prof. Dr. Gentil Alfredo Magalhães Duque Porto Filho.

Coorientadora: Profa. Dra. Oriana Maria Duarte de Oliveira.

Recife

2020

Catalogação na fonte
Bibliotecária Mariana de Souza Alves – CRB-4/2105

A994a Azevedo, Paulo Geraldo Fidelis de
Anatomia de uma ocupação: cenários e comportamentos no Cais José Estelita em 2014/ Paulo Geraldo Fidelis de Azevedo. – Recife, 2020.
277p.: il., fig.

Orientador: Gentil Alfredo Magalhães Duque Porto Filho.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Design, 2020.

Inclui referências e anexo.

1. Planejamento e Contextualização de Artefatos. 2. Ocupe Estelita. 3. Cenário e comportamento. 4. Espaço. 5. Memória. I. Porto Filho, Gentil Alfredo Magalhães Duque (Orientador). II. Título.

745.2 CDD (22. ed.) UFPE (CAC 2021-157)

PAULO GERALDO FIDELIS DE AZEVEDO

ANATOMIA DE UMA OCUPAÇÃO: cenários e comportamentos no Cais José Estelita em 2014

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Design.

Aprovada em: 13/02/2020.

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Dr. Gentil Alfredo Magalhães Duque Porto Filho (Orientador)

Universidade Federal de Pernambuco

_____

Profa. Dra. Oriana Maria Duarte de Oliveira (Examinadora Interna)

Universidade Federal de Pernambuco

_____

Prof. Dr. Paulo Marcondes Ferreira Soares (Examinador Externo)

Universidade Federal de Pernambuco

_____

Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior (Examinador Externo)

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

A Jhason (*in* memoriam), a todas as pessoas que ocuparam o Cais José Estelita em 2014 e 2019, a todos os corpos indisciplinados que estão ou estiveram em alguma ocupação e, por último, ao meu namorado, Pedro Rosa, por ter me acompanhado durante toda essa jornada.

AGRADECIMENTOS

À Pedro, meu namorado, suporte, aconchego e ouvidos preparados para escutar minhas crises de ansiedade, desesperos, críticas e insatisfações. Sempre com a palavra certa nas horas necessárias. Amar-te, nesse contexto LGBTfóbico da sociedade, também é um ato de resistência. Para sempre minha Galatéia.

A Franz Andrade, companheiro de mestrado, pelas conversas, desabafos e críticas ao mestrado. Com toda a certeza seria bem mais difícil essa jornada sem a sua companhia. Muito obrigado, amiga.

À minha mãe e meu pai pela compreensão nesse percurso acadêmico. Ao meu irmão por ter me inserido na militância e à minha irmã, pessoa que mais amo, por todos os momentos compartilhados.

Gostaria de agradecer também à ONG Gestos – Soropositividade, Comunicação e Gênero, pelos quase três anos em que participei do GT Ativismo. Essas vivências e formações foram essenciais na minha trajetória como ativista. Agradeço principalmente à Jô menezes, pela autenticidade, postura e garra em ajudar a coordenar a organização; Juliana César pelo tanto que me ensinou, mostrando caminhos para seguir; à Roberta Correia pelo carinho e atenção e à Juliana Mazza pelas terapias no Espaço Saúde na ONG, as conversas, desabafos e questionamentos foram essenciais para a minha formação e seguimento da pesquisa. Talvez tivesse desistido no meio do caminho se não houvesse esse apoio psicológico.

Agradeço também à todas as drogas (álcool, maconha, coca-cola, açucar, Argyreia Nervosa, entre outras) que utilizei durante esse processo. Todos esses “incentivos” colaboraram com o constante questionar da escrita e do fazer do pesquisador, mas também me ajudaram a desanuviar em momentos de tensão.

À Oriana pelo incentivo a construir uma dissertação diferenciada, às gargalhadas e conselhos em todos os nossos encontros. Acredite, existe muito de você nessa escrita.

Ao meu orientador Gentil Porto Filho pelo acolhimento do projeto, por todas as nossas conversas, provocações, questionamentos e discordâncias. Tudo isso foi essencial para o desenrolar da pesquisa.

Por fim, gostaria de agradecer à todas as pessoas que contribuíram para essa pesquisa, principalmente aquelas que foram entrevistadas (Juma, Vitor, Artur, Daniel

e Mia), mas também gostaria de agradecer à todas e todos que, comigo, uniram forças contra os desmandos do capital. A nossa luta continua!

RESUMO

A presente pesquisa pretende lançar um olhar sobre a ocupação do Cais José Estelita em 2014 no período de 21 de maio a 17 de junho, momento em que os ocupantes ainda se encontravam efetivamente no terreno do cais, em busca de constituir uma anatomia da ocupação e determinar quais são e como se manifestaram os procedimentos estéticos e os funcionamentos dos cenários e comportamentos do Ocupe Estelita. Para tal, visto que fui também um ocupante, foram utilizados recursos de memória (as minhas, sobretudo), assim como também foram realizadas entrevistas com ocupantes do período estudado a fim de ilustrar o cotidiano do Ocupe Estelita, como assim ficou conhecido o movimento. O trabalho foi concebido de forma não linear, com uma certa espontaneidade metodológica, , diluindo a teoria ao longo da pesquisa e possibilitando caminhos diversos de leitura, em busca de fomentar conexões autônomas entre narrativas e conceitos. Além disso, estabeleci algumas aproximações com abordagens teóricas – principalmente os conceitos de espaço de Certeau (1994) e Foucault (2013) – que auxiliaram a recompor a estética e os funcionamentos dos cenários e comportamentos vivenciados durante o período de ocupação. Dessa maneira o estudo visa compreender os momentos vivenciados durante o movimento, por esse viés estético e característico, e, assim, reconstituir o que acredito ser a *primeira história da ocupação*.

Palavras-chave: ocupe estelita; cenário e comportamento; espaço; memória.

ABSTRACT

This research aims to take a look at the occupation of José Estelita Pier in 2014 from May 21 to June 17, when occupants were still effectively on the wharf terrain, seeking to constitute an anatomy of the occupation and determine what are and how the aesthetic procedures and the workings of the Occupy Estelita scenarios and behaviors manifested themselves. For this, since I was also an occupant, memory resources (mainly mine) were used, as well as interviews with occupants of the period studied to illustrate the daily occupation of Estelita Occupy, as the movement became known. The work was conceived in a nonlinear way, with a certain methodological spontaneity, diluting the theory throughout the research and enabling different ways of reading, seeking to foster autonomous connections between narratives and concepts. In addition, I established some approximations with theoretical approaches - mainly the concepts of space of Certeau (1994) and Foucault (2013) - that helped to recompose the aesthetics and the functioning of the scenarios and behaviors experienced during the occupation period. Thus the study aims to understand the moments experienced during the movement, through this aesthetic and characteristic bias, and thus reconstruct what I believe to be the first history of the occupation.

Keywords: occupy estelita; scenarios and behaviors; space; memory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Amsterdam Erótica (1982) 29

Figura 2 – A expressão Hoje, a Arte É Este Comunicado aparece por uma semana, em 2013, em letreiro do Cinema São Luiz, no Recife, numa ação realizada em parceria com Márcio Almeida 30

Figura 3 – O *happening* de Bart Huges 38

Figura 4 – Grootveld realizando uma de suas pichações em propagandas de cigarro, 1961 40

Figura 5 – Robert Jasper Grootveld vestido com sua persona africana em seu K-Temple 41

Figura 6 – Happening ao redor da estátua do menino “Lieverdje”, Praça Spui 44

Figura 7 – God, Nederland & Oranje (1966–1968), 10 publicações. Impressão offset em tamanho A5, A4 e A3, aproximadamente 16 a 20 páginas por publicação..... 47

Figura 8 – À esquerda: Publicações Revista Provo. impressão offset, 40 páginas em média. À direita: Poster/Panfleto Provo mimeografado. Amsterdam, 1965 48

Figura 9 – Detalhe da Revista High Times de 1990 em que aparecem as chamadas Bicicletas Brancas da revolta Provo. A fotografia maior, tirada por Cor Jaring em 1966, foi utilizada em diversos jornais e revistas internacionais 51

Figura 10 – Vinheta satírica de Willem 53

Figura 11 – Reclaim the Streets, Festa M41, 13 de julho de 1996, a ativista com saia-balão suspensa em andaime esconde membros do grupo que estavam perfurando buracos no asfalto para plantar árvores 55

Figura 12 – Reclaim The Streets, 14 de maio de 1995, Camden High Street, Londres, Reino Unido 60

Figura 13 – Manifestante do Occupy Wall Street, Nova York, 2011 63

Figura 14 – People’s Library 65

Figura 15 – Manifestante sufista rodopiando, com uma máscara de gás num dos protestos na Turquia. 2 de junho de 2013 66
Figura 16 – Clínica veterinária grátis, Parque Taksim Gezi. 7 de junho de 2013 67
Figura 17 – Policial turco usa gás lacrimogêneo enquanto as pessoas protestam contra a destruição de árvores em um parque criado por um projeto para pedestres, na Praça Taksim Gezi, no centro de Istambul. 2013 69
Figura 18 – O número de tendas aumentou, ao ponto em que um mapa desenhado à mão foi colocado na entrada demonstrando onde certos grupos se localizavam politicamente, assim como onde se podiam encontrar os ambientes da ocupação. Estradas de acesso ao parque e à Praça Taksim foram bloqueadas por manifestantes contra a polícia com barricadas de pedras de pavimentação e ferro corrugado 70
Figura 19 – Placas na entrada da ocupação. Foi-se construindo um canteiro de flores logo de início, e um caminho de pedras que ia guiando os visitantes para o interior do Ocupe Estelita. Fotografia de Fernando Peres 75
Figura 20 – Mapa do Ocupe Estelita feito durante a ocupação pelos membros ocupantes 79
Figura 21 – Uma das diversas aulas públicas que aconteceram durante o Ocupe. Fotografia de Fernando Peres 80
Figura 22 – Diário de Juma durante a ocupação 83
Figura 23 – Acampamento do Ocupe Estelita. Fotografia de Fernando Peres 84
Figura 24 – Barraca de Victor e Rafael, ocupantes do cais. Fotografia de Fernando Peres 85
Figura 25 – Cortes de cabelo durante a ocupação. Diversas intervenções eram motivadas pelos ocupantes e simpatizantes do movimento e aconteciam a todo momento. Fotografia de Fernando Peres 86

Figura 26 – Acordo Interno e tarefas diárias da ocupação. Fotografia de Fernando Peres 90
Figura 27 – Notas fiscais de compras da ocupação 91
Figura 28 – Diário de Juma durante a ocupação 95
Figura 29 – Panfleto com o depoimento de Roger de Renor sobre a reintegração de posse, distribuído alguns dias depois do ocorrido, Ocupe Estelita, 2014. Autoria: Livrinho de papel finíssimo editora 104
Figura 30 – Intervenção artística sobre tijolo durante a ocupação. Fotografia de Fernando Peres 126
Figura 31 – Vista do acampamento da Ocupação, com vista para a casa na árvore de Fernando Peres iluminada 130
Figura 32 – Ocupinho (Ocupe para os pequenos). 01/06/2014. Fotografia de Fernando Peres 130
Figura 33 – O Gordinho era a alma da cozinha, não somente por suas habilidades culinárias, mas por sua simpatia e determinação. Fotografia de Fernando Peres 140
Figura 34 – Vista da cozinha, sua última versão depois de tantas mudanças e adaptações. Infelizmente foi uma das primeiras coisas a serem destruídas durante a reintegração de posse. Fotografia de Fernando Peres 143
Figura 35 – Peças visuais colocadas na parede do banheiro para identificá-lo, como se percebe, fazia-se política e poesia até mesmo nesse local, reconfigurando-o. Fotografia de Fernando Peres 144
Figura 36 – No Estelita aconteciam duas Assembleias, uma pela manhã ou tarde, mais voltada para necessidades internas da ocupação, e outra à noite, com diversos membros do DU e sociedade civil. Abaixo, respectivamente, assembleias diurna e noturna. Fotografia de Fernando Peres 151
Figura 37 – Projeto Nus que aqui estamos por vós esperamos, Coletivo Além, Ocupe Estelita 2014 159

Figura 38 – No Estelita também se ria, no Estelita também se brincava. Fotografia de Fernando Peres 165
Figura 39 – O espaço da ocupação reconfigurou-se em um potente espaço para brincadeiras a todas as pessoas: crianças, jovens ou adultos. Fotografia de Fernando Peres 167
Figura 40 – Dia de festa no Ocupe. O lúdico e o político não se separavam ao longo de toda a ocupação. Fotografia de Fernando Peres 170
Figura 41 – Lesbian Bar durante a ocupação. Era normal entrar em contato com os vendedores ambulantes para que fossem à ocupação vender bebidas. Fotografia de Fernando Peres 174
Figura 42 – Festas no Ocupe Estelita em dias de domingo. Vista da casa da árvore. Fotografia de Fernando Peres 179

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 14

2 LIVRETO I: CIDADE, ARTE E OCUPAÇÃO 25

2.1 A CIDADE DOS DESEJOS: OUTRA CIDADE PARA OUTRA VIDA 25

2.2 CONFLITOS NO ESPAÇO URBANO 35

2.2.1 O antiproibicionismo provo 35

2.2.2 Pequena cartografia de ocupações 54

2.3 OCUPAR! RESISTIR! 74

2.3.1 25 de maio 74

2.3.2 "Sangue jorra no cais" 96

3 LIVRETO II: OUTROS ESPAÇOS E TEMPOS 108

3.1 OCUPE ESTELITA: UMA HETEROTOPIA 108

3.2 LUGARES PRATICADOS 126

3.2.1 O acampamento 129

3.2.2 A cozinha 136

3.2.3 Os banheiros 144

3.2.4 As assembleias 147

3.3 CORPOGRAFIAS 152

3.4 ARGYREIA NERVOSA 162

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS 183

REFERÊNCIAS 187

ANEXO A – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS COM OS OCUPANTES 198

1 INTRODUÇÃO

“Quiero que compongamos io e tú una prosa.”

Berceo

Antes de iniciar, quero apresentar-me, pois, enquanto militante, acredito que seja de extrema importância situar o meu lugar na sociedade. Sou um homem *gay*, branco, cis, pertencente à classe média e, por fim, designer-artista, e acredito que tudo isso foi determinante em minhas escolhas posteriores. Em contrapartida, não se deve considerar esse texto como a preocupação com a origem de uma reflexão, mas, antes, como a valorização da experiência pessoal do próprio percurso como trajetória de pensamento.

A seguinte proposta de pesquisa consiste em discutir a ocupação ocorrida no Cais José Estelita em 2014, no período de 21 de maio a 17 de junho[1], no centro urbano do Recife, em busca de constituir uma anatomia da ocupação, a fim de determinar quais são e como se manifestaram os procedimentos estéticos e os funcionamentos dos cenários e comportamentos do Ocupe Estelita.

A ocupação foi fruto de uma grande insatisfação por parte da população recifense, sendo um momento singular para a cidade. Os próprios atos decorrentes da ocupação apresentavam singularidades. O movimento foi marcado por uma série de eventos culturais, festas e festividades, aulas públicas e apresentações de artistas brasileiros. A ocupação discutiu, entre outras pautas, o direito à cidade e moradia digna, a participação de seus cidadãos em decisões que dizem respeito ao planejamento urbano do Recife e o uso do espaço público precarizado das cidades.

[1] Ainda que a ocupação do Estelita tenha permanecido após o dia 17 de junho embaixo do Viaduto Capitão Temudo, nos arredores do Cais, pretendo investigar as manifestações do Estelita durante o período de 21 de maio a 17 de junho de 2014, especificamente, momento em que os ocupantes se encontravam efetivamente nos terrenos do Cais José Estelita. Acredito que estabelecer esse recorte temporal é necessário para melhor analisar as particularidades do que consideramos um momento singular na história dos movimentos de insubmissão política. Sendo assim, buscamos minuciar o caráter estético e os funcionamentos dos cenários e comportamentos do Ocupe Estelita.

Tais singularidades presentes no movimento são de grande interesse para o escopo de nossa investigação. Essas vivências dos ocupantes do cais durante as manifestações compõem um cenário de atividades que podem ser analisadas.

Nesse sentido, a noção de brincadeira nesse contexto de ativismo possui um papel fundamental em nossa pesquisa. A capacidade de transformar localidades utilitárias em lúdicas significa fomentar outros agenciamentos e relações singulares entre os “brincantes”. Esses *contraespaços* do brincar são convites ao exercício de singularidades, brechas de rememoração e de indisciplina corporal na cidade.

É preciso dizer que, contemplando a história do Ocupe Estelita, contemplo a minha própria história, por isso, senti-me provocado a escrever sobre aqueles dias de resistência no Estelita. É preciso, contudo, rasgar a fantasia (ou talvez vivê-la intensamente), apostando na sensibilidade para que o objeto da pesquisa se desse a ver.

A escrita desta dissertação também é uma experiência de um corpo que viveu intensamente os dias de ocupação. Este trabalho nasceu, portanto, da indignação provocada pela falta de pesquisas – pelo menos até o momento – que abordassem de maneira aceitável a estética e os funcionamentos dos cenários e comportamentos do Ocupe Estelita. Nas diversas pesquisas a que tive acesso durante todo o processo da dissertação pude perceber que os trabalhos analisados não possuíam muitas abordagens que remetessem às vivências durante o Ocupe Estelita. As pesquisas eram pautadas por um viés político e urbanístico.

Visto que fui também um ocupante, me deixava insatisfeito perceber que esse campo de estudo dos cenários e comportamentos ainda não havia sido abordado. A riqueza de acontecimentos que permearam a ocupação me levou à instiga de contar mais essa história, pois não aceito que a potência do vivido durante aqueles dias seja negligenciada unicamente em favor de seu viés urbanístico.

Esta pesquisa, no entanto, não visa construir uma narrativa cronológica ou mesmo passar em revista, de maneira exaustiva, a história dos “levantes”. Sabemos que existem milhares de representações do gesto “não”, do grito “basta!” ou do brado “não passarão!”. Mulheres, homens e crianças sabem bem disso, trabalhadores, artistas e poetas também, assim como também o sabem os que gritam, os que se

calam, os que choram e os que fazem chorar (GILI, 2017). Essa pesquisa, portanto, é uma montagem dessas palavras, desses gestos, dessas ações que desafiam qualquer submissão a um poder absoluto.

Por esse motivo, reivindica-se aqui uma certa espontaneidade metodológica. Coisas sem erros[2] e sem potência estão enchendo os bancos de dados das bibliotecas. O trabalho foi concebido de forma não linear, possibilitando caminhos diversos de leitura, em busca de fomentar conexões autônomas entre narrativas e conceitos.

Um trabalho desta índole é necessariamente incompleto; cada nova pesquisa é o núcleo de pesquisas futuras, que podem se multiplicar ao infinito. Convido o eventual leitor a questionar as palavras escritas ao longo deste texto, assim como questiona suas próprias memórias cotidianamente. O presente trabalho não foi escrito para uma leitura ininterrupta. Desejo que os curiosos o frequentassem como quem brinca com as formas variáveis que revela um caleidoscópio.

A experiência vivida durante o período do Ocupe Estelita exigiu de mim uma reinvenção, ou seja, outro modo de agir. Para tanto me servi de alguns teóricos da cultura contemporânea, num esforço de fazer emergir uma força desviante, um ponto de fuga, uma instância de liberdade alcançada por um empenho de realizar a vida enquanto militância. Quis, com isso, não apenas registrar um pensamento em processo, mas antes o atrelamento entre teoria e prática através de um viés que privilegiasse a experiência cotidiana e suas consequentes mudanças – em mim, principalmente.

[2] O ser humano é “demasiado humano” principalmente em seus afetos, por isso acredito que ao decidir por uma abordagem que analise pela lente da saudade a ocupação do Cais José Estelita, como um narrador-participante das histórias do cais, coloco-me numa posição que está propensa a erros (de escrita, de memórias, etc). Nesse sentido a separação entre pesquisador e objeto de pesquisa no caso das vivências do Ocupe Estelita – a meu ver enquanto ocupante do cais – diminui e até mesmo empobrece o processo de análise. É possível haver meio-termo entre objetividade e subjetividade na pesquisa e escrita científica/acadêmica? Para mim, no entanto, a melhor opção está em viver intensamente o objeto de pesquisa em questão, revisitando sem nenhum receio as memórias e relatos da ocupação. Não podemos esquecer que a objetividade e a subjetividade andam de mãos dadas numa corda bamba, confundem-se e se enriquecem.

O que abordo nesses textos, por diferentes perspectivas, gravita em torno das minhas experiências enquanto membro ocupante do Estelita durante a maior parte do entretempo da ocupação. Por essa perspectiva, será proposto um formato diferenciado de interpretação dos fatos para a composição da dissertação, numa tentativa de elencar essa “primeira história da ocupação”. Quero acreditar na possibilidade de enfatizar o caráter estético da ocupação ao se inventar novos jogos.

Em alguns momentos, numa busca de retratar da melhor maneira os acontecimentos da ocupação, decidi por citar alguns pontos das entrevistas em textos mais longos, respeitando as vozes e opiniões dos ocupantes entrevistados de forma mais completa. As entrevistas completas podem ser acessadas nos anexos da dissertação.

Ao longo de todo o texto, fiz uso de estilos tipográficos diversos, principalmente do itálico, para inserir algumas memórias, considerações e referências a respeito dos momentos vividos durante o período da ocupação. Também optei por utilizar aspas em algumas palavras para referenciar determinadas teorias ou mesmo destacar algumas falas de ocupantes e outras contribuições que pudessem auxiliar na compreensão do texto.

Com essa pesquisa eu desejo “a minha própria asneira, e vogais e consoantes também que lhe correspondam. Se uma vibração mede sete centímetros, quero palavras que meçam precisamente sete centímetros. A palavra, quero-a quando acaba e quando começa” (BALL, 1916). Tudo isso para compor, da melhor forma, a estética e os funcionamentos desses cenários e comportamentos da ocupação do Cais José Estelita.

Em guarani, *ñe’e* significa “palavra” e também “alma”. Entre as dificuldades de traduzir essas histórias de amor e riso da ocupação, com toda a certeza, o ato escrita foi a que causou mais dor. Demorei a encontrar a palavra que pudesse, ao menos um pouco, representar aqueles dias abafados, mas regados de sentimentos. Demorei a encontrar a palavra-alma do texto.

Para melhor analisar as particularidades do que consideramos um momento singular na história dos movimentos de insubmissão política, estabelecemos um recorte temporal – o período de 21 de maio a 17 de junho, momento em que os ocupantes ainda se encontravam dentro dos terrenos do Cais José Estelita. Buscamos com isso minuciar o caráter estético e os funcionamentos do Ocupe Estelita para desenvolvermos, da melhor forma, nossas indagações quanto ao movimento.

Perguntará o leitor: “Mas qual é o objetivo?” E eu respondo: O resultado da pesquisa é a produção de um texto analítico que problematiza o Ocupe Estelita, levantando hipóteses e indagações. O instigante de nossa tarefa não é o seu resultado, o texto com as hipóteses confirmadas, refutadas ou deixadas em aberto. A im-portância maior repousa (conforme o nosso desejo) nas atividades de percurso: as reflexões paralelas, as constantes indagações e, acima disso, as digressões, todas pequenas veredas e aparentes desvios com os quais espero fortalecer a pesquisa. Como afirma Bourriaud:

> *“As figuras de referência da esfera das relações humanas agora se tornaram “formas” integralmente artísticas: assim, as reuniões, os encontros, as manifestações, os diferentes tipos de colaborações entre as pessoas, os jogos, as festas, os locais de convívio, em suma, todos os modos de contato e de invenção de relações representam hoje objetos estéticos passíveis de análise enquanto tais” (BOURRIAUD, 2009, p. 40).*

Mas não se enganem, essa pesquisa também pode ser “uma história contada por um idiota, cheia de som e fúria e vazia de significado” (SHAKESPEARE, 2006). E, apesar disso, extremamente necessária nesses *tempos fora do eixo.*

Michel de Certeau certa vez afirmou que “os relatos atravessam e organizam lugares; eles os selecionam e os reúnem num só conjunto; deles fazem frases e itinerários. São percursos de espaços” (CERTEAU, 1994, p. 199). Por esse motivo todo relato é também uma prática de espaço.

Com o intuito de descortinar as sutilezas dos cenários e comportamentos da ocupação, decidi que deveria privilegiar as minhas memórias, assim como as

entrevistas com os ocupantes do Cais José Estelita, de modo a construir o pensamento em forma de relatos. Resolvi realizar essas entrevistas, pois não poderia contar essas histórias da ocupação sozinho. Acredito que tudo aqui foi escrito a várias mãos. Acredito, também, que "escutar o outro é renunciar a posição de poder" (DUNKER, 2017).

As entrevistas promovem o ingresso do pesquisador em uma relação de compromisso com o outro. Naquele presente da entrevista, o que se fala é verdadeiro, por isso o passado não me interessa. “Fora isso a memória é, para mim, a coisa mais mentirosa do mundo. O que não quer dizer que não seja verdadeira” (FROCHTENGARTEN, 2009). O que me interessa de fato são as digressões, hesitações, retomadas de texto, gaguejadas e lapsos extraordinários. A pessoa se reinventa a partir do que ela acredita.

A entrevista é baseada na possibilidade de erro humano, um momento sujeito a constantes (re)interpretações. Eduardo Coutinho (FROCHTENGARTEN, 2009) afirma que existe a fala e a escrita e, entre os dois, a transcrição, que é a castração da fala. O entrevistado não fala vírgula, não fala ponto, não fala entre parênteses. Tenta-se dar uma ordem para a fala com sinais gráficos, mas deve-se ter o cuidado para não destruí-la. O acaso, a surpresa e a incerteza do resultado é que me interessam. Acredito realmente que as relações dão certo quando não se apresentam simplesmente como pergunta e resposta, mas sim como um ato colaborativo. Dessa forma eu não poderia castrar as palavras chulas, gírias e vícios de linguagem dos entrevistados, visto que nenhuma voz é igual à outra, tem sempre uma forma original.

Os fios teóricos do trabalho estão se desenvolvendo com o auxílio dessas memórias, minhas e dos ocupantes entrevistados. Dessa maneira, o texto utiliza a teoria como uma digressão da vida, em busca de trazer à luz a força do vivido.

De maneira breve, Michel de Certeau (1994) define memória retomando um uso antigo, enquanto uma presença à pluralidade de tempos, ou seja, uma presença que não está restrita ao passado. O autor faz ainda, uma diferença entre memória e lembrança, que brilha como uma metonímia em relação a um todo (CERTEAU, 1994). A definição usada por Certeau revela uma recusa em reduzir a memória a um fenômeno cuja atividade depende exclusivamente de experiências passadas. A arte

de pensar (astúcias da inteligência), de que fala Michel de Certeau, conta com “momento certo” (Kairós), altera um “lugar próprio” e nunca consegue reter o que faz. “Ela desaparece no seu ato mesmo” (JOSGRILBERG, 2005, p. 86). A memória não possui, então, um lugar próprio, não é passível de uma descrição geral. Para Certeau, a memória intervém no momento certo e depende do contingente; sua articulação à situação é o momento tático. A memória tem a capacidade de intervir em um dado momento, ou momento certo (JOSGRILBERG, 2005).

Os gregos antigos tinham duas palavras para o tempo: *chronos* e *kairós*. Enquanto o primeiro refere-se ao tempo cronológico ou sequencial (o tempo que se mede, de natureza quantitativa), Kairós possui natureza qualitativa, o momento indeterminado no tempo em que algo especial acontece: a experiência do momento oportuno.

A mitologia define o deus Kairós como filho de Zeus com a deusa da prosperidade, Tyche. Era representado como um homem nu que andava rápido e tinha somente um cacho de cabelo na testa. Caso Kairós passasse, só era possível agarrá-lo por essa mecha de cabelo ou seria impossível trazê-lo de volta, algo que é bastante simbólico e significa que devemos agarrar os momentos oportunos de nossa vida na medida em que eles aparecem. Kairós poderia, também, se manifestar em momentos específicos, na inteligência de Atena, no amor de Eros, ou mesmo no vinho de Dioniso, mas também poderia se manifestar no Chronos (o tempo linear). Kairós não pressente o futuro nem volta ao passado, é tão somente o momento presente.

Isto já impõe alguns limites àquilo que irei dizer e como irei dizer e, mais ainda, como irei arbitrar aquilo que estou dizendo ao longo desta pesquisa. Por isso, todo dizer é arbitrário, cheio de buracos e silêncios, como o rendilhado de uma blusa de tricô.

Aprendi ainda nas aulas do curso de história que

> *“A memória é subjetiva. Nações são constituídas com base em memória coletiva, que é imaginação e afeto. A memória pode nos alertar, mas também pode ser a memória um passado de concórdia que não se sustenta.” (SCHWARCZ, 2019)*

Estou interessado em ler as teorias de forma analítica pela lente da saudade, sempre aos meus moldes. Por esse motivo a leitura dos textos foi se diluindo em cada parte desta pesquisa, deixando-se entender nas sutilezas dos relatos e das memórias da ocupação. De início, estas são as minhas escolhas e meus limites.

Nesse sentido, acredito que a partir do momento em que se está lendo a dissertação, também se está, de alguma maneira, reescrevendo as memórias do cais. Construindo, assim, novas narrativas que vão se fixando na mente daqueles que a lêem. Portanto, ler é reescrever espaços e é urgente a necessidade de contar essas "histórias espaciais" (CERTEAU, 1994) do Ocupe Estelita.

Afirmo isto, pois a forma como Certeau (1994) nos dá a pensar o tempo, ou a temporalidade é completamente diversa daquela a que estamos acostumados a pensar ou dar a pensar, ou seja, a partir de Michel de Certeau podemos dizer que passado, presente e futuro só existem em função de um agora que é presença no mundo. Em outros termos, este agora, que acabou de acabar, é que funda uma temporalidade, ou seja, institui um antes (passado), um depois (futuro) e a sensação de pertencer a um tempo (o presente) só se dá a partir deste agora, do exercício do agora.

Pretendo, através desta pesquisa, construir outras maneiras de caminhar, de perambular, de constituir traçados diferentes, de inventar, tática, poética e belicamente outras espacialidades. Nos debrucemos, pois, sobre os rompantes de Kairós, o momento oportuno.

O que se encontra aqui escrito é apenas uma parte da história, e talvez, para alguns, nem seja a melhor parte – pelo menos não a parte que comumente é contada –, mas acredito que também devemos pousar nossas reflexões sobre esse lado da história e assim me dispus a esboçar esta narrativa. No entanto, em nenhum momento a pesquisa se propôs a diminuir o caráter sócio-político do Movimento Ocupe Estelita, apenas busco dar outros olhares e vozes aos cenários e comportamentos durante esse rico período de análise.

Alguns dos nomes utilizados nos relatos para contar essa narrativa foram modificados para manter o caráter anônimo de cada personagem da ocupação, a

pedido dos próprios entrevistados, ou quando percebi que poderia expô-los de alguma forma. Dessa maneira acabei criando um jogo de palavras. Manter as identidades de alguns dos ocupantes foi a estratégia utilizada para conseguir o máximo de informações sobre o Ocupe Estelita, dessa forma foi possível adentrar em assuntos pouco discutidos em outras fontes de pesquisa, o que se mostrou de fundamental importância para este trabalho.

Deixo o leitor mal acostumado a uma construção acadêmica mais “fechada” de sobreaviso para novas possibilidades de escrita e interpretação de acontecimentos. Não me comprometo em satisfazer seus desejos de uma pesquisa mais conservadora ou habitual, mas de permitir o acesso a esta narrativa sob uma perspectiva pouco usual.

A pesquisa aqui exposta está dividida em duas partes, que estou chamando de *livretos,* consequentemente possuem subseções em cada uma dessas partes e contam histórias que podem ser conectadas. Recuperar essas narrativas é algo realmente importante para mim, contudo não precisam ser lidos consecutivamente. Sinta-se à vontade para debruçar-se sobre a leitura da maneira que preferir, ou mesmo bebê-la aos goles como um bom vinho.

No primeiro livreto, “Cidade, arte, cupação”, discutimos as poéticas das cidades, atravessando textos literários, principalmente os de Italo Calvino (1990), e confrontando com outros autores e escritores que conseguiram transmitir as diversas poéticas da cidade de maneira singular.

A pluralidade de movimentos insurgentes ao redor do mundo faz com que o meu “eu” pesquisador queira entender as semelhanças e particularidades que cada um possui, por isso, alguns movimentos foram escolhidos para a contextualização da pesquisa. Os movimentos escolhidos foram os seguintes: Provo, em Amsterdam, por seu pioneirismo contracultural e sua natureza lúdica e criativa, aproximando-se sobremaneira da arte como forma de protesto, principalmente do *happening*; o Reclaim the Streets, em Londres, cujas ações são caracterizadas por ocupações coletivas dos espaços públicos, em especial as ruas, realizando festas e *raves*. O movimento *Occupy Wall Street*, em Nova York, por seus protestos contra a desigualdade econômica e social, a corrupção e a influência do setor financeiro na

política dos Estados Unidos – uma influência direta para o Ocupe estelita. Os Protestos do Parque Gezi, na Turquia, inicialmente relacionados à causa ambiental, e que, posteriormente, se transformaram em protestos contra o governo; e, por fim, As Jornadas de Junho, manifestações populares que ocorreram por todo o território brasileiro e que inicialmente surgiram como contestação do aumento das tarifas do transporte público, mas expandiram sua revolta para outras pautas. Desse modo, trazemos as reflexões para a esfera nacional.

Haja vista que o Ocupe Estelita não ocorreu em uníssono, mas é um somatório de ideais e insatisfações, acredito que essa contextualização faz-se necessária. Contudo, preciso frisar que essas insurgências também possuem diversos aspectos que as tornam únicas. Desse modo, não existe aqui a intenção de demonstrar qualquer relação de causa e consequência em nenhuma dessas contextualizações. O que se busca, porém, é compor as amarras do meu discurso a fim de contextualizá-lo através da averiguação desses movimentos.

As últimas seções do primeiro livreto buscam, através de recursos de memórias, entrevistas com ocupantes e pensamentos de teóricos contemporâneos, reconstituir, do começo ao fim, as narrativas do período de ocupação. Dessa forma, sigo o caminho da ousadia, contando a história num tempo diferenciado, em que o fim e o começo se misturam e se confrontam, deixando outros momentos da ocupação para o segundo livreto.

A segunda parte da dissertação, “Outros espaços e tempos”, caminha em direção à saudade, relembrando e discutindo os diversos momentos e experiências vividas durante a ocupação. Num primeiro momento escolho como um modo de encarar o mundo a lente de Michel Foucault (2013) e de seus comentadores. Acredito que o Ocupe Estelita se caracterizou como uma verdadeira heterotopia, um espaço de contestação a todos os outros espaços ao redor, um lugar sem lugar na cidade do Recife.

Em seguida, relembro os “lugares praticados” (CERTEAU, 1994) da ocupação. A intenção é recompor a estética e os funcionamentos dos cenários e comportamentos que existiram no Ocupe Estelita, lançando um olhar mais crítico

sobre esses espaços. Pretendo, assim, abordar o que outras pesquisas vêm negligenciando.

Nas duas últimas subseções, recordo os corpos festivos e indisciplinados presentes na ocupação. Para mim não seria suficiente reconstituir (ou reinventar) esse espaço do Ocupe Estelita sem mencionar a corpografia que era transcrita, e ao mesmo tempo era transcrevia, naquele espaço. Assim como não poderia esquecer desses jogos e festas, momentos de resistência e alegria que permearam todo o movimento. Afinal, todo “momento” é um festival (LEFEBVRE, 2002) e realmente, não se pode dissociar o lúdico do político.

Por fim, foram apresentadas as considerações finais da pesquisa. Esta última etapa propõe reflexões e direcionamentos diante do que foi discutido ao longo da dissertação. Busca-se com isso construir uma anatomia da ocupação através da discussão da estética e dos funcionamentos de seus cenários e comportamentos.

Durante a pesquisa me fiz e deixei-me em tantos, sobretudo em mim. Tentei ao máximo caminhar por caminhos que escapam do academicismo, rompendo algumas das regras das “boas práticas acadêmicas”, para, assim, entender também essa pesquisa como um instrumento de militância. Resisti ao máximo que consegui, mas nem sempre fui feliz em minha trilha, esbarrando em normas e convenções, por vezes retrógradas, que insistem em permanecer entre nós.

Deixo o leitor, assim, também criar suas próprias interpretações sobre o ocorrido, mudar teorias, confrontar saberes, questionar-me e negar-me a todo momento. Por isso, peço ao leitor que pare, revolte-se, comova-se, sorria e duvide de tudo aquilo que está escrito aqui. Sintam raiva de mim, de minhas palavras. Sintam pena desta alma que tenta, ainda que minimamente, trazer à tona a potência da experiência vivida intensamente.

Resista! Ocupe!

2 LIVRETO I: CIDADE, ARTE E OCUPAÇÃO

2.1 A CIDADE DOS DESEJOS: OUTRA CIDADE PARA OUTRA VIDA

“Recife

Cidade das pontes

E das fontes da miséria

Poetas mendigando passes

Pra voltar pra casa

E sua poesia passando despercebida

Aliás,

Nem passa”

Miró da Muribeca

Lewis Munford, logo no início do seu livro *A Cidade na História*, nos questiona: “Que é a cidade? Como foi que começou a existir? Que processos promove? Que funções desempenha? Que finalidades preenche?” (MUNFORD, 1982. P. 9).

A cidade é a grande sedutora e moradia do mundo moderno, seu imaginário é atraente e tudo que se cria em torno da cidade ultrapassa a concretude de suas arquiteturas, invadindo a dimensão do simbólico e da afetividade – muitas vezes escondida e desprezada em suas esquinas. A cidade guarda seus segredos à espera daqueles que, como numa caça ao tesouro, possam encontrá-los, dando possibilidades à reconstrução de seu cotidiano. Seus espaços são como espelhos inquietos e abertos a significações, precisam ser exaustivamente interpretados em busca dos muitos sentidos que eles acolhem. (REZENDE, 2008).

Originalmente, as cidades surgiram como projetos para o futuro: as pessoas transitaram do interior para os centros urbanos a fim de escapar das forças da natureza e, assim, ir em busca de um futuro, novo e que pudessem moldar ao seu bel prazer (GROYS, 2015). Dessa maneira, a cidade possui uma dimensão intrinsecamente utópica, em virtude de estar situada fora da ordem natural. Na verdade, a cidade está localizada no *ou-topos,* afirma Groys (2015).

Outrora, as cidades se isolavam do restante do mundo por intermédio de muros que delineavam o lugar em que a cidade foi construída, elegendo sua particularidade utópica (GROYS, 2015). A busca contínua por uma utopia força a cidade a se superar e se destruir – o que explica a característica natural da cidade de ser o local das revoluções, levantes, recomeços constantes e mudanças incessantes de estilos de vida. A sociedade não cansa de se esforçar em abrir espaço para que o desenvolvimento aconteça e, cada vez mais, é impedida e atrasada pelos restos da estrutura urbana que insistem (e resistem!) em não ser totalmente removidos. Um eterno ciclo em que se torna impossível completar sua atual fase preparatória.

Construída enquanto refúgio de segurança, a cidade logo se tornou palco para instabilidades, anarquias e terrorismos. Nesse contexto, a cidade apresenta-se, então, como uma mistura de utopia e distopia, por meio da qual a modernidade, sem dúvida, estima e aplaude seus aspectos distópicos no lugar dos utópicos – decadência urbana, perigos e medos que assombram (GROYS, 2015).

Porém, não podemos esquecer que as formas da cidade multiplicam-se a partir dos olhares de seus habitantes, dos seus desejos e dos seus desesperos. Mas não se deve confundir a cidade com o discurso que a descreve, nos lembra o personagem Marco Polo (CALVINO, 1990).

Em As Cidades Invisíveis, Italo Calvino nos conduz numa deliciosa aventura pelas incontáveis cidades visitadas – e criadas – por Marco Polo em seus relatos ao conquistador mongol Kublai Khan. O que surge é uma geografia fantástica, cheia de simbologia. Os lugares que Marco Polo descreve sofrem refrações da memória de um olhar que se demora diante de uma paisagem, as duplicidades do espelho, as insaciabilidades do desejo. Apresentam sempre uma dupla face. “De uma cidade, não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas a resposta que dá às

nossas perguntas” (CALVINO, 1990, p. 44), é o que diz Marco Polo ao poderoso Kublai Khan.

As cidades descritas por Marco Polo possuem todas nomes femininos: Olinda, Isidora, Doroteia, Zaíra, Fedora, Isaura, Eufêmia e tantas outras relatadas confirmam a hipótese de que cada pessoa tem em mente uma cidade feita exclusivamente de diferenças. Cada cidade possui sua singularidade, mas também se mescla com imaginários de outras tantas cidades (REZENDE, 2008). Na cidade, à medida em que seus passantes ziguezagueiam e se perdem em seus bairros desconhecidos, melhor compreendem os encantos gravados nas memórias de seus tijolos. “Às vezes o espelho aumenta o valor das coisas, às vezes anula” (CALVINO, 1990, p. 54). Nada do que acontece na cidade é uniforme, mistura-se com os olhares, memórias e utopias de cada um que a experimenta. Por isso, uma cidade é feita de exceções, impedimentos, contradições, incongruências e contrassensos.

Não se pode esquecer que a cidade possui um espaço incomensurável por onde o simbólico se institui e constitui, pois “é o humor de quem a olha que dá a forma à cidade” (CALVINO, 1990, p. 64). Seus habitantes constroem imaginários que não se limitam ao presente que vivem e não se consegue esgotar seus mistérios. Não existe, portanto, a cidade, mas, sim, cidades. Em *As Cidades Invisíveis*, Italo Calvino discursa sobre o olhar da cidade a partir de uma perspectiva mais ampla:

> *“[…]É uma cidade igual a um sonho: tudo o que pode ser imaginado pode ser sonhado, mas mesmo o mais inesperado dos sonhos é um quebra-cabeça que esconde um desejo, ou então o seu oposto, um medo. As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa.*
>
> *[…]*
>
> *As cidades também acreditam ser obra da mente ou do acaso, mas nem um nem o outro bastam para sustentar as suas muralhas” (CALVINO, 1990, p.44).*

O Recife se apresenta como uma cidade onde seus prédios modernos e suas avenidas povoadas de máquinas poluentes e velozes não conseguem aproximar os transeuntes do espaço público. É possível, no entanto, como nas cidades fabulosas de Calvino, tentar tecer uma outra narrativa da cidade. A música, o cinema e a literatura nos mostram que outras arquiteturas são possíveis; as poéticas da cidade não se acabam e suas histórias podem ser traçadas por diversas óticas. Histórias de amor e riso, mas também histórias de solidão. Lembremos da beleza da poesia carregada de Miró da Muribeca; a força do silêncio em *O Som ao Redor*, filme de Kleber Mendonça Filho. Quantas vidas dobraram a esquina e ninguém mais sabe nada? Na cidade tudo é caminho, não há ponto de chegada nem de partida.

É preciso manter o olhar atento! Com toda a confusão urbana, as cidades continuam simbolizando campos de liberdade e sensibilidade. Para Calvino (1990), a cidade oferece surpresas para os olhos em todos os seus pontos. Os cenários urbanos são inesgotáveis, dão forma aos desejos e materializam projetos, mas exige um olhar penetrante e atento para fazer outras leituras.

A cidade se apresenta como um verdadeiro labirinto de possibilidades aparentemente desconexas, mas representativas da abstração das relações ocorridas entre metrópole, monumento e corpo. A cidade mantém um diálogo com o fabuloso, o metafórico e o simbólico, possibilitando uma outra forma de compreender as tramas humanas. Uma cidade são muitas cidades e é preciso interpretar esses contrapontos aproximando-se de outras linguagens possíveis, pois a cidade refaz a si própria todos os dias.

Os inúmeros espaços atravessáveis que compõem a cidade formam um espaço social complicado e vasto. Como aponta Priscila Gonzaga (2014), a cidade tem ciclos, luas e horas certas para ser usada. Segundo Gonzaga:

> *“A cidade do Recife se constrói em ciclos de esquecimentos, o que se percebe nas fachadas, nos baldios, nos contrastes entre o novíssimo e o desmoronante. Na caminhada entre os bairros a fronteira do esquecido fica visível” (GONZAGA, 2014, p. 122)*

Por certo, o artista é capaz de enxergar as potencialidades encobertas da cidade através de seu olhar, descortinando as mais diversas realidades. Contemplemos o caminhar de Paulo Bruscky em “O Que É Arte? Para Que Serve?”, ação de 1978; o jogo com a arquitetura da cidade em sua “Amsterdam Erótica”, de 1982; a potência de sua *Palarva*[3], inscrita até mesmo no letreiro do Cinema São Luiz. Os “eus” de Bruscky estão dispersos pela cidade, assim como os de tantos outros artistas que ousaram em algum momento desbravar os seus mistérios.

Figura 1 - Amsterdam Erótica (1982)

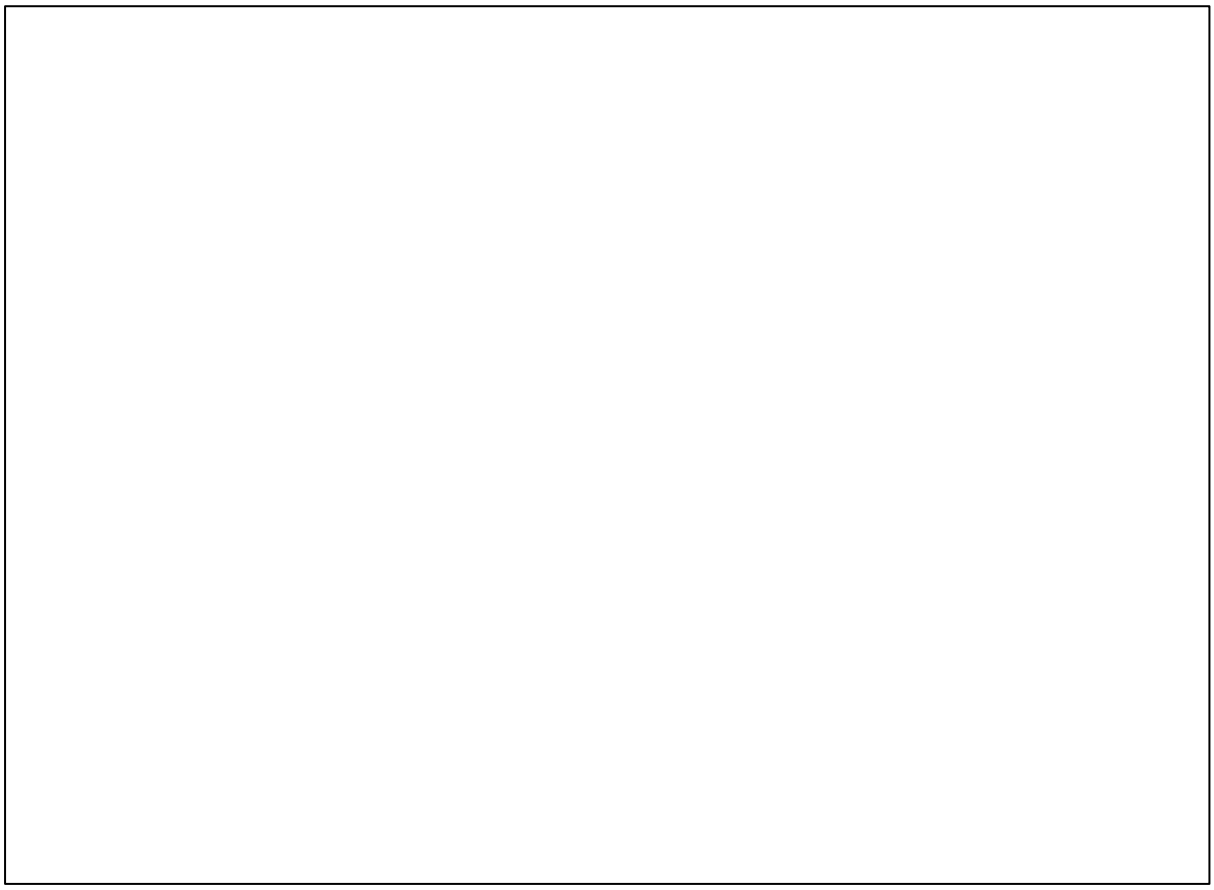
Fonte: ocula.com

[3] Larva, a forma animal que ainda não chegou à maturação. “Palarva”, codificação embrionária, essa que ainda ambiciona ser, quem sabe, um dia, palavra.

Figura 2 - A expressão Hoje, a Arte É Este Comunicado aparece por uma semana, em 2013, em letreiro do Cinema São Luiz, no Recife, numa ação realizada em parceria com Márcio Almeida

Fonte: select.art.br

A cidade se reinventa na medida em que é transcrita, lida, em que é experimentada. A cidade deve ser constantemente reescrita, e o é. Por isso, lanço um espaço em branco como um convite ao leitor para (re)escrever a cidade por meio de sua ótica. “Habitar é narrativizar” (CERTEAU e GIARD, 1996, p. 201); é, portanto, uma tarefa de restauração. É preciso despertar as histórias que dormem nas ruas, dobradas neste dedal como as sedas da feiticeira. Conte um conto, um causo, narre sua história ou um momento experimentado nessa cidade.



Cidade de meu andar. Olho a cidade como se examinasse a anatomia de um corpo. Escuto a correria da cidade, quanto alarde! Lá fora, com gente falando sempre alto demais. Quantas vozes, ininterruptamente entrando e saindo de lugares, por esse intrincado labirinto de paredes. Risos que duram um segundo e se apagam, comendo e bebendo, pagando contas, querendo ser felizes antes da segunda-feira. Há tanta esquina esquisita, tantas nuances não ditas, tanta gente bonita nas ruas que não andei. A cidade chegou e me passou o rodo.

Recife, essa cidade me atravessa! Vi a cidade passando, rugindo através de mim. Em o Cão Sem Plumas, João Cabral de Melo Neto (MELO NETO, 2012) busca revelar a cidade do Recife pela lente do Rio Capibaribe, o cão do qual ninguém cuida.

“A cidade é passada pelo rio

como uma rua

é passada por um cachorro;

uma fruta

por uma espada.

[...]

E sabia

da magra cidade de rolha,

onde homens ossudos,

onde pontes, sobrados ossudos

(vão todos

vestidos de brim)

secam

até sua mais funda caliça.” (MELO NETO, 2012)

Todavia, num dia de sol, Recife acordou com a mesma fedentina do dia anterior. A cidade de Chico Science realmente não pára e, na verdade, vai bem mal. Há muito tempo a arquitetura tornou-se um jogo do espaço e da ambiência. A cidade é prostituída frequentemente pela “Moura Dubai” e seu conluio. Aqueles que transformam a cidade num centro de ambições e outras tantas armações. Recife dos rios, pontes e overdrives, o cheiro de esgoto do canal da Agamenon, os buracos da calçada da Conde da Boa Vista, a opressão policial na comunidade do Coque. Ouvem-

se sons de tiros às seis horas da manhã, os ônibus lotados e calor insuportável em dias de verão massacram a população dia após dia. Meu *Hellcife*! Meu *Recífilis*! Meu *Raincife*!

O desejo de uma outra cidade pode ser meramente uma utopia. No entanto, existem possibilidades reais de se criar uma outra forma de construir a cidade. Já mostramos nossa força pela luta do Ocupe Estelita, na Ocupação Marielle Franco. É preciso ressaltar que o Coque (R)Existe e a comunidade do Caraguejo Tabaiares – assim como tantas outras – não silenciará! As marchas da maconha e das vadias seguirão sua caminhada. Os fojus[4] da cena de música eletrônica das LGBTQ+ recifenses proporcionam ambientes seguros de re(ex)sistência cultural e subversão da heternormatividade. As Terças do Vinil e o Som na Rural ainda persistem e trazem alegria àqueles que se dispuserem a embalar seus corpos por entre as arquiteturas da cidade, seguidos por olhares não tão afetuosos dos que querem nos confinar em meio ao concreto e aço de construções vazias e que pouco dizem de nossa história.

Recife dos altos (José Bonifácio, Santa Isabel, Mandu), das alfaias dos maracatus nos terreiros das nações, das rodas de coco que atravessam as fronteiras da capital e desembocam em Olinda, nossa cidade-irmã. O Recife que resiste também é aquele que permanece nas brechas do poder instituído e que encontra seu sustento naquilo que escapa ao controle. E a cidade vem andando, a cidade tá crescendo, crescendo, e, assim, seguimos lutando. No presente desenhamos as trilhas do passado e as expectativas do futuro.

Recife, essa cidade me atravessa! A cidade realmente me passou o rodo e tenha certeza:

4 Foju significa rolê, festa, evento, acontecimento no dialeto do pajubá. Pajubá é o nome de um repertório vocabular performativo utilizado pela comunidade LGBTQ+ (principalmente pelas travestis, mas adotado pelas outras letras da sigla) e constituída pela inserção das línguas nagô e iorubá.

Desta cidade um dia só restará

O vento que levou meu verso embora

Mas onde ele estiver, ela estará

Um será o mundo de dentro, será o outro o mundo de fora

E a cidade fervendo emulsão da retina

Crepitar de vida ardendo, mariposa e lamparina

A cidade ensurdecia, rugia, como um incêndio

Era veneno e vacina[5]

[5] Trecho da música “Lá Vem a Cidade”, do cantor e compositor Lenine.

2.2 CONFLITOS NO ESPAÇO URBANO

2.2.1 O antiproibicionismo provo

> *"Não tínhamos a menor ideia do que poderia acontecer e feito covardes assistimos à televisão. Estávamos felizes porque tinha começado a chover, ao menos alguma coisa estava perturbando a cerimônia, mas isso não nos aliviava do sentimento de culpa. Tantas eram as coisas que poderíamos ter feito, mas enquanto isso a cerimônia prosseguia sossegada. Então, de repente, ouvimos o canto: 'Viva a República!' As câmeras de TV, guiadas por umas amas-secas medrosas, afastaram-se rapidamente da cena que acabava de ser enquadrada, em que se viam policiais perseguindo e dando golpes de cassetetes em alguém que estava atrás das barreiras. De repente a imagem começou a se ofuscar até que a tela toda ficou branca. Pensei tratar-se de uma interrupção do programa: a ideia não era ruim. Depois vimos a carruagem com os recém-casados despontando na neblina – e só então compreendi o que havia acontecido, e fui vencido pela emoção. Outros, mais corajosos que eu, tinham salvo a manifestação: estavam lançando bombas de fumaça nas salas da Europa toda, da União Soviética, dos Estados Unidos, do Japão, e eram perseguidos ao longo dos canais e espancados nos átrios por policiais que, tamanha a sofreguidão de alcançá-los, caíam uns em cima dos outros. A polícia montada perseguia outros manifestantes, os alinhava e encostava no parapeito de uma ponte. Estes eram imobilizados com as rédeas, que os policiais passavam ao redor de seus pescoços, e depois os enchiam de chutes, com aquelas botas de montaria com esporas, até fazê-los cair no chão, já sem sentidos. Os gritos podiam ser ouvidos até dentro da igreja: 'República! República! República!'".*
> *(Guarnaccia, 2001, p. 107 e 108)*[6]

[6] Relato de Harry Mulisch, escritor membro dos Provos que preferiu acompanhar pela televisão a cerimônia de casamento da princesa Beatriz com um ex soldado nazista. O evento ficou conhecido como "Batalha dos Cabeludos".

“OS PROVOS TOMADOS POR FRENESI SEXUAL E ATRAÍDOS PELA MORTE JOGAM-SE SOBRE AS BAIONETAS DA POLÍCIA” (Guarnaccia, 2001, p. 109). Era o que dizia a manchete delirante de um jornal francês no dia seguinte, e, como se pode perceber, mais um happening era realizado com sucesso.

Em meados dos anos 60, a revolta Provo[7] surgiu como uma deflagração de consciência entre a população da cidade de Amsterdã, capital da Holanda. A revolta Provo foi o primeiro episódio em que jovens, como grupo social independente, tentaram de alguma forma influenciar o território da política por meio de atitudes originais para o contexto de insurgências que a sociedade da época estava habituada, sem propor de fato ideologias, mas um novo e generoso estilo de vida antiautoritário (Guarnaccia, 2001). Os Provos conseguiram incendiar as mentes dos citadinos, possibilitando uma visão de outras opções de vida. As ações dessa singular operação aconteceram e se esgotaram entre julho de 1965 e maio de 1967 e ecoaram para além da Europa, inspirando outras manifestações no porvir.

Em se tratando dos Provos, a imaginação parece ter sido a única arma contra o poder instituído à sua disposição. Através de um viés lúdico, seus atos políticos evocavam uma sociedade mais criativa, tolerante e não-enquadrada. A bem da verdade, os Provos só foram assim chamados a partir de 1965, contudo as movimentações que culminaram com essa terminologia eram anteriores a esse período. Em razão disso, é necessário que eu volte um pouco o sentido dos ponteiros do relógio, para que essa história possa ser contada da melhor maneira.

Matteo Guarnaccia (2001) afirma que o Provo nunca foi nem partido nem movimento. Para Guarnaccia, toda essa aventura fabulosa dos Provos tem como denominador comum o absurdo. O cenário de Amsterdã daquela época diferenciava-se das outras cidades da Holanda – que ainda acompanhavam um perfil puritano – por sua tendência turbulenta. Apesar disso, certamente não existia nenhum motivo aparente na Amsterdã dos anos 60 que validasse as revoltas que se sucederam, exceto a natureza da própria ordem constituída. Era necessário descortinar a hipocrisia arraigada na sociedade.

[7] Matteo Guarnaccia resiste em usar o termo ‘movimento’ para nomear os Provos, utilizando-se poucas vezes do termo em seu livro, alguns momentos tratando-os nominalmente para evitar a classificação. Embora os Provos tenham sido nominados a partir de 1965, seus atos são anteriores a esse período. Tentarei, assim como Guarnaccia, resistir ao máximo em chamá-los de ‘movimento’.

A capital holandesa viveu a efervescência de um cenário criativo em meados dos anos 1960, sendo o happening de Allan Kaprow[8] a forma artística assimilada de forma instantânea pelos círculos intelectuais e boêmios da cidade, ganhando sua simpatia e servindo de elemento dinâmico e catalisador de transformações. O esforço para fundir arte e vida diária são parte fundamental das vanguardas do século XX; na esteira desse pensamento, os happenings garantiam a criação de ambientes que deveriam ser vividos. No entanto, o evento em si deveria terminar antes que o hábito se estabelecesse. Os artistas que adotavam o happening como modo de ação deveriam abandonar as galerias e "esbofetear a classe dominante", saindo para as ruas. Para montar um happening nos moldes dos que aconteciam no cenário americano, porém, são necessárias pessoas um tanto exibicionistas e extravagantes. Não é necessário dizer que em Amsterdã essas pessoas não eram escassas. Assim sendo, O primeiro happening de Amsterdã que se tem notícias aconteceu em dezembro de 1962 (GUARNACCIA, 2001, p. 32).

Um dos adeptos do *happening* de Kaprow foi Bart Huges, um estudante de medicina que em 1958 tinha servido de cobaia para os experimentos sobre os efeitos do LSD. Huges frequentava com assiduidade a cena boêmia da capital holandesa, sendo bastante influenciado por essas vivências. Em certo ponto, quando as práticas de *happenings* já haviam se tornado algo recorrente, Huges ficou conhecido por ter realizado sobre si próprio um dos *happenings* mais afamados entre os citadinos do período: a trepanação[9] da própria caixa craniana com uma broca de dentista. Sua teoria, batizada de *Homo Sapiens Correctus*, era baseada nos estudos da Ioga e de substâncias psicodélicas. Ao realizar esses experimentos, Huges lança um comunicado explicando todo o processo de seu aprendizado. Vejamos um trecho desse documento:

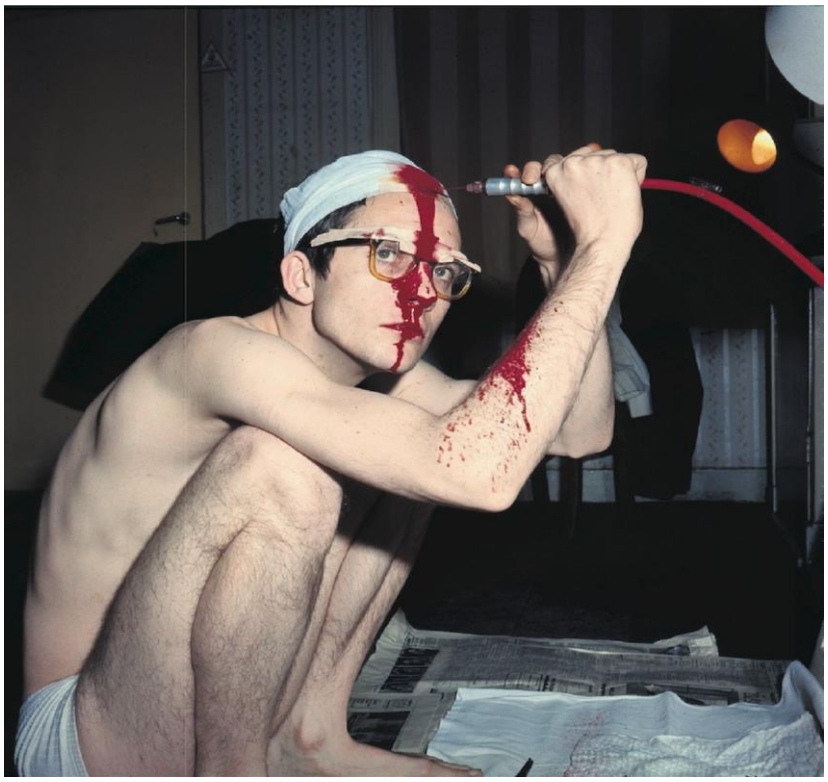
[8] Allan Kaprow é um dos mais influentes artistas ligados aos *happenings* na cena americana do final dos anos 50. O próprio termo *happening*, teorizado pelo artista, surgiu a partir de uma série de ações intitulada *18 happenings in 6 parts,* em Nova York, no ano de 1959. In FERREIRA, Glória e COTRIM, Cecilia [Orgs.]. Escritos de artistas: anos 60/70. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 2006.

[9] Na medicina moderna, a trepanação consiste na abertura de um ou mais buracos no crânio, através do uso de uma broca neurocirúrgica.

> *“No decorrer de minhas experiências com LSD, notei que a compressão temporária das veias do pescoço provoca o aumento do volume de sangue no cérebro, e isto leva o coração a estabelecer na cavidade craniana uma pressão suficiente para bombear uma pequena quantidade de fluido cérebro espinhal para fora do sistema central. Quando a constrição venosa volta ao estado normal, a pressão na cavidade craniana baixa , a força da gravidade retoma o sangue que o cérebro lhe havia arrancado e diminui o metabolismo cerebral” (GUARNACCIA, 2001, p. 36)*

Para Huges, essa abertura do terceiro olho garantiria um estado de consciência dilatado que era característicos das viagens com LSD ou da meditação. Bart Huges torna público o sucesso de sua intervenção cirúrgica em um *happening* de 1964 conhecido como “Stoned in the Streets”; a apresentação ocorreu ao som do rufar de tambores, deixando atônitos todos os espectadores que estavam no evento.

Figura 3 - O *happening* de Bart Huges



Fonte: nrc.nl

Bart Huges tornou-se amigo de Robert Jasper Grootveld – um ex-lavador de vidros com uma predisposição ao xamanismo e grande frequentador da cena boêmia de Amsterdã –, influenciado-o diretamente por suas práticas artísticas. Grootveld já “pairava” pelas ruas de Amsterdã antes mesmo do primeiro happening chegar à cidade; era filho de pai anarquista, o qual alertava-o constantemente para o que considerava os verdadeiros inimigos do homem, o K-K-K-K-K (Kerk, a igreja; Kapital, o capital; Kroeg, o bar; Kazerne, a caserna e Kommenie, uma fábrca holandesa de grande importância na época). Em decorrência disso, desenvolveu uma profunda consciência social, tendo contato desde cedo com essas teorias antiautoritárias. Num arroubo de consciência, quando numa exibição de ginástica para estimular a circulação de sangue no cérebro – hábito desenvolvido por recomendação de Huges – sucede de bater a cabeça. Em decorrência do acidente, Grootveld percebe os males e a incoerência de uma sociedade que permite desenfreadamente a venda de cigarros através de propagandas com estilos de vida prazerosos e mulheres bonitas, passando por cima de uma informação importante: o tabaco provoca câncer. Adiciona, assim, o K definitivo (Kanker, câncer)[10].

A partir desse momento, Grootveld passa a realizar uma série de *happenings* pela cidade de Amsterdã em uma campanha contra o fumo, aumenta a quantidade de cigarros consumidos ao dia e começa a pedi-los àqueles que passam em sua frente. Entre uma tragada ou outra de cigarro, vale-se de generosas tragadas de *cannabis*. Grootveld transita pela cidade vestido como um feiticeiro africano – a persona que mais lhe agrada –, usando saia, penacho e com a cara pintada, recitando feitiçarias contra os produtores do tabaco. Em um desses acontecimentos, eventos peculiares para uma Amsterdã mal acostumada a essas intervenções, Grootveld anuncia seu objetivo: “Ao me expor, coloco vocês diante do problema, eu sou o problema” (GUARNACCIA, 2001, p. 45). O nosso xamã escreve pichações com tinta preta em propagandas de cigarro, geralmente a letra “K” ou a palavra “Kanker”. Por essas intervenções ilegais, Grootveld é preso. No entanto se mostra extremamente satisfeito por estar preso e sua mensagem alcançar os diversos meios de comunicação, principalmente jornais, de forma gratuita. Os mesmos que fazem propaganda em favor do cigarro. Em consequência disso, Grootveld passa a estimular esse lado exibicionista.

Figura 4 - Grootveld realizando uma de suas pichações em propagandas de cigarro, 1961.

Fonte: www.flickr.com

[10] A principal fábrica holandesa de cigarros chamava-se Kerkhof (outro K). Na língua holandesa, o nome da fábrica também tinha um duplo sentido, podendo significar “cemitério”.

Figura 5 - Robert Jasper Grootveld vestido com sua persona africana em seu K-Temple

Fonte: www.catawiki.com

Em 1961, Grootveld inaugura o K-Temple, a Igreja da Dependência Consciente da Nicotina, no Jordaan, um turbulento bairro popular e boêmio da cidade. O ambiente torna-se um lugar esotérico para o cenário boêmio da região. Rituais antifumo acontecem semanalmente com grandes defumações acompanhadas por fórmulas mágicas dirigidas contra os maus espíritos da dependência e do controle. Os frequentadores desses rituais começam a ser influenciados por suas atitudes. Grootveld entoa mantras – geralmente onomatopeias representando o barulho da tosse ou mesmo frases criticando as propagandas de cigarro – com as pessoas do lugar num ritmo incessante e em uníssono. Constant Nieuwenhuis, um ex-membro da Internacional situacionista, é um dos frequentadores entusiasmados desses rituais esotéricos. Para o ex-situacionista o templo seria um poderoso exemplo de “ambiente antifuncional”, criado não por necessidade, mas por brincadeira.

Além destes apontamentos de Guarnaccia, em um trecho de uma entrevista concedida por Henri Lefebvre a Kristen Ross podemos observar que Constant seria um dos principais pensadores do que ainda viria a ser a revolta Provo.

> *“H.L.: [...] Constant estava muito próximo a movimentos populares; ele era um dos instigadores dos Provos, o movimento Provo.*
>
> *K.R.: Então havia uma relação direta entre Constant e os Provos ?*
>
> *H.L.: Oh sim, ele foi reconhecido por eles como o seu pensador, o seu líder, aquele que quis transformar a vida e a cidade. A relação era direta; ele os estimulou.” (ROSS, 1983)*

Constant percebeu que aquele templo de Grootveld seria um espaço ideal para *Homo Ludens* de Huizinga. Quem participa desses rituais percebe, como Constant, que o jogo ornamenta a vida, de modo a ampliá-la, e dessa maneira torna-se indispensável tanto para o indivíduo, como função vital, quanto para a sociedade, devido ao sentido que encerra, à sua significação, a seu valor expressivo, as suas associações espirituais e sociais, bem como função cultural (HUIZINGA, 1999).

Aos poucos, uma variedade de grupos participantes se juntam aos rituais, jovens, em sua maioria de cabelos longos e estilo de vida excêntrico, artistas, Pleiners (frequentadores de tabernas, atentos à moda, noctâmbulos, amantes de jazz e fumantes de erva), e os Nozem, delinquentes do centro histórico de Amsterdã que usavam casacos de couro como aspecto identitário. Os frequentadores passam a organizar festas no espaço, comer haxixe e fumar ópio.

Em conjunto com Bart Huges, Grootveld lança o *Marihu Project*, um plano elaborado para lançar caos na cidade de forma lúdica. Grootveld e Huges criam uma série de festas, intervenções e jogos. O Marihu Project consiste em espalhar pela cidade centenas de maços contendo baseados; os maços eram pintados à mão com desenhos e cores fosforescentes. Grootveld e Huges fazem circular pela cidade cartas com as regras do jogo (uma autêntica operação dadaísta), em sua maioria absurdas, e o modo de calcular a pontuação obtida. Os pontos variavam de acordo com os maços que eram adquiridos ou as ações decorrentes (10 pontos se fossem interrogados pela polícia, 50 pontos se a casa fosse revistada, 100 pontos se fossem presos, e assim por diante). Apesar do aspecto ridículo e despropositado, o projeto consegue sucesso de imediato. Instala-se o caos através desse *happening* antiproibicionista, e são inúmeras as chamadas recebidas pela polícia de Amsterdã denunciando os “baderneiros” e “bando de degenerados”.

Ademais, nosso incansável xamã pousa seu olhar em uma estátua na Praça Spui – a estátua de um menino feita em bronze foi um presente à cidade por parte da Hunter Tobacco Company –, Grootveld reconhece nesta estátua uma manobra de seus inimigos e passa a realizar happenings ao redor da estátua do menino “Lieverdje”(na língua holandesa significa pequeno moleque de rua) todo sábado à noite até 1966, em busca de exorcizar o corpo de bronze do menino possuído pelos maus espíritos das multinacionais.

Figura 6 - Happening ao redor da estátua do menino “Lieverdje”, Praça Spui.

Fonte: nl.wikisage.org

Como nos perdemos nas alturas, desçamos de volta àquilo que realmente nos interessa: a revolta Provo em si. A primeira vez em que a palavra Provo, abreviatura de “provocador” na língua holandesa, é utilizada, apresenta um significado diverso daquele que tomaria posteriormente. O termo foi encontrado por Van Dujin (um dos jovens membros frenquentadores dos atos insurgentes dirigidos por Grootveld) através do estudo de um doutor da universidade de Utrecht sobre o comportamento juvenil. Van Dujin e Stolk, outro frequentador dos rituais, estavam à procura de um nome para um novo jornal anarquista a ser distribuído em Amsterdã: dado o cenário de insurgências lúdicas que ocorriam na cidade a palavra Provo parecia a mais adequada.

Este é o cartão de visita com que os Provos se apresentavam no lançamento de seu jornal em junho de 1965:

> *"PROVO é uma folha mensal para anarquistas, provos, beatniks, noctâmbulos, amoladores, malandros, simples simoníacos estilistas, magos, pacifistas, comedores de batatinhas fritas, charlatões, filósofos, portadores de germes, moços das estribarias reais, exibicionistas, vegetarianos, sindicalistas, papais-noéis, professores da maternal, agitadores, piromaníacos, assistentes do assistente, gente que se coça e sifilíticos, polícia secreta e toda a ralé deste tipo*
>
> *PROVO é alguma coisa contra o capitalismo, o comunismo, o fascismo, a burocracia, o militarismo, o profissionalismo, o dogmatismo e o autoritarismo.*
>
> *PROVO deve escolher entre uma resistência desesperada e uma extinção submissa.*
>
> *PROVO incita à resistência onde quer que seja possível.*
>
> *PROVO tem a consciência de que no final perderá, mas não pode deixar escapar a ocasião de cumprir ao menos uma quinquagésima e sincera tentativa de provocar a sociedade.*
>
> *PROVO considera a anarquia como uma fonte de inspiração para a resistência.*
>
> *PROVO quer devolver vida à anarquia e ensiná-la aos jovens.*
>
> *PROVO É UMA IMAGEM."*[11]

[11] Guarnaccia, 2001, p. 15

A partir de 1965 a revolta Provo se utilizou de recursos que beiravam o imprevisível, além dos já afamados happenings, do uso de ludicidade e arte, produzindo um vasto material gráfico[12] como formas de protesto e resistência a uma sociedade que se recusava a ouvir os anseios de sua população. Jogos, brincadeiras e “vagabundagens” eram artifícios que instilaram nas mentes da juventude um desejo desmedido de anticonformismo.

[12] A primeira iniciativa Provo são os folhetos assinados Provokatie (provocação, em holandês) que não encontram grande sucesso de início. Contudo, passam a atacar membros da coroa holandesa e o poder instituído, finalmente conseguindo atingir o seu sucesso entre a população. Um dos métodos criativos adotados para distribuir seus panfletos é o de escondê-los entre as páginas dos jornais matutinos, em especial o diário sensacionalista *De Telegraaf*.

Figura 7 - God, Nederland & Oranje (1966–1968), 10 publicações. Impressão offset em tamanho A5, A4 e A3, aproximadamente 16 a 20 páginas por publicação.

Fonte: 2or3things.tumblr.com

Figura 8 - À esquerda: Publicações Revista Provo. impressão offset, 40 páginas em média. À direita: Poster/Panfleto Provo mimeografado. Amsterdam, 1965.

Fonte: 2or3things.tumblr.com

As atitudes de Grootveld não o configuravam com efeito como um líder da revolta – visto que os Provos não possuíam líderes de fato, mas eram inspirados por uma vertente anarquista constituindo um movimento horizontal –, entretanto podemos conceber que seu comportamento inspirou sobremaneira aqueles que enxergavam em seus sabás noturnos[13] consonâncias com seus mais profundos questionamentos às normas de conduta estipuladas socialmente, principalmente na cidade de Amsterdã. Os seus atos eram cada vez mais atacados pela polícia da cidade e, ainda assim, encontravam estratégias de contornar a censura imposta pelo governo.

[13] Guarnaccia usa esse termo para descrever os encontros realizados por Grootveld, na maioria das vezes vestido como um feiticeiro africano, e seus seguidores no entorno da Praça Spui.

Os Provos conseguiram patrocínios para as suas publicações, expandindo sua produção gráfica: a princípio, jornais e revistas mimeografados alcançavam cerca de 500 cópias, mas, com seu crescimento e investimento por parte de outros simpatizantes mais abastados da sociedade, chegaram a imprimir milhares de cópias de uma mesma edição (Guarnaccia, 2001). Essa mesma produção gráfica teve a coragem de contrariar os dispositivos de poder vigentes, escancarando os desmandos da burguesia de forma lúdica. A produção gráfica do Provo possibilitou propulsão e disseminação de seus ideais a diversas camadas da sociedade, buscando incorporar ainda mais pessoas ao movimento e questionar os usos do espaço urbano.

Alguns teóricos também associavam os Provos à sua luta contra a incoerência da liberação do consumo de álcool e cigarros, mas da proibição do consumo de outras drogas. Parece-me totalmente adequado pontuar o comentário de Henri Lefebvre em uma entrevista concedida em 1983:

> *"Este foi o momento quando o movimento Provo se tornou bastante poderoso em Amsterdã, com a sua idéia de manter a vida urbana intacta, impedindo a cidade de ser eviscerada por auto-estradas e de ser aberta para o tráfego de automóveis. Eles queriam conservar e transformar a cidade em vez de entregá-la completamente ao trânsito. Eles também queriam drogas; eles pareciam contar com drogas para criar situações novas - imaginação estimulada por LSD, era LSD naqueles dias" (ROSS, 1983).*

No que tange ao uso de drogas, essa perspectiva antiproibicionista parece ser análoga em outros tantos movimentos e manifestações contraculturais ao longo da história, tais como os movimentos Hippies e os Punks, o *Reclaim the Streets*, as *Raves* dos anos 1990, o *Occupy Wall Street*, o Ocupe Estelita e a Marcha da Maconha.

Ao lado das críticas antifumo, não tardam a ressoar na Spui os anticarro[14], o K de Kanker começa a aparecer também nos cartazes publicitários das fábricas de automóveis. A revolta começa a questionar as companhias petrolíferas que criam e moldam governos, estilos de vida, espaços urbanos e paisagens geográficas ao seu bel-prazer. À vista disso, os Provos passaram a reivindicar o direito de andar pela cidade sem se sentirem ameaçados fisicamente por *um bando de psicopatas agressivos trancafiados numa peidorrenta caixa de ferro.* Reivindicavam, portanto, o direito de não seguirem os modelos de consumo estipulados e tomam uma consciência repentina de que o verdadeiro equilíbrio está antes no movimento, do que no estatismo do interior dos carros. Para os Provos, o grau de civilização de um país está relacionado diretamente ao respeito que ele tem por seus ciclistas.

Com efeito, o primeiro choque entre a polícia e os Provos tem por objeto de discórdia a bicicleta. Foi diante do Liverdje que o primeiro Plano Branco, o primeiro entre inúmeros projetos, para tornar a cidade mais calorosa. O Plano das Bicicletas Brancas, como ficou conhecido, foi idealizado por Luud Schimmelpennick, um experimentador dos *happenings* antifumo. A cor branca da bicicleta se torna a cor oficial dos Provos, que começam a vestir-se de branco; a cor é escolhida simplesmente por suas ações acontecerem essencialmente à noite, no escuro, facilitando a visibilidade.

[14] “Bram, Bram, Bram, Braaam” recitavam tossindo os Provos em seus *happenings* (Guarnaccia, 2001)

Figura 9 - Detalhe da Revista High Times de 1990 em que aparecem as chamadas Bicicletas Brancas da revolta Provo. A fotografia maior, tirada por Cor Jaring em 1966, foi utilizada em diversos jornais e revistas internacionais.

Fonte: 2or3things.tumblr.com

Diversas bicicletas pintadas de branco eram trancadas e deixadas pela cidade para livre uso dos citadinos, e os códigos de seus cadeados eram escritos com tinta em partes da bicicleta. Numa sociedade em que vigora a propriedade privada, o que é oferecido gratuitamente se torna ilegal e anti-social. Nesse contexto, muitas dessas bicicletas foram apreendidas pela polícia de Amsterdã, sendo repostas pelos Provos sempre que possível. Os policiais acabaram por tornarem-se os melhores recrutadores do movimento, ainda que de maneira involuntária[15]. Outros Planos Brancos sucedem ao das bicicletas (Plano do Cadáver Branco, Plano dos Pés Descalços, Plano das Galinhas Brancas, dentre outros), fazendo com que os Provos se tornem os principais inimigos das autoridades.

[15] A reação dos agentes produz novos simpatizantes para os Provos, aumenta no número de pessoas que levam suas bicicletas nos sábados à noite para a Spui, para que sejam pintadas de branco. Muitas vezes, na falta de pincéis, utilizam escovas de dentes. Acontece que, vez ou outra um policial encontra a própria bicicleta pintada de branco por algum simpatizante dos Provos (Guarnaccia, 2001).

Os confrontos entre Provos e autoridades decorrem por bastante tempo, algumas vezes ocorrendo em mais de um conflito por dia, e seria demasiado longo e maçante mencionar a lista de acontecimentos que ocorreram em Amsterdã naquele período. Para acompanhar todas as atividades é preciso encarar a vertigem entre manifestações, invasões, happenings, e protestos antiautoritários. A versatilidade e participação do movimento – incluindo a participação política, ainda que a contragosto de alguns dos membros insurgentes – pode ser reconhecida também através da eleição de Bernhard De Vries como vereador de Amsterdã[16].

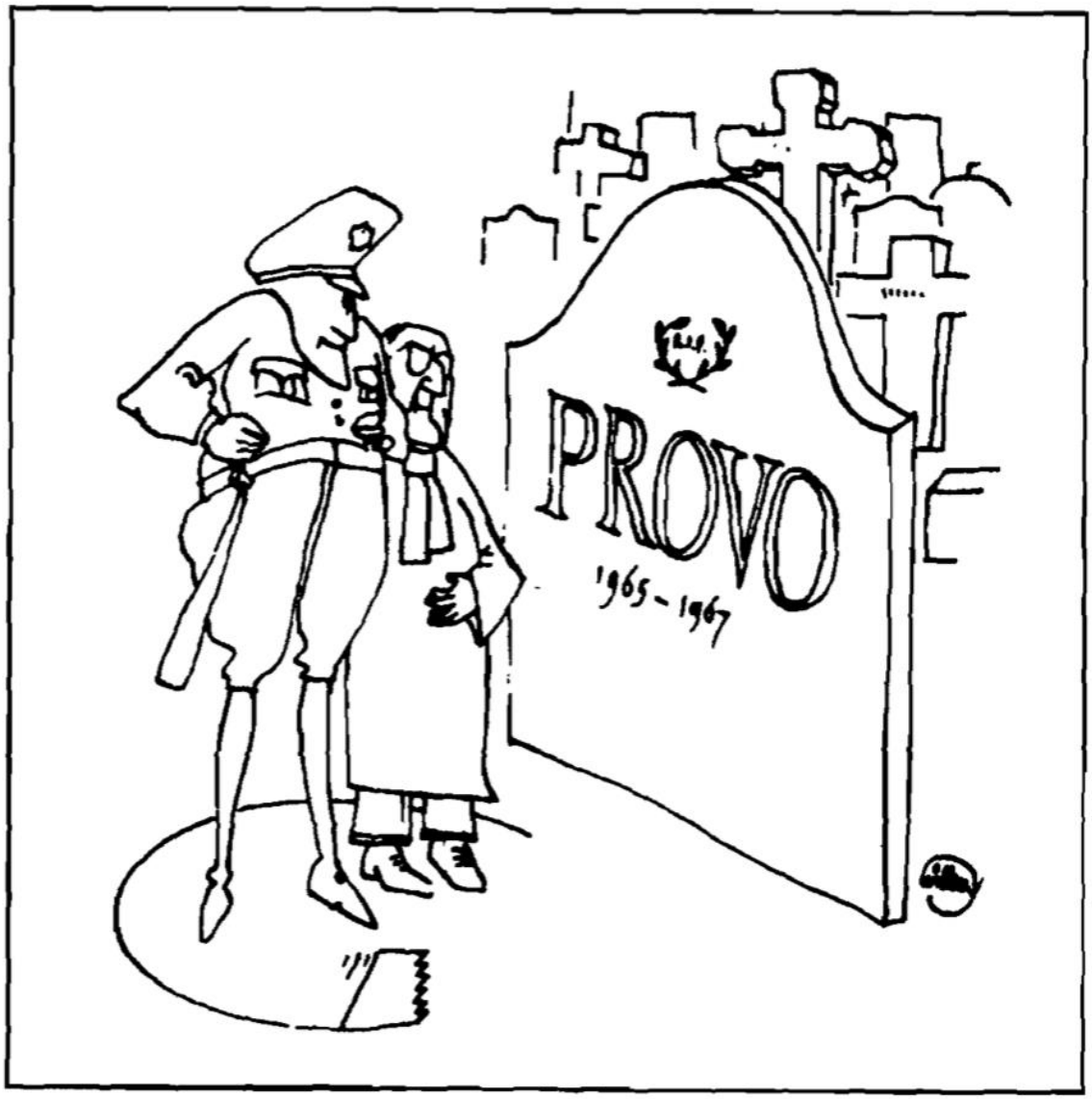
Em 13 de maio de 1967 os Provos decidem que era hora de baixar as cortinas e dissolvem-se com uma festa no Vondel Park. Organizam um Comitê de Liquidação Provo para cuidar das pendências, porém, sempre há tempo para uma última piada. Espalham um boato de que estavam em negociações para a venda do arquivo completo do movimento a uma universidade americana, contudo, não só não existe nenhum comprador, como também não existe nenhum arquivo.

O Provo brincou, conseguiu iluminar as mentes da população e soube parar a tempo. A palavra do movimento alcançou outras partes da Europa, chegando a influenciar, segundo Guarnaccia, até mesmo o movimento Hippie, posterior ao Provo. Contudo, o jogo começa e a certa altura termina. Como bem pontuou Huizinga:

> *"O jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da 'vida quotidiana'" (Huizinga, 1999, p. 33).*

[16] "Votem Provo e darão boas gargalhadas!", dizia um dos slogans eleitorais dos Provos. Os conteúdos envolviam o que de mais esquisito se podia observar em propagandas políticas até aquele momento. De Vries apresenta-se na cerimônia de abertura completamente vestido de branco e com as mãos e rosto pintados de branco, indo todos os dias com os pés descalços, iniciando suas intervenções arrotando. É a prova viva de que os Provos não querem o poder e não tem a mínima ideia do que fazer com ele.

Figura 10 - Vinheta satírica de Willem



Fonte: 2or3things.tumblr.com

2.2.2 Pequena cartografia de ocupações

Exterior. Auto-estrada M41, Londres. Julho de 1996 – Dia

A M41 de Londres, uma via expressa em seis pistas, foi ocupada por cerca de 8 mil ativistas durante nove horas. Viam-se duas pessoas vestidas com enormes trajes excêntricos à moda vitoriana com enormes saias-balão, sentadas sobre andaimes, suspensas a cerca de nove metros do chão. A polícia, observando aquele inusitado protesto, não poderia imaginar que sob aquelas grandes saias estavam outros guerrilheiros-jardineiros que trabalhavam com suas britadeiras enfurecidas, abrindo buracos na rodovia e preenchendo-os com mudas de árvores. Ao redor, acontecia uma festa de rua que ocupava uma grande parte do espaço público, resgatando-o. As ruas, propunham o movimento Reclaim the Streets (RTS), são lugares para se estar dentro e não apenas para se mover através (OLIVEIRA, 2006; BLANCO, 2013).

Figura 11 - Reclaim the Streets, Festa M41, 13 de julho de 1996, a ativista com saia-balão suspensa em andaime esconde membros do grupo que estavam perfurando buracos no asfalto para plantar árvores.

Fonte: www.thirdtext.org

"Sob o asfalto a floresta", anunciavam o *Reclaim the Streets*, uma clara analogia ao slogan pichado em muros de Paris no maio de 1968 "*sous le pavé la plage".* A tradução do slogan/frase/verso francês, como sempre, estraga um pouco a sua beleza poética: "Debaixo do calçamento, a praia". Contudo, ao compararmos com outras declarações daquele período, a pichação trazia consigo uma diferença marcante com as que surgiram naquela convulsão da juventude da época, porque representava a revolta de uma forma que o pensamento político raramente atinge.

Ao contrário do que se possa pensar, não foi um estudante (a maioria dos manifestantes no maio de 68) que atentou para a poesia que emergia do chão. O slogan francês nasceu de uma observação trivial de Bernard Cousin, um jovem operário grevista. Como os manifestantes arrancavam os paralelepípedos das ruas para construir as barricadas – ou para jogá-los contra as tropas de choque da polícia –, perceberam que essas pedras eram colocadas sobre uma camada fina de areia. Ao retirar as pedras do calçamento, uma espécie de praia aparecia no coração de Paris. O slogan, no entanto, não surgiu de uma vez, Cousin, inicialmente, pensou em espalhar pela cidade frases que remetessem ao haxixe e à maconha, a praia apareceu depois, e de fato vingou, numa assembleia do dia 22 de maio de 1968. O achado de Cousin foi pichado pela primeira vez numa fachada da Praça do Panthéon, bem próximo à Sorbonne (CUNHA FILHO, 2017).

Como tantos outros grupos contraculturais, o Reclaim The Streets sonha em retornar a um ambiente natural. O movimento foi fruto de protestos anti-rodovias em Londres. Por conta da luta por Twyford Down[17], um pequeno grupo de indivíduos se uniu para agir diretamente contra o automóvel. Em suas palavras, eles estavam lutando "A FAVOR do caminhar, do pedalar e do transporte público barato ou gratuito, e CONTRA carros, rodovias e todo o sistema que os nutre" (BLANCO, 2013).

Plantar árvores na estrada, para o movimento, implica em um retorno metafórico do natural, que volta a invadir o asfalto que o desalojou. As ações do *Reclaim The Streets* começaram com mobilizações de rua que mesclavam protestos com festas da cena *rave* contracultural da época. O movimento de libertários, ecologistas e socialistas não se define como um grupo não violento. A destruição da propriedade privada e a violência defensiva têm uma função simbólica para o coletivo. De fato, o acrônimo RTS soa semelhante à palavra em inglês *riots*[18]. Jordan, um dos fundadores do *Reclaim The Streets*, acreditava no poder de uma imagem ambígua, uma imagem de subversão poética, situada entre a organização de uma festa e a organização de perturbações (BLANCO, 2013).

[17] Twyford Down é uma área situada diretamente ao sudeste de Winchester, Hampshire. Em 1991, foi palco de um grande protesto rodoviário contra um trecho da rodovia M3 de Londres até a costa sul da Inglaterra.

[18] A tradução do termo em inglês *riot* significaria algo como desordem violenta, grande confusão, levante, motim.

Durante os anos 1990, uma variedade de movimentos sociais - existentes e novos - começa a unir forças no que, no final da década, a imprensa chamaria de *movimento antiglobalização* (BLANCO, 2013). As manifestações do movimento antiglobalização, os protestos relacionados ao aquecimento global e as políticas ambientais, movimentos articulados à cibercultura, grupos homossexuais, entre outras manifestações contemporâneas expressam uma nova estética e prática política em suas atuações (SEGURADO, 2017).

Corta. Interior. Ínicio da Tarde

A atividade artística constitui não uma essência imutável, mas um jogo cujas formas, modalidades e funções evoluem conforme as épocas e os contextos sociais. Essa estetização dos movimentos ativistas antiglobalização na década de 1990, afirma Blanco (2013), podem ser associados à própria influência da arte daquela mesma época. Bourriaud (2009) aponta que nos anos 1990 intensificaram-se os trabalhos de arte em que se deveriam ser experimentados ao invés de meramente observados, criando o que ele chama de “estética relacional”.

A arte relacional seria uma arte que torna como horizonte teórico a esfera das interações humanas e seu contexto social mais do que a afirmação de um espaço simbólico autônomo e privado. Nesse sentido, “a arte devia preparar ou anunciar um mundo futuro: hoje ela apresenta modelos de universos possíveis” (BOURRIAUD, 2009, p. 17-18). Em outras palavras, as obras já não perseguiam a meta de formar realidades imaginárias ou utópicas, mas procuravam constituir modos de existência ou modelos de ação dentro da realidade existente, seja qual for a escala escolhida pelo artista.

A cidade, da mesma maneira, é atravessada por essa arte, o que permite uma experiência de proximidade diversa desses padrões da sociedade capitalista contemporânea. A cidade se apresenta como uma direção a ser percorrida, experimentada, como uma abertura de discussão ilimitada.

A arte passa a buscar o estar-junto, o “encontro” entre o observador e a obra de arte, aquilo que Bourriaud (2009) chama de *interstício social*, ou seja, um espaço de relações humanas que sugere outras possibilidades de troca além das vigentes no sistema atual. O contexto vigente, deste modo, restringiria as possibilidades das relações humanas de forma completa, ao passo que também cria espaços para tal fim. A arte, seguindo por essa lógica, criaria espaços livres em um ritmo diverso ao da vida cotidiana.

Eis a seguir uma gama de situações que compõem o cenário da década de 1990. Porém, para não cometermos equívocos, é preciso frisar que essa interferência é uma via de mão dupla. Na medida que a arte daquela época influenciou significativamente os movimentos ativistas antiglobalização, essas insurgências também influenciaram os trabalhos de arte na mesma intensidade.

Corta. Exterior. Noite.

Podemos destacar enormes festivais populares em diversos momentos da história revolucionária - a invasão da Bastilha, as revoltas de 1848, a Comuna de Paris, as revoluções de 1917, o maio parisiense de 1968. Por outro lado, as festividades populares sempre foram encaradas pelas autoridades como um problema, independentemente de terem sido banidas, toleradas ou semi-institucionalizadas. O poder teme que as celebrações gratuitas tornem-se levantes. Seria por algo a ver com os impulsos utópicos que capturam uma multidão que toma consciência de seu próprio poder? O coletivo britânico RTS procura, portanto, produzir uma revolta popular através da festa – ou, melhor dizendo, procura criar festas revolucionárias. Um grafite é pintado em uma das paredes da Galeria Nacional, recuperando a cultura como um bem comum: 'Arte para todos ou para ninguém'.

Pode-se afirmar que todos os movimentos insurrecionais são intrinsecamente criativos. O espírito lúdico é a melhor alternativa contra esclerose autoritária e a estética do protesto é uma expressão da criatividade coletiva, no contexto de uma multidão política. Nessas situações, a construção do espaço comunitário se torna particularmente importante. Nota-se um desejo insurrecional que se aproxima do conceito de Zona Autônoma Temporária (ou TAZ), teorizado pelo escritor anarquista Hakim Bey. A TAZ é um ambiente de anarquia que não busca permanência, mas mantém sua pureza emancipatória, alterando continuamente sua localização. A TAZ, de acordo com Bey,

> *"...é uma espécie de rebelião que não confronta o Estado diretamente, uma operação de guerrilha que libera uma área (de terra, de tempo, de imaginação) e se dissolve para se refazer em outro lugar e outro momento, antes que o Estado possa esmagá-la." (BEY, 2001, p. 17)*

A TAZ pode, em relativa paz e por um bom tempo, "ocupar" clandestinamente essas áreas, realizando seus propósitos festivos. Nesse contexto, a música é um dos elementos essenciais que mantém a zona unida com o intuito de '(des) organizar' a sociedade instituída. Por conseguinte, essas insurgências buscam trazer a revolta através da ludicidade. A ausência de autoridade, o sistema onde tudo é gratuito e democrático: a rua se torna um lugar para brincar, comer, beber e dançar - sem dinheiro e sem permissão.

Corta. Exterior. Final da tarde. Barulho de colisão, buzinas e vozes alteradas por todas direções.

Em 14 de maio de 1995, dois automóveis colidem na cidade de Londres. Seus motoristas, vencidos pela raiva, saem de seus veículos e começam a destruí-los. Na realidade, é tudo parte de uma performance organizada pela RTS – os carros, em segunda mão, foram adquiridos especialmente para a ocasião. Presos no meio da estrada, seus destroços bloqueiam o tráfego motorizado, deixando a movimentada Camden High Street livre de carros. A rua enche-se de pessoas e os sistemas de som começam a funcionar, usando a eletricidade gerada pelo constante pedalar das bicicletas. Os 'ritmos repetitivos' da rave que se formava ali podem ser ouvidos ao longe e cerca de trezentas pessoas dançam livremente na festa-protesto. A interrupção do tráfego motorizado representa um ato de desobediência civil coletiva contra as normas de trânsito da cidade.

Figura 12 - Reclaim The Streets, 14 de maio de 1995, Camden High Street, Londres, Reino Unido.

Fonte: www.thirdtext.org

Corta. Interior. Cessa o barulho da rave. Noite profunda.

Politicamente, o Reclaim the Streets constituiu-se um elemento de suma importância na formação do movimento antiglobalização, organizando eventos globais coordenados, como o Global Street Party de 1998. O grupo RTS de Londres desapareceu anos depois, após algumas ações em massa de jardinagem de guerrilha. No entanto suas ações e intervenções podem ser conferidas ainda hoje em seu site oficial[19]. O que torna seus eventos fascinantes é que eles ocupam o espaço ambíguo entre a criatividade estética, a imaginação social e a ação política. Seu discurso e práxis tomam emprestado algo de cada um desses três campos enquanto pertencem simultaneamente a todos eles.

Na esteira do pensamento do *Reclaim The Streets*, ouçamos o seu chamado por um carnaval[20] contra o capitalismo, e, nas palavras de Brian Holmes (2007) ao sinal, “deixe o carnaval começar”.

[19] http://rts.gn.apc.org/

[20] O “Carnaval Contra o Capital” é um dos impulsos do RTS para a organização de uma grande festa de resistência contra o capitalismo. A campanha acontece em vários encontros econômicos globais, inclusive o G8 na cidade de Koln, em 1999 (BLANCO, 2013).

Corta. Exterior. Parque Taksin Gezi, Istambul, Turquia – Tarde. Barulhos de sirene e arruaça.

Uma onda de manifestações e agitação civil na Turquia começou em 28 de maio de 2013. A princípio os levantes foram provocados pela indignação da população com a ação violenta de despejo de um protesto contra o plano urbanístico no Parque Taksim Gezi, em Istambul. Posteriormente, as revoltas e greves de apoio ocorreram em toda a Turquia, protestando contra uma ampla gama de insatisfações no cerne das quais foram questões de liberdade de imprensa, de expressão, montagem e invasão do governo sobre o secularismo da Turquia. Sem uma liderança centralizada além da pequena assembléia que organizou o protesto ambiental original, os protestos foram comparados aos movimentos de Occupy[21] e aos eventos de maio de 1968. Em turco, a palavra para revolta é “ayaklanma”, algo que pode ser traduzido como “estar sobre os próprios pés”, uma bela conotação da passagem do estado passivo para o ativo.

Corta. Zuccotti Park, Nova York, 2011. Exterior – Dia.

Era 17 de setembro de 2011, ouvia-se ao longe o barulho intenso de passos, o som abafado dos megafones entoando palavras de ordem ia se somando aos gritos cada vez mais audíveis. Cerca de mil manifestantes em marcha lotaram a praça sob a bandeira "Ocuppy Wall Street", colocando a questão da desigualdade econômica no centro das atenções nacionais. Era hora dos cidadãos americanos comuns “se levantarem” e tomarem uma posição contra a desigualdade social e econômica que assolava o país. Na cidade de Nova York, a mensagem soou alta e clara: seria

[21] Os *occupy* são considerados movimentos sociopolíticos progressistas de retomada do espaço público e que expressavam oposição à qualquer desigualdade social e econômica. Os movimentos *occupy* surgiram nos anos 2000, sendo o Occupy Wall Street, no ano de 2011 em Nova York, o movimento mais conhecido mundialmente. Possuíam diversos escopos, já que os grupos locais geralmente tinham focos diferentes, mas suas principais preocupações se referem a como as grandes corporações controlam os sistemas de poder em benefício de uma minoria.

necessária uma revolução para despertar o resto da América com as falhas do sistema econômico dos EUA.

Antonio Negri (2017) nos alerta que a ação do levante é plural, e seu acontecimento, coletivo. O levante sempre se mostra como um evento coletivo, uma palavra que não existe na individualidade. O levante, portanto, é uma aventura que desafia os dispositivos de poder e vai agindo como uma propagação de uma doença infecciosa, uma epidemia que surge rapidamente em determinada localidade ou em grandes regiões e ataca ao mesmo tempo um grande número de pessoas. Faz ferver o sangue daqueles que o vivenciam intensamente. Os sintomas? São diversos. Espalham-se facilmente e são capazes de libertar corpos, subjetividades, desejos e afetos, criando outras formas de vida e sinergias coletivas.

Figura 13 - Manifestante do Occupy Wall Street, Nova York, 2011.

Fonte: www.theguardian.com

Poucos dias após o primeiro protesto do *Occupy Wall Street* no *Zuccotti Park* – renomeado de *Liberty Square* pelos manifestantes –, milhares de pessoas haviam aparecido sob a bandeira do movimento. Os manifestantes exibiam cartazes expondo as dificuldades socioeconômicas do dos Estados Unidos e exigindo que a liderança do país "criasse empregos, não guerra" e colocasse "pessoas antes dos lucros" (SILVA, 2018).

No entanto, foi o slogan impulsionador do movimento que realmente ressoou com os americanos em todo o país: "Somos os 99%". Esse slogan simples, referia-se à distribuição de riqueza nos EUA - entre os 1% mais ricos e o resto da população, os 99% -, os organizadores da *Occupy Wall Street* foram capazes de sustentar um espelho para a maioria do país (LUDERMIR, 2018). Muitos não pareciam gostar do que viram no reflexo. Embora o movimento tenha atraído predominantemente jovens manifestantes com menos de 35 anos, pode-se afirmar que uma parcela significativa dos manifestantes possuía acima dos 45 anos de idade.

O movimento *Occupy Wall Street* contou com uma biblioteca popular (The People's Library), iniciada alguns dias após o início dos protestos, quando uma pilha de livros foi deixada em uma caixa de papelão no *Zuccotti Park*. Os livros foram distribuídos e organizados e, com o passar do tempo, novos livros e recursos foram adicionados por cidadãos, autores e empresas. Estipula-se que a biblioteca possuía em seu acervo mais de 5 mil títulos catalogados, incluindo alguns artigos raros ou exclusivos de interesse histórico.

Figura 14 - People's Library

Fonte: www.wikipedia.org

Um levante pode terminar mal, bem sabemos, a História não nos permite cometer erros. Após diversos confrontos com a polícia de Nova York, que resultaram em centenas de prisões, os manifestantes foram finalmente expulsos do *Zuccotti Park* em 15 de novembro de 2011. O fim do protesto inaugura uma nova era de mudança social em que expôs os limites do protesto ao mesmo tempo em que revelou um caminho prático a seguir, tensionando as estruturas e estratégias do campo da

esquerda contra o sistema capitalista. No horizonte, movimentos cada vez mais sofisticados surgirão em uma tentativa de dominar eleições, governar cidades e reorientar a maneira como vivemos.

Corta. Parque Gezi, Istambul. Exterior – Manhã.

A mídia social desempenhou um papel fundamental nos protestos do Parque Gezi, pois uma grande parte da mídia turca subestimou os protestos, principalmente em seu estágio inicial. Estima-se que três milhões e meio de pessoas (dos 80 milhões de habitantes da Turquia) tenham participado ativamente em quase cinco mil manifestações em toda a Turquia relacionadas com o protesto original do Parque Gezi (BELLAIGUE, 2013; PHILLIPS, 2013).

Figura 15 - Manifestante sufista rodopiando, com uma máscara de gás num dos protestos na Turquia. 2 de junho de 2013.

Fonte: www.wikipedia.org

Figura 16 - Clínica veterinária grátis, Parque Taksim Gezi. 7 de junho de 2013.

Fonte: www.wikipedia.org

A ocupação no Taksim Gezi Park foi restaurada depois que a polícia se retirou da Praça Taksim, transformando o parque em um campo de protesto, com milhares de manifestantes em tendas, uma biblioteca organizada, centro médico, clínica veterinária, distribuição de alimentos e criação de seus próprios meios de veiculação da mídia. Depois que o acampamento do Parque Gezi foi desarmado pela polícia de choque em 15 de junho, manifestantes começaram a se reunir em outros parques por toda a Turquia e organizaram fóruns públicos para discutir os caminhos a seguir para os protestos. O primeiro-ministro turco, Recep Tayyip Erdoğan, dispersou os manifestantes chamando-os de "alguns saqueadores". O uso excessivo da força pela polícia e a ausência geral de diálogo do governo com os manifestantes foram criticados por alguns países estrangeiros e organizações internacionais.

O alcance dos manifestantes alcançou amplamente indivíduos identificados politicamente com partidos de direita e de esquerda. Suas queixas variaram desde as preocupações ambientais locais originais até questões como o autoritarismo do atual primeiro-ministro, restrições ao álcool, discussões sobre o beijo em público e a guerra na Síria. Os manifestantes chamavam a si mesmos de *çapulcu* (saqueadores), reapropriando-se do insulto para si mesmos (e cunharam o derivado "chapulling", dado o significado de "lutar por seus direitos"). Muitos usuários no Twitter também mudaram seu nome no perfil e passaram a usar o termo *çapulcu*.

Uma foto de uma mulher com um vestido vermelho sendo pulverizado com pimenta se tornou uma das imagens icônicas dos protestos.

> *"Em seu vestido vermelho de algodão, colar e bolsa branca pendurada no ombro ela poderia estar flutuando pelo gramado em uma festa no jardim, mas antes dela se agachar um policial mascarado disparando gás lacrimogêneo faz seus longos cabelos esvoaçarem". (HUDSON, 2013)*[22]

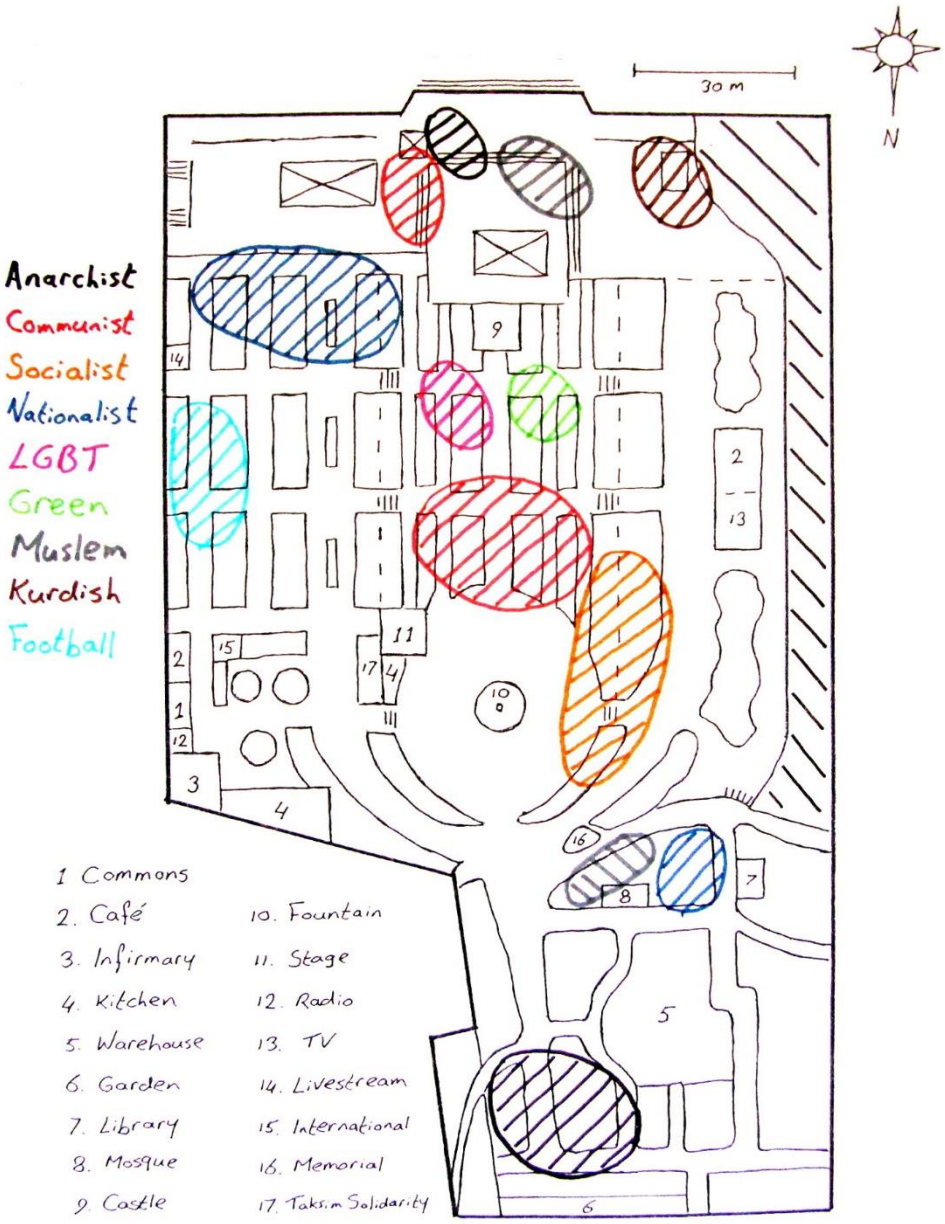
[22] Texto original: "In her red cotton summer dress, necklace and white bag slung over her shoulder she might have been floating across the lawn at a garden party; but before her crouches a masked policeman firing teargas spray that sends her long hair billowing upwards."

Figura 17 - Policial turco usa gás lacrimogêneo enquanto as pessoas protestam contra a destruição de árvores em um parque criado por um projeto para pedestres, na Praça Taksim Gezi, no centro de Istambul. 2013.

Fonte: www.publicspace.org

Os manifestantes também fizeram uso significativo de humor em ações durante as suas manifestações que envolviam dança e música, em pichações e redes sociais, no que a BBC chamou de "uma explosão de expressão... na forma de sátira, ironia e total zombaria do líder popular nas ruas e mídias sociais de Istambul" (SABRAL e ERDIM, 2013). Pichações durante os protestos do Parque Gezi ridicularizavam o Estado e as ações violentas dos policiais.

Figura 18 - O número de tendas aumentou, ao ponto em que um mapa desenhado à mão foi colocado na entrada demonstrando onde certos grupos se localizavam politicamente, assim como onde se podiam encontrar os ambientes da ocupação. Estradas de acesso ao parque e à Praça Taksim foram bloqueadas por manifestantes contra a polícia com barricadas de pedras de pavimentação e ferro corrugado.



Fonte: www.wikipedia.org

Corta. São Paulo, Junho 2013. Exterior – Noite.

Como nos perdemos nas alturas, desçamos de volta para onde essas manifestações nos afetam mais diretamente. Percorramos um terreno mais próximo, em terras tupiniquins.

As chamadas Jornadas de Junho – uma série de protestos irrompidos na cidade de São Paulo em 6 de junho de 2013 e propagados por várias cidades do país – aconteceram inicialmente devido ao aumento nas passagens de ônibus na capital paulista, Ao que ficou conhecida pelo famoso slogan “Não é só por 20 centavos”. As manifestações que foram se intensificando diante da brutal repressão policial causaram os ecos de indignação e reverberaram, se avolumando – e/ou diluindo – em uma série de insatisfações de caráter político e econômico. E se, a princípio, os protestos em São Paulo estavam ligados ao Movimento Passe Livre, ao se espalhar pelo Brasil se deram de forma descentralizada, sem lideranças definidas, e utilizando as redes digitais como suporte para a expressão da indignação e para a articulação política (AZEVEDO, SOUZA e CADENA, 2018).

A internet, nos lembra Ferreira (2015), tem seu papel preponderante nessas manifestações, por agregar “uma multidão que interagia principalmente pelas redes digitais, sem causar qualquer desconforto ao Estado e à grande mídia, até decidir ocupar as ruas” (FERREIRA, 2015, p. 7). As manifestações no Brasil seguiram o mesmo processo de "propagação viral" de protestos como o Occupy Wall Street.

As manifestações possuíram uma grande abundância em produções gráficas e artísticas, contando com a colaboração de diversos especialistas simpáticos ao movimento. Cartazes, lambelambes, ilustrações diversas e peças digitais voltadas para o compartilhamento via internet eram produzidas quase que diariamente durante as manifestações. A iniciativa da gráfica Meli-Melo (2018), em São Paulo, de convocar pessoas a criar cartazes que seriam gratuitamente impressos e distribuídos teve uma grande adesão, em mais uma expressão do engajamento no movimento sendo demonstrado também pelo viés da criação visual.

Essas jornadas, na verdade, se estenderam para além do mês de junho e foram duramente reprimidas por força policial (como tantos outros movimentos no decorrer da História), principalmente nos atos ocorridos na cidade de São Paulo. Os protestos foram se arrefecendo por diversos motivos, inclusive pelos constantes atos de violência que foram ocorrendo ao longo de todas as manifestações, até não acontecerem mais. Sim, “o gigante acordou” com toda a certeza, mas voltou a dormir logo em seguida. Porém, é por ali que os sujeitos escapam e que novas formas de resistência são construídas, dissonâncias tornam-se visíveis e novas agregações acontecem.

Não podemos nos esquecer, no entanto, como as Jornadas de Junho, a princípio progressistas, foram apropriadas pelas grandes mídias conservadoras de forma a causar uma série de desentendimentos no próprio movimento. Essas dissonâncias no movimento terminaram por causar um enfraquecimento dos movimentos de esquerda, fortalecendo a ascensão de sistemas políticos da extrema direita. Estejamos atentos!

Corta. Exterior. Amanhecer.

Acredito que essas histórias de militâncias – histórias de derrotas, sim, mas também da persistência do levantar que possibilita o vislumbre de novos modos de existência– podem ser melhor compreendidas nas palavras de Mario Benedetti (2009). Desejo, pelo menos, que o furor do poeta possa despertar nossos sentidos:

“cantamos porque el grito no es bastante

y no es bastante el llanto ni la bronca

cantamos porque creemos en la gente

y porque venceremos la derrota

cantamos porque el sol nos reconoce

y porque el campo huele a primavera

y porque en este tallo en aquel fruto

cada pregunta tiene su respuesta

cantamos porque llueve sobre el surco

y somos militantes de la vida

y porque no podemos ni queremos

dejar que la canción se haga ceniza”[23]

Na próxima vez. *¡Venceremos!*

[23] “cantamos porque o grito só não basta / e já não basta o pranto nem a raiva / cantamos porque cremos nessa gente / e porque venceremos a derrota / cantamos porque o sol nos reconhece / e porque o campo cheira a primavera / e porque nesse talo e lá no fruto / cada pergunta tem a sua resposta / cantamos porque chove sobre o sulco / e somos militantes desta vida / e porque não podemos nem queremos/ deixar que a canção se torne cinzas”. Tradução minha

2.3 OCUPAR! RESISTIR!

2.3.1 25 de maio

“Luizinho, saudades de você.

Hoje o dia parece ter amanhecido tranquilo aqui na ocupação. O café da manhã demorou a sair porque a noite foi boa.

Derrubamos a parte de um dos muros para facilitar o acesso ao terreno. Antes tínhamos que entrar por uma janela que arrombamos nas ruínas de uma fachada. Logo surgiu uma <<rua principal>> no acampamento, que pode ir até onde a gente quiser. Engraçado como os espaços se formam aqui dentro. Sempre a cada conquista. O lugar onde acendemos a fogueira no primeiro dia de ocupação se consolidou como espaço de maior permanência e atividades. Isso quer dizer que eu me ferrei, porque a minha barraca é exatamente nesse meio. Depois da oficina de gambiarra sempre tem uma figura fazendo barulho na minha porta. Estamos acampados no meio dessa cidade doida. Falam de 2 milhões de pessoas circulando pelo centro. Imagine a quantidade de loucos que aparecem por aqui.

Tudo o que é lona está se desfazendo. Estamos partindo p/ o nosso 1º barraco, mas temos que driblar os seguranças para ir buscar madeiras nos antigos armazéns, depois dos vagões descarrilhados.
Isso já nos toma a tarde inteira.

As vezes eu quero dar um tempo em casa, mas ainda não é seguro. Tenho medo de voltar e encontrar tudo no chão. Quando a cabeça não tá aguentando, a gente corre para a casa do Peres. Daqui de cima dá p/ ouvir os estalos e ver as luzes das armas de choque elétrico que os seguranças estão usando agora.
Mas eles assustam cada vez menos.

Viva Berlim.
Deixe Recife p/ depois do dia 15.

Frida.”[24]

[24] GONZAGA, 2014, p. 64

Figura 19 - Placas na entrada da ocupação. Foi-se construindo um canteiro de flores logo de início, e um caminho de pedras que ia guiando os visitantes para o interior do Ocupe Estelita. Fotografia de Fernando Peres.

Fonte: Acervo pessoal de Juma.

Prólogo[25]

No dia 21 de maio de 2014, o Consórcio Novo Recife, conjunto de grandes empreiteiras nacionais, entre elas a Moura Dubeux e a Queiroz Galvão, iniciou o processo de demolição do terreno do Cais José Estelita após às dez horas da noite. A área já vinha sendo motivo de discussão desde 2008, após a venda irregular do terreno, no entanto o movimento se fortaleceu em meados de 2012 com o surgimento efetivo das mobilizações do Movimento Ocupe Estelita.

[25] Essa pesquisa buscou recompor a estética e o funcionamento dos cenários e comportamentos que constituíram a ocupação do Estelita em 2014, nesse sentido, optou-se por uma breve contextualização acerca das mobilizações que desencadearam no surgimento do Movimento Ocupe Estelita (MOE), bem como do grupo Direitos Urbanos. Para uma análise mais detalhada do contexto político e urbanístico vale conferir os textos de Ludermir (2018), Severien (2018), Figueiredo (2015), Anitelli e Tramontano (2016), Barbosa (2014), Cavalcanti (2019) e Petruczov (2019). Acredito que outras pesquisas que tratam do tema por essas óticas também devem ter sido desenvolvidas, como também trabalhos que tratem dos seus aspectos subjetivos.

Não contando com os olhares atentos de uma cidade entregue à iniciativa privada e constantemente enganada por seus governantes, o ativista Sérgio Urt, membro do grupo Direitos Urbanos (DU)[26] e do Movimento Ocupe Estelita (MOE)[27], de passagem pelo local, de passagem pelo local, alertou à população recifense via redes sociais (utilizando-se especialmente do Facebook como ferramenta de comunicação) sobre o crime ao patrimônio público que estava sendo cometido contra a população do Recife. O ativista chegou a ser agredido por 7 seguranças privados com socos, chutes e coronhadas pelo corpo; os seguranças também quebraram seu celular onde constava o registro da demolição e apagaram suas imagens (LUDERMIR, 2018). A mutilação da cidade é silenciosa e acontece na calada da noite. Em pouco tempo, dezenas de pessoas já se direcionavam ao local com a intenção de impedir mais um dano à cidade em favor do capital (TAVARES; COUTINHO, 2014). Foucault (1988, p. 91) estava certo: "onde há poder há resistência"!

Entretanto, a consolidação de uma ocupação exige a presença de múltiplos atores. Assim, algumas das pessoas que estavam presentes durante o início das demolições, movidos pela insegurança da permanência do Estelita, iniciaram um processo de ocupação na parte interna do terreno, atitude inesperada pelo Consórcio Novo Recife. Os ocupantes acenderam uma fogueira, montaram acampamento e recusaram-se a sair do local do terreno temendo a destruição do Cais. Iniciou-se ali um período de manifestações intensas naquela área da cidade do Recife, contando com a participação de uma parcela sugestiva de membros da sociedade civil.

[26] O grupo Direitos Urbanos era composto por um conjunto heterogêneo de pessoas interessadas em debater e lutar por pautas que circundam a cidade, o coletivo se tornou importante fórum de articulações e um canal independente de compartilhamento de informações e denúncias em torno do direito à cidade, tendo um blog e um grupo do *Facebook* como plataformas principais. Foi no DU que se organizou os Ocupe Estelita dominicais desde 2012, entre tantas outras mobilizações (LUDERMIR, 2018).

[27] O Movimento Ocupe Estelita é uma organização movimentalista surgida em 2012 contra o Projeto Novo Recife – composto por 12 prédios de até 40 andares, situados no terreno do Cais José Estelita, adquirido de forma ilegal em um leilão de 2008 pelo Consórcio Novo Recife. O MOE atuou em contraposição ao crescimento desordenado que o Novo Recife representa

Essas manifestações que ocorreram ao longo de quase um mês de ocupação em 2014[28] iam além de gritos e brados proferidos por aqueles que desejavam "uma cidade para todos", pois o levante produz performances. Os próprios atos realizados no Estelita apresentavam-se em singularidades. Artistas, ativistas, músicos, designers, apresentações de diversas categorias, meditações coletivas, oficinas ao ar livre, festas e festividades, concertos musicais, rodas de discussão e debates, todos tinham vozes durante a ocupação que buscava integrar os indivíduos às decisões que se referiam diretamente aos usos do centro urbano da cidade do Recife. De fato, a população recifense não se absteve perante os desmandos do Consórcio Novo Recife.

Sabemos que não se faz um levante sem certa força, é o que nos lembra Butler (2017). Seres humanos fazem levantes quando se indignam ou estão fartos de se sujeitar a determinadas situações, ou seja, o levante é resultado percebido de que o limite foi realmente ultrapassado. Nesse sentido, o levante procura pôr um fim a uma condição da qual, normalmente, foi suportada por mais tempo do que o razoável. Seguramos nossas dores por tempo demais, suportando tal qual Atlas o mundo em suas costas.

Infelizmente os levantes acontecem tarde demais, no esforço de se instaurar uma nova condição, mas, quando ocorrem, põem em evidência os limites que qualquer pessoa pode aguentar (BUTLER, 2017). Os levantes são momentos de sublevação temporária que abrem possibilidades, momentos de suspensão que demonstram como a vida pode ser vivida de forma diferente.

É preciso lembrar que um levante se faz em conjunto e ao se constatar um sofrimento inaceitável. Ele cria redes, laços, grupos físicos e virtuais. O levante acontece em um ambiente em que se reivindica uma liberdade não autorizada e com a decisão de não mais se sujeitar. É uma convicção compartilhada com outros corpos. O levante, deste modo, é um pôr-se de pé junto a outros corpos contra uma forma de poder, mostrar-se e se fazer ouvir em situações que não são comumente permitidas. Um momento seguido por uma sequência de indignações e como consequência se é incapaz de tolerar determinada condição.

Um levante, contudo, não requer uma análise complexa, ainda que implique a reflexão dos corpos envolvidos. É necessário, porém, o sentimento de que a vida em determinado momento se encontra intolerável. Como sublinhou Judith Butler (2017), o levante é, a mesmo tempo, urgente e tardio, pois muitas pessoas já se submeteram às indignações que, por vezes, causaram perdas incomensuráveis. Mas o levante significa que, mesmo abatidos, os insurgentes não foram impossibilitados.

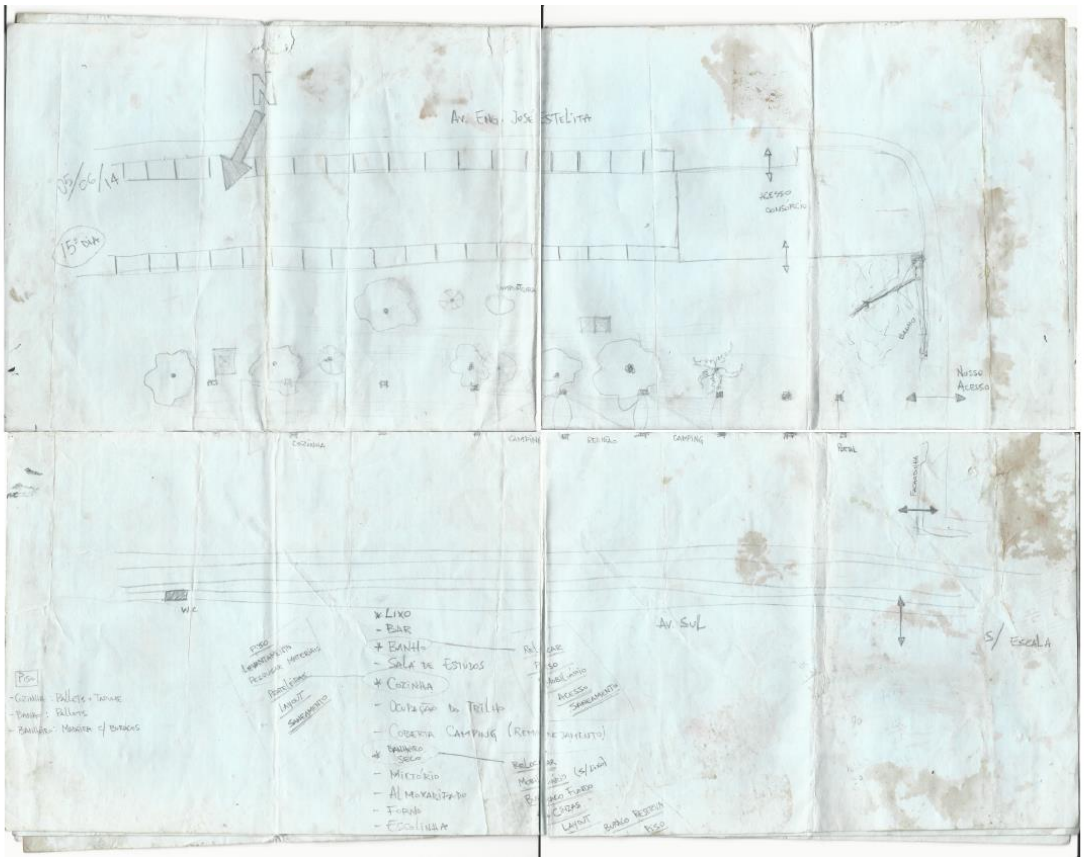
Atualmente é impossível dissociar os levantes da cibermilitância, seriam inimagináveis. A internet é um mapa aberto, conectando pontos, multiplicando entradas e saídas, colagens e perambulações (OLIVEIRA, 2006). Há que se explorar essas brechas virtuais. Nessa perspectiva, o Facebook funcionou tal qual uma agência. A opção por esse site ocorreu de forma natural, visto que, por seu caráter participativo e multimídia, foi por meio dele que as atualizações do MOE eram propagadas. Assim, as atividades foram organizadas em grupos secretos no próprio ambiente do Facebook (AZEVEDO; SOUZA; CADENA, 2018).

*

Era um domingo à tarde, dia 25 de maio de 2014, pouco depois do almoço, quando pisei pela primeira vez no terreno do Cais. A ocupação, no entanto, já havia se iniciado desde a quarta-feira daquela mesma semana. Por ser domingo, era o dia de maior movimentação na ocupação, com pessoas curiosas em busca de saber o que de fato havia sucedido naquele local. Era notório o ar de insegurança e euforia que existia naquele espaço, na verdade, parecia ser a primeira vez que esse tipo de situação ocorria na cidade do Recife. Até aquele momento não sabíamos a magnitude que o movimento iria tomar.

[28] Os ocupantes ficaram efetivamente no terreno do Cais José Estelita durante o período de 21 de maio a 17 de junho de 2014, saindo com a reintegração de posse. A ocupação, no entanto, permaneceu instalada embaixo do Viaduto Capitão Temudo cerca de mais um mês após 17 de junho.

Figura 20 - Mapa do Ocupe Estelita feito durante a ocupação pelos membros ocupantes.



Fonte: Acervo pessoal de Juma

O vai-e-vem de pessoas era constante e podia-se perceber em seus rostos um misto de deslumbramento e incredulidade com todo o ocorrido, até mesmo para mim. Cheguei à ocupação e entrei pela “porta” lateral, um buraco na parede próximo ao Viaduto capitão Temudo feito dias antes pelos ocupantes. O trânsito de pessoas desde a Avenida Engenheiro José Estelita já indicava o caminho a seguir. Passei direto pelo que sobrou de uma fogueira que parecia extinta já há algum tempo, as cinzas espalhadas pelo chão iam se agregando aos solados dos passantes. A minha cabeça girava de um lado para o outro ininterruptamente, o olhar atento aos mínimos detalhes, tentando consumir toda a informação que acontecia naquele lugar.

Umas barracas mal armadas estavam dispostas pelo chão logo na entrada, o barulho de terra sendo arada e pessoas com suas mãos encaliçadas segurando enxadas e capinando diversas partes do terreno. O cheiro de mato e suor iam se

intensificando. O tilintar de panelas de uma cozinha ainda em construção ia se somando ao som de vozes e risos que viam de diversas direções. O chacoalhar de sacos e mais sacos, pessoas que iam chegando com doações a todo momento; sons de pisadas na grama e na terra causados pelo ir e vir de pessoas, a poeira chegava a subir. Tudo era sedutor ao olhar, tudo prendia a minha atenção.

Figura 21 - Uma das diversas aulas públicas que aconteceram durante o Ocupe. Fotografia de Fernando Peres.

Fonte: Acervo pessoal de Juma.

“O urbanista de Recife é o capital” lia-se em uma pichação nos muros da ocupação. Mais adiante, à esquerda, viam-se vagões de trens abandonados, histórias de um Recife que já não existia mais. Em algumas partes do terreno a relva já alcançava a altura dos joelhos, fazendo cócegas nas pernas das pessoas que iam desbravando o terreno. Viam-se os monstruosos silos de longe, próximos às ruínas que causaram o estopim dos insurgentes. Queriam silenciar as nossas memórias com feridas de concreto armado. Ambientes opacos para uma paisagem tão bela.

O trânsito de pessoas era incessante. No caminho, um professor da graduação parou-me, indagando a minha opinião acerca do levante que se instaurou. Sem pensar muito, respondi: “Estou indo agora em casa buscar as minhas coisas e vou ocupar o cais também”. Nem mesmo eu acreditava em minhas próprias palavras, contudo, a minha euforia falou mais alto.

Em seguida voltei para casa, arrumei as malas, coloquei a barraca sobre os ombros e sem muitas despedidas, mas sob os olhares desesperados dos meus pais, parti novamente em direção à ocupação. Realmente, como bem dizia um cartaz segurado por umas mulheres com máscara de papangu “A Revolução é Irresistível”.

Juma estava presente na ocupação do Estelita desde a noite do dia 21 de maio, quando começaram a demolir o cais, em entrevista nos conta em detalhes como o acampamento foi se constituindo desde o início da ocupação:

> *“Juma. ...quando começaram a derrubar, todo mundo se concentrou aqui. Aqui até que a gente fez ‘vamo arrudiar e vê se a gente entra em algum lugar?’.*
>
> *Paulo. É por que o buraco foi aqui primeiro num foi? [apontando mapa] Entrou por aqui num foi?*
>
> *Juma. Não, não, não… foi aqui ó, cadê, cadê as três casas? Aqui nas três casas, aqui nessa cerca. Então, a galera ficou concentrada aqui e a gente fez, não, vamos ver se tem outro lugar pra entrar. Aí, como essa área já tinha sido estudo da faculdade por muitas cadeiras, a gente já tinha pulado o muro pra entrar, pra tirar as fotos de dentro pra fazer o trabalho. Aí a gente sabia dessa brecha aqui [aponta para o mapa]. E aí, enquanto tava a confusão aqui de noite, umas quatro ou cinco pessoas vieram por aqui e começaram a se chegar, se chegar, se chegar, pra ver o mais longe que podia ir. Nisso chegou num lugar, o mais longe que chegou, acendeu a fogueira. Aí tudo ficou girando em torno dessa fogueira, as brigas, as confusão, primeira barraca, segunda barraca…*
>
> *[...]*

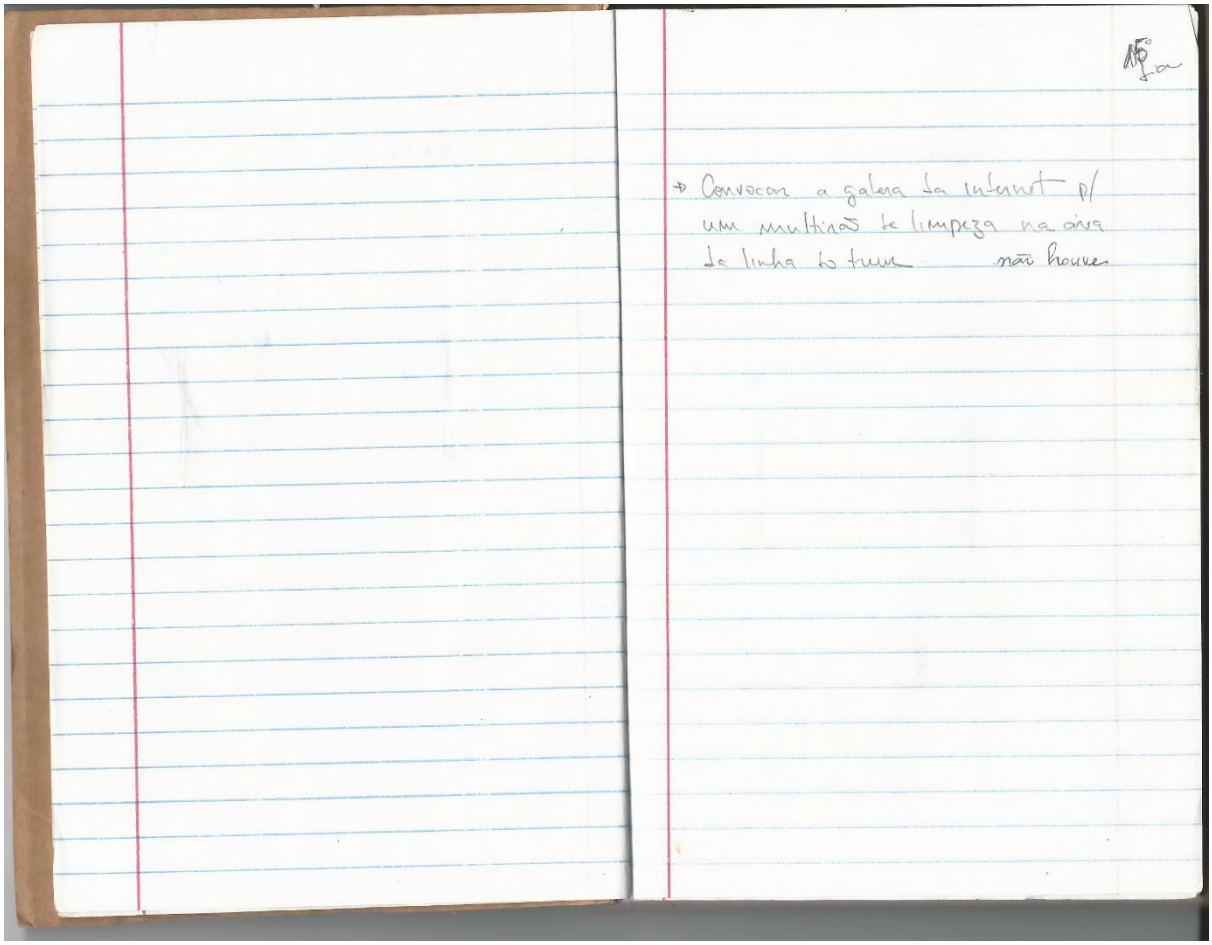
> *Acendeu a fogueira num lugar, de repente esse lugar virou a praça, pow. Era isso que eu queria fazer um trabalho. O caminho, a praça, a fogueira, a composteira, o banheiro…*
>
> *[...]*
>
> *Aí aqui virou a fogueira, essa primeira barraca aqui, que ficou abrigando quem tava cansado no dia, virou depósito, depois ela virou depósito durante a ocupação toda. Até que cresceu tanto a ocupação que virou o primeiro barraco de madeira a ser construído lá. Foi o depósito, que Araripe também morava dentro."*

Juma ainda continua o relato especificando, com o máximo de detalhes que consegue lembrar, como o acampamento foi sendo formado ao redor da fogueira, pelo caminhar dos ocupantes – Impossível não se pensar na célebre máxima corbusiana do caminho dos homens e dos asnos: "O homem anda reto/o asno em zig-zag/" (JACQUES, 2001).

> *"… aqui [apontando mapa] o meio, do lado da primeira barraca, a árvore, a mangueira que era a casa de Peres. Aqui do lado a primeira lona que eu acho que a gente montou mesmo, até a gente fez um desenho assim, não, vamos fazer um telhado em asa delta… e viajou e fez, aí o vento batia e acabava o telhado. que era esse aqui. Aqui era o primeiro barraco e aqui o grande acampamento, neh? Aí vê a viagem que é massa. Primeiro a gente entrou aqui, veio, veio, veio aqui, depois a gente quebrou esse muro aqui de madrugada. Foi Beloto que chegou com as marreta…*
>
> *[...]*
>
> *Aí virou a rua principal, pow. Por que a entrada aqui e o final, aí puff, rua principal. Aí todas as outras ruazinhas que surgiram, era assim, pra entrar na cozinha, pra passar pelas barracas, pra ir pra linha de trem, ou pra outras utilizações do lugar que iam rolando, neh. Tipo, o banheiro que era do outro lado aqui, a galera tinha que vir pra cá pra trás. Aí aqui tá os galpões, essa primeira, que a galera cimentou agora, a guarita, a guarita tinha uma brechinha assim."*

De acordo com os relatos de Juma podemos inferir que, numa situação de guerrilha, as práticas realizadas no espaço da ocupação – seus (a)fazeres cotidianos – são mutáveis e, assim sendo, responsáveis por construi-lo, tal como o ato de falar cria a língua, como nos lembra Michel de Certeau (1994). As arquiteturas da ocupação iam se perfazendo na medida em que novas necessidades iam surgindo, de forma "rizomática".

Figura 22 - Diário de Juma durante a ocupação.



Fonte: Acervo pessoal de Juma

Figura 23 - Acampamento do Ocupe Estelita. Fotografia de Fernando Peres.

Fonte: Acervo pessoal de Juma

As novas formas de resistência são “rizomáticas” (OLIVEIRA, 2006). O rizoma é aberto e uma de suas características mais importantes, apontam Deleuze e Guatarri (2011), talvez seja a de ter sempre múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga. Na medida em que íamos nos demorando nos terrenos do Estelita, novas paredes iam sendo quebradas, abrindo-se o terreno cada vez mais, como um convite à população para que vivenciassem a cidade efetivamente. A ideia de rizoma, assim, é essencial para a compreensão dessas intervenções que se colocam como lúdicas, poéticas, transversais e, acima de tudo, integrando à arte na própria maneira de existir, de pensar e de construir outros modos de vida (RAGO, 2015).

As propostas de intervenção urbana apontam possibilidades de reinvenção poética dos espaços das cidades, integrando arte e vida e promovendo encontros, jogos, exercícios éticos e experiências de alteridade que desequilibram o cotidiano ordenado, planejado, produtivo e vigiado das cidades globais espetaculares. Essas intervenções podem ser consideradas como uma busca por espaços de diluição entre prática cotidiana e o fazer artístico ou, em outras palavras, formas harmônicas de integração entre arte e vida.

Figura 24 - Barraca de Victor e Rafael, ocupantes do cais. Fotografia de Fernando Peres.

Fonte: Acervo pessoal de Juma

Vivemos num contexto de esgotamento corporal e mental da vivência de cidade em vigor, por isso, essas relações permeadas pelo fazer artístico são tão necessárias. Ter essa experiência de vivenciar e estar ao lado de pessoas que buscavam o mesmo exercício de integrar estética, poética e ética pela cidade foi um encontro fundamental em meu sentido de vida, circunstância que mantenho até os dias atuais, e da qual essa pesquisa faz parte.

Sinto que participei de um jogo de construção de brechas, quebras no cotidiano, enfrentamentos em que cada movimento era seguido por alguma forma de vigilância ou interrupção. Porém não eram jogos solitários. Naqueles dias de ocupação percebia-se que era urgente religar a vida cotidiana e a experiência de viver a cidade.

Figura 25 - Cortes de cabelo durante a ocupação. Diversas intervenções eram motivadas pelos ocupantes e simpatizantes do movimento e aconteciam a todo momento. Fotografia de Fernando Peres.

Fonte: Acervo pessoal de Juma

Artur expõe que a “própria ocupação estava produzindo experiências de cidade e experiências de estar no mundo” de tal maneira que a discussão técnica e acadêmica não conseguia abarcar. Para Artur:

> *“…não consegue compreender esse círculo de afetos, círculo de experiências do corpo no lugar. Que isso também produzem demandas técnicas. Eu acho que era isso que eles não conseguiam entender. Que tipo, estar na cidade, estar sentindo o nosso corpo naquele terreno produzia percepções sobre aquele espaço que a percepção técnica, jurídica, arquitetônica, sei lá, urbanística, não dava conta. Porque a gente começou a entender, por exemplo, que a gente queria não só uma área verde ali, que a gente queria um espaço de convivência queria que aquela experiência que a gente tava tendo fosse possível outras vezes, permanentemente. Que o espaço se torna-se um espaço de encontros, de trocas, de debate político. Porque começou a rolar muita roda de conversas, cineclube, e a gente começou a perceber que o espaço que a gente queria pra ali, passava por isso”.*

A discussão que queríamos não se limitava a debater a altura de prédios, pois começamos a entender “que a discussão sobre urbanismo era a discussão sobre pessoas morando no lugar” e que ia além da dimensão técnica. Para Artur, perde-se a dimensão das pessoas “sentindo seus corpos, se relacionando, transando, brigando, se beijando, divergindo”. Contudo, sublinha que não acha que seja por estarem enclausurados em sua “Torre de Marfim”, mas porque não podiam prever a dimensão que tomaria; o que nos provocou a compreender melhor onde estávamos pisando e isso modificou profundamente a nossa própria relação com a cidade e como a cidade modifica nossa relação com ela. Artur pontua que “as pessoas não tem uma relação de cuidado com a cidade porque não tem uma relação de pertencimento com a cidade. E a gente tava experienciando pertencer a cidade”.

Essas discussões de cidade eram recorrentes em nosso cotidiano da ocupação. No entanto, na medida em que acontece a entrevista, outras reflexões vão sendo feitas por Artur, fazendo-o pensar sobre as circunstâncias da ocupação.

> *“A gente tava discutindo cidade, mas a gente tava discutindo mundo. E eles estavam só discutindo cidades nos termos da legalidade. E a gente tava discutindo cidade na sua profundidade do que era a cidade. É vida. É essa relação com droga, e as pessoas precisam debater droga, porque discutir cidade é debater droga. E a gente sempre tinha esse embate com eles (DU). Porque a gente queria discutir o todo e eles queriam focar no tema Estelita. E pra gente o tema Estelita era isso. E a gente começou a entrar sobre esse diálogo de política de drogas. Sobre a relação com meninos, moradores de rua, ou ocupações urbanas, perto. Que vinham pra ocupação pra cheirar cola. E como é que a gente se relaciona com isso? Porque isso é cidade. A gente fazia um almoção com as doações que vinham pra ocupação e as pessoas próximas iam comer. Porque não tinham o que comer. As ocupações deles não eram hype. Não davam no instagram, no facebook. A ocupação deles era pra conseguir algum lugar pra morar.*
>
> *[...]*
>
> *A gente entendeu o sentido de cidade ali. Com toda a complexidade que é uma cidade. Racista, classista, machista, homofóbica, transfóbica”.*

Os “ocupes” são como convites para aproximações e relações de troca de singularidades. O Estelita significou uma nova via de acesso às subjetividades. Mia também nos demonstra essa potência do vivido durante a ocupação. Com ela podemos observar os caminhos que estavam sendo traçados naquela época:

> *“E por uma época, por um período. Toda a movimentação da cidade se cristalizou ali. Tudo que acontecia na cidade se convergia ali, porque era o que de mais interessante vinha acontecendo. Então as aulas da federal eram lá, os cineastas iam pra lá, os artistas iam pra lá. Todo mundo que ia fazer alguma coisa na cidade escolhia o Estelita pra fazer. E não era como se a gente tivesse recebendo, assim, de certa forma, a gente tava também provendo pra pessoas, assim, a experiência de fazer lá. As pessoas ficavam muito honradas de poder fazer lá. Um evento aberto que a gente fez depois da ocupação, foi com aquele David Harvey, que é um dos grandes teóricos da geopolítica, quis fazer ali. Como se uma gama de pessoas que pensam a cidade, que pensam a política, que pensam o corpo, cristalizassem o que estavam querendo falar e ter aquilo ali acontecendo ao mesmo tempo. Um privilégio que poucas vezes você tem, assim. A gente fala sobre muitas coisas na universidade, mas a gente fala sobre elas numa sala fechada, num plano muito abstrato, como se elas fossem se concretizar em algum momento, como se a gente fosse absorver e depois a gente fosse praticar. Isso é uma promessa, assim, que quem sair vai praticar. Numa galeria de arte a gente conversa sobre e ela tá cristalizada ali, mas é sempre uma promessa que vai se infiltrar em um novo corpo, um novo discurso. que vai ter uma nova forma pra esse discurso que tá sendo criado ali. E no Estelita, as pessoas que iam falar sobre o que elas davam pensando e criando, meio que já tava no espaço em que isso já tava fervilhando neh. Porque já tava acontecendo, era incrível…”*

Confesso que, no Estelita, senti-me como Alice entrando no buraco do coelho e descobrindo a beleza e excentricidade do País das Maravilhas. Entretanto, ao contrário de Alice, que achava que as regras de seu país (England) poderiam servir para esse novo mundo (Wonderland), abri-me em expectativas para a possibilidade de viver em um ambiente sem regras, ou com menos normas do que estávamos habituados em nossa vida ordinária. Realmente achávamos que podíamos viver num mundo sem regras, criando nossa própria *Wonderland*, mas as regras nos perseguiam. Não esqueçamos que até o País das Maravilhas possuía sua Rainha de

Copas a bravejar seus desmandos. Acredito que seja difícil encontrar alguma escapatória, pois as regras, ainda que minimamente, são inerentes ao convívio humano. Uma pichação no Estelita que dizia “Quero muito ficar aqui, mas zoada até cinco horas da manhã é foda” demonstra a zona de conflitos que se instaurava na ocupação e a necessidade de se criar, pelo menos, algumas regras de convívio. Como disse Juma em entrevista:

> *“Primeiro acordo interno, finalmente as regras apareceram.*
>
> *[...]*
>
> *A galera tava aí dentro, queria viver um lugar ideal, uma sociedade completamente diferente da que tá lá fora, sendo que até os acordos a gente tinha que ter, a galera não dobrava, não queria, não queria, por mais que se falasse em hora de dormir… hora de dormir não, mas um limite pra barulho, um limite pra funcionamento da cozinha, a galera ‘não, é um absurdo! isso é num sei o quê… vocês querem mandar em todo mundo’. Sei que teve uma hora que a galera fez, mermão (sic) vamos de fato sentar e fazer. Uma galera não curtiu, foi difícil também dialogar…*
>
> *[...]*
>
> *Essa galera chegou aí, querendo um tipo de lugar, pra se construir, pra se morar, pra se viver, o lugar ideal é esse. Sendo que todo o contexto do lugar, todo o contexto social do mundo mesmo, de desigualdade, preconceito e todas as mazelas sociais… e eu dizendo, galera, vocês tão sonhando, por que na real, na real, a vida é assim ó...”*

O Ocupe Estelita compôs um cenário de quebras e desordem social na cidade do Recife, com suas práticas cotidianas e eventos culturais, bem como por sua construção idealizada de uma cidade perfeita (e até mesmo utópica). Somemos a isso a sua concepção política pautada na horizontalidade, livre de dirigentes reais que pudessem ditar a ordem do local.

Não obstante, “à medida que as regras de vários grupos se entrechocam e contradizem, haverá desacordo quanto ao tipo de comportamento apropriado em qualquer situação dada”, nos adverte Howard Becker (2008, p. 27). As regras

estabelecidas no espaço físico da ocupação se tornaram uma necessidade para a coexistência de seus ocupantes, eram decididas em comum acordo, num esquema de votação em assembléias que ocorriam diariamente.

Esses acordos, porém, não foram de modo algum bem recebidos por todos os seus ocupantes. É possível perceber que, durante toda a ocupação, diversas práticas desviantes eram praticadas. Os desvios só existem a partir do momento em que regras são estabelecidas (BECKER, 2008). A sociologia pode nos apontar uma desdém entre seus agentes pelas regras da sociedade em geral e uma admiração pelos comportamentos espontâneos e individualistas (BECKER, 2008). As práticas desviantes funcionavam, assim, como linhas de fuga ao mínimo de normatização que se pretendia estabelecer e acredito que também possibilitaram a sobrevivência do movimento.

Figura 26 - Acordo Interno e tarefas diárias da ocupação. Fotografia de Fernando Peres.

Fonte: Acervo pessoal de Juma

Figura 27 - Notas fiscais de compras da ocupação.

Fonte: Acervo pessoal de Juma

Durante a ocupação o que se buscava era uma atmosfera de fantasia, mas a fantasia, o sonho e a imaginação é um lugar dentro do qual chove (Calvino, 1990). O Estelita foi um processo de formação muito grande para todas as pessoas envolvidas, ocupantes ou não. Gradativamente as portas do terreno iam se abrindo cada vez mais à população – principalmente às pessoas das comunidades vizinhas – como uma resposta ao estranhamento gerado pela intervenção no Cais. Esse processo de formação foi, aos poucos, criando desacordos com o DU.

Estávamos em constantes debates e desentendimentos com os membros do DU. Nós, que convivíamos diariamente com as intensidades de uma ocupação, íamos percebendo a história de luta de classes que era travada naquele espaço. A maioria dos ocupantes era de classe média e o movimento foi sendo pautado desde 2012 por uma classe média esclarecida que tinha contatos e acesso aos grandes meios de comunicação, bem como acesso a conhecimentos técnicos e "essa ideia de urbanismo e colonização", como ressalta Juma. No entanto, começamos a colocar outras questões em pauta que só foram aparecendo na medida em que pessoas de diversos movimentos sociais e dos bairros ao redor do cais iam frequentando o espaço. Uma ocupação tem essa capacidade de aglutinar pessoas de todos os tipos, fortalecendo discursos políticos. Feministas, LGBTQ+, militantes sociais, membros do movimento negro, até veganos. Nossas pautas iam para além do discurso de direito à cidade. Concordo com Juma ao afirmar que "Isso é o Movimento Ocupe Estelita, não o Direitos Urbanos".

Os desentendimentos eram constantes, mas fomos conquistando no grito nosso direito a opinar de forma concreta nas decisões que diziam respeito ao Ocupe Estelita. Inclusive o direito de que outras pessoas de uma camada mais periférica da sociedade e, que de início tinham olhos tortos para a ocupação, foram percebendo a potência daquilo que estava acontecendo e se agregando ao movimento.

Não existe espaço não inviolável ou totalmente seguro, as violências também ocorriam no terreno do cais durante toda a ocupação. Aconteceram casos de violência de gênero, racismo e tantas outras formas de violência durante a ocupação. No entanto, aquelas pessoas que, de algum modo, não se enquadravam ao ideal de cidade que se estava tentando construir (com direitos iguais para todas e todos), eram expulsos da ocupação, muitas vezes de forma natural. Acredito que seria impossível

que a vivência da ocupação ocorresse *às mil maravilhas*, afinal de contas vínhamos de uma realidade que já colocava em evidência o conflito social que era presente naquela área degradada e abandonada pelo poder público. Queríamos construir uma sociedade ideal, porém, esquecíamos que todas as pessoas envolvidas vinham de uma sociedade corrupta, portanto acabávamos por reproduzir todos os problemas sociais a que estávamos habituados em nosso dia a dia. Juma nos lembra de diversos casos de roubos que iam acontecendo durante o Ocupe e as "táticas" que criávamos para diminuir esses acontecimentos:

> *"Sendo que tinham uns roubos, uns assaltos, umas coisas. Inclusive a gente pensou 'não, vamos fazer uma rua e virar uma barraca de frente pra outra. Todas as barracas são de frente, porque se tiver alguém entrando na barraca o outro vai ver. E faz uma campanha assim, Conheça o seu vizinho'. Porque se você souber quem é o seu vizinho, você vai saber quando uma pessoa, que não é o seu vizinho, entrando na barraca do seu vizinho"*

Por mais que o os ocupantes do Estelita imaginassem que a ocupação poderia existir de determinada forma, as demandas num contexto de violência faziam com que respondêssemos a diversos cenários. Existia um contexto interno e também um político que a ocupação tinha que responder, os protestos dialogavam com diversas situações (Copa do Mundo, negociação com a prefeitura, necessidades dos moradores dos bairros vizinhos, etc). Com efeito, cada um tinha que "se virar de algum jeito", nos recorda Juma.

Cabeça-de-ovo, um dos simpatizantes ao movimento que frequentava constantemente o Ocupe, sempre falava para que desligássemos os telefones com medo de que estivéssemos sendo grampeados. Era o momento da paranoia! A atual configuração da "sociedade de controle" de Deleuze "reafirma a necessidade de pensar a política e a arte como processos de criação indissocialmente ligados à vida" (SEGURADO, 2007, p. 41). Por vezes, circulavam na ocupação diversos P2[29],

[29] P2 É a seção de inteligência da PM que pode atuar levantando informes úteis na elucidação de crimes; ou também podem ser informantes da PM. No Estelita o termo se relacionava ao famoso *"cabueta"*, corruptela do termo alcaguete.

gerando um cuidado maior na circulação de informações referentes à insurgência. Durante as assembleias, por exemplo, foi-se acordado que era terminantemente proibido filmar ou fotografar. Aconteceu um caso de um “espião” que abriu até mesmo conta em um banco para receber doações direcionadas ao MOE.

A revolução não será televisionada, bem sabemos, pois “Nos mijam e os jornais dizem: chove” (GALEANO, 2008, p. 40). Muito do que foi relatado aqui não foi veiculado na nas grandes mídias durante o período do Ocupe Estelita, na verdade, quase nada, pois os poderosos do Recife tinham medo de fortalecer ainda mais a nossa luta. Os meios de comunicação silenciaram-se diante de tudo aquilo que estava acontecendo nos terrenos do cais, pois eram custeados pelas grandes empresas do Consórcio Novo Recife. A maioria da informação relativa ao que acontecia no Estelita era direcionada às redes sociais, tentando alcançar o máximo de compartilhamentos em nossas postagens.

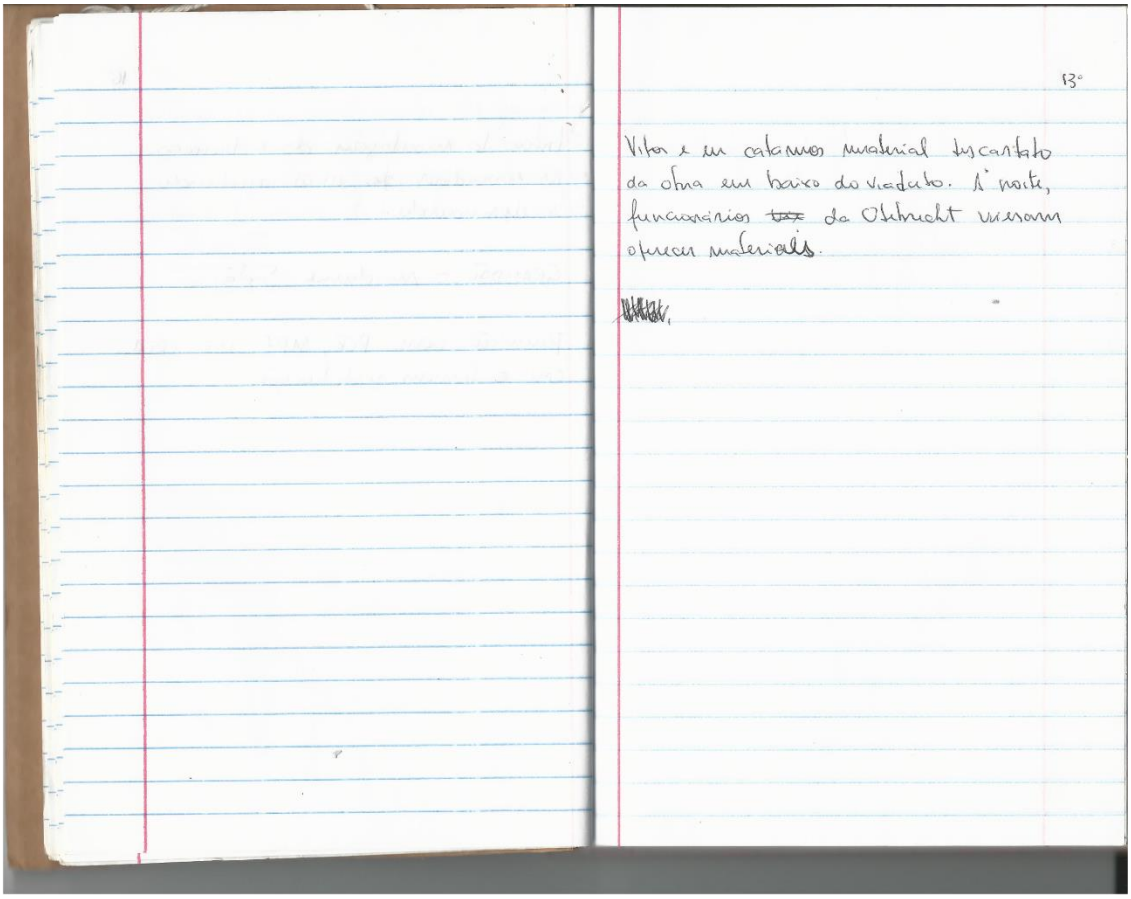
Uma placa colocada logo na entrada da ocupação deixava claras as nossas intenções: “O cais é do povo como o céu é do condor”. A frase, no entanto, é uma adaptação do poema clássico de Castro Alves “O Povo ao Poder”. O poema surge como um retrato de uma etapa da vida dos povos, e também um fator de destaque nas lutas cívicas do século XXI. Os protestos de rua fazem parte da vida dos povos, de sua ação construtiva e criativa, em que o povo constrói e administra solidariamente com suas próprias mãos pequenas instâncias de poder; são decisivas para que se obtenha a vitória.

Um levante emblemático pode se transportar para outro território e outro tempo, ou se reproduzir no mesmo lugar e tomar sua vez num processo em curso. As intervenções urbanas dessa natureza podem criar desenhos, performances, interferências, imagens, instalações, fraturas ou cortes físicos em pequena ou grande escala nos espaços da cidade. Através da participação direta ou indireta de um público, elas produzem ‘cut-ups comportamentais’ que estabelecem outras perspectivas e caminhos para modificar os fluxos e fugir de condutas condicionadas (RIOS, 2015).

Na ocupação se podia sentir a brisa fazendo festa nas axilas. Um silêncio pungente durante a madrugada que, por vezes, era cortado apenas por um canto de

cigarra. E o ruído de um ônibus varando como um desvairado na Avenida Engenheiro José Estelita. Uma coisa que a gente ia percebendo era de como aquele lugar acolhia, o Ocupe Estelita acabava sendo acolhedor…

Figura 28 - Diário de Juma durante a ocupação.



Fonte: Acervo pessoal de Juma

2.3.2 “Sangue jorra no cais”

“12 torres no Cais/12 torres a mais

Erro das estatais/sangue jorra no Cais

A lama que trama a fama dos cartões postais/

O drama que banca a fome desses animais

O novo pro velho Recife e seus ancestrais/

Corais que se quebram e choram a beira dos cais

12 torres no Cais/12 torres a mais

Erro das estatais/sangue jorra no Cais”

Letra da música “Sangue no Cais”, Criolo

Senti o grito preso na garganta, minha voz a soluçar e as lágrimas a escorrer enquanto ao redor ouviam-se os estrondos de bombas de efeito moral explodindo em diversos pontos e o odor excruciante do gás lacrimogêneo contaminava o ar. O spray de pimenta fazia os olhos e a pele arderem; pessoas correndo em diversas direções para tentar se proteger de alguma maneira dos ataques deferidos, um cheiro forte de vinagre somava-se ao de desespero e fúria que exalavam os resistentes. Um gosto salgado das lágrimas que saíam dos olhos, ainda marejados de ódio, e iam deslizando pelo rosto até alcançarem a boca. FILHOS DA PUTA! Gritei até sentir a garganta arranhar.

Eram seis e quarenta e cinco da manhã ou em torno disso, lembro de ter sido acordado pela vibração do celular embaixo do travesseiro, tateei, ainda com os olhos fechados, à procura do aparelho. Atendi o celular e uma voz preocupada chamava meu nome e perguntava se eu estava na ocupação naquele momento, demorei para reconhecer a voz da minha amiga. Luciana fez a pergunta novamente e pude perceber

o tom de alerta em sua voz. Perguntei o que havia acontecido e ela me relatou que a reintegração de posse estava acontecendo de forma violenta e que várias pessoas se concentravam na região do cais. Despertei imediatamente ao receber aquela informação, saltei da cama, me despedi de Luciana e fui correndo para o banheiro para tomar banho e ir em direção à ocupação. Uma palavra na conversa com Luciana martelava a minha mente: Cuidado!

Seguido pelo olhar de desespero e preocupação dos meus pais, fechei a porta da casa sem hesitar e fui em direção à parada de ônibus. A viagem pareceu uma eternidade diante da minha ansiedade em chegar na ocupação. No caminho, tentei entrar em contato com alguém do Estelita, infelizmente não consegui, o que aumentou ainda mais a minha angústia. Depois de um trajeto de dois ônibus lotados, cercado por diversas pessoas, ocupadas demais com seus problemas diários para se preocupar com o que estava acontecendo no Cais, ou mesmo pensando sobre o jogo do Brasil que aconteceria naquele dia, discutindo táticas e fazendo “bolões” para o jogo. Afinal estávamos sediando a Copa do Mundo e somos o famigerado “País do Futebol”. O pão e circo criado como forma de controle da população. O que, por sinal, foi uma estratégia muito bem utilizada pelo Estado para nos atacar, pois acreditavam que o Ocupe estaria mais esvaziado nesse dia e os jornais estariam direcionando suas notícias para o jogo de futebol. De fato, estavam corretos.

O dia em que ocorreu a reintegração de posse do Cais José Estelita foi um dos dias em que a ocupação estava mais vazia. “Foi o dia que todo mundo dormiu em casa”, nos lembra Vitor. Os corpos estelitenses, assim, também são passíveis de cansaço diante do longo tempo que já se arrastava a ocupação, quase um mês, bem como o estresse diário a que estávamos submetidos. Tínhamos que lidar com diversas situações que ocorriam na ocupação – desacordos políticos, obrigações e decisões diárias, mas também situações de violência –, da mesma forma, havia a necessidade iminente de retornarmos às nossas demandas habituais. Para algumas pessoas que estavam fora do Estelita podia não parecer, afinal nos chamavam de “bando de desocupados” e “vagabundos”, mas, para além da rotina da ocupação, tínhamos nossos próprios encargos em nossas casas. Nesse período do Ocupe as doações que recebíamos iam diminuindo cada dia mais e, por mais que se pensasse em alternativas para criarmos nossos próprios insumos, estávamos longe de conseguir arcar com nossas necessidades básicas.

Chegando na ocupação, fui me somando ao tumulto de pessoas que se encontrava na entrada do cais, ali na rua que fica entre o viaduto e o terreno, vozes e mais vozes iam se somando na medida em que me aproximava. Tentei me atualizar da situação na medida do possível, minha garganta estava seca, a raiva dominando as minhas veias fazia o meu sangue ferver de indignação.

Ludermir (2018) nos conta de sua experiência durante a ocupação, nos deixando a par dos detalhes da reintegração:

> *"No momento em que cheguei, por volta das 6h da manhã, o conflito ainda não tinha enveredado para violência física.Os manifestantes haviam transferido suas barracas para a cima dos trilhos do trem, compondo a trincheira. O político do Psol, Edilson Silva, encontrava-se no meio, entre a cavalaria e os ocupantes, tentando fazer uma mediação que, ao lançar da primeira bomba de efeito moral, se mostrou insuficiente. Liguei a câmera e, a partir de então, filmei cada trecho da barbárie que foi a reintegração de posse" (LUDERMIR, 2018).*

As barracas da ocupação foram dispostas nos trilhos pois os ocupantes acreditavam que assim conseguiriam impedir a reintegração por completo e se manter no Cais. Como nos lembra Daniel em entrevista:

> *"...tinha essa conversa de que eles não podiam tirar a gente dos trilhos porque são da União. Aí tinha muito isso também, a gente tava ocupando a parte privada e o nosso conselho sempre era esse: se vier a reintegração de posse, vier polícia, corram pros trilhos. Porque o trilho é da união. Pela lei eles não podiam tirar a gente dos trilhos…"*

Infelizmente, a polícia militar parecia não levar em consideração essa informação que havíamos recebido. O autoritarismo não se detém nem mesmo diante da lei.

Angelina Maravilha[30], uma das ocupantes do cais, no entanto, nos relata que a reintegração de posse foi “a cena mais medieval que já vi”. A cavalaria do batalhão de choque avançava e, montados em seus impetuosos cavalos, com espadas empunhadas em mãos, iam à caça dos estelitenses, verdadeiros bárbaros a mando do Estado na mais pura demonstração de violência e autoritarismo dos governantes. A truculência que se sucedeu é, talvez, incompreensível para aqueles que não estavam presentes.

Mais adiante, Ludermir vai nos relatar com uma maior intensidade nas palavras os atos violentos que se sucederam na reintegração de posse, uma vez que a polícia intensificou a repressão.

> *“Na porta de entrada registrei um ocupante negro que gritava “isso é governo? Isso é governo? Acha isso certo?”. Me aproximei do conflito, ainda com a câmera ligada, quando um policial jogou em minha direção mais outra bomba. Do meu registro, escuto as pessoas ao meu lado gritarem: “Eles estão jogando bomba na gente!” e outras 30 pessoas, agrupadas, gritarem o grito de ordem dos movimentos de ocupação: “Ocupar, resistir” com uma força que eu nunca tinha ouvido, por diversas vezes. Reagrupados, ouvimos outra voz gritar: “estamos aqui pacificamente para, logo em seguida, ouvirmos mais uma sequência de explosões de bombas, jogadas em nossa direção pelo batalhão de choque, dessa vez, de gás lacrimogêneo, fazendo nossos olhos queimarem. Entre gritos de “protejam os olhos” e “não dispersa”, escutamos na filmagens, gritos de dor e horror. Os policiais, sem cessar as bombas, começaram a atirar com balas de borracha. O barulho das bombas, cada vez mais perto de nós, era assustador e ensurdecedor.*
>
> *Com a câmera na mão, corro, deixando a imagem tremer bruscamente. E grito a plenos pulmões: “Terroristas! Terrorismo de Estado”. Ao meu lado, um grupo de pessoas puxa um coro de “Governo fascista, polícia terrorista”, enquanto o*

[30] O nome real da entrevistada foi modificado, a pedido da mesma, para o codinome que utilizava nos tempos da ocupação.

> *batalhão de choque, com escudos empunhados, empurra os ocupantes para fora. Alguns deles usam spray de pimenta em direção às pessoas" (LUDERMIR, 2018)*

Aquele realmente parecia o *Dia D* do Estelita e sabíamos desde o início que estar naquele espaço da ocupação era propor, como Bergman em o Sétimo Selo, um jogo de xadrez com a morte do qual não poderíamos ganhar, mas, apesar disso, não iríamos desistir. Jogaríamos até o fim.

O local da ocupação parecia um cenário de guerra, a maioria das barracas foi pisoteada ou rasgada com o intuito de impedir de todas as formas que os ocupantes retornassem ao local. Os pertences dos ocupantes foram despejados do lado de fora em um caminhão. Jamais tive notícia das coisas que estavam em minha barraca. Enxadas e utensílios de cozinha foram chamados de "armas brancas" pelo Batalhão de Choque e fomos impedidos de reavê-los. Os advogados que apoiavam o Ocupe foram impedidos de entrar no local, algumas vezes a pauladas, e até mesmo uma mulher grávida foi sofreu ataques da polícia militar. Algumas pessoas da ocupação foram presas, ainda que não estivessem reagindo à truculência da polícia. Porém, mesmo que já tivéssemos saído de dentro do cais, a repressão do Choque não parou por aí.

Aconteceram diversos outros momentos de violência no dia da reintegração, ainda que não estivéssemos mais dentro do terreno. A polícia queria claramente nos intimidar e nos afastar de forma permanente da região do Cais José Estelita. Novos tiros e bombas de gás lacrimogêneo foram lançados em nós. Os *black blocs*[31] iam tomando à frente da resistência, lançando aquilo que estivesse ao alcance de suas mãos.

"Não acabou, tem que acabar. Eu quero o fim da polícia militar", era um dos cantos entoados por aqueles que estavam resistindo. O spray de pimenta tomava conta do ambiente e fazia nossos olhos e pele arderem. Perdia-se o ar ao respirar o gás lacrimogênio e o desespero de ficar sem ar apenas piorava os sintomas. As

[31] *Black blocs* são pessoas mascaradas e geralmente vestidas de preto, em sua maioria anarquistas, que utilizam táticas de ação direta para protestar em manifestações de rua. As roupas e máscaras pretas - que dão nome à tática e, por extensão, também aos grupos que dela se utilizam - tanto visam proteger a integridade física dos indivíduos quanto garantir seu anonimato, caracterizando-os, em conjunto, apenas como um único e imenso bloco.

ferramentas do Estado de controle da população são cruéis e desumanas. “QUE VERGONHAAAA!!!!!”, ouço a voz de uma amiga gritar próximo a mim.

Um grupo de pessoas foi sendo colocado no canto de uma parede. Nos abraçamos acreditando que não iriam nos atacar por não estarmos reagindo com violência, mas nos protegendo dos ataques desferidos. “Pow, Pow, Pow...”. Bum! Bum! A polícia mirou em nossos corpos frágeis com tiros e bombas de efeito moral. Fui ferido. Saí mancando sem conseguir abrir os olhos pela quantidade de spray de pimenta que havia recebido. Desesperado, tentei ir em direção à Avenida Engenheiro José Estelita, atravessando em meio àquele caos. Ouviam-se ao meu redor sons de buzinas, barulhos de motores, pneus derrapando e gritos de ocupantes ainda resistindo. Em meio ao meu desespero, senti o braço de um amigo se envolver em meu corpo e me guiar para o outro lado da rua, pedindo-me calma.

O Batalhão de Choque ia tentando silenciar nossos gritos de resistência, mas, infelizmente para eles, o número de insurgentes apenas aumentava na medida em que éramos atacados pelo Choque. Assim como a Hidra de Lerna, serpente mitológica dos gregos, a cada cabeça que teimavam em cortar, duas renasciam em seu lugar. Éramos um sem número de pessoas resistindo, ocupando. Por mais que tentassem nos dispersar, a quantidade de apoiadores só fazia aumentar cada vez mais. Bombas, tiros de bala de borracha e spray de pimenta não eram suficientes para nos fazer recuar.

“Eu nunca senti tanto medo na minha vida”, confessei para Juliana, uma amiga da faculdade que também ocupava o cais desde o início e estava presente no dia da reintegração de posse. Entretanto, apesar de sentir o maior medo que já senti em toda a minha vida, a ponto de fazer as minhas pernas bambearem, permaneci em minha resistência junto daqueles que se dispuseram a sustentar a luta. Naquele momento, as emoções e sentimentos eram díspares.

Emoções são uma complexa execução de ações, pontua o neurocientista António Damásio (2011) e algumas dessas ações são, na verdade, movimentos, como aqueles que conseguimos fazer ao se expressar medo, por exemplo. Ou mesmo movimentos que são internos, que acontecem em nosso coração ou no nosso estômago. Emoções consistem em alterações muito bem orquestradas em nosso

corpo e que são modificadas através de nossas experiências. O sentimento, no entanto, é um retrato do que está acontecendo no organismo quando se está tendo uma emoção (DAMÁSIO, 2011). Estamos constantemente reagindo ao mundo e, caso ocorram ameaças, são as emoções que nos alertarão, e, até mesmo antes de ser alertado por essa ameaça, seremos colocados em circunstâncias que nos farão permanecer, congelar ou correr em determinadas situações (DAMÁSIO, 2011).

Permanecemos em nossa luta. As pausas do Batalhão de Choque eram alternadas com os sons dos instrumentos improvisados criados por Marcelo Campello e sua "estética gambiarrística"[32], como o próprio criador do instrumento chama. Como o som de trombetas convocando todas e todos a se prepararem para a batalha, assim como nos instigando a permanecer na luta. Cheguei a trocar a camisa que cobria meu rosto com uma amiga para ludibriar as câmeras e o controle policial. Impressionante as táticas (CERTEAU, 1994) de guerrilha que criamos para subverter os dispositivos de poder.

O desabafo por Roger de Renor sobre o dia da reintegração de posse enfatiza ainda mais truculência com que agiram os policiais do Batalhão de Choque:

> *"Hoje no final da tarde quando o choque mais uma vez encurralou os manifestantes atirando bombas de gás e balas de borracha entre torcedores que desciam dos ônibus confusos, manifestantes pacíficos, black blocks, carros engarrafados, fotógrafos, etc. foi um corre e um pânico geral. Corremos nos protegendo por entre os carros e o choque vinha da praça do Cabanga e do Prédio de tratamento de Esgotos, perto do Bar Estelita, na dispersão eu, o fotógrafo Marcelo Lyra e Rodrigo Coutinho, Produtor e Assessor de imprensa da secretaria de Cultura do estado na primeira gestão de Eduardo Campos, junto com mais três amigos e companheiras nos encontramos na ponte sentido Pina, tomamos um gole de água e quando combinamos de não voltar e seguir em direção à praia vimos alguém gritar e mostrar que o micro do choque vinha pela outra ponte do shopping. Umas quinze pessoas que estavam na ponte correram em direção ao Clube Líbano, eu e mais alguns pegamos a Brasília Teimosa por trás do DNER, mas os meninos com suas companheiras conseguiram também chegar na cabeceira da ponte mas como estavam na faixa do Líbano e o choque*

[32] https://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cultura/musica/noticia/2016/10/04/marcelo-campello-arte-de-urgencia-e-acessibilidade-musical-255370.php

já vinha entrando a pé na ponte, entraram no restaurante Bargaço para se refugiar, pois todos imaginamos que seria uma possível "varredura" na ponte em busca de black blocks ou manifestantes violentos. As meninas entraram numa sala de relax feminino e conseguiram ficar escondidas. Os dois, Marcelo e Rodrigo, foram dedurados pelos seguranças do lugar, como nos tempos dos inimigos do governo, e pasmem, nada de perdir documentos ou deter para averiguação, delegacia, nada. De acordo como me relatou a poucos minutos por telefone, do hospital onde foi costurar sua cabeça e fazer tomografia, antes mesmo de terminar de dizer que estava fugindo do tumulto e do pânico, Marcelo Lyra levou um tapa na cara do policial do choque que já empurrou os dois a socos e cassetetes para um corredor polonês[33], isso mesmo que você ouviu, corredor polonês, formado apenas para expulsá-los do lugar em que se refugiavam do pânico da rua. Sem detenção e nem conversa, só uma lição, como nos velhos tempos. Uma lição de violência e covardia e de memória. De uma memória que infelizmente pensávamos que estava bem guardada nos antigos arquivos do Dops. Os dois já estão bem, mas ficaram machucados sim e mais arrasados que nós, estão saindo agora do Hospital onde fizeram seus pontos, exames e curativos e estão indo engrossar no IML a vergonhosa fila de pessoas feridas hoje pela violência policial através do descaso do estado da qual a Anistia Internacional já pediu oficialmente investigação. Nunca tive tanta vergonha e tristeza do meu estado e de minha cidade, hoje assumidamente gerenciada por um consórcio de empreiteiras.

Roger de Renor

Recife, 17 de junho de 2014"

[33] Corredor polonês é o nome popular dado a uma passagem estreita formada por duas fileiras de pessoas alinhadas lado a lado, todas voltadas para o centro. O objetivo é maltratar, seja com pancadas ou com o uso de porretes ou arma branca, quem é forçado a cruzar a passagem, como forma de represália a alguém que se posiciona contrário a certo ideal ou pessoa.

Figura 29 - Panfleto com o depoimento de Roger de Renor sobre a reintegração de posse, distribuído alguns dias depois do ocorrido, Ocupe Estelita, 2014. Autoria: Livrinho de papel finíssimo editora.

Fonte: Arquivo pessoal de Juma

Eu afirmo que agora nos resta essa cólera em face da injustiça, esse constante esforço para caminhar, esse eterno levantar-se depois de cada queda. Nos resta essa busca de equilíbrio no fio da navalha e essa terrível coragem diante do grande medo (MORAES, 2004). Muitos me perguntam o que sustenta um rebelde diante da violência, deixo que o relato completo de Silas Veloso (GONZAGA, 2014) seja o meu porta voz:

“O ocupe Estelita surgiu há dois anos, e nunca em sua pequena história como movimento social pode-se imaginar que as vozes dos ocupantes chegariam tão longe assim.

Mais que uma ocupação, nossas vivências e experiências mostraram ao Recife e ao mundo uma nova proposta de se pensar a cidade e de se fazer sociedade. A vila Estelita montada com estruturas de lonas, ferros, madeiras e fios, resistiu e ainda resiste com a ajuda de doações e forças que brotam da solidariedade e da indignação do que vive no interior dos cidadãos Recifenses e dos cidadãos de todo o Brasil. Indignação que muitas vezes é confundida com “vandalismo”. Ou por outro lado não é manifestada de forma alguma.

Aqui onde O morador do Coque torna-se protagonista junto com o movimento estudantil, com as frentes alternativas de combate ao “palanquismo político”, com o anarquista e o comunista, com o ateu e o deísta, com o pequeno burguês e o proletário.

Aqui, nesse solo, por entre essas barracas que restaram do bombardeio da polícia, vivemos experiências e sensações que talvez, nenhuma aula dentro da mais sofisticada Universidade do mundo poderia nos proporcionar.

Nossas histórias, nossas condições de vida, nossas desigualdades, nossas ideias e livros que lemos, aqui, quando estamos juntos, se resumem na esperança ardente de não permitirmos que a especulação mobiliária tome conta de nossa cidade. A pauta do Estelita não consegue na prática se ater apenas as empreiteiras. Quem aqui vive, consegue se sentir realmente vetado por não ter no mínimo a chance de acesso aos problemas sociais que afetam nossas vidas cotidianamente. Aqui se discute política, machismo, homofobia, racismo, papel da universidade em relação aos problemas sociais e etc.. Morar na Estelita é realmente se sentir parte da ferida que vem tentando matar o Recife por muito tempo. Também somos parte do odor, da falência do Rio Capibaribe, somos parte do transtorno na Conde da boa Vista, somos os sonhos perdidos dentro do Coque, Coelhos, Brasília Teimosa. Somos o trânsito congestionado em horário de trabalho. Somos parte dessa gente que se misturou e se mistura até hoje em meio a toda essa maquiagem por cima de maquiagem. Como disse Samara Maria: “a máscara, da máscara, da máscara, da máscara, da máscara...”

E é quando me dou conta que sou parte desse todo que tentam me convencer de que não existe e que é surdo e mudo, que consigo me sentir Brasileiro, que consigo me sentir Recifense. Que consigo entender que o problema nunca esteve na miscigenação, no fato de existir tantas raças em uma nação, o problema sempre foi a má administração do que temos e somos enquanto Brasileiros. Da falta de compromisso com a história do índio e do negro. A tese do

branqueamento não iria nos levar a lugar algum. E até levaria... Se de fato conseguissem fazer com que todos os Brasileiros se tornassem brancos. Pois aqui ainda existe o fato de que brancos ainda vivem em vantagens. E os negros que procuram espaço nos meios sociais são induzidos a abraçar o modo "branco" de se viver. Não falo do branco-cor, mas do branco opressor, do branco que dominou e domina o Brasil desde o começo de nossa história.

A sociedade, que em alguns momentos parece ser a incrível arte de organizar a vida e as relações humanas, torna-se piada diante dos meus olhos. Olhos que viram muito pouco. Mas que me fazem perceber que, enquanto seres humanos, estamos todo o tempo em busca do poder, de conquistar "o poder" . Poder para o povo, poder para mim, poder para minha família, poder para o meu grupo de trabalho, poder para o meu partido, poder para tudo o que faça prosperar e ser posto em prática aquilo em que eu acredito. Desde cedo à escola e nossas primeiras experiências com a educação nos fazem refletir sobre isso, sobre esse poder, sobre esse ter. Não critico o poder, mas crítico a atual forma de se fazer poder no contexto político. A atual forma de se fazer "poder" que levam diversos indivíduos acreditarem que existe uma lei natural no meio social, em que uns têm e outros não. Em que uns podem e outros não.

Não seria essa forma de se exercer o poder algo de natureza desonesta? Os Estelitenses mostraram e mostram que a polícia não faz segurança de ninguém, que a constituição é uma verdadeira piada, que "o poder" está nas mãos de poucos, e que o pobre, preto, sem muitos diplomas na mão que tente driblar, ou refutar o poder, acaba dialogando com a bala de borracha e com a opressão policial, que tratou diversos Estelitenses como verdadeiros objetos de tortura ou sacos de pancada. (puxão de cabelo, ameaça de agressão, pancada na cabeça levando ao desmaio, gás lacrimogêneo no rosto de quem sofre de asma, cavalos no meio de pessoas caídas no chão) isso foi o mínimo que consegui presenciar com o pânico que eles tentavam colocar sobre nós. Os Estelitenses foram espancados justamente por resistirem à tentativa da prefeitura do Recife e do Governo do Estado de mandar um batalhão de Choque da polícia militar para nos retirar através da violência sem ao menos nos dar uma resposta significativa diante do que estávamos protestando. Nos contrapomos ao poder, Nos contrapomos à violência legítima do Estado. Aquela que bate, espanca, prende e tortura sem ao menos conhecer o seu nome, ou considerar que por trás do corpo que está sendo espancado existe uma história". (GONZAGA, 2014)

Lembro com bastante clareza do dia que se seguiu à reintegração de posse. Diversas pessoas se juntaram para arrumar o novo “acampamento” embaixo do Viaduto Capitão Temudo, as reparações e consertos de tudo o que foi destruído pareciam não ter fim. Restava a nós juntar os pedaços e, assim, nos reerguer. Contudo, uma lembrança me vem mais intensamente à memória. As crianças das comunidades vizinhas que estavam sempre conosco na ocupação foram juntando os cacos, restos da nossa antiga morada, e construíram para si armaduras, reencenando os conflitos do dia anterior de forma cômica.

Diante de nossas angústias e dúvidas, temores e conflitos, fomos dominados pelo riso. Todos se renderam às gargalhadas ao nos depararmos com aquela encenação. A ironia e o riso, mais uma vez, aquecendo os nossos corações durante a ocupação.

Ocupar e resistir! Sempre!

3 LIVRETO II: OUTROS ESPAÇOS E TEMPOS

3.1 OCUPE ESTELITA: UMA HETEROTOPIA

“Nunca estou onde estou /

fogem-me abraços, harmonias e desalinhos”

Alexandre Marino, A Cidade Sonhada, 2013.

Durante a ocupação, enquanto ainda estávamos nos terrenos do cais, tínhamos problemas constantes em conseguir água para tomar banho ou utilizar em alguma necessidade diária, a ponto de nos chamarem de “os sujos”, afirmando que fedíamos. Isso ainda no início da ocupação, quando tudo estava sendo construído aos poucos

Devo admitir que, sim, fedíamos, em um ou outro momento (principalmente no início da ocupação), mas imagino que quem nos deu essa alcunha em um *post* do grupo Direitos Urbanos não chegou a viver a emergência e precariedade em um contexto de ocupação. Diversos baldes eram carregados para cima e para baixo no início do Ocupe, uma tarefa sem fim que deixava nossos corpos esgotados, pois sempre se necessitava de água para algum serviço, principalmente para lavar os pratos. Isto quando se tinha água o suficiente.

A maior parte da água servia para encher a caixa d’água da cozinha, improvisada com um tonel de plástico doado por algum dos vários simpatizantes ao movimento que foram se chegando com o tempo e nossa resistência, e que enxergavam o propósito de nossa luta. Porém, também precisávamos de água para tomar banho, lavar materiais após usá-los, etc. É fácil imaginar a rotina fatigante de um local em que a empresa de tratamento de água não alcança. A água é o elemento fundante da vida, certa vez ouvi falar.

Pois bem, realmente fedíamos e estávamos constantemente sujos, exauridos depois de um dia de tarefas na ocupação (bem que gostaria de conhecer um único

ser humano que, nessas condições, permanecesse limpo e cheiroso). E deve-se levar em consideração que ainda possuíamos certos privilégios de asseio que outras ocupações não dispunham, isso também pelo fato da maioria dos ocupantes do Estelita ser da classe média, dando maior visibilidade ao movimento, visto que essas pessoas tinham um maior acesso profissionais de cargos elevados em diversas áreas.

Capinávamos quase o dia inteiro. As ervas daninhas se alastravam por todo o terreno da ocupação, mais rapidamente do que conseguíamos exterminá-las. Era necessário que o terreno estivesse minimamente preparado para que pudéssemos viver com alguma dignidade naquele ambiente. Subíamos e descíamos num construir de estruturas que parecia realmente interminável. A todo momento estávamos reorganizando ou adaptando algo para que se moldasse às nossas necessidades. A ocupação se refazia e se modificava todos os dias, sempre se adequando às nossas conveniências.

Ademais, a ocupação ia se erguendo como uma cidade dentro da própria cidade do Recife, um microcosmo ou mesmo uma heterotopia. Sim, uma heterotopia nos moldes dos postulados de Michel Foucault, ditos ainda no final da década de 1960.

O conceito das heterotopias foi difundido recentemente nos estudos foucaultianos, contudo não se torna menor o desafio de explorar esse conceito definido por Foucault já na década de 60, mas que só tornou-se realmente objeto de estudo apenas após a sua morte.

Entendemos que para o pensador francês, o mundo se tornou uma extensa trama de relações entre diversos pontos (o distante e o próximo, o lado-a-lado, o disperso etc.). A justaposição, o simultâneo, o paralelo e o disperso são aspectos que se consolidam a partir desse entrecruzamento, dessa trama de relações, dessa reorganização do espaço em que tecemos nossas experiências e nos reconhecemos, esse espaço que também possui sua história, seu tempo (KLEAIM, 2011).

É necessário, no entanto, que nos situemos acerca dos conceitos de utopia e heterotopia de que trata Foucault, dessa maneira podemos seguir com nossa

trajetória. O filósofo francês propõe haver dois tipos de posicionamentos[34] que possuem a propriedade de estarem em relação com outros espaços suspendendo, neutralizando ou invertendo o conjunto de relações que os definem. Segundo KLEAIM (2011), o primeiro posicionamento do qual Foucault trata seriam as utopias, espaços que possuem analogia direta ou inversa com aquele lugar que torna a sociedade perfeita. As utopias tratam-se de espaços abstratos, irreais, que nunca existiram, mas que todos se sentem ligados a eles e que o procuram enquanto vivenciam os espaços concretos. Fugas e vontades de distanciamento do mal estar cotidiano. Utopias são o lugar sem lugar, o lugar perfeito. Dessa maneira, os espaços utópicos são irrealizáveis, pois são marcados pelas suas impossibilidades. Os espaços utópicos são espaços idealizados de uma sociedade perfeita. Esses espaços irreais se encontram numa relação análoga direta ou inversa da realidade. No ensaio "O corpo utópico" Foucault assim afirma as utopias:

> *"um lugar fora de todos os lugares, mas um lugar onde eu teria um corpo sem corpo, um corpo que seria belo, límpido, transparente, luminoso, veloz, colossal na sua potência, infinito na sua duração, solto, invisível, protegido, sempre transfigurado; pode bem ser que a utopia primeira, a mais inextirpável no coração dos homens, consista precisamente na utopia de um corpo incorporal" (FOUCAULT, 2013, p. 8)*

A utopia seria então necessariamente composta por uma série de referências abstratas daquilo que o mundo deveria ser. Seria o mundo dos contos de fadas e duendes que ouvimos em nossa infância; a beleza das histórias das mil e uma noites de Sherazade; a terra dos gênios da lâmpada maravilhosa de Aladdin. Um país de bruxas, sereias e de magia sem fim, onde habitam pessoas com poderes diversos e os corpos têm a capacidade de se transportar tão rápido quanto a luz, ou têm a capacidade de se tornar invisível quando queira. Lugar em que feridas se curam num piscar de olhos com um unguento preparado por uma feiticeira, território governado por imortais.

---

[34] A palavra vem do termo em francês *emplacement,* que pode ser traduzido como localização, posição, lugar, posicionamento. Seguimos com o termo "posicionamento" utilizado por Kleaim (2011).

Porém, a utopia também se apresenta por esse desejo indomável de uma cidade perfeita e que atenda a todas as nossas necessidades; uma cidade em que se ultrapassem todas as barreiras das diferenças ideológicas e sociais. Uma utopia é, desse modo, cheia de sonhos, ideias e possibilidades de novos modos de existência e estilos de vida, ou seja, de formas de subjetividade. Trata-se de uma paisagem composta por um horizonte que alcança o infinito, esboçado em diversas matizes de cor.

Eduardo Galeano (1994) já apontava para que serve a utopia: “para que eu não deixe de caminhar”. A utopia está lá no horizonte e ainda que eu caminhe dez passos, ela se afasta dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais a alcançarei, mas sou aquele que cultiva a utopia. Por isso eu a quero, quero tudo e mais, pois já dizia Mário Quintana (2009):

> *“Se as coisas são inatingíveis... ora!*
>
> *Não é motivo para não querê-las...*
>
> *Que tristes os caminhos, se não fora*
>
> *A presença distante das estrelas!”*
>
> *(QUINTANA, 2009, p. 36)*

Além das utopias, Foucault também acredita que possam existir “espaços outros” (em qualquer cultura) que são reais, têm relação direta com o tempo do vivido ao nosso redor, e que simultaneamente são irreais por conta de sua possível virtualidade[35]. Esses espaços teriam a capacidade de serem localizáveis, mas ao mesmo tempo de nos situarem fora de todos os lugares. Essas formas de *contraposicionamentos* seriam as heterotopias, o segundo posicionamento proposto pelo filósofo.

[35] Estes são os espaços das alteridades, que não estão nem aqui nem lá, que são simultaneamente físicos e mentais, tais como o espaço do momento em que alguém se vê ao espelho, uma metáfora de dualidade e contradição. Utopia porque a imagem virtual que você vê nele não existe, mas é também uma heterotopia porque o espelho é um verdadeiro objeto que forma o modo que você se relaciona à sua própria imagem.

As heterotopias seriam ‘’espécies de utopias efetivamente realizadas” ou “verdadeiras utopias localizadas, situadas” no espaço (DEFERT, 2013, p. 35); lugares que se opõem a outros, múltiplas representações conflitantes em uma mesma área, perfeitos de experiências justapostas, em suspenso, neutras ou, ainda, invertidas; espaços localizados na cultura, mas também representações ou contestações. Essas modalidades de posicionamentos teriam a característica de justapor diversos espaços, incompatíveis entre si que, embora efetivamente localizáveis, estariam fora de todos os lugares.

Nesse contexto, as heterotopias assumem o papel de uma espécie de contestação mítica e real do espaço em que vivemos. Sua função é de mostrar o quanto pode ser ilusório o espaço real que usufruímos, todos esses posicionamentos no interior dos quais a vida humana é compartimentalizada (FOUCAULT, 2013).

Fecho os olhos. Por um momento um ninho de serpentes coloridas e riscos de néon agitam-se no fundo das pálpebras, entrelaçadas. Posso ouvir o som alto da música fazendo vibrar o meu peito e arrepiar a minha pele; respiro profundamente enquanto uma gota de suor desliza pelo meu rosto, atravessando o nariz até chegar à minha boca, aberta para sentir o gosto de terra molhada do ar ao redor. Sinto a potência do vivido até o momento naqueles dias de ocupação. Ainda com os olhos fechados, alguém me abraça me fazendo abrir abruptamente os olhos, minhas retinas se dilatam para absorver a policromia de luzes vindas da mesa do DJ. “É isso! É isso!” ouço Vitor falar em voz alta, seu rosto próximo ao meu. E, sim, era isso. Esse momento, essa experiência, aquele espaço que contradizia tudo aquilo a que estávamos habituados. Essa era a cidade que queríamos! Todas aquelas luzes e sons, e também aquelas pessoas, aquela vivência.

Michel Foucault defende que essas heterotopias têm um lugar preciso e real, um lugar em que verdadeiramente se consegue situar no mapa; contudo, são utopias que têm um tempo determinado, e que podemos fixar e medir de acordo com o nosso calendário de todos os dias. A heterotopia é uma experiência, uma condição. Pode-se diluir três segundos depois e é bem provável que cada grupo humano, seja ele qual for, demarque, no espaço que ocupa, onde realmente vive, onde trabalha, lugares utópicos, e, no tempo em que se agita, *momentos ucrônicos*, recriação de uma história pela imaginação (FOUCAULT, 2013).

A heterotopia ou “espaço outro”, são para Foucault lugares reais que são delineados na própria instituição da sociedade, e que são espécies de “contra-posicionamentos” (FOUCAULT, 2013; RAGO, 2015), tendo em vista a multiplicidade de espaços que podem ser percebidos, abertos ou transformados num mesmo lugar, aqui e agora.

O espelho, o cemitério, o barco e também o jardim, por exemplo, são para a história da nossa sociedade lugares heterotópicos por excelência, assim afirma Foucault. O espelho é o lugar de onde me vejo, ele existe objetivamente, mas também é o lugar ao qual remete o virtual e desse mesmo local que retorno a mim. O espelho é o espaço em que vejo o meu corpo, “fantasma que só aparece na miragem dos espelhos e, ainda assim, de maneira fragmentária” (FOUCAULT, 2013, p. 11), pois o espelho onde não estou reflete o contexto onde estou. É no espelho que me constituo a partir de mim mesmo, a partir desse virtual. Assim, a virtualidade que retorna a mim também me constitui enquanto lugar que ali ocupo, vivo, descubro-me e me represento. É simultaneamente real e irreal, utópico e heterotópico (KLEAIM, 2011).

Na história de Lewis Carrol (2009), Alice, inconformada e cansada da vida banal que levava, se deslumbra com um mundo fantástico que ela encontra ao atravessar o espelho, desejando descobrir cada detalhe das maravilhas que poderiam acontecer naquela irrealidade. “Oh Kitty”, disse Alice para a sua gatinha, “como seria bom se pudéssemos atravessar para a Casa do Espelho! Tenho certeza de que nela, oh! há tantas coisas bonitas!” (CARROL, 2009, p. 164). Assim acredita Alice e inicia a sua jornada em busca de seu mundo fantasioso e, por consequência, utópico.

O espaço do Ocupe Estelita é, assim, um espaço outro, como esse mesmo espelho (vitrual e ilusório) descrito por Foucault e Alice, mas também é real, pois conta com diversos aparatos, datas programadas (período de vigência) e procedimentos bem elaborados no sentido de proporcionar a sensação, marcada pela ilusão, de que nele é possível pensar os desejos e os prazeres que não há no cotidiano (a possibilidade de se pensar outros modos de existência e estilos de vida).

Por conseguinte, as heterotopias assumem o papel de uma espécie de contestação mítica e real do espaço em que vivemos, no interior dos quais a vida humana é compartimentalizada.

Não podemos pensar o tempo e o espaço como vazios e homogêneos. Margareth Rago (2015) aponta que as utopias consolam, mas as heterotopias pensam o aqui e agora, então elas inquietam porque elas desestabilizam.

Da mesma forma, o Ocupe Estelita pensava os problemas reais e atuais da cidade do Recife. Ao discutir-se sobre a existência ou não das doze torres nos terrenos do cais, levantavam-se questões sobre o problema contemporâneo das moradias populares nos centros urbanos, os danos que esses monumentos causariam ao meio ambiente (em especial no mangue que existe nos arredores do cais). Criticava-se a formação de uma cidade feita para carros e não para pessoas, que cresce cada vez mais para cima, uma cidade que não pensa nas desigualdades existentes e que continua sem refletir sobre os impactos desse modelo de cidade. Assim, sendo as heterotopias lugares que se opõem a todos os outros, destinados, de certo modo, a apagar, neutralizar ou purificar esses lugares (Foucault, 2013), a ocupação do Estelita bem pode ser este lugar outro.

A heterotopologia seria a ciência que, segundo Foucault (2013), estudaria as heterotopias. Vejamos então os princípios básicos de funcionamento da heterotopologia. São eles:

1. As heterotopias se apresentam como elementos constantes em qualquer grupo humano. Dessa forma, não há, provavelmente, nenhuma sociedade que não constitua sua heterotopia ou suas heterotopias;

2. Tomam um funcionamento preciso e determinado na sociedade, mas podem mudar de acordo com o decorrer da história dessa sociedade. Seguindo por essa perspectiva, toda e qualquer sociedade pode perfeitamente diluir e fazer desaparecer uma heterotopia que constituíra outrora, ou mesmo organizar uma que não existisse ainda;

3. Em geral, as heterotopias justapõem vários espaços, que são em si próprios incompatíveis, em um só lugar real;

4. Ocorre que as heterotopias têm simetria como o que poderíamos chamar, se quisermos, de heterocronias, funcionam como uma ruptura absoluta com recortes singulares do tempo tradicional. É assim que, por vezes, a heterotopia

tende a acumulação de tempo, e outras vezes, a sua passagem fugaz num instante que imediatamente escoa.

5. Supõem sempre um sistema de abertura e fechamento que, ao mesmo tempo, as isola e as torna penetráveis em relação ao espaço circundante: ou se passa por uma via até chegar a outra obedecendo a obrigações ou submissões rituais; ou se tem a ilusão de que se penetrou algum lugar, mas que na verdade está excluído;

6. Possuem uma função de criar um espaço de ilusão ou de compensação como forma de denunciar o quão ilusório e limitante / limitado possa ser o espaço real que vivenciamos. É aí, sem dúvida, que encontramos o que de mais essencial existe nas heterotopias. Elas são a contestação de todos os outros espaços.

Nas heterotopias todos podem entrar, no entanto, uma vez que isso acontece, percebe-se que se trata de uma ilusão. A heterotopia é, como apontou Foucault (2013), como um livro aberto que tem, contudo, a particularidade de nos manter fora.

Os trabalhos da historiadora Margareth Rago (2015)[36] se propõem a atualizar essa teoria de Foucault. A historiadora aponta que esses "novíssimos" movimentos sociais[37], os quais ocorreram principalmente após a década de 1990, por possuírem um caráter crítico, bem como por propor uma outra ideia de cidade, seriam como novas heterotopias. Esses movimentos contemporâneos de retomada do espaço público, dos quais o Movimento Ocupe Estelita também se insere, são, assim, exemplos de atualizações da teoria de Foucault. Nas palavras da própria Rago:

> *"Nós temos visto no Brasil uma proliferação muito grande desses coletivos, desses grupos, desses movimentos que são críticos, que se colocam como heterotopias porque propõem uma outra cidade, propõem uma cidade filógina[38] [...]. São, então, movimentos que se colocam como lúdicos, feministas, poéticos, que tem uma criatividade, transversais [...], de uma moçada que busca alternativas, que luta por outros usos da cidade, como as bicicletas, e que defende um tempo livre, que ocupa o tempo livre de uma outra maneira que não é o lazer, de uma maneira criativa. E sobretudo integrando a arte, estetizando [...] e agora nós estamos vivendo uma juventude que pede o estético, que quer integrar a arte, não só fazer arte, mas integrar a arte na própria maneira de existir, na própria maneira de pensar, na própria maneira de construir outros modos de vida, de construir as suas heterotopias" (RAGO, 2015)*

As ocupações são como interferências poéticas. São formas cotidianas de retomada de exercícios autônomos que têm sido sequestrados pelas tecnologias de poder: a possibilidade de criar o espaço vivido, de alterá-lo, pertencer e integrar a uma

---

[36] Para conteúdo completo da palestra ver RAGO, L. M. Palestra em 24 de março de 2015 no X Seminário Internacional | Escola da Cidade: Tempo Livre na Cidade. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xYoQp9QbvI8&t=0s&index=13&list=PLXSINNcw7jUMrI0kqJ8d7y1QseVtVdNNu>

[37] O termo "novíssimos" movimentos sociais é utilizado por Salo de Carvalho. CARVALHO, Salo. Protestos, política e cultura. In: A toga: jornal dos estudantes da faculdade de direito da UFRGS. No 1. Ano LXVI. 2013. p. 4; CARVALHO, Salo. Contracultura e ativismo na web: os movimentos sociais, a "era das marchas" e a reinvenção da política. In: Direito e novas tecnologias da informação. Org: Rafael Santos de Oliveira. Curitiba: Íthala, 2015. p. 68. O termo faz referência, principalmente, aos movimentos posteriores à década de 1990 que iniciaram a fazer uso da internet para fins de ativismo. Sendo assim, o Occupy Wall Street também se enquadraria nessa categoria. Carvalho considera os movimentos LGBTQ's, movimento negro e movimento feminista como "novos" movimentos sociais, anteriores à era digital.

[38] Característica da pessoa que tem uma grande consideração ou estima por mulheres. Contrário de misógino.

localidade e potencializar a multiplicidade de interpretações e práticas de um lugar. Ao refletir sobre as heterotopias, Defert (2013) destaca que:

> *“Não refletem a estrutura social nem a da produção, não são um sistema sócio histórico nem uma ideologia, mas rupturas da vida ordinária, imaginários, representações polifônicas da vida, da morte, do amor, de Éros e Tánatos” (DEFERT, 2013, p. 38)*

São nessas brechas e fissuras dos contraespaços que as intervenções urbanas afirmam a potência da experiência, dos jogos imprevisíveis, do convite à criação de um território, para além da “cidade espetáculo” contemporânea.

Na constituição de circunstâncias e acontecimentos que fomentem lugares de troca de saberes e experiência na cidade, a memória eclode em oposição ao seu apagamento, planejado mediante as reformas urbanísticas de valorização do território e pelos projetos de gentrificação que deportam, violentamente ou sutilmente, populações de determinada localidade. Nesse sentido, a cidade é alvo de uma operação de amnésia, em decorrência da velocidade de transformações promovidas pela especulação imobiliária.

Essas amnésias, no entanto, são o terreno em que as ocupações fincam suas raízes. O Ocupe Estelita tornou-se um espaço de ativismo cultural. À vista disso, perseguir experiências do fazer artístico que atravessam a cidade é também questionar essas mesmas formas de estruturação da cidade contemporânea, fenômeno da autofagia que marca nosso desenvolvimento urbano e provoca instabilidades em nossas cidades.

Sou de acordo que a história dos poderes é também uma história dos espaços através do qual o poder se mostra, afinal “o espaço não é uma imensa página em branco onde se escreve, desde cerca de dois séculos, a metanarração do capital?” (DEFERT, 2013, p. 41).

O espaço, de fato, é o lugar privilegiado de como o poder opera, nos lembra Rios (2015) na esteira de Michel Foucault. A relação dos corpos no espaço, com o espaço e as concepções arquitetônicas que planejam usos e práticas são formas sutis (às vezes nem tanto) de exercícios de poder. Um corpo estacionado defronte à vitrine de uma loja, atraído por um produto minunciosamente alocado por um vitrinista; o círculo que se forma em torno do pregador religioso neopetencostal com seu paletó engomado, no centro da cidade do Recife (tal qual aqueles no entorno da Praça do Diário), agenciados por um palavra apresentada como divina. “Conhecerás a verdade e a verdade vos libertará!”, é o que proclamam aos espectadores e passantes. Os passos cronometrados ao atravessar uma via, ora autorizados pelo sinal verde, ora com o corpo em alerta diante do tom vermelho do semáforo. As escadas rolantes dos shopping centers, coordenadas e espalhadas para um maior trajeto diante dos produtos, caminhos atraentes para quem deseja mudar de pavimento e pensadas num tempo cronometrado para se demorar na vista; o espelho d’água que simultaneamente “embeleza” e blinda o Congresso Nacional. As salas de aula, os hospitais, as câmeras de vigilância, enfim, as tecnologias de poder. O poder se esparrama no espaço, exercitando, praticando e criando lugares com a participação dos corpos que legitimam (ou não) tais planejamentos.

Essas práticas dos contraespaços, que Foucault chama de heterotopias, são alguns dos desafios das ações de intervenção urbana, ou melhor dizendo, a proposição de outros espaços vivenciados em meio aos planejamentos urbanos. Para Foucault:

> *“Não se vive, não se morre, não se ama no retângulo de uma folha de papel. Vive-se, morre-se, ama-se em um espaço quadriculado, recortado, matizado, com zonas claras e sombras, diferenças de níveis, degraus de escada, vãos, relevos, regiões duras e outras quebradiças, penetráveis, porosas. Há regiões de passagem, ruas, trens, metrôs; há regiões fechadas do repouso e da moradia. Ora, entre todos esses lugares que se distinguem uns dos outros, há os que são destinados, de certo modo, a apagá-los, neutralizá-los ou purificá-los. São como que contraespaços. As crianças conhecem perfeitamente esses contraespaços, essas utopias localizadas. É o fundo do jardim, com certeza, é com certeza o celeiro, ou melhor ainda, a tenda de índios montada no celeiro, ou é então – na quinta-feira à tarde – a grande cama dos pais. É nesta grande cama que se descobre o oceano, pois nela se pode nadar entre as cobertas; depois essa*

> *grande cama é também o céu, pois se pode saltar sobre as molas; é a floresta, pois pode-se nela esconder-se." (FOUCAULT, 2013, p. 20)*

Nesse sentido, é também a ocupação esse contraespaço, o lugar de resistência daqueles que sonham com uma "Cidade para todos". Também é a ocupação uma "heteropia do desvio", lugar em que indivíduos de comportamentos avessos às normas exigidas pela sociedade se localizam. São locais onde a ociosidade foge a regra do lazer e da produtividade, onde o útil e o frívolo se confundem. As heterotopias possuem, em relação ao espaço restante, a função de criar um espaço de compensação próximo do perfeito e do meticuloso, tão estruturado e arrumado quanto o nosso é confuso, desorganizado e mal disposto.

A busca pelas heterotopias no espaço urbano pode se caracterizar como um exercício que integra a invenção e reinvenção dos espaços, em formas de poetização direta e cotidiana da cidade. É realmente a criação de novos territórios, de lugares fora do mapa, que eclodem, permanecem o tempo necessário e significativo aos seus construtores e praticantes. Espaços que promovem sociabilidades autônomas, em busca de diversidade e de autoconhecimentos fora do planejamento urbano, atravessados por experiências éticas, estéticas e políticas. A permanência e o desaparecimento como estratégias de insurgências, capazes de corporificar outros modos relacionais.

Os "ocupes" são os lugares em que reinam as "utopias piratas" (BEY, 2001), assentamentos onde se proliferam experiências comunitárias descentralizadas, frutos da decadência dos sistemas políticos. A TAZ de Hakim Bey (2001), ao construir espaços e práticas autônomas, questiona e deslegitima o Estado como estrutura necessária, o que pode acarretar uma situação de enfrentamento direto com o aparelho estatal, mas que é preparado mediante levantes e ações de enfrentamento e desaparecimento, em um movimento que dificulta as respostas repressivas por parte do Estado. As práticas intervencionistas atuam na surpresa da invisibilidade que, mediante uma ruptura poética, desequilibra um lugar para imediatamente migrar para um outro, que propõe outra narrativa, mas impede que ela torne-se absorvida e cotidiana.

As metrópoles contemporâneas são espelhos de uma forma de sociabilidade que dificulta as decisões autônomas dos praticantes de um lugar, na medida em que sua velocidade, fluxos, imaginário, espaço e a temporalidade sofrem infiltrações de um conceito urbanístico que transforma a cidade em aplicação financeira com potencial de lucratividade, ou seja, o urbano tem sido concebido para maximizar valor.

Carregado de qualidades, um espaço que talvez seja também povoado de fantasmas; o espaço de nossa percepção primeira, o de nossos devaneios, o de nossas paixões possuem neles mesmos qualidades que são como intrínsecas; é um espaço leve, etéreo, transparente, ou então é um espaço obscuro, pedregoso, embaraçado: é um espaço do alto, um espaço dos cumes, ou é, pelo contrário, um espaço de baixo, um espaço do limo, um espaço que pode ser corrente como a água viva, um espaço que pode ser fixo, imóvel como a pedra ou como o cristal (VALVERDE, 2007).

As heterotopias têm a função de deslocar-nos. Elas permitem o trânsito e a ocupação de espaços, até de prestígio, de sujeitos e personagens que não aparecem todos os dias ou que são excluídos dos lugares públicos no cotidiano. Trata-se de um lugar propício para a prevalência subjetividades, as quais destoam do padrão normativo da vida cotidiana e que são acolhidas na representação generosa que o clima da festa traz.

A “heterotopia da festa” é lugar onde o tempo se apresenta mais precariamente, mais fútil, mais imediato, mais crônico. Num contexto de ocupação, a festa e suas variações festivas cotidianas possuem a mesma característica da acumulação do tempo, justaposição de espaços distintos entre si e, ainda, apresentam o aspecto de compensar as mazelas do cotidiano, bem como de propor uma ilusão da alegria permanente.

Foucault trata do espaço de fora, da exterioridade, aquele em que vivemos. Importante ressaltar que tomamos o espaço público através da análise de seus valores, seus significados e suas formas; o resultado da interação entre diferentes atores sociais, objetos espaciais e significados.

As heterotopias são, assim, uma nova ferramenta analítica na qual se pode refletir a respeito de múltiplas representações sócio-espaciais conflitantes dentro de

um mesmo recorte espacial. Uma vez que tais representações não apresentem relações duradouras de dominância e que as espacialidades não procurem o reconhecimento político formal, pode- se afirmar que existe uma tendência à heterotopia em tal espaço público. (VALVERDE, 2007)

Um lugar dotado de diversas dinâmicas sociais que estimulariam a distorção, a inversão e a substituição da ordem proposta pelos grupos hegemônicos, assim seriam as heterotopias. Esse lugar não seria previsto por lei e nem controlado pelas normas públicas, se caracterizando pela irregularidade, informalidade, marginalidade e ilegalidade. Tal lugar existiria para compensar alguma deficiência, necessidade, interesse ou fraqueza da sociedade através da ação no espaço.

Não podemos esquecer que essa abordagem espacial foi apresentada pelo autor em meio ao contexto de ebulição social que dominava a França no período. Foucault apresenta a teoria da heterotopias um ano antes do maio de 68, período considerado por alguns estudiosos como uma reviravolta cultural no mundo contemporâneo ocidental. Após esse ano ocorreram diversas manifestações de reivindicação do espaço. Entre os diversos movimentos sociais que se faziam visíveis nessa época, havia um clamor geral por uma nova sociedade, da qual se esperava que a maneira de se atribuir valor às representações urbanas alcançassem mudanças significativas.

Nesse sentido, Foucault parecia acreditar que a transformação da sociedade Moderna não seria possível simplesmente através da troca de idéias realizada nos fóruns políticos pré-determinados, mas sim pela visibilidade que o espaço provia a demandas, necessidades e sentimentos que eram combatidos pelo Estado (VALVERDE, 2007; 2009). Entre as preocupações que marcaram o debate, os usos e significados do espaço ganhavam destaque, e não apenas como objetos secundários, mas sim como focos de um amplo questionamento da acessibilidade e das hierarquias sociais.

Nós estamos na época do simultâneo, na época da justaposição, na época do próximo e do distante, do lado a lado e do disperso. Valverde e Soja enxergam na idéia de heterotopia a possibilidade de se criar um novo mecanismo de avaliação das cidades, que se encontraria marcada pela pós-modernidade. Devemos

necessariamente mencionar primeiramente que tal idéia estaria relacionada a um espaço fechado, um prédio, uma sala ou um terreno cujo acesso fosse minimamente controlado. Tal espaço seria composto pela combinação de atores, de elementos físicos e imateriais.

Esse espaço não ganharia significado pelo controle estatal, mas sim pelas dinâmicas sociais que ali se desenvolvem. Nesse espaço fechado, indivíduos de características heterogêneas estariam afastados da sociedade, voluntária ou involuntariamente, sendo forçados a interagir. Dessa interação resultaria uma forma ritualizada de se produzir o espaço que estaria em oposição ao modelo utópico moderno, trazendo novos elementos para a esfera social (VALVERDE, 2007; 2009). Tais novos elementos, por sua vez, estariam ligados às necessidades, aos desejos e às visões de mundo que se encontrariam latentes na sociedade

Os autores ressaltam que as heterotopias funcionariam como contraespaços, como localidades que sinalizariam e concentrariam manifestações da vida social que progrediriam em sentido contrário ao da cidade.

A heterotopia é a geografia que carrega a marca de nossa época e do nosso pensamento – o que quer dizer que é plural, caótica, desenhada em detalhes ainda que não possua fundações ou princípios universais, mudando continuamente, ligada por fluxos de informação sem centralidade.

Essas heterotopias causariam efeitos sobre a ordem pública, tal como sobre grupos dominantes, são espaços capazes de causar sensações de desconforto a todos que a experimentam. Assim sendo, esses espaços heterotópicos são frequentados por todos aqueles que em determinado momento necessitam saciar algum tipo de necessidade. Segundo Soja, a heterotopia seria:

> *"(...) parte de pressupostos da vida social. Ele [Foucault] as via como 'algo como contralocalidade' (...) nas quais todas as outras localidades reais que poderiam ser encontradas na cultura são simultaneamente representadas, contestadas e invertidas. (...) Essas localidades curiosas são socialmente construídas, mas simultaneamente recriam e revelam o significado da existência social. Descrições formais convencionais dessas heterotopias (...) tendem a perder os seus significados, esconder as tensões e contradições reveladoras que existem entre elas e todas as outras localidades" (SOJA, 1995, p. 14).*

De acordo com Soja (1993) o espaço heterotópico não pode ser dissociado dos significados e representações sociais que ali se desenvolvem, se constituindo em um conjunto de relações espaciais concretas e imateriais. Em suas palavras:

> *"O espaço heterogêneo e relacional das heterotopias de Foucault não é nem um vazio desprovido de substância, a ser preenchido pela intuição cognitiva, nem um repositório de formas físicas a ser fenomenologicamente descrito em toda a sua resplandecente variabilidade. Trata-se de um espaço outro, (...) a espacialidade efetivamente vivida e socialmente criada, simultaneamente concreta e abstrata, a contextura das práticas sociais. É um espaço raramente visto, pois tem sido obscurecido por uma visão bifocal que, tradicionalmente, encara o espaço como um constructo mental ou como uma forma física" (SOJA, 1993: 26).*

A natureza de um espaço heterotópico deve ser expressa a partir da maneira pela qual formas, comportamentos e significados se combinam de modo atípico para formar uma espacialidade distinta daquelas previstas pela lei e pelos hábitos politicamente aceitos.

Soja (1995) avalia que, nesse processo, seria aberto caminho para uma transformação do espaço urbano e das representações que aí têm lugar, que ganhariam novos sentidos e novas forças. Nesse sentido, o espaço público seria justamente aquilo que estaria em jogo. É nesse sentido que o autor toma como base de seu discurso a constatação de que os espaços públicos da atualidade vêm sendo invadidos por representações sócio-territoriais.

Para Soja, a multiplicação dessas representações gera novos significados para o espaço público, que passaria a ser visto como fonte de insegurança por uma grande parte da população. O desconforto causado pela vivência desse espaço seria derivado, de acordo com o autor, da heterogeneidade social que aí tem lugar e de um ceticismo em relação à política institucional em geral (SOJA, 1993; 1995).

Em poucas palavras, Soja parece acreditar que a aceleração do tempo e a criação de mecanismos para controlá-lo vêm gerando as condições ideais para o aparecimento de novas heterotopias: a tentativa de estabelecer um ritmo da vida que pudesse ser avaliado simplesmente por uma posição no espaço e pelo seu comportamento previsto no planejamento (espaço do trabalho, espaço do transporte, a casa) geraria então contradições, sentimentos e demandas sociais que iriam, em grande parte, contra a própria expressão deste plano de controle. Desses focos de instabilidade e de insurgência, emergiriam tanto os movimentos políticos formais, quanto uma série de localidades que tomam sentidos através dos seus usos sociais não-regulados, e, por último, certos estabelecimentos públicos de controle do que é convencionado como desviante na sociedade em questão (SOJA, 1993; VALVERDE, 2007 e 2009)

E escuto as vozes de algumas pessoas reunidas em assembleia, logo abaixo do toldo da "praça principal". Vou me dirigindo ao local. As vozes se sobressaem por entre os assovios cortantes do vento que percorre a ocupação, acariciando a face. É quando alguém exclama em voz alta: "É essa a cidade que a gente quer! Esse espaço, essa ocupação… O Recife tem que ser assim. Uma cidade pra todo mundo!". Eu e os outros participantes da assembleia aplaudimos a fala do companheiro de ocupação. Gritos de "Ocupar! Resistir" por todos os lados; braços levantados como símbolo de resistência socando o ar.

Estamos onde não estamos. O Ocupe Estelita era essa contestação do modelo de cidade vigente, essa experiência efêmera e intensa que fez o Recife ferver. Pensar no Ocupe Estelita sob o olhar de teóricos que é amplificar suas narrativas e fortalecer as resistências cotidianas existentes em todos os lugares.

Entendemos que o Estelita foi um cais onde se ancoravam os sonhos de ocupantes em luta por uma outra ideia de cidade, novos modos de vida para além da realidade em vigor. Assim, o barco que atracado nesse cais bem pode ser,

> *"um pedaço flutuante de espaço, um lugar sem lugar, que vive por si mesmo, que é fechado sobre si e é entregue, ao mesmo tempo, ao infinito do mar e que, de porto em em porto, de zona em zona, de costa em costa, vai até as colônias procurar o que de mais precioso elas escondem" (FOUCAULT, 2013, p. 30).*

Por vezes me escuto refletindo sobre a vida, tal como disse Clarice Lispector (1998), é, na verdade, um soco no estômago. É preciso lembrar, também, que esses barcos-sonho ancorados no Estelita não devem, de maneira alguma, desvanecer, pois, de acordo com Foucault:

> *"civilizações sem barcos são como crianças cujos pais não tivessem uma grande cama na qual pudessem brincar; seus sonhos então desvanecem, a espionagem substitui a aventura, e a truculência dos policiais, a beleza ensolarada dos corsários" (FOUCAULT, 2013, p. 30).*

3.2 LUGARES PRATICADOS

Figura 30 - Intervenção artística sobre tijolo durante a ocupação. Fotografia de Fernando Peres.

Fonte: Acervo pessoal de Juma

Michel de Certeau (1994) afirma que o espaço só existe enquanto lugar praticado. As práticas do espaço ressignificam o lugar projetado pela lógica da razão funcionalista. O espaço é marcado por “cruzamentos de movimentos” em constante tensão com o “lugar próprio”. Toda e qualquer análise do espaço deve levar em consideração aqueles que dele utilizam, seus passantes, errantes ou viventes compõem aquele espaço na medida em que os modificam, através de seus usos.

O lugar praticado que defende Michel de Certeau, no entanto, enfatiza a ausência de um “lugar próprio” para as táticas e os movimentos cotidianos operarem. Os movimentos táticos se articulam a partir de um lugar organizado, contudo, modificam-no na medida em que o experimentam (JOSGRILBERG, 2005). Os relatos de lugares são como bricolagens, são, assim, feitos com resíduos ou detritos de mundo (CERTEAU, 1994). Nesse contexto, ler sobre o espaço da ocupação também é recriar aquele espaço, na medida em que essas memórias vão sendo revividas (como no caso de alguém que passou por aquele lugar, ainda que seja por um período curto de tempo), ou vão sendo criadas (para aqueles que não tiveram a experiência de pisar nos terrenos do cais e que o está construindo através de minhas palavras).

Nesse sentido, a partir do momento que recorro às minhas memórias para reescrever esses cenários da ocupação, também vou recompondo os espaços do Ocupe Estelita. As palavras também têm caminhos por dentro, há que percorrê-los. Essas histórias do Estelita têm muitas definições. Não é, apenas, o olhar do passado, nem o estudo de meus arquivos repletos de poeiras. Essa escrita constrói possibilidades, sorte e azares. É também lugar de desesperos e de profecias que nos condenam. Portanto, as incertezas da memória se agitam, para que as instituições se renovem ou evitem a celebração de ruínas. Estou refazendo todas as vivências do Cais José Estelita na medida em que vou escrevendo. Cada palavra servindo como um tijolo que sustenta esse labirinto de ecos.

No ato da leitura, porém, o tempo não está controlado; trata-se de um movimento em relação ao “lugar próprio” estruturado pela escrita. Dessa maneira, a partir do momento que se está lendo essas breves palavras sobre o período da ocupação, o próprio leitor é capaz, também, de reinventar o Ocupe Estelita. Criam-se novas memórias e possibilidades de interpretação da escrita. O espaço do Estelita vai se modificando na medida em que é lido.

Tomemos uma ilustração para refletir sobre o assunto. A rua é um lugar fixo, cheio de pontos de referência e limites para os pedestres – é possível ir lá, mas não por aqui, porque o caminho está bloqueado por um muro, um prédio ou outra construção. A organização arquitetônica determina os pontos fixos, espacial e temporalmente. No entanto, a rua torna o caminhar possível para pedestres que, dentro de um lugar controlado, criam seus próprios itinerários. Os pedestres então transformam as ruas em espaço, um lugar praticado (JOSGRILBERG, 2005).

O espaço é produzido à medida em que se caminha, em que é experimentado, assim sendo, ele não é dado *a priori*, muito pelo contrário, o espaço é onde os móveis se cruzam. Por mais que se exibam cartograficamente pontos de referência, as possibilidades de percursos não estão dadas, estarão sempre por serem feitas, produzidas, inventadas (SANTOS, 2013).

A memória mediatiza transformações espaciais segundo o modo do momento oportuno, produzindo assim uma ruptura instauradora, uma transgressão da lei do lugar. No entanto, essas mudanças têm como condições os recursos de um tempo

que obedece a outras leis e que, surpreendentemente, furta alguma coisa a distribuição proprietária do espaço. (SANTOS, 2013)

Então, para Michel de Certeau, o homem ordinário é todo aquele (indivíduo, grupo etc.) que consegue fugir, escapar, burlar ou usar em seu proveito um olhar, um enquadramento, uma determinação, uma ação estratégica, um espaço totalizador ou um olhar universalizante através de movimentos e ações táticas, inventivas, astutas. O homem ordinário vai burlando, usando, se desviando dos choques com “o poder”, (re)inventando olhares, lugares e determinações em proveito de outros interesses e desejos. Inventando assim outros espaços, provisórios é certo, de movimentação e de ação, de visibilidade e de combate.

Enfim, o homem ordinário é cada um e ninguém, é uma personagem disseminada, caminhante inumerável, inclassificável. É todo aquele que consegue, mesmo que momentaneamente desviar dos encontros com “o poder”, escapar a um olhar totalizante, a um enquadramento disciplinar, a lugares fixos e pré-estabelecidos. Neste sentido, o homem ordinário é todo aquele que consegue usar astutamente, taticamente esses lugares e enquadramentos em proveito de outros interesses se aproveitando das ocasiões e dos cochilos de um olhar vigilante, podendo, desta forma, ser tanto um popular quanto um representante das elites, uma vez que estes são lugares dispostos estrategicamente no campo de batalha.

Sigamos, assim, o caminho dos estelitenses, a fim de elencar os lugares praticados mais relevantes – pelo menos para mim – que ajudaram a compor o ambiente do Ocupe Estelita. Desse modo, talvez possamos compreender as poéticas que se sobressaiam naquele terreno. Deixo de sobreaviso que, ainda que estejamos separando esses espaços, tentando analisá-los em sua individualidade, no momento da ocupação eram entendidos como uma coisa só. Por isso, não se prendam a imagens que remetem a ambientes domésticos casuais, abram suas mentes para novas possibilidades de convívio, bem como a novas possibilidades de relatar essas práticas de espaço.

3.2.1 O acampamento

São mais ou menos sete horas da manhã. Acordo desesperado de uma noite mal dormida em cima de um colchão inflável furado, as costas doem, o calor e o mormaço são avassaladores. Às vezes é impossível acordar de bom humor nessas situações.

Ouço lá fora sons de vozes cumprimentando quem sai de sua barraca. Mais um dia de resistência na ocupação. Vamos à luta!

O acampamento foi a primeira parte da ocupação a se constituir, logo após montarem a primeira barraca no dia 21 de maio. Talvez isso tenha acontecido pela necessidade dos ocupantes em demonstrar a sua força diante de mais uma ferida que estava sendo aberta na cidade do Recife. O ambiente do acampamento servia, principalmente, como local de descanso dos ocupantes, mas também era um lugar de convivência em que aconteciam rodas de conversa, cineclubes e debates políticos, refúgios de prazeres sexuais e, até mesmo, local de meditações guiadas por budistas. Atividades de diversas naturezas ocorriam diariamente no acampamento do Estelita, dando vida àquele espaço. Uma “escolinha” com diversas atividades voltadas para crianças foi criada para as pessoas que tinham o interesse em levar seus filhos e filhas para a ocupação. A militância não deve ter idade.

Figura 31 - Vista do acampamento da Ocupação, com vista para a casa na árvore de Fernando Peres iluminada.

Fonte: Acervo pessoal de Juma

Figura 32 - Ocupinho (Ocupe para os pequenos). 01/06/2014. Fotografia de Fernando Peres.

Fonte: Acervo pessoal de Juma

Desse modo, o acampamento se estabeleceu, quase por definição, como um domínio do ambiente social, pois ele constitui para o usuário uma parcela conhecida do espaço urbano na qual, positiva ou negativamente, ele se sente reconhecido. É uma organização coletiva de trajetórias individuais (CERETAU; GIARD; MAYOL, 1996). O acampamento de uma ocupação se torna não somente objeto de conhecimento, mas lugar de reconhecimento por aqueles que o utilizam.

Vitor recorda que todo o espaço da ocupação foi sendo conquistado, modificado-se e adaptando-se constantemente na medida em que o Ocupe ia crescendo. Vitor vai explicar o porque de se estar constantemente capinando no cais:

> *"Porque tinha muito mato no começo, boy. A gente abriu outros... Lembra que o acampamento era no começo, ali, antes da gente expandir pro lado da cozinha, a gente capinou tudo, man. Foi quem que capinou aquilo ali? e depois virou as barracas em cima? Todos os lugares da ocupação a gente capinou antes, pô, era muita área pra capinar. Capinar onde ficou o lugar do banho, do chuveiro. A tenda da comunicação."*

Era bastante cansativo capinar diariamente diversas partes do terreno do cais, as ervas daninhas não nos davam nenhuma trégua, nossas mãos e corpos iam se moldando para atender às necessidades do cais. Capinar, construir, cavar, a rotina era incessante. Foi feito um buraco para compostagem que, lamentavelmente, foi tomado por ratos e tivemos que dar fim àquilo. A cada dia, após tantos trabalhos, percebíamos que aquele terreno ia se tornando algo que não era esperado por nenhum dos ocupantes. O cais também era nossa casa.

Uma chuva torrencial caía do lado de fora da barraca, as goteiras eram incessantes na parte de dentro. PRECISAMOS DE LONA! Pelo amor de Deus, lona! Os ocupantes íam e vinham tentando proteger o máximo de coisas que conseguissem.

O caos parecia estar instaurado após a tempestade, vejo Juma olhar com desânimo em diversas direções, lama e destruição para todos os lados da ocupação. Percebia-se o clima estressante entre todas e todos os ocupantes.

Ainda assim, seguimos resistindo em meio ao caos.

Morar é uma arte de conviver com parceiros que estão ligados a você (CERTEAU; GIARD; MAYOL, 1996) pelo fato concreto, mas essencial, das proximidades e dos entendimentos políticos. Entretanto, como destaca Juma, a ocupação:

> *"É, um processo de formação pessoal também né. Diante dessas questões sociais. Tem algumas pessoas que não querem mudar, não querem aceitar, não querem rever, né, seus conceitos e preconceitos, tal. E essas pessoas também vão ficando pelo caminho. Elas foram saindo, sendo expulsas ou rolando algum conflito".*

Na ocupação, todas e todos eram "Bia", uma adaptação carinhosa do termo "bicha" que foi adaptado pela parcela LGBTQ+ da ocupação. Tratávamos uns aos outros com intimidade. Tínhamos nossos desacordos, é evidente, mas as aproximações políticas faziam com que esses laços fossem se estreitando cada vez mais. Apelidos e formas carinhosas de chamarmos uns aos outros iam sendo cada vez mais comuns na ocupação.

Durante a ocupação, principalmente em dias de maior movimentação de pessoas como nos sábados e domingos, nós que estávamos diariamente no Estelita, chegamos a comentar que, por vezes, nos sentíamos como num safari ou mesmo num zoológico, estando, porém, na posição dos animais encarcerados. Era a forma como algumas pessoas nos olhavam, dando-nos comida e nos pedindo para fazer algum gracejo, com tons de apreciação e curiosidade no olhar, como se quisessem compreender antropologicamente como viviam aqueles indivíduos, tais quais animais silvestres. Davam-nos roupas e alimentos, sorriam para algum gracejo que fazíamos, tiravam fotografias para mostrar em suas redes sociais como eram exóticos aqueles que ali ocupavam, porém, mantinham certa distância. Nada muito além disso, nada muito além. Cumpríamos aquilo que acreditavam ser nossa função de objeto de estudo antropológico para aqueles que não faziam ideia do porque aquilo estava acontecendo. Ou faziam, mas preferiam se colocar numa posição de apreciação, pois aquilo constituía um enfrentamento a tudo aquilo que acreditavam, mas que não

tinham real coragem para concretizar. Éramos como humanos-animais, ou "zoomanos".

A casa na árvore de Fernando Peres – sim, também havia uma casa na árvore na ocupação – servia de refúgio para muitos que estavam cansados da movimentação em dias de festa, ou mesmo para aqueles que quisessem utilizar o espaço para planejar as incubências do Ocupe sem ser atrapalhados pela constante movimentação.

Nessas constantes adaptações da ocupação, mudaram minha barraca de lugar tantas vezes que nem me recordo em que ponto da ocupação ela estava inicialmente. Infelizmente, em uma dessas mudanças, uma das hastes de suporte quebrou e furou a minha barraca. Passei a viver com uma barraca torta e cheia de “silver tape” desde então.

Juma relembra também que Ramos, também ocupante do cais, era uma das pessoas que ficava organizando o acampamento na medida em que ia se desenvolvendo como uma cidade. Crescendo e se desenvolvendo. Contudo, todas as cidades têm seus grupos sociais e “guetos”, é o que destaca Vitor em nossa conversa:

> *“Vitor. E começou a ter guetos. Não guetos, as pessoas foram se dividindo espacialmente pelas afinidades que tinham. Ficavam os rastas depois da cozinha; uma galera que a gente não conhecia, começou a ocupar as barracas do começo que a gente já tinha saído…*
>
> *[...]*
>
> *Paulo. Mas não era tão separado assim.*
>
> *Vitor. A delimitação não era política, mas era separada, eu acho.*
>
> *Paulo. Era uma outra lógica.*

Vitor. Eu acho que era mais no sentido de quem era amigo de quem…era mais nesse sentido.

Paulo. Era mais as LGBT's, as meninas…

Vitor. As novinhas, a galera da arquitetura num canto. Eu fui muito porque conhecia Daniel, conhecia Juma, conhecia Ramos. Teve uma galera de arquitetura que foi e meio que ficava naquele grupinho assim…

[…]

Vitor. Os rastas ficavam depois da cozinha, ainda… Tinha FIPE. Tu lembra da Fipe?

Paulo. Fipe?

Vitor. Que eram os mais anarquistas.

Paulo. Ah, a "galera da norca". Por que FIPE?

Vitor. Era Frente Independente de Pernambuco. Surgiram em 2013, nos protestos de 2013. A FIPE queria fazer uns protestos mais pesados... Enfim, inclusive todos eles usavam codinomes."

Os grupos sociais iam se agregando pelas afinidades políticas, assim como pelas aproximações afetivas, mas aqueles que não se adaptavam com o nosso ideal de igualdade ia ficando no caminho.

Mas o espaço da morada, também se tornou o lugar de vivências inusitadas e inesperadas. As práticas do espaço vivido iam além de suas funcionalidades habituais, o espaço do acampamento era local de brincadeiras, afetos e construções coletivas. Lembro de um caso bastante cômico que aconteceu durante os dias de ocupação, no acampamento, bem em frente à barraca do Poliamor.

> *O dia em que Vitor Araripe beijou Milton foi memorável. Ambos são héteros, mas depois de uma ou outra lata de Pitú, bebida tão comum na ocupação, Milton colocou na cabeça de que queria beijar Vitor. O início do que iria ser uma cena inusitada, para dizer o mínimo.*
>
> *Milton argumentava de todas as maneiras da necessidade do beijo naquele que era considerado por várias pessoas como o "muso da ocupação". Vitor, no entanto, tentava se esquivar das investidas de Milton. Diante dessa cena, uma pequena plateia começava a se formar ao redor da "Barraca do Poliamor", a barraca de Victor e Rafael que tinha uma placa em frente com esses dizeres. A plateia, visivelmente animada com aquela situação, parecia estar esperando o desfecho daquela cena jocosa enquanto tomavam goles de cerveja.*
>
> *Os espectadores opinavam, à guisa de escárnio, sem nenhuma timidez aparente, um misto de zombaria e excitação perante àquele espetáculo.*
>
> *O episódio pareceu demorar bastante até o seu desenlace. Por fim, às custas de muitos argumentos sobre masculinidade frágil e sistema patriarcal, assunto recorrente no Ocupe, Vitor finalmente cedeu aos desejos de Milton. Ouviram-se aplausos e gritos vindos da plateia, seguido por um certo enrubescimento das bochechas de Vitor.*
>
> *Vitória! Essa era a expressão presente no semblante de Milton e dos espectadores ao redor.*

Em conversa com Artur, de um salto, no meio da entrevista, ele lembra também de um outro fato inusitado que aconteceu no acampamento:

> *“Eu lembro, sabe uma cena que eu lembro? Não sei se a senhora tava. Juma tinha uma barraca gigante né, que dava pra seis pessoas, aí eu lembro de um dia que tava eu, Daniel, Nanda, várias pessoas. Todo mundo entrou nessa barraca e ficou fumando um pelado na barraca”.*

Nos permitimos compartilhar as experiências que gostaríamos de vivenciar constantemente em nosso dia a dia. Aquele sentimento de liberdade que, por vezes, nos é arrancado em nosso cotidiano. Naquele espaço do Ocupe Estelita, nossas relações com as pessoas, com nossos corpos e com a cidade eram totalmente diferentes. Realmente, o acampamento era um dos lugares em que ocorriam as mais diversas, e inesperadas, situações.

3.2.2 A cozinha

Há de se deixar claro que, para se fazer uma ocupação, é necessário tomar algumas atitudes, por isso, deixo a seguir uma pequena receita com alguns pontos essenciais. Creio que seja possível adicionar ou retirar alguns elementos mais próximos, de forma a adaptar para a realidade de cada região, entretanto, acredite quando digo: a base é a mesma. A insatisfação dos insurgentes é o ingrediente essencial na composição do prato do dia, sendo assim, não o deixe faltar. Acredite, essa insatisfação guardada no peito vai ser o seu sustento.

Ingredientes

Preliminarmente, é necessário uma população insatisfeita com os abusos e a violência com que o poder econômico constrói a cidade. Essa revolta presa no peito é como a onda do mar em dias de ressaca, daquelas devastadoras que invadem além da praia e vão causando estragos;

Um terreno com potencial para um projeto urbanístico que poderia valorizar áreas de convivência para a população e centros populares para comunidades pobres, mas que tenha sido leiloado de forma ilegal. Pensar em novas possibilidades da vida cotidiana é essencial, assim como a nossa raiva diante do sonho não concretizado;

Sempre bom ter entre a população jovens revoltados e que tenham coragem de defender a cidade do escândalo e da rotina da miséria, e também das ausências transitórias e definitivas. Coragem de bater de frente com o poder instituído a ponto de montar acampamento no local;

Eventos culturais, festas e debates políticos que ajudem a ressaltar o viés subjetivo do espaço que está sendo ocupado, assim como refletir sobre as possibilidades de uso do local. “Uma nova ordem ‘objetiva’ mutante pode nascer do caos atual de nossas cidades e também uma nova poesia, uma nova arte de viver” (GUATTARI, 1992, p. 175);

Uma cozinha que concentre não somente os alimentos necessários para a manutenção diária, mas que seja como o coração da ocupação, de modo a sustentar os ocupantes por um longo período de tempo. Comer serve não só para manter a máquina biológica do nosso corpo, mas também para concretizar um dos modos de relação entre as pessoas e o mundo;

Sal a gosto.

Modo de Preparo

Misture a insatisfação com os abusos do poder econômico, o terreno e a juventude numa panela bem quente e espere alcançar fervura. Em seguida adicione a cozinha (o coração da ocupação), os eventos culturais, festas e debates políticos de uma vez, misture bem, não se esqueça. A quantidade de sal vai, no entanto, depender do grau de insatisfação da população

*

Naquela manhã “os manifestantes cozinhavam, cantavam músicas. [...] É possível ver muitas barracas, e os manifestantes improvisaram até uma cozinha, onde guardam os alimentos recebidos” (Ludermir, 2018).

Na ocupação, e especialmente na cozinha, o tempo corria numa outra velocidade. Se a vida fosse eterna (e era, pelo menos naqueles dias de ocupação), naquele seu universo de almoços e temperos, de folhas de louro e pimenta-do-reino, maconha para relaxar nas tardes longas, uma quantidade de alimentos não perecíveis dividia espaço com um universo de panelas e pratos sujos na pia improvisada da cozinha que ficava embaixo de uma surrada lona de publicidade. Uma geladeira doada que estava repleta de alimentos (frutas, verduras, leite, carne, etc) para o Ocupe e que se tornou a geladeira da casa de Juma depois da ocupação.

Vitor nos ajuda a reconstituir essa imagem da cozinha na época da ocupação:

> *“Vitor. A cozinha, a primeira cozinha, na real não era uma cozinha, mas era só aquele andaime com umas madeira pra galera botar as doação em cima. Era só um lugar pra doação não ficar no chão. Aí depois, Raul Jungman trouxe um fogão. Vê, Raul Jungman, o bicho era vereador na época, um ano depois ele virou ministro da defesa. Aí ele levou o fogão, aí foi a primeira coisa, e a geladeira foi só depois. A geladeira chegou quando…*
>
> *Paulo. Oxe, chegou muito depois…*

> *Vitor. O fogão chegou na primeira semana, mas aí a gente levou a cozinha dali, lá pro fundo, pra onde a gente fez aquela estrutura grande; mas aí foi uma semana depois, eu acho…ficou bem precária no começo, aí depois tinha caixa d'água. Tinha duas caixa d'água. Tinha a caixa d'água da torneira, que era um tonel com uma torneirinha saindo e tinha a caixa d'água mesmo lá do banho."*

Um armário guardava, pelo menos, as panelas e pratos que utilizávamos diariamente, arrumando-os de alguma forma em suas prateleiras. Garrafões com água espalhados pelo chão, uma caixa d'água construída pelos ocupantes posta num nível acima ia facilitando a lavagem dos pratos. Eu mesmo cheguei a lavar centenas de pratos durante o ocupe, visto que também auxiliava na equipe de limpeza.

Ali na cozinha batia o coração da ocupação e, se a vida não era eterna, o certo é que ali a vida tinha uma outra velocidade. Cada coisa acontecia num tempo desigual, por isso, para mim não é certo dizer que eram os domingos onde melhor se viam a força da ocupação, devido ao contingente de pessoas que circulava no cais. A cozinha que, na maioria das vezes, era chefiada pelo Gordinho, um dos ocupantes do Estelita, e que garantia o sustento da ocupação com suas artes de nutrir.

Figura 33 - O Gordinho era a alma da cozinha, não somente por suas habilidades culinárias, mas por sua simpatia e determinação. Fotografia de Fernando Peres.

Fonte: Acervo pessoal de Juma

Caso alguém se interesse pela arte culinária, “pode constatar que ela exige uma memória múltipla: memória de aprendizagem, memória de gestos vistos, das consciências” (GIARD, 1996, p. 219). É necessário saber o momento exato para colocar o tempero, as raízes, as folhas, e retirá-lo do fogo com o cuidado de não queimar. Exige inteligência programadora, pois é preciso calcular com perícia o tempo de preparação e de cozimento dos alimentos e ainda intercalar sequências umas às outras, compor a sucessão de pratos e compreender o grau de calor desejado no momento adequado (GIARD, 1996). O Gordinho parecia entender todos esses processos de forma natural e é impossível falar da cozinha sem lembrar do sabor de sua comida. O gosto do alho refogado no azeite explodindo na boca, fazendo os olhos virarem, o ponto certo da carne de forma a mantê-la suculenta, o feijão mulatinho feito na hora para o almoço dos insurgentes. Cada refeição exige a capacidade inventiva de uma miniestratégia para fazer mudança, por exemplo, quando falta algum ingrediente ou não se dispõe de utensílio próprio para determinada receita.

Falar da cozinha é recompor, através dos gestos, dos sabores e das composições, quase como uma alquimia, como se pudesse restaurar o segredo da língua diante daquele sabor experimentado. O boca já salivava à espera da primeira garfada. Cheguei a confessar para minha mãe que estava comendo melhor na ocupação do que na minha própria casa, ao que pareceu não receber bem o comentário.

Cada hábito alimentar constitui um cruzamento de histórias e, em alguns casos, posicionamentos políticos. Falar da cozinha também é lembrar das diversas pessoas veganas que passaram pela ocupação. De tempos em tempos eram realizadas oficinas com comidas veganas, mostrando a pluralidade de possibilidades alimentícias. O Ocupe Estelita "virou um espaço de discussão contra hegemônico", recorda Daniel. Aquela foi, para muitos e inclusive para mim, a primeira experiência real não só com a comida vegana, mas com a ideologia do veganismo. Uma das militantes na ocupação, simpatizante ao movimento e que também era vegana, era uma dessas defensoras ferrenhas, levando além de comidas feitas com "coração de banana", raízes e folhas pouco aproveitadas pela cozinha convencional, mas também facilitando debates políticos para além da exploração animal, trazendo discussões sobre gentrificação, o capitalismo e o poder das grandes corporações. O fato dessa militante ser uma pessoa não-binária[39], negra e periférica só acentua a potência de seu discurso político.

A cozinha possuía uma estrutura que foi pensada previamente. Claro que existiam outras partes da ocupação que foram pensadas cuidadosamente pela equipe de estrutura, mas a cozinha era o lugar em que se concentravam todas as doações que recebíamos, sendo assim, era de extrema importância para a ocupação. Ao rever algumas imagens dos tempos do Ocupe Estelita, Daniel relembra que até mesmo as bananeiras plantadas ao lado da cozinha tinham uma função.

[39] O termo não-binário refere-se às pessoas que não se percebem como pertencentes a um gênero exclusivamente. Isso significa que sua identidade de gênero e expressão de gênero não são limitadas ao masculino e feminino. Também chamadas de genderqueer, as pessoas que se consideram não-binárias podem não se reconhecer com a identidade de gênero de homem ou mulher - ausência de gênero - ou podem se caracterizar como uma mistura entre os dois. Ou seja, apesar de possuir os órgãos genitais de determinado sexo, não se reconhecem totalmente com esse gênero.

> *“Daniel. O povo plantando bananeira de onde escorria água dos pratos pra filtrar, porque bananeira tira o cheiro de coisa ruim.*
>
> *Paulo. E é, é?*
>
> *Daniel. Por isso que bananeira sempre tem perto de alguma coisa de escorrer água. Banheiro… num sei o que. Ela meio que filtra a terra. Aí não fica um cheiro tão forte”*

Em entrevista, Juma também destaca um dos motivos pelo qual a cozinha foi crescendo e acabou por se tornar o coração da ocupação, até mesmo para aquelas pessoas que não estavam acampando.

> *“Juma. …Porque ocupar um lugar traz um monte de demanda interna, que é essa de organizar, num sei o quê, num sei o quê… Aí tem as demandas imediatas.*
>
> *[...]*
>
> *A ocupação tinha que responder não só pelo contexto dessa luta em si, a luta pelo cais… mas uma ocupação acaba tendo que dialogar com as coisas ao redor, a realidade ao redor. Tipo, a cozinha só teve esse número de ampliações, não foi por conta do número de pessoas que dormiam aí, por que eram poucos. Mas muitas pessoas aí passavam fome ou tinham problema de grana pra se manter, pra pagar sua comida e a cozinha da ocupação acabou servindo como equipamento público para várias pessoas do lugar.”*

Todavia, a cozinha não servia somente como local de apoio para o sustento dos estelitenses enquanto a ocupação ocorria, lá era onde se congregava toda a movimentação da ocupação. O espaço em que se realizavam as tarefas diárias de uma cozinha habitual também era entendido como espaço de convivência dos ocupantes, numa mesma intensidade. Nesse sentido, na cozinha, o trabalho se

confundia com o lazer, tornando-a uma “cozinha lúdica”, por assim dizer. Realizávamos festas internas, jogos e brincadeiras diversas, fumávamos maconha, bebíamos Pitú e dançávamos enquanto fazíamos a comida. A cozinha realmente tinha vida.

Figura 34 - Vista da cozinha, sua última versão depois de tantas mudanças e adaptações. Infelizmente foi uma das primeiras coisas a serem destruídas durante a reintegração de posse. Fotografia de Fernando Peres.

Fonte: Acervo pessoal de Juma

Como disse Daniel em entrevista: “Era muito lúdico mesmo. Tinha que ser, senão ninguém ficava”.

3.2.3 Os banheiros

Figura 35 - Peças visuais colocadas na parede do banheiro para identificá-lo, como se percebe, fazia-se política e poesia até mesmo nesse local, reconfigurando-o. Fotografia de Fernando Peres.

Fonte: Acervo pessoal de Juma

Millôr Fernandes (2012) determina que, definitivamente, não é o lar o último recesso do ser humano civilizado, sua última fuga ou o derradeiro recanto em que pode esconder suas mágoas e dores. Não! Não é o lar o castelo da humanidade, mas sim o seu banheiro. Num mundo atribulado e cheio de convulsões, “numa sociedade desgovernada, numa família dissolvida ou dissoluta, só o banheiro é um recanto livre” (FERNANDES, 2012). Com efeito, somente essa dependência da casa e do mundo dá ao ser humano um momento de tranquilidade.

O banheiro é o que resta de indevassável para a alma e o corpo do homem moderno, e torço para que nenhum arquiteto insista em fazê-lo totalmente de vidro, tirando o sentimento de solidão ocasional.

Bem, lamentavelmente, não podemos nos dar ao luxo quando se está num contexto de ocupação. Ainda que, por uma recomendação de algum dos ocupantes,

tivéssemos feito um banheiro seco, daqueles em que se cobrem os resíduos orgânicos com serragem de madeira, somos habituados pela convenção social de que necessitamos de um vaso sanitário.

Algumas vezes íamos ao Shopping RioMar para utilizar o banheiro, afinal de contas, precisávamos *cagar* com alguma dignidade, ora essa. Lá era tudo higienizado, o chão limpo e encerado, quase dava para ver o reflexo, podíamos até nos sentar numa privada de forma adequada. As pernas pareciam agradecer se, pelo menos uma vez por semana, pudéssemos nos sentar confortavelmente. Difícil ficar de cócoras todas as vezes que se quer fazer o "número dois". Imagino então para as mulheres, duas vezes mais difícil, pois tinham que se agachar constantemente. Realmente cansativo para qualquer um.

E por falar em mulheres, Daniel nos narra uma situação que fez com que as mulheres fossem à luta pelo seu direito de ter um banheiro decente.

> *"Daniel. A gente vai discutir sobre uma sociedade que a gente idealiza, então a gente vai lidar com todos os problemas que que a sociedade da gente não trata. Não discute. As mulheres saírem da cozinha e forem fazer o próprio banheiro. Tu lembra que tipo existiu um momento que tinha um banheiro só pra mulher?*
>
> *Paulo. Eu entendo o posicionamento delas e entendo o posicionamento deles. Porque elas queriam um lugar que não se sentissem olhadas. E pô, principalmente quando tinha festa lá, nos finais de semana, PUTA QUE PARIU.*
>
> *Daniel. Eu acho que elas queriam um lugar que pudessem fazer xixi, nera [sic] pra ser olhadas não. Porque a gente tinha o nosso banheiro, tinha aquela madeira e tal. Eu acho que era por questão de limpeza, um banheiro…Ah, porque era só pra xixi num era? Lembrei agora. Elas não queriam fazer xixi, porque a gente fazia xixi em qualquer lugar. E elas queriam, tipo, se acocorar.*
>
> *Paulo. Acho que é esse lugar de apoio delas. Eu entendo perfeitamente.*

[…]

Daniel. … Eu entendo também, mas se elas tão…

Paulo. Sentindo essa necessidade…

Daniel. E inclusive, elas falavam isso nas assembleias e sempre tinha alguma coisa mais importante pra ser resolvida. E é por isso que elas pegaram as próprias ferramentas pra fazer e tal. Isso também já reflete sobre exatamente o quedas tavam querendo dizer, porque, tipo, as nossas pautas. Por mais que vocês questionem que a gente tá sendo binarismo, a gente quer isso. Tipo, tá partindo da gente, a gente não tá sendo ouvida e não tão colocando nas pautas de tarefas do dia, assim. Construir um banheiro para as mulheres fazerem xixi. Que foi massa porque, tipo, também tinha essa discussão de onde as mulheres estão, que era na cozinha, e onde os homens estão, que era construindo a infraestrutura do acampamento. Então já foram dois coelhos numa só cajadada. Elas queriam banheiro e não queriam tá cozinhando na…

Paulo. E tipo, nem era assim na cozinha né. A gente começou a inverter..."

As mulheres da ocupação queriam utilizar o banheiro de forma adequada, e visto que suas necessidades não estavam sendo atendidas em assembleia, foram em busca de seus direitos.

Uma ocupação também é atravessada por seus personagens característicos, uma dessas personagens ficou famosa no ambiente do Ocupe Estelita como “Menina do Cocô”. Essa menina insistia, em momentos de assembleia, quando tratávamos de decisões de extrema importância para o Ocupe, em mencionar diversos problemas no banheiro, fugindo das pautas centrais, afirmando que iria ficar responsável pelas soluções.

Aqui, neste palco da vida em que somos os únicos atores e espectadores, neste templo que é o banheiro e que serve ao mesmo tempo para momentos de narcisismo e humildade é que a contemporaneidade encontrará o seu refúgio.

3.2.4 As assembleias

As assembleias que aconteciam na ocupação serviam para deliberar tarefas e necessidades referentes ao Ocupe, assim como para nos atualizarmos do andamento jurídico em relação ao Cais Estelita, funcionavam de forma horizontal (sem a presença de lideranças diretas) e eram abertas para quaisquer pessoas que quisessem participar. Essas assembleias, recorda Daniel, aconteciam em dois momentos:

> *"Uma de manhã e uma de noite. As de manhã essa galera não participava, era só pra quem tava na ocupação. E a de noite vinha essa galera de fora cheia de demanda pra fazer. E eles não dormiam lá. Não ficavam lá."*

Contudo, no desenrolar da ocupação foi-se percebendo que existiam algumas demandas mais internas, referentes às resoluções dos problemas dos ocupantes, e que não tinham real necessidade da participação da sociedade civil que apoiava o movimento. Eram decisões que cabiam, unicamente, às pessoas que habitavam o cais. Assim sendo, fomos realizando as reuniões pela manhã ou à tarde, "na cozinha", como destaca Vitor.

Como estávamos ocupando o cais, eram essas assembleias internas em que muitos debates e decisões políticas foram se tornando pautas de discussão, alimentada por coletivos militantes sociais que tensionavam as reais intenções da ocupação. Nossa realidade e nossas demandas no Ocupe Estelita iam se sobrepondo aos olhares exclusivamente jurídicos, urbanísticos e, algumas vezes, conservadores dos membros do DU. Em conversa com Daniel, chegamos a ressaltar alguns pontos de desencontro com as propostas do DU.

“Paulo. Não sabiam nada do que tava acontecendo.

Daniel. Aí, também, meio que a gente percebeu isso. “Oxente, eles não dormem aqui, não ficam aqui e as funções que são delegadas é a gente que faz”. Tudo foi motivo pra poder a gente brigar com o DU.

Paulo. O DU, ou o que era visto externo, não comportava o círculo de afetos que a gente construiu dentro da ocupação. Porque a gente aprendeu muito um com o outro. Vocês de arquitetura e urbanismo vinham com o “Ah, direito à cidade”. A galera de Ciências Sociais “Pô, e essa parte de classes?”. Meu irmão, a gente aprendeu muito, pô.

Daniel. E se você perceber, é uma galera meio já excluída da sociedade, assim, já com desacordos da sociedade. Bicha, mulher, gente pobre.

Paulo. Preto.

Daniel. Pra você ver, assim, de que era uma vontade muito grande de construir uma coisa nova. De discutir sobre coisas que a gente não discute no nosso dia-à-dia. Por isso que foi gente que apanha, que tem um relacionamento abusivo. Acabou que virou um lugar de cura, e ali eu vou me sentir bem, não vou me sentir diferente. Era realmente um protótipo de sociedade…

Paulo. De sociedade perfeita, né. Que a gente queria, que a gente desejava.

Daniel. E que tipo, eu, por ser branco, por ser classe média, num sei o que. Nunca ia entender como funciona a vida de uma pessoa de outra bolha.

Paulo. Gordinho não tinha casa.

Daniel. Era, pô. Exatamente. Foi um lugar de muito, a gente achava que os nossos problemas eram os maiores problemas do mundo quando você tá andando com pessoas ali que não tinham onde morar.

Paulo. Não tinham o que comer. E o DU queria cortar isso. Queria que a galera não viesse. A gente "VAI VIR, SIM".

Daniel. Vocês querem que a doação seja só pra classe média? Porque a gente recebia doação, não era comprado com o dinheiro de ninguém. E tipo, eles pediam que a doação fosse só pra gente, e a gente poderia voltar pra casa, comer em casa. Aí foi quando a gente questionou tudo. E também a gente sofria as consequências das nossas ideias, pois acabava comida, ficava todo mundo sem comer. Rolou isso."

Como se percebe, a realidade do cotidiano da ocupação ia modificando aos poucos as pautas iniciais do MOE, que eram encabeçadas pelos membros do DU. As exigências passaram a ser outras, na medida em que se estabeleciam um novo contato com as problemáticas daquele ambiente. Ressalto que as rodas de debate, os cineclubes e as atividades propostas por coletivos periféricos fortaleceram essa criação de novas pautas, ou, até mesmo a sua reelaboração.

Apesar das divergências com os membros do Grupo Direitos Urbanos, é importante mencionar a importância das assembleias para o debate político do Cais José Estelita. Indo mais adiante na entrevista com Daniel, o estelitense nos faz refletir sobre essa importância:

"Daniel. …Olha as assembleias de manhã…

Paulo. Que era um saco.

Daniel. As duas eram um saco, mas a gente aprende muito.

Paulo. Até tipo sobre horizontalidade, bicha.

Daniel. Horizontalidade, gestão, tudo foi no estelita.

Paulo. Lugar de fala. Eu aprendi tudo isso lá."

As assembleias, assim como todos os ambientes do Estelita, constituíam-se como espaços políticos de resistência aos dispositivos de poder instituídos, mas eram lá em que esses debates se tornavam mais evidentes. Informes eram passados, a fim de atualizar os estelitenses sobre tudo que estava acontecendo fora da ocupação, a repercussão que o movimento estava recebendo. Discutia-se constantemente sobre o "Direito à Cidade", assunto abordado por teóricos como Henri Lefebvre (2001), que sublinha como a arte pode preparar estruturas de encantamento na cidade, tornando-a uma obra aberta. Essa *crítica da vida cotidiana* em que em que éramos inseridos diariamente nas assembleias, constitui-se para o autor como uma via em que a cidade passa a ser entendida como lugar de encontro e não meramente de passagem entre os lugares de trabalho e de moradia. Tudo isso era posto em discussão durante as assembleias.

*

Acredito que olhar para esses espaços da ocupação nos ajudam a compreender melhor o seu dia a dia e, assim, recompor, a estética e os funcionamentos dos cenários presentes no Ocupe Estelita. Da mesma maneira, analisar esses espaços, principalmente através dos relatos de alguns daqueles que estiveram intensamente no cotidiano daquele lugar, nos possibilita compreender os comportamentos de seus ocupantes naquele espaço.

Todavia, ainda que se tente remontar ao máximo essas vivências dos espaços da ocupação, a pluralidade e as potências das situações que transcorreram no Ocupe

Estelita não cabem nessas linhas. O que está escrito aqui é apenas uma parte, o Ocupe Estelita vai muito além disso.

Figura 36 - No Estelita aconteciam duas Assembleias, uma pela manhã ou tarde, mais voltada para necessidades internas da ocupação, e outra à noite, com diversos membros do DU e sociedade civil. Abaixo, respectivamente, assembleias diurna e noturna. Fotografia de Fernando Peres.

Fonte: Acervo pessoal de Juma

3.3 CORPOGRAFIAS

Um considerável número de ocupantes se encontrava em volta da cozinha; era uma tarde quente, úmida e extremamente abafada no meio da semana, desses dias quentes que são comuns em Recife em meados de maio e junho. Talvez tenha sido uma quarta, ou quinta, não me lembro ao certo, perde-se a noção da temporalidade quando se vive numa ocupação cotidianamente, bem como quando se perde essa relação de convívio direto com o mundo exterior. Ouvíamos música enquanto preparávamos alguma de nossas refeições, conversávamos e dançávamos, nos embalando ao som das melodias que saíam do equipamento de som trazido por Fernando Peres do Lesbian Bar e que fora disposto, na maioria das vezes, na cozinha durante o dia. Equipamento esse que embalou – e talvez até permitiu – nosso dia a dia na ocupação com canções de diversos gêneros e gostos musicais. As canções, como se pode observar no decorrer da história, sempre foram uma grande arma na luta pelos direitos civis, pela democracia, nas guerras e conquistas. Aqui, podemos depreender que, como num verso de Drummond, aquelas canções figuram o *amor feito som*.

Já decorria algum tempo desde que estávamos ali em volta da cozinha, apreciando desse momento ritualístico, e, talvez, tenha sido Daniel, um dos ocupantes diários do Estelita, ou mesmo uma mulher que vez ou outra suplicava “Vamos colocar Gal pra tocar?” (a qual, pela infelicidade de uma mente inundada de pensamentos turvos, não recordo o nome) que colocou *“Dê um rolê”* para tocar, música composta por Moraes Moreira e Luiz Galvão e imortalizada pelos Novos Baianos. A versão da música a que me refiro, entretanto, foi interpretada de forma célebre por Gal Costa[40] em seu álbum de 1971, *Fa-Tal-Gal A Todo Vapor,* um álbum duplo que traz até ruídos e falhas do improviso*.* Talvez nem importe para o leitor a música que realmente estava sendo ouvida naquele momento, mas talvez, pelo menos para mim, essa tenha sido a canção que mais marcou o Ocupe Estelita, seja por tê-la ouvido inúmeras vezes

40 A Aratú Produções realizou um curta/documentário intitulado *106 Sociedade Estelita* em que utiliza a versão da música “Dê um Rolê” dos Novos Baianos que pode ser acessada através do link https://www.youtube.com/watch?v=1ByRN_xBkSg. Contudo, essa não é a versão da música a que me refiro. Com efeito, enquanto membro presente diariamente na ocupação, posso afirmar que a versão mais escutada durante a ocupação foi, com toda a certeza, a versão de Gal Costa.

durante toda a ocupação (principalmente em momentos de alegria e afeto compartilhados na cozinha da ocupação), seja pelo som vigoroso, intenso e marcante da voz estridente de Gal Costa. Ainda assim, o que importa verdadeiramente era o sentimento que compartilhávamos naquele momento.

Algumas vezes nos esquecemos que a pluralidade de momentos de nossas vidas são embalados por melodias e nos limitamos a criar imagens monótonas e sem sons, tornando-as inexpressivas. Não há cores definidas. Contudo, para mim enquanto ocupante, é impossível rememorar a ocupação do Estelita e não relacioná-la à alguma sonoridade, seja em forma de canções ou mesmo através dos ruídos diários a que estávamos sujeitos naquele espaço. O Estelita, assim, também foi prenhe de melodias.

Acredito que a potência do momento vivido não pode ser inteiramente transmitida de maneira adequada; é necessário experimentá-lo intensamente para que se compreenda em sua totalidade. Almejo como Clarice Lispector (1998) que possa o leitor ouvir com seu corpo inteiro a letra dessa canção a fim de compreender, ainda que minimamente, a intensidade do momento.

Não se assuste, pessoa

Se eu lhe disser que a vida é boa

Não se assuste, pessoa

Se eu lhe disser que a vida é boa

Enquanto eles se batem

Dê um rolê e você vai ouvir

Apenas quem já dizia

Eu não tenho nada

Antes de você ser, eu sou

Eu sou, eu sou, eu sou o amor da cabeça aos pés

Eu sou, eu sou, eu sou o amor da cabeça aos pés

Eu sou, eu sou, eu sou o amor da cabeça aos pés

E só tô beijando o rosto de quem dá valor

Pra quem vale mais o gosto do que cem mil réis

Eu sou, eu sou, eu sou o amor da cabeça aos pés

Eu sou, eu sou, eu sou o amor da cabeça aos pés

Eu sou, eu sou, eu sou o amor da cabeça aos pés

Decerto, tão natural quanto ouvir naquele momento a voz de Gal Costa reverberando em nossos corpos por intermédio do aparelho de som de Peres foi a atitude que tomamos naquele instante. Diversos ocupantes que se sentiam tão à vontade entre si, afinal partilhávamos não somente da comida, mas também do convívio, às vezes dos banhos e até mesmo de nossos colchões – nas noites de sono e prazer que, por vezes, nos permitíamos. Chegamos a construir uma teia de afetos em que não se havia espaço para a timidez.

A introdução já bastante conhecida da canção foi deixando todos os corpos presentes em estado de transe, preparando-os. A música sufocando todos os outros sons enquanto dançávamos, cada um à sua maneira. Em certo momento, enquanto a canção se desenrolava, com o álcool e a cannabis já causando seus efeitos tão esperados, fomos nos despindo. Nossos corpos estavam nus, sem pudores, sem tabus ou medo. Era visível a sensação de liberdade que havia ali. Lembrei-me de Jorge Luis Borges ao afirmar que a música sabia o que sentíamos. Naquele momento caiu-se o véu do constrangimento e pode-se experimentar a beleza dos corpos estelitenses. A melodia continuava embalando aqueles corpos indisciplinados numa expressão de vários sujeitos atuando em conjunto.

Quem leu o poema *O minuto depois* de Drummond (2009) entende um pouco sobre os segredos do corpo nu que ele proferia. Talvez entenda, também, a

necessidade da expressão de nossos corpos. Desejo que, pelas palavras do poeta, possam compreender a sutileza daquele momento. Eis aqui um trecho de sua poesia:

> *Nudez, último véu da alma*
> *que ainda assim prossegue absconsa.*
> *A linguagem fértil do corpo*
> *não a detecta nem decifra.*
> *Mais além da pele, dos músculos,*
> *dos nervos, do sangue, dos ossos,*
> *recusa o íntimo contato,*
> *o casamento floral, o abraço*
> *divinizante da matéria*
> *inebriada para sempre*
> *pela sublime conjunção. (ANDRADE, 2009)*

Ainda que algumas mulheres se sentissem hostilizadas pela presença de alguns homens estranhos que se encontravam ali no momento, elas não se negaram àquele momento de pura liberdade de seus corpos.

Apesar desse assédio, dos olhos direcionados aos corpos das mulheres ali presentes, não nos intimidamos. Quase era possível observar em câmera lenta aquele momento. A revolução dos corpos em transe ao som dos acordes daquela canção, tudo isso em consonância com o ambiente. Podia-se sentir o cheiro do suor, de maconha e cerveja que exalávamos enquanto nossos corpos eram embalados pelo som. Apesar da constância e pluralidade de acontecimentos que envolviam o corpo nu no dia a dia da ocupação, aquele, para mim, foi um momento singular.

Paola Jacques (2008) investiga essas micro-resistências à própria experiência corporal da cidade. A pesquisadora parte da constatação da espetacularização das cidades contemporâneas, para analisar aquilo que chama de corpografias[41], ou “um tipo de cartografia realizada pelo e no corpo, ou seja, a memória urbana inscrita no corpo, uma espécie de grafia urbana da própria cidade vivida” (JACQUES, 2008).

[41] A corpografia é uma cartografia corporal (ou corpo-cartografia), ou seja, parte da hipótese de que a experiência urbana fica inscrita, em diversas escalas de temporalidade, no próprio corpo daquele que a experimenta, e dessa forma também o define, mesmo que involuntariamente.

Jacques acredita que, assim como temos a capacidade de modificar as cidades, por conseguinte, as cidades também tem a capacidade de se inscreverem nos corpos de quem as experimenta, configurando-os.

O processo de espetacularização das cidades, ao que parece, se relaciona tanto com a diminuição da participação cidadã quanto da própria experiência corporal das cidades enquanto prática cotidiana. Ela parte da premissa de que o estudo das relações entre corpo – o corpo ordinário, o corpo vivido e cotidiano – e cidade, pode mostrar alguns caminhos alternativos, desvios, linhas de fuga, micro-políticas ou ações moleculares de resistência ao "processo molar" (JACQUES, 2008) de espetacularização das cidades contemporâneas[42].

Não se vive num espaço neutro e branco, já nos alertava Foucault (2013), a cidade é lida pelo corpo como um conjunto de condições interativas. Cada corpo pode acumular diferentes corpografias, resultados das mais diferentes experiências urbanas vividas por cada um. A temporalidade e a intensidade dessas experiências é determinante na sua forma de inscrição. Dessa maneira, a experiência intensa e diária dos corpos estelitenses na ocupação – e, nesse caso, das práticas de nudez e total liberdade dos corpos estelitenses naquele ambiente – inscrevem o espaço da ocupação na mesma medida em que são inscritos pelo espaço que transitam.

Michel Foucault (2013) afirma que o corpo é um lugar sem recurso ao qual estou condenado, no entanto, também é do corpo que nascem as utopias. "Para que eu seja utopia, basta que eu seja um corpo", afirmava o filósofo. À vista disso, podemos afirmar que o Estelita nasceu dos corpos de seus ocupantes, ou teve seu espaço reinventado, tornando-se a nossa utopia. Segundo Foucault:

> *"é em torno dele que as coisas estão dispostas, é em relação a ele — e em relação a ele como em relação a um soberano — que há um acima, um abaixo, uma direita, uma esquerda, um diante, um atrás, um próximo, um longínquo. O corpo é o ponto zero do mundo, lá onde os caminhos e os espaços se cruzam, o corpo está em parte alguma: ele está no coração do mundo, este pequeno fulcro utópico, a partir do qual eu sonho, falo, avanço, imagino, percebo as coisas em*

[42] Ver Encontro "corpocidade", Salvador. Disponível em: <https://www.corpocidade.dan.ufba.br>.

> *seu lugar e também as nego pelo poder indefinido das utopias que imagino" (FOUCAULT, 2013, p. 14)*

Os praticantes ordinários das cidades atualizam os projetos urbanos através de suas práticas, vivências ou experiências dos espaços urbanos; são aqueles que experimentam o espaço urbano que o atualizam. São as apropriações e improvisações dos espaços que legitimam ou não aquilo que foi projetado. Na esteira desse pensamento, se para Michel de Certeau (1994) o espaço só existe enquanto lugar praticado, são essas experiências do espaço por seus habitantes, passantes ou errantes que reinventam esses espaços no seu cotidiano – com seus desvios e atalhos.

A cidade deixa de ser um simples cenário no momento em que é vivida e experimentada, mas, ainda assim, sobrevive e resiste no corpo de quem a pratica. Assim, os espaços permanecem gravados nesses corpos que são moldados pela experiência da cidade, uma vez que esses corpos denunciam, por sua simples presença e existência, a domesticação dos espaços mais espetacularizados (JACQUES, 2008).

Em entrevista com Mia Aragão, também ocupante do cais, podemos testemunhar a intensidade das relações que os corpos estelitenses possuíam com aquele espaço, o qual estávamos cercados já há algum tempo. Em certo ponto da entrevista, Mia chega a mencionar que *o corpo se expressava mais* naquele ambiente da ocupação por possuir um debate mais aberto.

> *"Mia. Não, a cozinha era foda neh, ela congregava muita movimentação. Toda movimentação sempre ficava na cozinha. E foi massa. Essa experiência da nudez, de construir um espaço mais ou menos seguro, onde as regras acordadas eram as nossas, pro seu corpo, pro seu desejo, foi muito importante pra mim, porque eu acho que foi uma das minhas experiências de formação. Tipo, eu tinha 16 anos, e eu, pude por alguns meses, viver num espaço em que as regras de convivência eram pautadas por mim. Era uma menina de 16 anos que acontecia isso mesmo, tipo de tirar a blusa, eu tava sempre sem sutiã nas festas. Podia beijar as pessoas…*

Paulo. Ou de sutiã…

Mia. …e eu não corria o risco de ser abusada. Assim, tiveram casos, alguns problemas de machismo no Estelita, mas era acordado que naquele ambiente, por exemplo, eu não ia sofrer nem metade da repressão que eu sofro se eu tirar a roupa numa festa. Ou na Marcha das Vadias. Foi muito importante pra mim. Acho que eu tenho uma relação muito desinibida com meu corpo…e muito menos noiada. Assim de "ai, gordura, num sei o quê". Porque teve essa experiência também, no Estelita, desses corpos serem eles mesmos. Serem despudorados."

Percebe-se na fala de Mia que esses corpos se comportavam de uma outra maneira dentro da ocupação, ou seja, que os outros espaços de convívio dos ocupantes estavam regidos por outras regras, totalmente diversas, de corpo e de postura. Dessa forma, o ambiente da ocupação permitia que os corpos estelitenses agissem de tal maneira que era possível perceber as dissonâncias das regras sociais. Michel de Certeau (1994), em seu livro A invenção do cotidiano, nos fala daqueles que experimentam a cidade, que a vivenciam de dentro, ou "embaixo" como ele diz, referindo-se a visão aérea, através de mapas, dos urbanistas. Ele os chama de praticantes ordinários das cidades. De Certeau nos mostra que há um conhecimento espacial próprio desses praticantes, ou uma forma de apreensão, que ele relaciona com um saber subjetivo, lúdico, amoroso.

Os corpos estelitenses vivenciaram diversos outros momentos durante a ocupação em que se contestavam os silenciamentos dos corpos, em especial o feminino, na sociedade atual – principalmente no que tange à liberdade do corpo nu. Entretanto, dentre esses episódios de contestação, existiu um episódio bastante comentado midiaticamente, especialmente nas redes sociais. Foi realizada durante a ocupação uma sessão de fotos de nu artístico promovida pelo Coletivo Além, essa sessão de fotos aconteceu nos trens abandonados que ficavam no terreno do cais.

Figura 37 - Projeto Nus que aqui estamos por vós esperamos, Coletivo Além, Ocupe Estelita 2014.

Fonte: http://vivencianu.alem.art.br/

A sessão de fotos foi bastante recriminada por diversas pessoas de uma parte mais conservadora da cidade do Recife, assim como por alguns dos membros do grupo Direitos Urbanos que estavam assessorando a ocupação naquele momento. O fato foi marcado por questionamentos e discussões sobre a real importância, a libertinagem e os interesses daqueles “jovens vagabundos” que estavam ocupando o cais.

Apesar dessa má interpretação por uma parcela da população, existe um outro viés que podemos inferir como proposta de leitura dessa performance artística: os corpos estelitenses – em especial os corpos femininos ali retratados – aparecem nessa performance como corpo heterotópico[43] de contestação ao existente. Esse corpo utópico/heterotópico pode ser lido como um contra-ataque, como um corpo reinventado da resistência (RAGO, 2016). O corpo pode, desta forma, ser percebido como um “corpo outro”, expandido, reinventado, que carrega em si experiências históricas e que exerce sua função de denúncia, de comoção, de inquietação ou de provocação, no aqui e agora.

Para Diogo Rios (2015), uma vez que são os corpos que naturalizam as relações de poder e, fundamentalmente, dão vida ao espaço habitado, são também os corpos capazes de propor e elaborar outros espaços, imprevisíveis, incontroláveis e com alguma invisibilidade diante do poder.

A proposição de outros espaços vivenciados em meio aos planejamentos urbanos – que Foucault chama de heterotopias – é um dos desafios das ações de intervenção urbana. Nisso reside a potência dos corpos em criar e recriar os espaços, de corporificar outra cidade, relações, sensações, usos, práticas. Enfim, o maior obstáculo das tecnologias de poder reside na singularidade do corpo.

Por último, mas não menos importante, reafirmo a máxima de Marilena Chauí (2017) ao falar do corpo e, através dele, da experiência do espaço vivido:

[43] Cabe ressaltar que a discussão a respeito das heterotopias ou contraespaços, teoria desenvolvida por Michel Foucault, é melhor explanada no livreto II.

> *“Meu corpo, quando a minha mão direita toca a minha mão esquerda...o que ocorre aqui é um mistério, é um enigma. Porque a mão direita toca a mão esquerda, mas é tocada pela mão esquerda, de tal modo que aquele que toca é tocado e aquele que é tocante é tocado. E eu não sei mais qual mão toca e qual mão é tocada. O meu corpo é uma reflexão reversível nele mesmo. Isso é ser um corpo” (CHAUÍ, 2017).*

Meu corpo, assim como os dos outros ocupantes, foi igualmente tocado e tocante do, e pelo, Ocupe Estelita, reinventando diariamente aquele espaço da ocupação. Nossos corpos iam sendo inscritos através daquele ambiente conforme vivíamos intensamente aquelas experiências e, em contrapartida, também deixamos nossas marcas nos terrenos do cais. Posso afirmar que o Estelita ainda está gravado em nossos corpos. Ainda está gravado em mim.

3.4 ARGYREIA NERVOSA

> *“If I can’t dance it’s not my revolution.”*
>
> *Emma Goldman*

> *“Na parede de um botequim de Madri, um cartaz avisa: Proibido cantar. Na parede do aeroporto do Rio de Janeiro, um aviso informa: É proibido brincar com os carrinhos porta-bagagem. Ou seja: Ainda existe gente que canta, ainda existe gente que brinca”.*
>
> *Eduardo Galeano*

O jogo do batom vermelho

Uma ocupação não vive somente por seu viés político e desejo de resistência. As brincadeiras criadas cotidianamente por seus ocupantes possibilitam uma existência transbordante, dando vida ao cotidiano da ocupação. A bem da verdade, essas brincadeiras se mostraram algo recorrente no Estelita.

Certa vez, pouco depois do anoitecer, talvez em um dos eventos do Lesbian Bar que aconteceram durante a ocupação, uma dessas brincadeiras foi motivada por Mateus, um dos visitantes diários da ocupação. Mateus era um fotógrafo que morava em São Paulo e estava de passagem pela cidade do Recife, sendo consumido por aquele movimento em efervescência que pairava sobre o Cais José Estelita. Ele, Mateus, trouxe consigo um batom vermelho, desses baratos que se compra em lojas de R$ 1,99, mas de cor intensa. O vermelho:

> *“é a cor de todas as paixões, as boas e as más. Por detrás do simbolismo está a experiência: o sangue se altera, sobe à cabeça e o rosto fica vermelho, de constragimento ou por paixão, ou por ambas as coisas simultaneamente. Enrubescemos de vergonha, de irritação ou por excitação. Quando se perde o controle sobre a razão, ‘vê-se tudo vermelho’. Pintamos os corações de vermelho, pois os enamorados acreditam que todo o sangue aflui ao coração” (HELLER, 2013).*

O paulista, assim, munido de seu batom vermelho-sangue, estabeleceu algumas regras para a brincadeira. Para Mateus, o jogo deveria acontecer da seguinte maneira:

1. Ele (Mateus) deveria começar a colocar o batom vermelho nos lábios e beijar a primeira pessoa.

2. A partir do primeiro beijo, essa pessoa estaria apta a usar o batom vermelho e a entrar na brincadeira, beijando outras pessoas.

3. A pessoa seguinte só poderia ter acesso ao batom, inicialmente e exclusivamente, pela boca de alguém. A partir disso era permitido manusear o instrumento, passando-o em seus lábios, para beijar outras pessoas.

4. O número de pessoas compartilhando o beijo era sem limites, sendo necessário no mínimo uma pessoa além da detentora do batom.

5. A brincadeira possuía um início, mas não um fim determinado. Caberia aos brincantes decidirem seu fim ou terminaria com o desgastar absoluto do batom.

Após as regras serem explanadas por Mateus, e todos e todas ali presentes estarem certos de que haviam compreendido todas as regras, iniciou-se o jogo. Com efeito, para mim é bastante difícil descrever o número exato de pessoas com o rosto lambuzado daquele vermelho intenso do batom, inclusive o meu próprio rosto estava completamente lambuzado. As idas e vindas à procura do batom eram intermináveis. A brincadeira foi um sucesso.

Línguas e mais línguas, narizes, pescoços, bochechas, até mesmo orelhas – para não falar de outras partes do corpo que acredito ser melhor deixar para a

imaginação do leitor. Difícil também afirmar quando o passatempo foi finalizado. A mim, porém, pareceu tão longo e, ao mesmo tempo, tão curto. Uma experiência única com toda a certeza e, mais ainda, memorável. Realmente memorável.

*

Os jogos e brincadeiras eram algo que aconteciam constantemente durante o período da ocupação. Daniel Veras, um dos ocupantes do movimento, lembrou em entrevista que “a gente voltava com brincadeiras quando não tinha nada pra fazer”. Eram sempre brincadeiras que aconteciam naturalmente e iam tomando forma em momentos inusitados. “Ocupar! Resistir!” eram gritos recorrentes no Estelita, contudo, se não fossem por esses jogos, essas maneiras de fazer (CERTEAU, 1994) que recorríamos regularmente, seria impossível ocupar ou resistir durante todo aquele tempo. Os manejos populares jogam com os mecanismos de disciplinas e não se conformam com tais mecanismos, a não ser para alterá-los. As brincadeiras que se inventavam diariamente podem ser entendidas como esses manejos, mecanismos de resistência dos estelitenses. Essas práticas do espaço remetem, a uma experiência antropológica, poética e mítica de espacialidade, fazendo mover a cidade cinza e opaca, transmutando-a de forma lúdica.

Figura 38 - No Estelita também se ria, no Estelita também se brincava. Fotografia de Fernando Peres.

Fonte: Acervo pessoal de Juma

A noção de brincadeira possui um papel fundamental nesse contexto de ativismo: transformar localidades utilitárias em lúdicas – como acontecia diariamente no terreno do Estelita – significa fomentar outros agenciamentos e relações singulares entre os “brincantes”. Os espaços de brincar tornam-se potentes contraespaços exercitados, são, na verdade, como brechas de rememoração e de indisciplina corporal na cidade. Desse modo, as brincadeiras são aqui vistas como convites ao exercício de singularidades e de heterotopias (RIOS, 2015). A espontaneidade dos acontecimentos é crucial para esses tipos de situações, e a indeterminação, sua parte inerente.

Huizinga (1999) estava correto ao afirmar que o jogo é mais do que um fenômeno fisiológico ou mesmo um reflexo psicológico. O autor percebe que a palavra jogo[44] está presente em diversas culturas – sendo anterior à própria cultura, presente em todas as dimensões da sociedade e a partir do qual civilizações se desenvolvem –, confundindo-se com a palavra brincadeira, ou os termos lúdico e ludicidade. Com efeito, o termo *ludus,* de origem latina, é o equivalente à jogo, a palavra ilusão significa literalmente “em jogo”.

Ao analisarmos por essa ótica, é possível considerar que no Ocupe Estelita existia algo que se estava constantemente “em jogo” no período de constantes devaneios em que ocupamos o cais. Decerto, a ocupação poderia ser diluída a qualquer momento, pois sofríamos ameaças frequentes de violência e reintegração de posse. Peças que se moviam num tabuleiro de *go*, como bem expressaram Deleuze e Guatarri (1997), distribuídas num espaço aberto, ocupando-o e preservando a possibilidade de concretizar nossa ilusão.

Há de se levar em consideração que o jogo pode, de fato, ultrapassar os limites da atividade puramente física ou biológica. Para Huizinga, na medida em que o jogador entrega-se de corpo e alma ao jogo, a consciência de tratar-se apenas de um jogo (ou brincadeira) passa para o segundo plano. Dessa forma, a ludicidade e a vida se misturam. No entanto, para que isso aconteça, o jogar só consegue cumprir a finalidade que lhe é própria a partir do momento em que aquele que joga entra no jogo (GADAMER, 1985; FERRARI, 2010). O jogo só existe realmente quando se é jogado, ou seja, objeto e sujeito se confundem, de modo que o objeto não é mais objeto e o sujeito não é mais sujeito.

[44] Há uma diferença entre as principais línguas européias (onde spielen, to play, jouer, jugar significam tanto jogar como brincar). Na Itália, onde vivi por um ano, aprendi que *gioco* tanto pode ser traduzido como jogo ou brincadeira. Entretanto a nossa língua portuguesa nos obriga frequentemente a escolher um ou outro destes dois, sacrificando assim à exatidão da tradução uma unidade que só naqueles idiomas seria possível. Para mim, no entanto, jogo e brincadeira possuem o mesmo viés semântico, aos moldes do pensamento de Huizinga. No Estelita se jogava, no Estelita se brincava.

Figura 39 - O espaço da ocupação reconfigurou-se em um potente espaço para brincadeiras a todas as pessoas: crianças, jovens ou adultos. Fotografia de Fernando Peres.

Fonte: Acervo pessoal de Juma

A internacional Situacionista (JACQUES, 2003) já ambicionava ampliar o tempo lúdico do jogo enquanto vida cotidiana ao se tirar os limites temporais do jogo, transfigurando a vida de forma absoluta no próprio ato de jogar. Se a heterotopia é a prática do contraespaço, o jogo seria a prática do contratempo, uma heterocronia da vida ordinária. Os Situacionistas buscavam, assim, pulverizar as potencialidades do jogo na medida em que o trabalho se confundiria com lazer, atravessando os limites da ludicidade e estendendo-o à toda esfera da vida humana.

As atividades diárias que aconteciam no Estelita, nos lembra Vitor, um dos ocupantes, eram regadas por situações em que a utilidade e a frivolidade se confundiam. “Tomava pituzinha e ficava bom”, afirma o estelitense ao esboçar a jornada de trabalho que possuía na ocupação. Pitú para cozinhar, para lavar prato, para capinar, Pitú para existir na ocupação. As relações de trabalho, em que normalmente exigem mais seriedade e foco, eram desconfiguradas durante Ocupe Estelita. Trabalho e lazer se confundiam por meio de constantes brincadeiras. Os brincantes estelitenses jogavam “Eu nunca” e “Verdade ou Consequência”, fumavam maconha e bebiam enquanto cozinhavam, assim sendo, o ambiente funcional da

cozinha tornava-se lúdico. O riso sempre foi o alicerce do Ocupe Estelita, liberta de tudo que oprime e, principalmente, do medo limitador.

A própria montagem da cozinha demonstra que as relações comuns de trabalho não correspondem ao que se era experienciado no dia a dia do Estelita. Vitor nos lembra desse momento:

> *"Teve o negócio da construção da cozinha. A galera doidão, depois de uma festa. Começaram a fazer a cozinha toda errada. Pegaram um toco. Tem uma foto de Peres que é um monte de gente carregando um tronco, assim. Aí a galera quis usar esse tronco pra segurar a lona, só que ia rasgar a lona. A gente começou a ver que ia dar tudo errado. Aí foi quando a galera passou aquela corda e fez aquela do jeito que ficou. Que era aquela tenda, assim, grandona. Com a lona gigante. A galera ia botar aquela lona e ia botar uma madeira no meio. Só que a madeira ia roçar a lona e ia furar ela. Ia destruir a lona. Foi uma doideira. A galera começou a fazer e tinha esse negócio. A galera começava a fazer na tora as coisas…"*

Nos locais de trabalho vão se difundindo normas e técnicas que camuflam a reprodução econômica que sustenta o capitalismo, é preciso, portanto, criar esquemas de operações, ou maneiras de fazer que possam desautomatizar esses espaços. Essas maneiras de fazer criam potentes espaços do brincar que desconfiguram a ordem imposta. É preciso reconhecer os signos ali onde os referenciais não fazem mais sentido.

Gadamer (1985), porém, nos indica que existe um princípio do jogo diante da consciência do jogador, pois o que constitui a essência do jogo são as regras e deste modo, a subjetividade é desempenhada de forma secundária. Na medida em que a subjetividade submete-se às regras do jogo é ela que joga. Não é via de regra que outro participe efetivamente do jogo para que o mesmo aconteça, mas é preciso que ali sempre haja um outro elemento com o qual o jogador jogue e que, de si mesmo, responda com uma jogada contrária ao lance do jogador (FERRARI, 2010). A exemplo dessa proposição, temos os codinomes, verdadeiros jogos de palavras criados pelos estelitenses como forma de escapar das amarras do poder instituído. Iveta Caniveta,

Angelina Maravilha, Fedra Night, Doró, eram alguns dos nomes que foram utilizados por tanto tempo na ocupação que, como disse Daniel Veras, “tem gente que eu não sei o nome até hoje”.

Todo jogar para Gadamer é um “ser-jogado” e, portanto, o atrativo do jogo, a fascinação que ele exerce, reside justamente no fato de que o jogo passa a comandar o jogador. Gadamer corrobora com as ideias de Huizinga. Acredito, então, que seja interessante enumerarmos as características que, segundo Huizinga, são consideradas próprias do jogo:

> *“É uma atividade que se processa dentro de certos limites temporais e espaciais, segundo uma determinada ordem e um dado número de regras livremente aceitas, e fora da esfera da necessidade ou da utilidade material. O ambiente em que ele se desenrola é de arrebatamento e entusiasmo, e torna-se sagrado ou festivo de acordo com a circunstância. A ação é acompanhada por um estado de alegria e de distensão” (HUIZINGA, 1999, p. 147)*

O jogo para Gadamer (1985), assim como para Huizinga (1999), significa tanto jogar como brincar, tocar um instrumento, representar uma peça de teatro, criar codinomes, etc. Gadamer, no entanto, apresenta um aspecto essencial no jogar: o ir e vir de um movimento que não tem ponto de partida, nem de chegada. O movimento de vaivém é tão central para a definição essencial do jogo que chega a ser indiferente, é o que legitima o jogar e não quem ou o quê joga. Com efeito, não há um sujeito fixo que esteja jogando ali, o jogo é a realização do movimento como tal. Assim, está implícito no sentido figurado da palavra um movimento que não se fixa em nenhum alvo onde termine, e que isso também corresponde ao significado da palavra jogo enquanto dança (FERRARI, 2010).

Figura 40 - Dia de festa no Ocupe. O lúdico e o político não se separavam ao longo de toda a ocupação. Fotografia de Fernando Peres.

Fonte: Acervo pessoal de Juma

É preciso inventar novos jogos! Alertavam os Situacionistas. De tal forma que o jogo possa atravessar a vida cotidiana, tornando-se uma experimentação permanente de novidades lúdicas. Será, portanto, um meio de modificar os atuais conceitos de temporalidade e espaço. É sabido que quanto mais um lugar for destinado à liberdade do jogo, mais intervirá sobre o comportamento daqueles que jogam; a ocupação, nesse sentido, parecia o ambiente ideal para essa busca de reinvenções.

Por sua vez, no Homo ludens, Huizinga ressalta uma estreita relação entre a natureza do jogo e a da festa, tendo em vista que ambos possuem elementos em comum: a alegria, a limitação a um espaço e tempo, a combinação de regras, a independência e a liberdade. Graças ao seu caráter concreto e sensível, bem como a um poderoso elemento de jogo, as festividades têm sempre uma relação marcada com a experiência do tempo. Um tempo natural, cósmico, biológico e histórico. Não se deve esquecer, no entanto, que o tempo só é experienciado enquanto tempo se for tomado em sua plenitude.

Eis o que caracteriza a festa: chegado o tempo da festa[45], este se torna festivo, preenchido inteiramente pelo tempo próprio de sua comemoração. É o tempo de se demorar, e de festejar essa demora. Como diz Gadamer (1985), o tempo da festa é semelhante ao tempo referente às fases do desenvolvimento humano (infância, juventude e maturidade), porém, o que prevalece de fato é a experiência do tempo oportuno (*Kairós*), do tempo vivido e experienciado, e não apenas a cronologia (*Chronos*) da sucessão temporal, o tempo marcado de relógio (SILVA JUNIOR, 2005). À vista disso, o tempo da festa é, portanto, um tempo de permanência; uma celebração *sui generis* que nos convida ao demorar e preenche-nos, seja nos remetendo ao passado, seja nos inserindo no presente. A festa, sublinhou Gadamer (1985), pela sua própria natureza festiva, dá o seu tempo e com sua festividade faz o tempo parar, leva-o a demorar-se. Isso é festejar!

A festa não permite isolamentos, é um reunir-se, um congregar-se. Festejar requer estabelecer modos de representação, envolve hábitos e costumes, diferentes expressões de corpo e de discurso. Propõe Gadamer:

> *"Se há algo que está ligado com toda experiência de festa, este algo é o fato de a festa recusar todo isolamento de um em relação ao outro. A festa é comunhão e apresentação do próprio âmbito comum em sua forma plena. A festa é sempre para todos" (GADAMER, 2010, p.180).*

Em seu livro *A Atualidade do Belo*, Gadamer constrói uma relação entre a experiência da festa e a experiência da obra de arte. Para o autor só experimenta a festa verdadeiramente quem dela participa, aquele que se predispõe de fato a vivenciar suas peculiaridades comemorativas. Do mesmo modo é a experiência diante de uma obra de arte, a condição de espectador implica a existência de alguém que toma parte, integrando sua experiência temporal e assim determinando seu ser (SILVA JUNIOR, 2005).

[45] Michel Foucault nos faz lembrar que algumas heterotopias se apresentam ao modo da festa, são ligadas estritamente ao quesito do tempo.

É enquanto acontecimento festivo que a obra de arte instaura uma temporalidade de duração àquilo que, aparentemente, se apresenta de forma passageira. A experiência da arte, vale lembrar, é necessariamente uma experiência histórica, cujo horizonte de mediação entre o passado e o presente determina essencialmente seu desvelamento como experiência de sentido e verdade.

Os tempos da arte e o próprio tempo cronológico relacionam-se com o da festa ao unificar todos no todo, tornando a experiência ativa, à maneira da arte do entusiasmo e da embriaguez nietzscheniana: "cantando e dançando, o homem se mostra membro de uma comunidade mais elevada [...] Ele desaprendeu a caminhar e a falar; está a ponto de, dançando, voar pelos ares," (NIETZSCHE, 1992, p. 31).

Assim como a festa só acontece efetivamente para quem dela participa, ou seja, para aquele que se predispõe à peculiaridade da presença comemorativa, da mesma forma, diante de uma obra de arte a condição de espectador implica a existência de alguém que se propõe a vivenciar o momento de forma intensa, integrando sua experiência temporal e assim determinando seu ser.

Do ponto de vista de sua natureza e significado como fenômeno cultural, a festa refere-se à representação da própria coletividade, cuja significação remonta às representações sagradas das civilizações primitivas, aos rituais sagrados nas formas de suas realizações simbólicas e também místicas, assim como a comemoração dos acontecimentos nucleares da natureza. Como diz Huizinga:

> *“Algo de invisível e inefável adquire nela uma forma bela, real e sagrada [...] Os participantes do ritual estão certos de que o ato concretiza e efetua uma certa beatificação,faz surgir uma ordem de coisas mais elevada do que aquela em que habitualmente vivem. É executada dentro no interior de um espaço circunscrito sob a forma de festa, isto é, dentro de um espírito de alegria e liberdade. Em sua intenção é delimitado um universo próprio de valor temporário. Mas seus efeitos não cessam [...] Na época das grandes festas, o grupo social celebra os acontecimentos principais da vida da natureza levando a efeito representações sagradas, que representam a mudança das estações, o surgimento e declínio dos astros, o crescimento e o amadurecimento das colheitas, a vida e a morte dos homens e animais” (HUIZINGA, 1999, p. 19).*

Ao pousarmos os olhos na história das civilizações, percebemos que a cultura dos povos sempre foi marcada pela realização de festividades. Seja a caminho dos santuários quando em manifestações de alegria coletiva, seja em consagrações, em rituais de sacrifícios, movimentos de danças e disposição de máscaras atemorizantes, banquetes e competições sagradas, todas essas representações significativas constituíram e constituem parte integrante de um grande acontecimento festivo que, por sua vez, altera a ordem da vida cotidiana (SILVA JUNIOR, 2005).

Desse modo, a festa refere-se à atitude de celebrar, à ocorrência da comemoração. Ao aparecer em um dado momento, considerado como festivo, a festa conduz seus participantes ao sentimento de um ânimo festivo. Nessa experiência aqueles que dela fazem parte inserem-se em um jogo de comemoração de modo que suas preferências subjetivas e simples opiniões são ultrapassadas. Vive-se a festa enquanto celebração coletiva. Uma celebração, cuja experiência instaura uma temporalidade *sui generis*, um presente *sui generis* (SILVA JUNIOR, 2005). Os momentos festivos são momentos de comemoração, de recordação e também de expectativa, de modo que só há festa mediante sua celebração. Uma festa existe essencialmente a partir das companhias dos quais se celebra.

Ora, como a festividade só existe uma vez que é comemorada, isso significa que, embora ela tenha sua origem em um dado histórico, sua natureza implica sua regular comemoração. Este caráter temporal não é concebível a partir da experiência habitual do tempo como sucessão. Na verdade, uma festa não é na realidade a mesma coisa; aliás, o é, na medida em que subjetivamente é sempre diferente. A peculiaridade do tempo festivo faz com que nenhuma festa seja igual a uma outra, mesmo quando na comemoração incessante de seus sucessivos retornos. A festa está aí, chegou seu dia e nela nos inserimos tomando parte. Em sua essencial natureza, sua celebração não reivindica o dispor de um tempo, ou mesmo o preenchimento abstrato do tempo, de modo que sua essência implica, concomitantemente, uma referência absoluta a um presente *sui generis*.

Na música *A festa*, Milton Nascimento consegue traduzir esse sentimento particular*:*

“E seguimos dançando, um balanço malandro

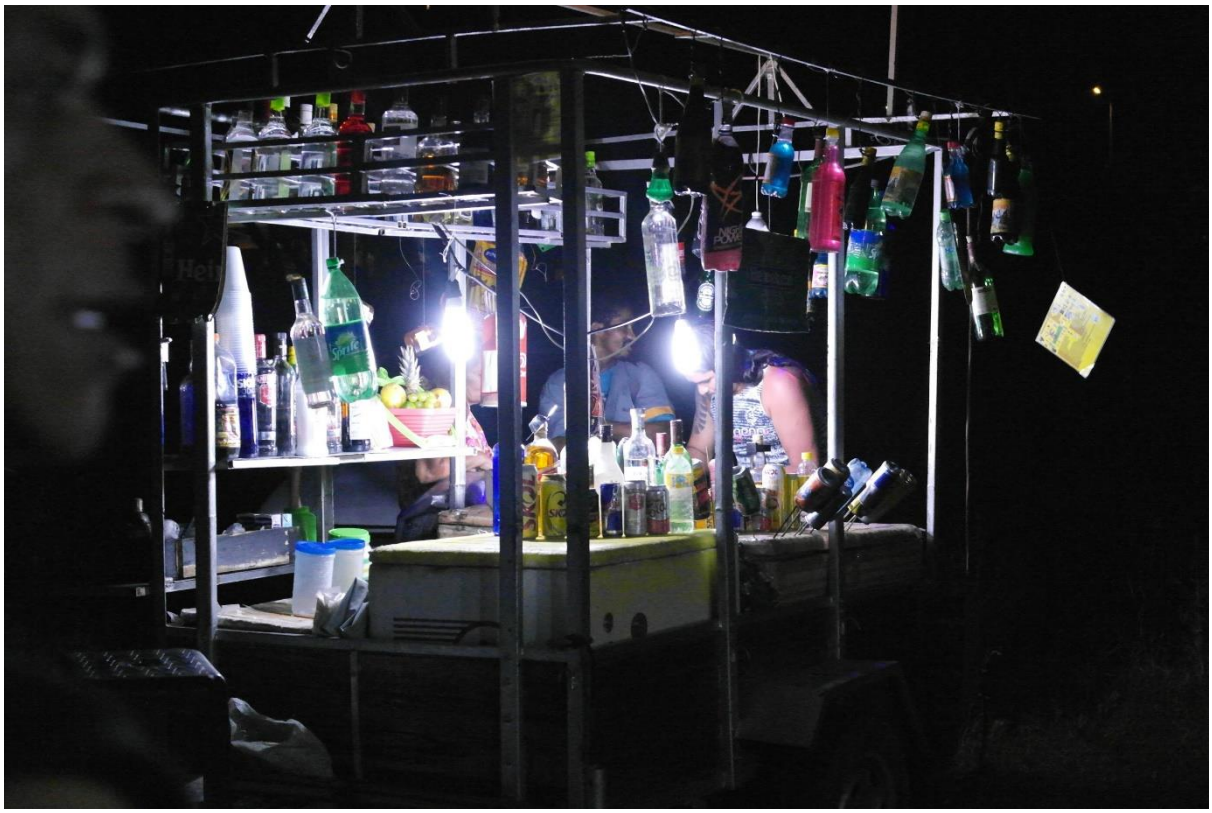
E tudo rodando

Parece que o mundo foi feito pra nós

Nesse som que nos toca, meu amor”.

A festa intensifica sensações, prazeres, gozos. Risos, corpos que se tocam, música compartilhada. Para Bakhtin (1999), a festa permitia a construção de um segundo mundo, deliberadamente não-oficial, exterior à Igreja e ao Estado. A festa de rua reinventa a vida e anuncia novas formas de experimentar coletivamente a existência. O *Reclaim the Streets* estavam corretos! A festa de rua é uma explosão do nosso potencial reprimido, uma verdadeira celebração da diversidade, um encontro de vozes em solidariedade. Sim, um festival de resistências!

Figura 41 - Lesbian Bar durante a ocupação. Era normal entrar em contato com os vendedores ambulantes para que fossem à ocupação vender bebidas. Fotografia de Fernando Peres.



Fonte: Acervo pessoal de Juma

Esse desejo de resistência precisa de alimento constante e o próprio corpo, em sua casca, parece não resistir bem, tornando-se inquieto, ofegante e, aos poucos, cansado e deprimido. Como um balão cujo gás vai escapando, a energia insana de nossa alegria física procura abrigo – nas festas, nos sorrisos e afetos compartilhados, no álcool, nos beijos e alucinógenos, no ombro amigo que lhe segura para não cair.

As festas do Cais José Estelita podem ser lidas a partir desse contexto. Daniel, Vitor e Mia nos lembram como aconteciam as festividades durante a ocupação, que podem ser diferenciadas entre festas públicas ou externas – mais voltadas para os visitantes e simpatizantes em geral, e que possuíam a característica de congregar um maior número de pessoas, dando grande visibilidade e força ao movimento – e festas internas que aconteciam nos dias de semana e que serviam seja para movimentar a ocupação durante a semana (mais atingidos pelo esvaziamento de pessoas em relação aos sábados e domingos), seja para fortalecer a rotina massante nos dias do Ocupe Estelita.

Nos confirma Daniel que “as festas inclusive traziam muitas pessoas de fora né. Gente pra ver o que tava acontecendo”. Vejamos o comentário de Vitor sobre as festas internas:

> *“(...) os Lesbian Bar eram festas pra gente porque eram durante a semana e quase ninguém ia. Assim, ia, mas eram coisas que mais a gente curtia que as do fim de semana”*

Mia, por sua vez, complementa a fala de Vitor:

> *“Eu lembro muito das festas que tinha já depois que Fernando Peres chegou também. que era meio Lesbian, sabe. E ficavam vários ambientes assim, tipo, luzes coloridas, e tinha aquele toldo central que era meio que a sala, e a cozinha. Eu ficava sempre na cozinha. Com o tempo foi se “consensuando”[sic], assim, que o toldo central era meio dos visitantes e a cozinha era um pouco do espaço de quem morava. Lembro muito dessas festas na cozinha, que ficavam uma rodona. Acho que eu lembro um dia que foi quando uma galera dos Coelhos e do Coque começou a chegar mais. Que chegou um monte de pirraia, e aí primeiro a gente*

> *tava meio dividido, tavam eles cheirando cola num canto e a gente em outro e aí começou a tocar uns bregão na cozinha e foi quando todo mundo se uniu. E começou todo mundo a dançar e eles chegaram dançando também. Acho que foi meio que isso, a primeira noite que eles chegaram mais fortes".*

Dessa maneira, podemos concluir que as festas no Ocupe Estelita serviam tanto para energizar as forças dos estelitenses em seu desejo de resistência, como também para congregar novos simpatizantes. A festa, logo, tem o poder de unir os revoltosos por um ideal comum, aproximando indivíduos de diversas classes sociais, pois foi através dessas festas internas que os membros das comunidades vizinhas foram se chegando na ocupação. A princípio, os habitantes dessas comunidades estavam receosos em se aproximar do movimento, mas, à medida que essas festas internas iam acontecendo, os diálogos se tornavam possíveis. Os gostos musicais semelhantes ajudavam nesse diálogo.

Em seu livro *Homo Ludens*, Huizinga questiona a natureza da festa, a qual possui uma ligação estreita com o jogo.

> *"também as festas possuem aquele caráter de independência primeira e absoluta que atribuímos ao jogo (…) 'a festa é uma entidade autônoma, impossível de se assimilar a qualquer outra coisa que exista no mundo'" (HUIZINGA, 1999, p. 25).*

Bakhtin (1999) faz um estudo das festas populares da Idade Média, em especial do carnaval, e nos lembra que a festa seria verdadeiramente uma paródia à vida ordinária, algo como um "mundo ao revés". Dessa forma o riso tem a capacidade de degradar a vida ao mesmo tempo em que a materializa.

O elemento que unifica a diversidade de manifestações carnavalescas e lhes confere a dimensão cósmica é o riso, um riso coletivo que se opõe ao tom sério e do poder instituído, mas que não se limita a ser negativo e destrutivo, antes projeta o povo-que-ri em liberdade fecunda e regeneradora como a própria natureza. O carnaval se torna uma oportunidade única de revelar os aspectos mais profundos da realidade cotidiana - aqueles que talvez sejam perturbadores demais para se mostrar

aberta e frequentemente. Ele perpassa a esfera do espetáculo e situa-se nas fronteiras entre a arte e a vida. O carnaval na Idade Média, como comprova Bakhtin (1999), não era uma forma artística de espetacularização da vida, mas uma forma concreta (ainda que provisória) da vida ordinária do povo e que não era apenas representada no palco, pelo contrário, era vivida intensamente enquanto durava o carnaval.

O carnaval distinguia-se, sobretudo, das festas oficiais e não somente da vida cotidiana hierarquizada. Enquanto as festas oficiais consagravam a estabilidade, a imutabilidade e permanência das regras que conduziam o mundo em camadas rígidas, o carnaval proclamava a suspensão de valores, normas, tabus religiosos, políticos e morais correntes.

A festas não oficiais do Estelita dão vida à cidade e ajudam a configurar a possibilidade de novos modos de enxergar a vida. Elas alteram os acontecimentos das festas oficiais que são criadas pelo Estado como forma de controle.

O carnaval era o triunfo de algo como a liberação, ainda que temporária, da verdade dominante. A abolição provisória das hierarquias, privilégios, regras e tabus (BAKHTIN, 1999). Enquanto as festas oficiais apresentavam padrões rígidos, o carnaval era o triunfo de uma espécie de liberação temporária da verdade dominante e do regime vigente que relativizavam as verdades das autoridades. Rachel Soihet (1998), influenciada pela interpretação de Bakhtin, defende o argumento de que o riso no carnaval e nas festas populares são armas eficazes contra a hierarquização e a opressão dos subalternos. Nessa perspectiva, a autora nos apresenta alguns indícios desse entrelaçamento entre lúdico e político. Esta resistência simbólica se expressa através de práticas nas quais os populares – através do deboche, da paródia, da inversão – incorporam a forma dominante, mas subvertem seu conteúdo.

O homem da Idade Média, sublinha Bakhtin, participava igualmente de duas vidas – a oficial e a carnavalesca – e de dois aspectos do mundo: um piedoso e sério, outro, cômico. Eles coexistiam lado a lado, mas não se engane, esses aspectos da vida não se confundem, não se misturam.

Equivocam-se, portanto, aqueles que imaginam que o riso permaneceu sem qualquer tentativa de silenciamento; pelo contrário, eram – e são até hoje – duramente

perseguidos pelas instituições de poder. Aliás, o riso do povo, como bem sabe a história, sempre foi bastante condenado e controlado quando era manifestado pela população[46]. A festa, o riso, o caráter festivo da vida deveriam ser abolidos ou cerceados de todas as formas, limitando suas formas de uso, criando-se regras para sua existência.

Ainda que seja legalizado, o riso possui uma ligação indissolúvel e ativa com a liberdade – embora seja uma liberdade relativa e de caráter efêmero por manter vínculos diretos com o poder instituído. O riso se apresenta como uma resposta à censura, a essa cultura oficial e séria. Tem a competência de encontrar linhas de fuga diante da censura – oficial e séria – de tal maneira que em que é possível libertar o indivíduo do medo, da interdição autoritária, do poder. Portanto, o riso da festa popular tem como elemento essencial a vitória – ou pelo menos a tentativa – sobre todas as formas de poder infringidas pelos soberanos.

Não se separa o lúdico do político, bem sabiam os Situacionistas. Através do riso exprime-se todas as verdades a respeito da humanidade, recontando sua história, seus problemas e insatisfações. O riso, diferente do sério, é a maneira de expressar pontos de vista particulares sobre o mundo e já foi usado de inúmeras formas para desmascarar os males que afligem a população. Lembremos dos versos irônicos de "Jorge Maravilha" – música de Chico Buarque –, das charges ácidas de Laerte Coutinho, das belas sátiras de Galeano. O riso possui a função catártica de libertar o povo, visto que é um ato de inversão de valores da estagnação e seriedade das rotinas cotidianas, e é rindo que se mostra o animal que se é, observa Millôr Fernandes.

As festas, no entanto, não existem sem o soar de alguma canção, também durante o Ocupe Estelita, diversas canções embalaram nosso dia a dia, mas o Anarcofunk – espécie de música de protesto cantada majoritariamente por minorias sociais (negros, pobres, mulheres, e LGBTQ's) e ritmadas ao som do funk carioca – ia e vinha e nossas *playlists.* As letras remetiam a situações de insatisfação sofridas diariamente por essas minorias. "Várias caras de mucamas..."; "Vou cortar sua pica! Vou cortar sua pica!"; "Eu sou passiva, mas meto bala, se quiser tapar meu cu com a

[46] Não esqueçamos, no entanto, que as festas também são instrumentos de controle da população. Atualmente gastam-se fortunas para a realização de festividades, porém, as festas a que me refiro se tratam daquelas que são manifestações do povo, festas de resistência criadas pela própria população. Essas festas são como linhas de fuga do poder instituído.

sua bíblia eu meto bala”; eram algumas das letras que eram seguidas em coro pelos estelitenses. Festejava-se e, ao mesmo tempo, fazia-se política, ditando para quem quisesse ouvir os acordos daquele ambiente que estávamos querendo construir. As manifestações artísticas não se dissociavam da política em nenhum momento durante a ocupação. Rodas de coco, o Som na Rural de Roger de Renor, os shows de Otto e Karina Buhr, os ruídos dos instrumentos musicais de gambiarra criados por Marcelo Campello. As festas, públicas ou internas, serviam de suporte para legitimar as mudanças que se reivindicavam através da ocupação.

Figura 42 - Festas no Ocupe Estelita em dias de domingo. Vista da casa da árvore. Fotografia de Fernando Peres.

Fonte: Acervo pessoal de Juma

O sério é oficial, autoritário, associa-se à violência, às interdições, às restrições. Há sempre nessa seriedade um elemento de medo e de intimidação e embora, como afirma Bakhtin (1999), esse sério dominasse os ritos oficiais durante o período da Idade Média, nos diversos folguedos carnavalescos o riso era imperioso e contrariava, absolutamente, tal noção. O riso não impõe nenhuma interdição, nenhuma restrição.

> *"O riso significava libertação dos padrões sérios e oficiais, mas é preciso destacar que —a liberdade do riso, como qualquer outra liberdade, era evidentemente relativa; seu domínio se alargava ou diminuía alternadamente, mas não foi jamais interdita" (Bakhtin, 1999, p. 77).*

Para Bakhtin, até a Idade Média, o riso não era oficial; fazia parte das tradições cômicas populares, mas era posto de fora da tradição erudita. Devido a isso, sua cultura possuía privilégios especiais de liberdade e impunidade.

A festa converte-se na forma que se reveste em segunda vida e penetra temporariamente o reino utópico da liberdade, igualdade e universalidade. O jogo da festa transforma-se por um certo tempo na vida real do sujeito. Uma vida festiva ou mesmo uma segunda vida baseada no princípio do riso.

Há de se destacar no Ocupe Estelita uma festa que ficou marcada na história da ocupação, ou pelo menos entre aqueles que compartilharam daquele momento. Ocorre que, num desses Lesbian Bar que aconteciam em dias de semana para os ocupantes e todo aquele que quisesse participar de instantes de alegria, eis que surgiram sementes de *Argyreia Nervosa*[47]. Não se sabe bem ao certo quem trouxe aquelas sementes. Na verdade, as narrativas se confundem e se desencontram. Porém, visto que o Estelita era repleto de pessoas que pregavam o antiproibicionismo, fica difícil *dar nome aos bois*.

[47] É uma planta também conhecida como trepadeira-elefante. As suas sementes possuem LSA (substância com efeitos similares ao LSD, mas um pouco menos intensos e menos visuais) e podem ser consumidas. A *trip* ou lombra dura em torno de 6 a 8 horas, contudo a sensação de tranquilidade pode durar cerca de 12 horas. A dose usual é de 4 a 8 sementes, mas pode-se consumir mais para um efeito mais intenso. Estas devem ser bem mastigadas de modo a que as substâncias ativas possam ser absorvidas pela saliva.

Várias pessoas chegaram a comer as sementes de argyreia, eu mesmo comi doze sementes, alguns mais e outros menos. Ouvi falar de gente que chegou a comer trinta e quatro sementes “para garantir a lombra”.

Começava-se a sentir o corpo formigando, os olhos nos pregavam peças, pois as cores misturavam-se em tons psicodélicos; as vozes pareciam distantes, a boca salivava e a língua estava dormente. Sentia-se a música tomando conta do corpo, conduzindo-nos em movimentos assincrônicos.

Às gargalhadas, em tom altíssimo, os que provaram das sementes dispersaram-se como doidos, a marcar o tempo com palmas e sapateados, enquanto dançavam ao sabor das músicas que tocavam naquele momento. À base de brincadeiras, as pessoas ali presentes, bêbadas, dão-se trancos, dançam passos de frevo ao som de música eletrônica. Dão pulos e rodopiam no próprio eixo, perdendo o equilíbrio quase ao ponto de bater no chão. “Aproveita, minha gente! Não quero ninguém triste, não quero ninguém sozinho, não quero ninguém a seco! Encham a cara que a morte é certa!” (MORAES, 2004). Dança, dança, dança!

Todo “momento” é um Festival! É o que nos afirma Henri Lefebvre (2002). O “momento” se discerne ou se destaca a partir de uma confusão, quer dizer, uma ambigüidade inicial, por uma escolha que o constitui e que tende a revalorizar o descontínuo, capturando-o na trama do vivido. O objetivo é de unir a festa à vida cotidiana. O “momento” tem certa duração própria – ele quer durar – e se destaca do *continuum* das transitoriedades. Todavia ele não pode durar (pelo menos não por um longo tempo), ou perderia sua característica extraordinária. Tal contradição interna confere-lhe intensidade própria, levada até o ápice, pois em sua plenitude já se manifesta seu fim inelutável. O “momento” tem sua memória e se torna absoluto; é o possível e o impossível vislumbrado e desejado como tal.

O “momento” não pode se definir nem no cotidiano e nem através do cotidiano, nem tampouco pelo extra-cotidiano e excepcional. O “momento” não surge gratuitamente em qualquer situação ou instante. Festa, maravilha, mas não milagre, ele tem suas razões e não intervém na cotidianidade sem que essas razões se manifestem. A Festa só tem sentido em sua irrupção no terreno morno e macio do

cotidiano. Ela consome em um segundo toda a paciência e a seriedade acumuladas pela cotidianidade.

O “momento” é um balanço, um movimento de gangorra em um constante jogo com a vida. A vida cotidiana, sublinha Lefebvre (2002), é um solo em que o “momento” germina e enraíza.

Quando o “momento” termina, há uma quebra...

*

Em Orfeu da Conceição (MORAES, 2004), Plutão nos lembra: Triste de quem não quer brincar, que fica a labutar ou a pensar o dia inteiro! Triste de quem leva a vida a sério, acaba num cemitério, trabalhando de coveiro!

Alegria! E viva a orgia! É o reinado da folia! É hoje o último dia! E viva!

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estou cansado, é claro. Porque, a certa altura, a gente tem que estar cansado. Resistir é uma palavra linda, mas às vezes só queremos viver. Caminho então por um corredor de argamassa e consigo ouvir os gritos daquele tempo, quase se pode sentir a relva alta fazendo cócegas nas pernas. Infelizmente o monstro da escavadeira vem gritando com sons de sangue e morte, de destruição. Hoje quem passeia pelas alamedas daquele lugar não pode deixar de sentir o impacto de suas construções, indecisas entre o luto e a meditação, tentando fazer da morte um filtro, uma lente mais cômoda e distanciada.

Recentemente o Estelita foi ocupado novamente, houve um novo *levante* contra o desmonte da Cidade do Recife. Entretanto, a ocupação, infelizmente, não durou tanto quanto a anterior e terminou de maneira trágica, com o quase desabamento das paredes que sutentavam o cais sobre os ocupantes e a destruição de parte das construções do terreno.

Esse fato só demonstra o quanto esse tipo de pesquisa é da maior importância. Em tempos em que governos autoritários se erguem em todo o mundo, é essencial que gritemos em todos os espaços possíveis, pois “Luto também é verbo!”.

A pesquisa está pautada, principalmente, na tentativa de recompor a estética e o funcionamento dos cenários e comportamentos vividos de maneira intensa durante os dias em que estive na ocupação. Tentei escrever sugerindo o que pode ser, perguntando e deixando perguntas sem respostas, tentando pôr em movimento os meus próprios questionamentos. A pesquisa, contudo, sempre está aberta a novas interpretações.

A decisão pela abordagem das entrevistas aconteceu, pois acredito que, como sublinhou Ítalo Calvino em “Seis Propostas para o Próximo Milênio” (1990), cada vida, verdadeiramente, é uma enciclopédia, uma biblioteca ou um inventário de objetos. Uma amostragem de estilos onde tudo pode ser remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis. Por esse motivo, as memórias – minhas e de outros ocupantes –

são a tessitura em que dispomos as teorias utilizadas para nossa análise. Os fios de Ariadne que nos ajudam a encontrar a saída de nossas indagações.

O primeiro livreto dessa pesquisa se propôs a apresentar a(s) cidade(s), suas poéticas, intervenções artísticas e alguns conflitos presentes no espaço urbano. A cidade é, também, o lugar por onde perpassam infinitas histórias de resistência. Como se pode perceber, ela tem a característica natural de ser o local das revoluções e levantes, dos constantes recomeços e das mudanças incessantes de estilos de vida. A intenção desse livreto, contudo, era mostrar essas diversas interpretações subjetivas que a cidade pode conter, além de dar visibilidade a esses movimentos contraculturais que, de alguma maneira, incorporaram a arte de forma a estetizar seus movimentos.

No segundo livreto transitamos pela ocupação de maneira mais profunda, buscando direcionar o nosso olhar para as vivências que, em grande medida, estavam sendo negligenciadas pelas recentes pesquisas do Ocupe Estelita. Acredito que por esse olhar conseguimos, ainda que minimamente, demonstrar a pluralidade e a riqueza de acontecimentos que permearam a ocupação.

A história dos poderes, é na verdade uma história dos espaços através dos quais o poder se mostra (DEFERT, 2013), e, por esse motivo, os “ocupes” também são passíveis de uma análise mais complexa. Sendo assim, escolhemos repousar nossos pensamentos em teorias que pudessem dar suporte às nossas inquietações, mas sem esquecer de algumas linhas de pensamento e linguagens poéticas que conseguissem transcrever, da forma mais pessoal que consegui, aqueles dias do Ocupe Estelita.

Tentei o máximo que pude ser fiel aos acontecimentos, num esforço de resgatar em minhas memórias as experiências mais marcantes da ocupação, mas também me rendi às sutilezas do tempo vivido, aos pequenos momentos que vêm como um *flash* em nossas mentes e são como um afago em nosso rosto.

Essa mesma dissertação poderia ter sido escrita de uma maneira totalmente diversa de como se apresenta aqui, criando outras imagens e interpretações do Ocupe Estelita, e espero realmente que o seja. Entendo essa pesquisa como um farol, uma luz que é capaz de guiar outros em uma aventura sem fim.

Existe em mim o desejo de que essa dissertação fosse reescrita pelo viés da decolonização, pelo olhar da mulher lésbica, pela voz da bicha da periferia, por aqueles e aquelas que compõem as comunidades vizinhas ao cais e como isso interviu em suas vidas. Gostaria que o ocupante negro falasse dos problemas raciais da ocupação, assim como a LGBT (principalmente as pessoas trans) falasse dessa descoberta da transgeneridade após a ocupação e se isso, de alguma forma, foi gatilho para suas experiências futuras. Quero que todos que estejam lendo essa dissertação a entendam também como uma forma de militância.

Desde o início a minha vontade era a de silenciar os autores europeus, dando visibilidade aos pensamentos caribenhos, africanos, latinos, afrodescendentes, LGBTQ+. Tentei o máximo que pude e, ao menos, consegui um pluralidade de autores e autoras fora dos centros euroamericanos. Não se enganem, a resistência ao poder deve se espalhar por todas as esferas da sociedade, inclusive a esfera acadêmica. Todo lugar é, portanto, um lugar de resistência.

Realmente não sei quantas almas tenho, a cada momento em que me perdia e me encontrava na escrita eu mudava. Após finalizar, venho continuamente me estranhando. Olho o meu ser alheio, como páginas. Outrora eu era daqui, e hoje regresso estrangeiro para esta ocupação através de minhas palavras. Sinto-me viver vidas alheias, em mim, incompletamente, como se o meu ser participasse de todos os homens e mulheres da ocupação, incompletamente, por uma suma de não-eus sintetizados num eu postiço. Sinto-me múltiplo. Sou como um quarto com inúmeros espelhos fantásticos.

Percebo que sou como Alice. Ela “tinha se acostumado tanto a esperar só coisas esquisitas acontecerem que lhe parecia muito sem graça e maçante que a vida seguisse de maneira habitual”. (CARROL, 2009, p. 22). Depois do Estelita, a vida mundana já não me completa mais, quero absurdos e fugas da vida cotidiana. Estou em busca de novas “utopias piratas” (BEY, 2001).

Todavia, sou de acordo com Bruno Tolentino (2006), pois nem tudo se desfaz, resta em tudo um resquício, um eco ou outro a mais de restos e destroços de nossas memórias dos tempos vividos. A intensidade dos dias de ocupação me atravessa vez

ou outra, me levando a trabalhar em outros espaços de militância. Essa pesquisa não se isenta desses espaços, na verdade os constitui.

Portanto, ao finalizar esta pesquisa (se é que realmente a finalizamos) nos resta essa faculdade incoercível de sonhar. De transfigurar a realidade, dentro dessa incapacidade de aceitá-la tal como é. Resta-nos esse desejo de ocupar outros espaços de contestação.

Daqui estou vendo o horizonte, cheio de gritos e lutas de uma população insatisfeita, sons ensurdecedores de bombas de efeito moral, o cheiro de spray de pimenta no ar; vejo também corpos insubordinados que insistem em se *levantar* quando seria mais fácil ceder e são esses corpos que dão força aos movimentos. E vejo muitas outras coisas que não ouso compreender…

O Estelita realmente ainda está marcado em mim, em minhas memórias e cicatrizes, e acredito que *essa ferida, meu bem, às vezes não sara nunca, às vezes sara amanhã.*

Um último grito ecoa pela minha mente, e se repete, num barulho sem fim, cada vez mais alto. Diversas vozes entoam em uníssono:

> *Ocupar! Resistir! ...*

REFERÊNCIAS

Vídeos

106 Sociedade Estelita. Aratú Produções. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1ByRN_xBkSg>. Acesso em: 29 ago. 2019.

99%: The Occupy Wall Street Collaborative Film. 2013. Disponível em: <https://itunes.apple.com/us/tv-season/99-the-occupy-wall-street-collaborative-film/id698876644>. Acesso em: 02 set. 2019.

CABEÇA de Prédio. Ocupe estelita. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HcenLcp1w2U&list=PLXSINNcw7jUMrI0kqJ8d7y1QseVtVdNNu&index=10&t=312s>. Acesso em: 29 ago. 2019.

ARGENTIERI, Benedetta; CASAZZA, Claudio; PREVOSTI, Carlo; SERVI, Duccio; ZOJA, Stefano. Çapulcu, Voices from Gezi Park. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ggY3S3DtilU>. Acesso em: 13 set. 2019.

BRAÇO armado das empreiteiras. Ocupe estelita. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-cw67cCuni0&list=PLXSINNcw7jUMrI0kqJ8d7y1QseVtVdNNu&index=15&t=0s>. Acesso em: 29 ago. 2019.

JORDAN, John; FREMEAUX, Isabelle. The art of creative resistance. Budapest, Hungria. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wEFchY18-xY&list=PLXSINNcw7jUMrI0kqJ8d7y1QseVtVdNNu&index=24&t=693s>. Acesso em: 29 ago. 2019.

NOVO Apocalipse Recife. 2015. Ocupe Estelita. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uE0wJi6xNBk&list=PLXSINNcw7jUMrI0kqJ8d7y1QseVtVdNNu&index=8&t=0s>. Acesso em: 29 ago. 2019.

RECIFE, cidade roubada. Ocupe estelita. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dJY1XE2S9Pk&list=PLXSINNcw7jUMrI0kqJ8d7y1QseVtVdNNu&index=11&t=6s>. Acesso em: 29 ago. 2019.

RECLAIM THE STREETS - The Film (reloaded). 2000. Augustin G. de Quijano. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-2snn3XDbLg&list=PLXSINNcw7jUMrI0kqJ8d7y1QseVtVdNNu&index=6&t=12s>. Acesso em: 29 ago. 2019.

VIDA Estelita. Ocupe estelita. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bbvKuKutH9w&list=PLXSINNcw7jUMrI0kqJ8d7y1QseVtVdNNu&index=12&t=498s>. Acesso em: 29 ago. 2019.

Textos

ALVES, Castro. O Povo ao Poder. 2019. Disponível em: <http://www.projetomemoria.art.br/CastroAlves/memorias/memorias_amor_povo.html>. Acesso em: 21 out. 2019.

ANDRADE, Carlos Drummond de. O minuto depois. In: Corpo. Companhia das Letras. São Paulo, 2009. p.9.

ANITELLI, F. ; TRAMONTANO, M. . Abandonados por uns, ocupados por outros: edifícios de apartamentos no centro paulistano. REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS URBANOS E REGIONAIS, v. 18, p. 77-91, 2016.

AZEVEDO, Paulo Fidelis; SOUZA, Eduardo A.;CADENA, Renata. Um panorama do Movimento Ocupe Estelita: design gráfico político e possíveis conexões. Revista Projetica, 2018. v. 9, n. 2Supl (2018) P&D 2018. p. 217-236.

BAGOLIN, Luiz Armando. Hermenêutica da Obra de Arte. Kriterion, Belo Horizonte, v. 52, n. 123, p. 265-269, Junho 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2011000100018&lng=en&nrm=iso>. Accesso em 29 ago. 2019.

BAKHTIN, Mikhail. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento. O Contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

BALL, Hugo. Primeiro Manifesto Dadá. Manifesto de abertura na primeira soirée Dadá. Zurique, 1916. Disponível em: <http://www.uel.br/projetos/artetextos/textos/dada.htm>. Acesso em: 26 nov. 2019.

BARBOSA, David Tavares. Novos Recifes, velhos negócios : política da paisagem no processo contemporâneo de transformações da Bacia do Pina – Recife/PE : uma análise do Projeto Novo Recife. Recife, 2014.

BECKER, Howard Saul. Outsiders: estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BELLAIGUE,Christopher de. Turkey: 'Surreal, Menacing…Pompous'. New York Review of Books. 2013. Disponível em: <https://www.nybooks.com/articles/2013/12/19/turkey-surreal-menacing-pompous/?pagination=false>. Acesso em: 29 ago. 2019.

BENEDETTI, Mario. Por Qué Cantamos. 2009. Disponível em: <https://www.poemas-del-alma.com/mario-benedetti-por-que-cantamos.htm>. Acesso em: 13 set. 2019.

BOURRIAUD, Nicolas. Estética Relacional. São Paulo: Martins, 2009.

BUTLER, Judith. Levante. In: DIDI-HUBERMAN, Georges. (Org.). Levantes. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017.

CÂMARA, Belize. Esclarecimentos sobre o Projeto Novo Recife. 2012. Disponível em: <<direitosurbanos.wordpress.com/2012/12/29/esclarecimentos-sobre-o-projeto-novo-recife-por-belize-camara&gt> Acesso em: 2 abr. 2018.

BEY, Hakim. TAZ: zona autônoma temporária. Coleção Baderna. São Paulo: Conrad, 2001

BLANCO, Julia Ramírez. Reclaim The Streets! From Local to Global Party Protest. 2013. Disponível em: <http://www.thirdtext.org/reclaim-the-streets>. Acesso em: 27 ago. 2019.

CALVINO, Italo. As cidades invisíveis. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

_____. Seis propostas para o próximo milênio. Companhia das Letras, 1990. 1ª ed.

CÂMARA, Belize. Esclarecimentos sobre o Projeto Novo Recife. 2012. Disponível em: <<direitosurbanos.wordpress.com/2012/12/29/esclarecimentos-sobre-o-projeto-novo-recife-por-belize-camara&gt> Acesso em: 2 abr. 2018.

CARROL, Lewis. Aventuras de Alice no País das Maravilhas; Através do Espelho e o que Alice encontrou lá. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

CAVALCANTI, Juliana do Rêgo Barros Alves. JORNALISMO E SILENCIAMENTO: Uma análise da cobertura dos jornais pernambucanos sobre o Movimento Ocupe Estelita. 2019.

CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano: 1, Artes de Fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

_____; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. A Invenção do Cotidiano: 2, Morar, cozinhar. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

CHAUÍ, Marilena. Espaço, tempo, mundo virtual. Palestra em 21 de fevereiro de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4Qj_M6bnE-Y>. Acesso em: 16 ago. 2019.

CUNHA FILHO, P. C.. A Beleza, Essa Coisa Subversiva. 2017. Disponível em: <https://outroscriticos.com/a-beleza-essa-coisa-subversiva/>. Acesso em: 27 ago. 2019.

_____. Derivem, babies. E Leiam Michel de Certeau. Disponível em: <https://outroscriticos.com/derivem-babies-e-leiam-michel-de-certeau/>. Acesso em: 06 set. 2019.

DAMASIO, Antonio. How Our Brains Feel Emotion. 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KsSv1KzdiWU>. Acesso em: 06 set. 2019.

DEFERT, Daniel. Posfácio in FOUCAULT, Michel. O corpo utópico, as heterotopias. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARRI, Félix. Introdução: Rizoma In Mil platôs - capitalismo c esquizofrenia 2, vol. 1. São Paulo: Ed. 34, 2011 (2ª Edição)

_____. Mil platôs - capitalismo c esquizofrenia, vol. 5. São Paulo: Ed. 34, 1997.

Diário de Pernambuco. 2016. Marcelo Campello: arte de urgência e acessibilidade musical. Disponível em: <https://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cultura/musica/noticia/2016/10/04/marcelo-campello-arte-de-urgencia-e-acessibilidade-musical-255370.php>. Acesso em: 28 out. 2019.

DIDI-HUBERMAN, Georges. (Org.). Levantes. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017.

DUNKER, Christian. Como aprender a escutar o outro? Casa do Saber, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Zo-jk4kVtE8>. Acesso em: 27 nov. 2019.

FERNANDES, Millôr. O Banheiro. 2012. Disponível em: <https://www.luso-poemas.net/modules/news03/article.php?storyid=1753>. Acesso em: 31 out. 2019

FERRARI, Flávia Dias de Oliveira. A Noção Gadameriana de Jogo. In: Começando pelo jogo: compreensão e linguagem em Gadamer. Dissertação de Mestrado em Filosofia/PUC-Rio, 2010.

FERREIRA, Rubens da S. Jornadas de Junho: uma leitura em quatro conceitos para a Ciência da Informação. In: InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação, v.6, n. 2, p. 5-19, 2015.

FIGUEIREDO, C. D. . Ocupe como Utopia: Um ensaio sobre a noção de rede e o Caso Estelita. Revista Esferas , v. 1, p. 99-108, 2015.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: A vontade de saber. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

_____. O corpo utópico, as heterotopias. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

FROCHTENGARTEN, Fernando. A entrevista como método: uma conversa com Eduardo Coutinho. Psicologia USP, 20(1), 125-138. 2009.

GADAMER, Hans-Georg. A atualidade do Belo: A arte como jogo, símbolo e festa. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro. 1985.

_____. Hermenêutica da Obra de Arte, Seleção e tradução de Marco Antonio Casanova, Editora WMF/Martins Fontes, São Paulo, 2010.

GALEANO, Eduardo. O teatro do bem e do mal. 2ª ed. Porto Alegre: L&PM, 2008.

_____. Para que serve a utopia? Las palabras andantes? Siglo XXI, 1994.

GIARD, Luce. Artes de Nutrir. In CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. A Invenção do Cotidiano: 2, Morar, cozinhar. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

GILI, Marta. Prefácio In: DIDI-HUBERMAN, Georges. (Org.). Levantes. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017.

GONZAGA, Piscila de Souza. [et al]. Ao futuro fictício possível provável antigo morador da casa. Como convém. Recife: Editora Aplicação, 2014.

GROYS, Boris. Arte, Poder. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

GUARNACCIA, Matteo. Provos: Amsterdam e o nascimento da contracultura. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2001. (Coleção Baderna).

GUATTARI, Félix. Caosmose: um novo paradigma estético. São Paulo: Ed. 34, 1992

HELLER, Eva. A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

HOLMES, Brian. ‘Do-it-Yourself Geopolitics: Cartographies of Art in the World’. In STIMSOM, Blake & SHOLETTE, Gregory. (Org.), *Collectivism after Modernism: The Art of Social Imagination After 1945*, University of Minnesota Press, Minneapolis, 2007, pp 275–276.

HUDSON, Alexandra. Woman in red becomes leitmotif for Istanbul's female protesters. Reuters, 2013. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-turkey-protests-women/woman-in-red-becomes-leitmotif-for-istanbuls-female-protesters-idUSBRE95217B20130603>. Acesso em 27 ago. 2019.

HUIZINGA, J. Homo ludens: o jogo como elemento da cultura. Perspectiva: São Paulo. 1999

JACQUES, Paola Berenstein (Org.). Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade / Internacional Situacionista. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

_____. Corpografias urbanas. Arquitextos, São Paulo, ano 08, n. 093.07, Vitruvius, fev. 2008 Disponível em: http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165. Último acesso em 21 de novembro de 2017.

_____. Estética da ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001

JOSGRILBERG, Fabio B. . Cotidiano e invenção: Os espaços de Michel de Certeau. São Paulo: Escrituras Editora, 2005.

KLEAIM, Luiz Cláudio. Heterotopias da Festa: Os muitos carnavais de Caetano Veloso. 2011.

LEFEBVRE, Henri. The Theory of Moments. In Critique of Everyday Life. Volume II - Foundations for a Sociology of the Everyday. Verso, 2002.

_____. O direito à cidade. Trad. Rubens Eduardo Frias. São Paulo, Centauro, 2001.

LISPECTOR, Clarice. Água Viva. Rocco; Edição: 1ª. 1998.

_____. A Hora da Estrela. Rocco; Edição: 1. 1998.

LUDERMIR, F. A Emergência do Movimento Ocupe Estelita: das origens à ocupação, fragmentos de uma história de resistência. Dissertação de Mestrado em Sociologia/UFPE, 2018.

MELI-MELO. Disponível em: <facebook.com/MeliMeloPress>. Acesso em: 7 mar. 2018.

MELO, Thálita Motta. Praia da Estação: carnavalização e performatividade. Dissertação em Artes/UFMG, 2014.

MELO NETO, João Cabral de. O rio. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

MORAES, Vinicius de. O Haver. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/poesia/poesias-avulsas/o-haver>. Acesso em: 06 set. 2019.

MUNFORD, Lewis. A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas. Trad. de Neil R da Silva. São Paulo, Martins Fontes; Brasília, Editora da Universidade de Brasília. 1982.

NEGRI, Antonio. O Acontecimento “Levante”. In: DIDI-HUBERMAN, Georges. (Org.). Levantes. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017.

NIETZSCHE, Friedrich. O nascimento da tragédia, ou Helenismo e pessimismo. Tradução, notas e posfácio J. Guinsburg. - São Pauto, Companhia das Letras, 1992

OLIVEIRA, Lúcia Maciel Barbosa de. Corpos Indisciplinados - Ação Cultural em Tempos de Biopolítica. São Paulo. 2006.

PETRUCZOV, Milton Ivan. Quando a ideia era uma só: reflexões praxeológicas sobre formas de vida em disputa a partir do Movimento Ocupe Estelita. 2019.

PHILLIPS, Tim. New Report on Human Rights Violations During Turkey’s Response to Gezi Park Protests. Activist Defense, 2013. Disponível em: <https://activistdefense.wordpress.com/2013/10/04/new-report-on-human-rights-violations-during-turkeys-response-to-gezi-park-protests/>. Acesso em: 29 ago. 2019.

QUINTANA, Mário. Das Utopias In: Quintana de Bolso. Porto Alegre: L&PM, 2009.

RAGO, L. M. Tempo Livre na Cidade. Palestra em 24 de março de 2015 no X Seminário Internacional | Escola da Cidade. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xYoQp9QbvI8&t=0s&index=13&list=PLXSINNcw7jUMrI0kqJ8d7y1QseVtVdNNu> Acesso em: 30 out 2018.

_____. Feminist heterotopias: rebelliousness and transgression in the sweet art of Kara Walker. Labrys, v. 27, p. sp-sp, 2015.

REZENDE, Antonio Paulo. Cidade e Modernidade: Registros Históricos do Amor e da Solidão no Recife dos anos 1930 In MONTENEGRO, Antonio Torres et al. História, cultura e sentimento: outras Histórias do Brasil – Co-edição – Recife: Ed. Universitária da UFPE; Cuiabá: Ed. da UFMT, p. 45-71, 2008.

_____. O Recife: os espelhos do passado e os labirintos do presente ou as tentações da memória e as inscrições do desejo. (1999) Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10993/8113>. Acesso em: 21 nov. 2017.

RIOS, D. S. C. V. Intervenção urbana: possíveis desconstruções do espetáculo cotidiano - jogos, derivas e andarilhagens. São Paulo, 2015.

ROCHA, Maria Eduarda da Mota. O Estelita é mais do que o Estelita. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/30/opinion/1448840154_656256.html&gt> Acesso em: 16 mar. 2018.

ROLNIK, R. . Política urbana no Brasil. Esperança em meio ao caos?. Revista da ANTP, São Paulo, 2003.

ROSS, Kristen. Henri Lefebvre e a Internacional Situacionista. Entrevista conduzida e traduzida para o inglês em 1983 por Kristen Ross. Tradução para o português por Cláudio Roberto Duarte. disponível em <http://guy-debord.blogspot.com/2009/06/henri-lefebvre-e-internacional.html>. Acesso em: 6 jun. 2018

SABRAL, Jody; ERDIM, Zeynep. Will Istanbul's protesters have the last laugh? BBC News. 2013. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-europe-22823730>. Acesso em: 02 set. 2019.

SANTOS, Wagner G. . Michel de Certeau: a História como campo de invenção de novos cotidianos historiográficos. In: XXVII Simpósio Nacional de História, 2013, Natal. Anais do XXVII Simpósio Nacional de História, 2013. v. Único. p. 01-09.

SEGURADO, Rosemary. “Por uma estética da reexistência na relação entre arte e política”. in CHAIA, Miguel. (Org.). Arte e Política. Cap. 2 – p.41-58. Rio de Janeiro, Azougue Editorial. 2007

SEVERIEN, Pedro Loureiro. Cinema de ocupação: uma cartografia da produção audiovisual engajada na luta pelo direito à cidade no Recife. Recife, 2018.

SILVA, Chantal da. Has Occupy Wall Street chenged America? Newsweek, 2018. Disponível em: <https://www.newsweek.com/has-occupy-wall-street-changed-america-seven-years-birth-political-movement-1126364>. Acesso em: 12 set. 2019.

SILVA JUNIOR, A. F. Estética e Hermenêutica: a arte como declaração de verdade em Gadamer. Tese de Doutorado em Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, 2005.

SCHWARCZ, L. K. M. História e Memória vivem às turras. O Globo, 2019. Disponível em: <https://radiopeaobrasil.com.br/historia-e-memoria-vivem-as-turras-diz-historiadora-lilia-moritz-schwarcz/>. Acesso em: 26 nov. 2019.

SHAKESPEARE, William. Macbeth. Biblioteca Nacional, 2006.

SOERENSEN, Claudiana. A Carnavalização e o Riso segundo Mikhail Bakhtin. Travessias (UNIOESTE. Online) , v. 11, p. 318-331, 2011.

SOIHET, Raquel. A subversão pelo riso. Estudos Sobre o Carnaval Carioca, da Belle Époque ao Tempo de Vargas. Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 1998.

SOJA, Edward. Geografias Pós-Modernas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

_____. “Heterotopologies: a remembrance of other spaces in the citadel of L.A.” In: Watson, S. e Gibson, K. (Eds.), Postmodern Cities and Spaces, Blackwell, Cambridge, MA, p. 13-34. 1995.

SOUZA, Marcos Felipe Sudré. A festa e a cidade: Experiência coletiva, poder e excedente no espaço urbano. Dissertação de mestrado em Arquitetura e Urbanismo/UFMG, 2010.

TAVARES, Vitor; COUTINHO, Katherine. 2014. Disponível em: < http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2014/09/ocupe-estelita-acalora-discussao-sobre-espaco-urbano-do-recife.html> Acesso em: 30 jul. 2018.

TODAY in London traffic history, 1995: Reclaim the Streets block Camden High Street to party against car culture. Past Tense: London radical histories and possibilities. Disponível em: <https://pasttenseblog.wordpress.com/2019/05/14/today-in-london-traffic-history-1995-reclaim-the-streets-block-camden-high-street-to-party-against-car-culture/>. Acesso em: 27 ago. 2019.

TOLENTINO, Bruno. A imitação do amanhecer. São Paulo: Globo, 2006.

VALVERDE, R.R.H.F. A transformação da noção de espaço público: a tendência à heterotopia no Largo da Carioca. Tese de Doutorado em Geografia/UFRJ, 2007.

_____. Sobre espaço público e heterotopia. Geosul, v. 24, p. 7-26, 2009.

ANEXO A – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS COM OS OCUPANTES

–

A.1 Entrevista com Juma

Membro ativo da ocupação do Cais José Estelita (#OcupeEstelita)

Entrevista realizada em 05 de julho de 2018, em Olinda, PE

Tempo de duração: 1:00:41

Obs: A entrevistada preferiu que seu nome real permanecesse anônimo. Sendo Juma o pseudônimo escolhido pela própria.

Obs2: A entrevista aconteceu na residência da ocupante enquanto víamos os slides das fotografias feitas durante o período de ocupação.

Juma. Teve um jornalista que… um dos poucos jornalistas que eu médio trocava idéia, fiz “ó, prefiro que seja anônima” “Não, mas nem o nome?” “Prefiro que não” “Ah, então não vai dar, o pessoal do jornal não vai aceitar…”

[…]

Paulo. Meu deus, tem a cozinha aqui, oxe, vai tudo pro anexo… Montagem da expo de Peres. MEU DEUS, TEVE A EXPOSIÇÃO DE PERES… Caralho, eu não lembrava disso.

Juma. Meu irmão, ontem eu vi uma foto da gente montando a exposição, tédio do caralho… Mas essa exposição de Peres foi numa galeria no Pina. Porque Peres na época tava muito deprê…

Paulo. É, eu to ligado, eu lembro que foi tu, Vitor e Daniel parece, vocês foram montar num foi? Eu lembro que tu e Vitor foram. Isso já tava mais pro meio da ocupação, não foi no comecinho não.

Juma. Ontem eu vi uma foto disso, que viagem, tinha assim a foto, tá eu e Vitor sentado num sofá branco. Que quando a gente foi embora, a gente podre, e a gente sempre era lembrado como *os sujos.*

Paulo. Oxe, a gente também, e o pessoal dizia que a gente não tomava banho ha ha ha…

Juma. Aí a gente tudo fedendo nessa galeria chic de arte, a Amparo lá no Pina e no dia seguinte tava Peres dizendo “óia, a galera sujou o sofá branco lá da exposição e tão dizendo que foram vocês”. Olha aqui ó, vê o estado, eu dormindo de madrugada na exposição.

Paulo. Ha ha ha… eu lembro disso.

Juma. Quem sujou pra mim foi a filha da dona da galeria e ela jogou na gente, porque a gente não fez nada, o único momento da gente no sofá foi esse.

Paulo. Eu lembro disso. “Não, a gente vai ajudar Peres na exposição”… “Evite craude”, meu deus, eu vou anotar isso, peraê…

Juma. Isso era na cozinha que a galera ficava “craudeando”.

Paulo. É, eu to ligado. Mas tinha um negócio que a gente começou a botar… umas plaquinhas na parte de dormir, pra galera não fazer festa lá, pra se concentrar mais do meio pro final. Eu lembro disso.

[…]

Paulo. Pô, eu queria muito começar as entrevistas pra isso me dar *insight*, por que se eu começar a escrever vai ser tão acadêmico, por causa das minhas leituras, eu disse, véi, eu não quero que seja assim. Olha, tem uma coisa, são

mais de 4 mil fotos e eu não apareço em quase nenhuma, véi.

Juma. Mas Peres ficava pirando em mim, meio tarado… Por isso eu apareço em mais fotos.

Paulo. É, ele super tarava em tu.

Juma. Vê… Meu deus, Artur, menina, menina moça… Aqui são os silos [mostrando mapa], quando começaram a derrubar, todo mundo se concentrou aqui. Aqui até que a gente fez “vamo arrudiar e vê se a gente entra em algum lugar?”. Eu tinha feito um trabalho de…

Paulo. É por que o buraco foi aqui primeiro num foi? [apontando mapa] Entrou por aqui num foi?

Juma. Não, não, não… foi aqui ó, cadê, cadê as três casas? Aqui nas três casas, aqui nessa cerca. Então, a galera ficou concentrada aqui e a gente fez, não, vamos ver se tem outro lugar pra entrar. Aí, como essa área já tinha sido estudo da faculdade por muitas cadeiras, a gente já tinha pulado o muro pra entrar, pra tirar as fotos de dentro pra fazer o trabalho. Aí a gente sabia dessa brecha aqui [aponta para o mapa]. E aí, enquanto tava a confusão aqui de noite, umas quatro ou cinco pessoas vieram por aqui e começaram a se chegar, se chegar, se chegar, pra ver o mais longe que podia ir. Nisso chegou num lugar, o mais longe que chegou, acendeu a fogueira. Aí tudo ficou girando em torno dessa fogueira, as brigas, as confusão, primeira barraca, segunda barraca…

Paulo. É, eu lembro. Foi uma das fotos mais faladas, da primeira noite, a fogueira. Tipo, uma das fotos mais divulgadas quando a ocupação começou… Eu esqueci o nome dela…

Juma. Larissa.

Paulo. É Larissa. Ela tá fazendo o quê agora, hein?

Juma. Sei não, o pessoal só vi na vida aí, depois sumiu.

Juma. Acendeu a fogueira num lugar, de repente esse lugar virou a praça, pow. Era isso que eu queria fazer uma trabalho. O caminho, a praça, a fogueira, a composteira, o banheiro… infelizmente…uma ideia também é fazer um mapa afetivo. Pegar uma impressão assim, que era nessa história de juntar material pra fazer esses desenhinhos que eu queria, eu pensei em pegar um mapa, imprimir várias vezes e em todas as atividades do Estelita levar caneta e tal, num sei o quê. Dá o rate pra galera e botar eles pra identificarem…

Paulo. É verdade, a cozinha começou aqui pra depois vir pra cá, véi. [aponta no mapa] Teve que mudar tudo, as barracas também…teve altas coisas.

Juma. Aí aqui virou a fogueira, essa primeira barraca aqui, que ficou abrigando quem tava cansado no dia, virou depósito, depois ela virou depósito durante a ocupação toda. Até que cresceu tanto a ocupação que virou o primeiro barraco de madeira a ser construído lá. Foi o depósito, que Araripe também morava dentro.

Paulo. É, ele era o único que morava, na verdade, ali.

Juma. Aí aqui [apontando mapa] o meio, do lado da primeira barraca, a árvore, a mangueira que era a casa de Peres. Aqui do lado a primeira lona que eu acho que a gente montou mesmo, até a gente fez um desenho assim, não, vamos fazer um telhado em asa delta… e viajou e fez, aí o vento batia e acabava o telhado. que era esse aqui. Aqui era o primeiro barraco e aqui o grande acampamento, neh? Aí vê a viagem que é massa. Primeiro a gente entrou aqui, veio, veio, veio aqui, depois a gente quebrou esse muro aqui de madrugada. Foi Beloto que chegou com as marreta…

Paulo. Mas Beloto também começou com o lema “Ocupar! Resistir!”…

Juma. Não, eu acho que já era uma coisa de ocupação. Um grito de guerra.

Paulo. Véi, eu lembro que quem chegou foi ele, que no começo a gente ficava dizendo: véi, que negócio jegue.

Ele ficava gritando “OCUPAR!” e todo mundo “resistir…”, ninguém falava nada, aí depois começou “AAAARRRRGGHHHH”.

Juma. Aí virou a rua principal, pow. Por que a entrada aqui e o final, aí puff, rua principal. Aí todas as outras ruazinhas que surgiram, era assim, pra entrar na cozinha, pra passar pelas barracas, pra ir pra linha de trem, ou pra outras utilizações do lugar que iam rolando, neh. Tipo, o banheiro que era do outro lado aqui, a galera tinha que vir pra cá pra trás. Aí aqui tá os galpões, essa primeira, que a galera cimentou agora, a guarita, a guarita tinha uma brechinha assim.

Paulo. Carai, guarita, minha gente! Eu não lembrava disso. Eu não lembrava que tinha turno no começo por medo de reintegração de posso, depois foi que a gente acalmou mais isso…

Paulo. Quem fez a placa, fui eu. Aquela placa, tipo, Estelita, Ocupe Estelita.

Juma. Uma pessoa que organizava e desorganizava a praça, esse meio aqui, era Ramos. Ramos transformava a praça todinha…

Paulo. Mas transformava como? Ah eu lembro da pessoa que ficou pintando isso [vendo fotos da ocupacão]

Juma. Foi Cris.

Paulo. Peraí, Ramos ia ajustando as coisas?

Juma. Às vezes ele fazia um arranjo completamente diferente do meio, botava as coisas aqui e ali; três dias depois Ramos chegava e mudava tudo de lugar. O uso assim, a utilização do espaço. Que era muito mutável, neh. Mutável numa situação de guerrilha. Olha aí a cozinha…

Paulo. Mas essa já foi a segunda cozinha, a primeira não foi ali não.

Juma. Por que por mais que se quisesse, se planejasse construir de uma forma, a demanda de contexto de violência, de ter que responder a vários cenários, faziam com que cada um tivesse que se virar de algum jeito, assim. Pra que o lugar fosse construído a partir… ele era construído a partir de muitas demandas, não só as que a gente queria planejar e idealizava por que tinha que responder às questões das pessoas que já moravam no bairro, as pessoas que moravam no centro da cidade, que moravam no Coque, que moravam no Pina, que moravam no Num sei o quê… Por mais que o pessoal de lá de dentro quisesse planejar, tinham muitas outras coisas acontecendo. Tinham esses contextos internos e tinha também o contexto político que a ocupação tinha que responder também, neh? Tinha que se preparar ou tinha que pensar na negociação com a prefeitura que tava rolando fora. Tipo, por mais que uma galera tivesse aí só pra morar, não adiantava, tinha que responder a um contexto político. Tipo contexto de eleição, nacional, era copa do mundo. Aí os protestos dialogavam também com momento de copa…

Paulo. Olha, o primeiro banheiro ha ha… [vendo fotografias]

Juma. Proibido cagar… Por que ocupar um lugar traz um monte de demanda interna, que é essa de organizar, num sei o quê, num sei o quê… Aí tem as demandas imediatas.

Paulo. Olha, quem fez essa placa aqui fui eu, do Vila Estelita.

Juma. Olha o espião [comentando foto], que até conta no banco ele abriu pra ficar pedindo doação.

Paulo. Minha Gente, eu nem lembrava que a gente botou ele pra fora… Carai, isso é uma coisa muito interessante a se contar. Eu que tô falando da Menina do Banheiro, a Menina do Cocô, imagina do espião. Que inclusive eu até tenho que lembrar mais coisas dela, que com o tempo a gente vai esquecendo essas coisas.

Paulo. Véi isso é muito nostálgico neh? Às vezes parece que foi outra vida e foi só quatro anos atrás.

Juma. Primeiro acordo interno, finalmente as regras apareceram [olhando para foto]. Peres usou isso aí na exposição dele. Por quê? A galera tava aí dentro, queria viver um lugar ideal, uma sociedade completamente diferente da que tá lá fora, sendo que até os acordos a gente tinha que ter, a galera não dobrava, não queria, não queria, por mais que se falasse em hora de dormir… hora de dormir não, mas um limite pra barulho, um limite pra funcionamento da cozinha, a galera "não, é um absurdo! isso é num sei o quê… vocês querem mandar em todo mundo". Sei que teve uma hora que a galera fez, mermão vamo de fato sentar e fazer. Uma galera não curtiu, foi difícil também dialogar…

Paulo. Olha tu ha ha ha… Eu lembro desse dia, sabia… Nossa os bancos que a gente roubou ha ha ha, a gente foi lá tirar os negócio.

Juma. Essa galera chegou aí, querendo um tipo de legar, pra se construir, pra se morar, pra se viver, o lugar ideal é esse. Sendo que todo o contexto do lugar, todo o contexto social do mundo mesmo, de desigualdade, preconceito e todas as mazelas sociais… e eu dizendo, galera, vocês tão sonhando, por que na real, na real, a vida é assim ó. Batoré, menina e meninos, por isso o Estelita é uma história de luta de classe mesmo né. Por que era tipo, a galera, o debate sobre o Estelita tem essa origem que é de classe média e tal, super esclarecida, e uma classe média que tinha essa ideia de urbanismo que era de colonização mesmo. Que eu acho que era o urbanismo da Inglaterra, num sei onde é a melhor, e fica tentando colocar isso aqui ou ver que princípio dá pra colocar aqui e às vezes isso cega muito a galera de ver o que é que tem ali. Se não tivesse a ocupação de fato, a galera nunca ia encarar muitas outras questões que foram aparecendo, e essas questões só foram aparecendo quando as pessoas começaram a frequentar dos bairros de classe baixa ao redor não. Pelas pessoas que iam aí, a galera do movimento, por que a ocupação aglutina gente de todo o tipo. E aí é muita disputa política que vai rolando.

Paulo. Sabe o que eu achava massa? Mas era difícil também pra gente, tá ligado? Principalmente a gente que tava ocupando o espaço mesmo. Os mais ligados, que é tipo o quê? umas quarenta pessoas?

Juma. É. Um pouco menos…

Paulo. Mas sabe o que eu achava massa? A gente que tava lá dentro, os ocupantes certos, a gente sempre queria conversar, tipo, “como é que a gente vai fazer alguma coisa com a comunidade?” Tá ligado? A galera dos Direitos Urbanos tava muito preocupada em tipo “não, a cidade, num sei o quê…”, Mas a gente é que botava em pauta “E aí? E a comunidade daqui? Como é que a gente vai fazer”. A gente sempre dava um jeito de tipo, olha, dá pra todo mundo comer, mas espera aí que a gente vai dar, num sei o quê. Era massa por que a galera das comunidades levavam marmita, tapaué pras comidas, tá ligado?

Juma. Pronto. A ocupação tinha que responder não só pelo contexto dessa luta em si, a luta pelo cais… mas uma ocupação acaba tendo que dialogar com as coisas ao redor, a realidade ao redor. Tipo, a cozinha só teve esse número de ampliações, não foi por conta do número de pessoas que dormiam aí, por que eram poucos.

Paulo. Era. Comparado ao número de comida que a gente fazia, sim.

Juma. Mas muitas pessoas aí passagem fome ou tinham problema de grana pra se manter, pra pagar sua comida e a cozinha da ocupação acabou servindo como equipamento público para várias pessoas do lugar.

Paulo. Nossa, era uma fila muito grande.

Juma. Eu adoro isso aí [olhando fotografia]. É proibido trepá, assinado Cardinot. Por que Cardinot pegou a barraca de fulano tremendo, e aí passou em Cardinot “A galera tá lá no Estelita só metendo, ó aqui, ó aqui…”. Aí a galera fez uma placa “Proibido Trepá, assinado Cardinot”.

Paulo. Eu nem lembrava disso véi. Nossa, foi muita coisa que aconteceu. A quantidade de garrafão de água que a gente recebia por dia, era muito pô. Era muita doação. Muita coisa. Tipo, a gente recebeu ricota… era coisa básica não, a gente tipo… doce de leite deram pra gente pô.

Juma. Era um escracho. Quero ver que ocupação acontece isso. Que essa projeção se deu muito dos contatos que essa galera tinha. Por que eram galera de privilégio que tinha acesso de jornal, muitos eram jornalistas. Cinema, muitos eram cineastas. Argumentos técnicos, num sei o quê. A base do Estelita é essa coisa bem acadêmica, ela saiu disso aí e começou a aparecer pauta popular. Só começou a aparecer pauta popular de fato quando se ocupou o cais. Que aí ficou exposto pra todo mundo que o debate dos Direitos Urbanos nunca ia conseguir abarcar tudo que aparecia na ocupação. Por que as coisas dos Direitos Urbanos são preocupações daquela galera. Não que a galera não entenda o que é pobreza, mas é outra realidade. Não tem isso na vivência. E foi aí com todo o lugar, todas as pessoas ao redor… a relação com os moradores, ou com os movimentos que se aproximavam. Como isso tudo ia permeando. Isso é o Movimento Ocupe Estelita, não o Direitos Urbanos.

Paulo. Nossa, e a gente vivia arrumando briga com o pessoal dos Direitos Urbanos, inclusive quando eles passavam informação sem discutir com a gente primeiro, que a gente tava na ocupação. Vivia acontecendo isso.

Juma. Pronto. Eu passei um tempo na ocupação, direto isso, quando eu cheguei em casa um dia e vou olhar meu facebook… eu disse, eu vou dormir em casa, eu vou olhar meu facebook, eu vou abrir meu email e tal. Mermão, eu vi umas mensagens, de um grupo da galera do DU que era assim, falando que a gente ia ser peso morto nas reuniões da prefeitura, por que a gente não tinha os argumentos técnicos que eles tinham. A ocupação todo dia era uma confusão do caralho. Sendo que essa galera do DU não calava de fato pra entender o que era, teve um dia que eu saí da ocupação, tava pegando fogo, cheguei em casa e olhei na internet… Tinha assim a galera falando, tem que ver num sei o quê na ocupação, e outra pessoa falou “a

gente num levou água, num levou comida?”, tipo assim, a gente num alimentou eles. “A gente num deixou uma doação lá?”. Não tá tudo bem. Eu disse, mermão, essa galera realmente não tem noção do que tá rolando não, doido. Tipo, eles trataram a galera como cachorro tomando conta do terreno, pra eles poderem tá negociando os espaços de discussão…

Paulo. Silenciando a gente né?

Juma. Que eles achavam que só eles cabiam. Até a galera ficar no grito, no grito, no grito, que conseguiu ter um pouco de voz e aí fez o que aconteceu depois né, as coisas pós ocupação. O momento pós ocupação que é outro né, que a galera tinha que se preocupar com a luta do Estelita, mas que não tinha que tá se preparando onde é que ia cagar, onde é que ia comer, o que ia comer, se ia aparecer rato, escorpião. Tipo, tinha sua rotina normal e tinha a pauta do Estelita, assim, pra tocar.

Juma. Uma coisa, os carros, aí a gente entendia que não só aí, mas no planejamento da cidade toda, se não disser ao carro, ao motorista, onde é que ele tem que parar e ficar, ele entra e vai pra dentro da cozinha. Por que a cozinha é coberta e tem sombra e é mais perto da comida.

Paulo. A gente começou a criar regras pra poder ter um mínimo de sociabilidade. Porque tinha horas que tava foda.

Juma. Que a gente ficou chamando de acordo de convivência, por que a regra, “não, vai botar regra aqui dentro”. Por que é isso, era a vontade de construir uma sociedade ideal né. Que fosse acolhedora, que coubessem todas as diferenças. Mas na prática a gente tinha que ter hora de fazer a comida, hora de num sei o quê, num sei o quê.

Paulo. Eu fiquei com o lixo, eu lembro. Véi, a gente arranjou prato, meu irmão! Quando diziam que a gente recebeu doação desses negócio aí, eu fiquei, puta que pariu, talher véi.

Juma. É um escracho pra isso assim, o Estelita.

Paulo. E eu lembro que Paulete falava direto, minha gente, a gente tem que começar a se autogerir. Ela vivia falando isso pra mim: “Como assim a gente tá recebendo essas doações todas? E o pessoal da comunidade aqui, num sei o quê. A gente tem que dar um jeito de se autogerir, de fazer alguma coisa”. É verdade, a gente conseguiu dinheiro, tinha *vaquinha*. E essa era uma das críticas inclusive da gente, né? Inclusive depois, por que a gente ficou falando “a ocupação do Rosarinho não recebe essas coisas”. É só esse caráter de classe média acadêmica.

Juma. Aí no final, tudo o que sobrava, foram separadas umas coisas pra usar nas atividades do Estelita e outras eram todas pra doação.

Juma. [vendo fotografia] Essa foi minha professora de segundo ano de literatura de tão longe, que eu já encontrei ela aí, fiquei passada… Olha o boy…

Paulo. Isso foi o quê?

Juma. Aquele boy, menino, de cabelo cacheadinho.

Paulo. Aaaahh, que não reunião que a gente fez na Fafire ele cedeu a voz… Qual era o nome dele?

Juma. Luiz.

Paulo. Luiz! Caralho véi, a gente ficou puto. Todo mundo em cima dele. Aquele bicho era sem noção. Pronto, ele era o par romântico da menina do cocô. [Gargalhadas] Dois ótimos…Oh par romântico ma-ra-vilhoso, viu querida. Essa novela aí. Novela das oito. Babado e confusão…Ai, uma das coisas que eu mais gostava era quando tinha aula pública, sabia? Eu aprendi tanto, véi. Na moral, eu percebi que quando foi a ocupação eu sabia tão pouca coisa. Vivia no meu mundinho de gênero, de moradia popular. Teve muita aula pública massa, teve até exposição de filme, meditação. Porra, isso é o que eu acho foda. E tipo, a gente chegou num patamar muito grande, tá ligado. Claro que a gente tem que entender essa parte de classe e tal, não tem como se excluir isso não. Mas

se a gente for perceber o tanto de coisa que a gente… Um boy veio falar pra mim: “E vocês fizeram o quê?”. Meu filho, é 2018 e ainda não construíram não, viu. Quando ele veio falar que a gente não tinha feito nada. A gente conseguiu parar empresas bilionárias. pense nisso…

Juma. Olha os peão. ele foi pra reunião da prefeitura.

[…]

Juma. É, aí foi um processo de formação política muito grande, não só pra quem tava, mas pra quem…

Paulo. Nossa, eu aprendi muita coisa, bicha…

Juma. Eu fiquei passada, isso são os desenhos de Sosha!

Paulo. Muito foda! Quando ele começou a desenhar eu fiquei tipo “foi tu que fez isso? Biiiiichaaaa! Puta que pariu.

Juma. Todo mundo que doava as coisas e depois ia buscar, e não tinha mais. Roubavam, perdia. Aí a galera começou “coloca os nomes!”.

Juma. Menina, a Tales ali atrás.

Paulo. A Tales era complicada né? Eu sei porque a gente ficava. Tudo ele queria arrumar confusão e eu “bicha, calma”.

[…]

Juma. Aquele caso que teve de racismo foi meio mal contado.

Paulo. O dele né? o que ele causou…

Juma. Foi meio mal explicado por que, uma coisa que ele falou foi meio na ironia, assim. E a galera…

Paulo. Levou no peso…

Juma. Tipo, é muito doido porque era muita coisa acontecendo…

Paulo. Ele até ficou um tempo fora depois disso. “Tão querendo me expulsar daqui, os donos da ocupação!”.

Juma. Eu tenho uma camisa que alguém emprestou pra colocar no rosto. Até hoje.

Paulo. Eu lembro que a gente trocava. Eu disse “não, a gente tá com a mesma cor, bora trocar a camisa um do outro”… Eu acho que eu nem tenho mais as camisas. Eu acho que fui eu e tu, quando a gente tava na ponte.

[…]

Juma. Isso aqui. A mesma coisa Peres fez na galeria de arte. Porque tava representando também a ocupação.

Paulo. Mas não era sobre ocupação a exposição né? Só que acabou virando muita coisa.

[…]

Juma. Olha aí a apresentação do plano. Subiu eu e os meninos na árvore que era o único lugar tranquilo e que ninguém ia ver a gente pra mandar a gente fazer alguma coisa. Porque a gente via as coisas e ia fazendo, fazendo. Subiu lá em cima, fez o planejamento e desceu.

Juma. Aí bicha, o que é que aconteceu… A gente pensou nisso tudinho por que a gente tinha formado umas comissões. Sendo que tinham uns roubos, uns assaltos, umas coisas. Inclusive a gente pensou aí, “não, vamos fazer uma rua e virar uma barraca de frente pra outra. Todas as barracas são de frente, por que se tiver alguém entrando na barraca o outro vai ver. E faz uma campanha assim, Conheça o seu vizinho”. Porque se você souber quem é o seu vizinho, você vai saber quando uma pessoa, que não é o seu vizinho, entrando na barraca do

seu vizinho. Sendo que chegou de uma vez uma galera que não tava ouvindo ninguém. Eles mesmos sentaram, pensaram nas coisas todas e fizeram outro plano pra ocupação sem ver esse, pô. Fizeram isso num quadro… ó, “Quero muito ficar aqui, mas zoada até cinco horas da manhã é foda” [lendo cartaz na fotografia]. Foi João Augusto.

Paulo. É, eu lembro disso.

Juma. Aí chegou, desfez tudo que a gente… Isso foi pra limpar o banheiro [vendo foto]… desfez tudo que a gente tinha planejado; a galera não ia pras reuniões, chegou e “Não, a gente vai resolver agora”. Foi e pensou em outra coisa completamente diferente do que a gente tava fazendo. Não adiantou de nada os planos da gente, começou a trocar as coisas de lugar. Trocaram de lugar a barraca de um cara que a gente já tinha acertado com eles…

Paulo. Ai, Kiki…

Juma. É, o argentino.

Paulo. Argentino não, equatoriano. Coitado véi, a polícia mirou nele, ele tinha um gatinho, ficou correndo na reintegração de posse, a polícia mirando e ele levou um monte de tiro de bala de borracha nas costas. Por que ele é negro, gringo. Caralho, ele se fudeu.

Juma. Esse episóio aí, tu sabe? Por que o controle urbano, na época de copa, eles tavam higienizando a cidade. Sendo que a galera da ocupação começou a se relacionar com os moradores de fora.

Paulo. Eles ajudavam bastante a gente também.

Juma. E aí… esses moradores todos, essas pessoas já moravam aí. Foi a galera do Estelita que chegou. Foi a galera do Estelita que tinha que entender que lugar era aquele né. E aí, se relacionava minimamente com a galera do debaixo do viaduto, alguns não gostavam…

Paulo. A gente se dava super bem com eles. Eles eram ótimos.

Juma. E aí a Dircon, a Cecon, sei lá, chegaram pra expulsar eles. Pois tavam limpando a cidade pra copa. Aí uma galera do Estelita viu isso e foi lá intervir e teve essa confusão toda. O cara pegou esse facão e meteu na cabeça de Álvaro, tu lembra?

Paulo. Oxe, ele ficou sangrando, ficou com a cabeça toda enfaixada.

Juma. E aí parte dessa galera foi morar dentro do Estelita por isso. Saiu todo mundo carregando as coisas, tirando de cima do caminhão pra dentro do Estelita. E aí parte do DU e da galera de fora que não curtia começou a dizer pelo telefone que doaram pra ocupação: “Não deixa ninguém de fora entrar na ocupação. A ocupação é só vocês aí dentro e cabousse. Porque foi assim que a gente defendeu na reunião de não sei onde. Não pode, não pode, não pode”. Um monte de normativa lá. Sendo que a galera de fora ficava nisso e o contexto da gente era totalmente diferente. O contexto do bairro, a realidade da galera do centro da cidade, a realidade que não era nada a ver…

Juma. Esse boy [apontando foto] morava embaixo do viaduto e teve uma hora que ele começou a não gostar quando a ocupação foi pra debaixo do viaduto, por que tirava a privacidade dele.

Paulo. A gente fez até uma reunião e a gente disse “minha gente, tinha gente aqui antes, a gente tem que pensar nessas pessoas” e tinha gente que ficou “Não, num sei o quê!”. Eu lembro.

Paulo. Esse boy aí barbudo, arrumava confusão horrores.

[…]

Juma. Ele começou a chamar as meninas de feminazi.

Paulo. As mulheres foram tudo pra cima e ainda fizeram uma roda de

conversa que era sobre feminismo. Foi peso, minha filha. Tá vendo, é isso que é interessante, a galera acha que foi tudo as mil maravilhas. Eu disse, minha gente, vocês não sabem nada do que a gente viveu.

Juma. Num é, impossível ser as mil maravilhas, por que primeiro tem essa realidade social completamente diferente da galera que ocupou. Com certeza isso já expõe um conflito social muito forte. Aí tá essa galera morando num terreno, num bairro que tá degradado, abandonado em partes de estrutura, assim. Porque tá meio vazio, mas tem muitos moradores muito antigos lá, fora isso, os moradores de rua.

Paulo. Oxe, eu lembro que uma mulher chegou lá da comunidade “Vocês não tão querendo nada pra gente não. Toda vez que a gente vai falar alguma coisa, a gente que é da comunidade, vocês ficam ignorando a gente”.

Juma. O Estelita é bem isso assim. Ou ele pelo menos começou assim, por que quando o poder começou a sair da mão dos direitos urbanos.

[…]

Paulo. A gente começou a pedir doações de lona urgente. Minha barraca ficou nojenta.

Juma. É, mas tinha isso da galera não ligar. Muita gente tava aí e não fazia nada. Eu fiquei puta por causa disso. Eu falei “meu irmão, a gente vai sair e vai voltar isso aqui vai tá como?”. Porque a galera que era da estrutura viajava muito… Pronto, “Estamos brincando de três porquinhos e eu não estou gostando nada disso” [lendo cartaz na foto]. Porque era coisa da casa de madeira, a casa de lona e a casa de cimento.

Juma. Aí, a gente tava querendo construir uma sociedade ideal, mas todo mundo que tava aí vem de uma sociedade podre né… Essa foi a geladeira da minha casa depois daí… E aí todos os problemas sociais a gente reproduzia aí dentro.

Paulo. Nossa, total, a gente era afetado por isso. A gente era afetado e afetava por causa disso.

Juma. A gente aí dentro pensando como seria uma construção aí e a galera da internet já pensando num projeto. Aí a galera começou a dizer “Meu irmão, tão construindo um projeto pra cá, tu tais sabendo?”, e a galera “Meu irmão, não”. Era a galera de fora que pra mídia representava a ocupação, mas nem dialogava com a ocupação. E muito menos fazia parte de forma organizada do movimento.

Paulo. Era coisa pra arquiteto e urbanista ver, era coisa puramente acadêmica.

Juma. Uma coisa que a gente ia percebendo era de como esse lugar, ele acolhia, ele acabava sendo acolhedor…

[…]

Paulo. Ah, isso eu achei massa véi. Os cara lá de barraquinha, de raspa-raspa, eles começaram a perguntar se podiam entrar pra gente. Eu disse, claro. Pode entrar, venda aí. Principalmente quando era festa.

[…]

Juma. Roger que discutiu com o Gordinho.

Paulo. Foi. Que tava dizendo “tá se achando o dono da ocupação” ha ha ha.

Juma. O Gordinho tava dizendo “Não, a gente tá tentando construir uma ocupação horizontal” e Roger “Horizontal é meu pau!”.

Juma. Isso aí foi no dia que deu 10 mil pessoas.

Paulo. Que foi no dia do show de Otto… Carai, foi muita gente, véi. E eu lembro

que a gente se fudeu pra limpar depois as coisas.

Juma. Foi, mas a galera que queria usar a Rural de Palco, ficava querendo empurrar a Rural pra dentro do Terreno.

Paulo. Foi, a galera do DU.

Juma. Liana mesmo, Liana fazia total a ocupação de palco.

Paulo. Nossa véi, era um inferno, um inferno. Ficava tudo podre.

[…]

Paulo. Essa parte onde eram as assembleias era muito da fina, tinha uns colchãozinhos. Tava melhor que minha barraca, minha barraca era só um pano no chão… Nanda tinha cabelo liso nessa época. Pra você ver como a ocupação mudou todo mundo. Ela raspou o cabelo, saiu empoderadíssima.

Juma. É, um processo de formação pessoal também né. Diante dessas questões sociais. Tem algumas pessoas que não querem mudar, não querem aceitar, não querem rever, né, seus conceitos e preconceitos, tal. E essas pessoas também vão ficando pelo caminho. Elas foram saindo, sendo expulsas ou rolando algum conflito.

Paulo. Nossa, teve altas tretas. Eu lembro daquele cara que batia na grávida…

Juma. Olha aqui, eu fiquei puta com isso aqui pô. Esse macho escroto.

[…]

Paulo. Meu deus, o lugar que tinha internet, que pegava.

–

A.2 Entrevista com Mia Aragão

Membro ativo da ocupação do Cais José Estelita (#OcupeEstelita)

Entrevista realizada em 04 de julho de 2019, em Recife, PE

Tempo de duração: 0:36:07

Obs: A entrevista aconteceu em frente ao Centro de Artes e Comunicação (CAC), na UFPE.

Paulo. Primeiro eu queria que tu falasse como tu chegou no Estelita.

Mia. Eu já tinha ouvido falar do Estelita. Já tinha ido, acho, que em um ou dois eventos daqueles que faziam lá fora, sabe? O OcupeEstelita +1, OcupeEstelita num sei o que. E eu já tinha ido algumas vezes, e é engraçado porque eu já tinha ido algumas vezes, mas não tinha uma ligação afetiva muito forte assim não. Era nova, tinha chegado em Recife fazia pouco tempo, na verdade. Eu nasci aqui, mas eu morei até os 14 anos em Porto Alegre. Quando o Estelita aconteceu eu tinha 16, então tinha pouco tempo ainda de Recife. Mas aí na noite que começou a demolição, que teve aquele vídeo de Sérgio Urt, que começou aquela coisa na internet, já era umas dez horas da noite. E aí eu tava num grupo do *Whatsapp* com Ingá e Mag, que foram duas outras amigas que foram comigo. E a gente sentiu, assim, uma coisa, a gente começou a ficar um reboliço, a gente ficou super hiperativas em casa e resolveu ir. A gente sentiu muita vontade de ir na hora. As três “pirraia”, a gente dividiu um táxi, saiu de lá dez e meia e foi parar no Estelita. Nesse momento já tinha aberto…

Paulo. Magu era mais velha neh?

Mia. Magu tinha 19 eu acho. Ingá tinha 17. Era uma escadinha. E aí quando a gente chegou lá, já era quase meia-noite, já tinha rolado de abrir um pedaço, já dava pra entrar no terreno, bem naquela parte que os galpões tinham demolido, a gente ficou muito impressionada. Aquela dimensão, uma galera dentro de um terreno baldio de noite, se organizando. Na hora a gente quis ficar, a gente queria ficar a noite toda. Tinha Milton falando. E aí a gente queria ficar, mas o tio de Ingá chegou de madrugada porque soube que a gente tava lá e nos obrigou a ir embora. Ele não deixou a gente ficar na primeira noite.

Paulo. Hahahaha…ai que “ozzy”.

Mia. Aí a gente se organizou no outro dia. Levou bolsa, num sei o que, comida. E aí no outro dia de tarde a gente já tava lá de novo.

Paulo. Então, dia 22?

Mia. É. Quando tinha já um toldo. Foi no dia que os companheiros da linha do trem tentaram chegar também. E teve a revista da polícia. Acho que nesse dia a gente já dormiu uma noite.

Paulo. E aconteceu isso com vocês da…

Mia. A gente entrou na fila da revista feminina.

Paulo. MOOORTA!

Mia. Por que teve esse acordo entre algumas pessoas do jurídico e a polícia que pra gente permanecer lá ia ter essa revista. E como era um movimento que naquele momento ainda tava dividido entre a classe média e a galera da ocupação, a gente acabou se submetendo a entrar numa fila pra fazer uma revista policial e o pessoal da ocupação mesmo por moradia da linha do trem ficou muito ofendido e foi embora.

Porque pra eles a experiência da revista é muito diferente do que é pra gente.

Paulo. É, com certeza.

Mia. Foi nesse dia que, enfim, rolou essa quebra com a galera que no final eles ficaram só no trem mesmo e não rolou uma reaproximação.

Paulo. Mas vê só, eu cheguei no dia 25, que era um domingo, tá ligado? Cheguei lá e fiquei deslumbrado também. Eu disse: “Caralho, vou voltar pra casa, vou pegar…”. E eu lembro que…só pra falar pra tu se sentir à vontade com o que tu lembrar.

Paulo. Uma das coisas que pra mim foi um marco, foi quando a gente tava na cozinha, e a gente começou a dançar lá. Acho que a gente tava chapado pra carai, pra variar, mas todo mundo começou a tirar a roupa. Tá ligado?

Mia. Sim.

Paulo. [Falando com excitação] Aquilo ficou muito marcado na minha cabeça. Eu fiquei tipo, caralho, deslumbrado. Porque a gente começou a tirar a roupa e aí ficou dançando. E eu lembro que tava tocando Gal.

Mia. hahaha…

Paulo. Véi, eu nunca me esqueço disso, por que eu fiquei tipo: “minha gente, o que é que está acontecendo? Que vida é essa?”. E queria que tu falasse desse dia, num sei o quê, ou de qualquer outro momento que tu achar…

Mia. Não, a cozinha era foda neh, ela congregava muita movimentação. Toda movimentação sempre ficava na cozinha. E foi massa. Essa experiência da nudez, de construir um espaço mais ou menos seguro, onde as regras acordadas eram as nossas, pro seu corpo, pro seu desejo, foi muito importante pra mim, porque eu acho que foi uma das minhas experiências de formação. Tipo, eu tinha 16 anos, e eu, pude

por alguns meses, viver num espaço em que as regras de convivência eram pautadas por mim. Era uma menina de 16 anos que acontecia isso mesmo, tipo de tirar a blusa, eu tava sempre sem sutiã nas festas. Podia beijar as pessoas…

Paulo. Ou de sutiã…

Mia. …e eu não corria o risco de ser abusada. Assim, tiveram casos, alguns problemas de machismo no Estelita, mas era acordado que naquele ambiente, por exemplo, eu não ia sofrer nem metade da repressão que eu sofro se eu tirar a roupa numa festa. Ou na Marcha das Vadias. Foi muito importante pra mim. Acho que eu tenho uma relação muito desinibida com meu corpo…e muito menos noiada. Assim de “ai, gordura, num sei o quê”. Porque teve essa experiência também, no Estelita, desses corpos serem eles mesmos. Serem despudorados. Tinham umas madrugadas que a gente ia “praqueles” silos, sabe, os silos de açúcar…e era isso…tirava a roupa no silo de açúcar, fazia uns “virotes” lá. Eu lembro que tem uma foto de Álvaro, muito boa, que é tipo “Bom dia, Recife” e é ele de costas mijando na avenida em cima do silo.

Paulo. Mooorta! Nem lembro dessa foto.

Mia. É muito boa. Acho que ele deve ter essa foto. Os carros passando, a galera indo trabalhar pra Boa Viagem e ele passando. Foi massa, assim, agora também eu era bem sem noção na época…Quando teve o ensaio do trem, que foi um escândalo, neh, porque saiu. As pessoas viram as fotos. E aí “Meu deus, o Estelita é um lugar de perversão, nã-nã-nã”, eu participei do ensaio. Eu participei de todas as fotos, eu tava lá. Só que na época como eu era “de menor” eu ia precisar de uma autorização assinada pelos meus pais pra minhas fotos serem divulgadas. Eu queria, porque queria essa autorização, mas acabei não conseguindo dos meus pais. E aí eu lembro que saíram as fotos sem mim, e eu tava no colégio ainda, neh, eu me dividia entre ir pro estelita e pro segundo ano na Academia Santa Gertrudes, que é um colégio de freira em Olinda. Essas fotos saíram e

todo mundo da minha turma abriu as fotos. Tinha uma amiga minha de 19 anos, era “de maior”, que aparecia nas fotos e foi um escândalo. Ficou todo mundo horrorizado. “Meu Deus!”. Vendo as fotos dela. Escarnecendo mesmo com a foto dela. Essa coisa da caretice de hipersexualizar o corpo, de ficar em choque.

Paulo. Conservadorismo.

Mia. E aí quando eu vi essa repercução das fotos no colégio foi que eu me dei conta de que tinha um mundo lá fora. Quando eu tava no Estelita eu esquecia um pouco. E como foi bom, por exemplo, que eu não consegui essa autorização, porque se tivessem saído essas fotos quando eu tinha 16 anos, eu teria me fudido nos outros espaços da minha vida que estavam totalmente regidos por outras regras de convivência, de corpo e de postura. Eu tinha que fazer o segundo e o terceiro ano naquela escola. Imagina, eu ia chegar na sala e a galera ia tá com a minha foto aberta, a coordenação ia chamar meu pai. Foi um dos poucos momentos do Estelita que meu pai me disse não. Porque desde o início ele acordou que eu podia dar esse desconto, podia faltar aula, a minha educação sempre foi bem aberta também, então ele entendeu que a vivência do lugar talvez valesse mais do que a vivência do colégio em algum momento.

Paulo. E como valeu neh?

Mia. Bicha, passei no ENEM. Quase ninguém da minha turma passou no curso que queria. Aprendi um monte de coisa, mas esse foi um dos poucos momentos que ele disse não. E aí, imagina, na minha cabeça de 16 anos na época, se eu pudesse eu tinha saído nas fotos. Bem linda e plena. Mas quando eu vi a repercussão eu dei um passo pra trás.

Paulo. Isso é interessante, porque é um negócio que eu tô abordando. Essa relação que a gente tinha no Estelita era totalmente diferente do que a gente vivia fora da cidade. Isso é foda, véi. Porque, tipo, era uma confusão. A gente tentava viver de

uma maneira libertária…o máximo de liberdade que a gente conseguia viver, mas às vezes era foda. A gente criou as regras de convivência, teve que se estipular algumas coisas pra serem seguidas. E isso foi foda também pra mim. Eu lembro que…Vitor até me lembrou que tinha uma galera que…de forma natural começou a se dividir em grupos, a galera dos anarquistas ficavam mais perto do trem.

Mia. Sim. E tinha a galera dos hippie que apareceu que ficava numa comunidade do lado da cozinha. A galera que vendia colar. Eles ficavam bem segregados na cozinha, porque tinham uns que eram muito chatos mesmo. A galera era muito sebosa.

Paulo. É porque “esquerdomacho” tem em todo canto neh. E a gente tá atolado nesse chão machista. Tu lembra de alguma festa, alguma coisa que aconteceu contigo? Eu lembro que era o grupinho, tu, Ingá, Magu e Larissa. Vocês só viviam com sutiã. hahahaha.

Mia. Ou sem, aquelas…

Paulo. Eu achava isso foda, tá ligado. Tinha Jéssica também, Angelina Maravilha, só vivia de sutiã. E viviam olhando pros peitos dela, era uma coisa.

[…]

Paulo. …essa festa que a gente ficou pelado, como tu lembra dessa festa?

Mia. Eu lembro muito das festas que tinha já depois que Fernando Peres chegou também. que era meio Lesbian, sabe. E ficavam vários ambientes assim, tipo, luzes coloridas, e tinha aquele toldo central que era meio que a sala, e a cozinha. Eu ficava sempre na cozinha. Com o tempo foi se “consensuando”, assim, que o toldo central era meio dos visitantes e a cozinha era um pouco do espaço de quem morava. Lembro muito dessas festas na cozinha, que ficavam uma rodona. Acho que eu lembro um dia que foi quando uma galera dos Coelhos e do Coque

começou a chegar mais. Que chegou um monte de pirraia, e aí primeiro a gente tava meio dividido, davam eles cheirando cola num canto e a gente em outro e aí começou a tocar uns bregão na cozinha e foi quando todo mundo se uniu. E começou todo mundo a dançar e eles chegaram dançando também. Acho que foi meio que isso, a primeira noite que eles chegaram mais fortes. Chegou Jhason que andava num cavalo.

Paulo. Carai, é real. Todo mundo fala que Jason chegou nesse cavalo…

Mia. Bicha, era um cavalo meio rosa…

Paulo. …Um cavalo branco com a crina rosa, eu tenho foto disso.

Mia. E ele era insuportável quando ele chegou, ele ficava naquele cavalo rosa…

Paulo. Queria botar terror.

Mia. …estarrando.

Paulo. Depois foi que ele se apegou a gente.

Mia. Foi… Essa noite inicial, quando rolou o brega, parecia que rolou a dissolução da tensão. E a gente também era muito utópico na época neh. A gente queria, tipo, dissolver a tensão de classe e achava que ia superar ela muito fácil. Acho que a gente quebrou um pouco a cara nesse sentido. Mas nessa noite, pelo braga, pela dança, parecia que por um momento a gente tava muito integrado. No dia seguinte os problemas, alguém, acho, que foi furtado, num sei o quê. Essa tensão dos objetos pessoais era bem presente.

Paulo. Mas isso foi mais depois neh?

Mia. Ali, acho que, lá dentro já rolava.

Paulo. Mas eu lembro que teve uma época, mais perto da época da reintegração de posse que aconteceu mais esses negócios de, tipo, de furto. Minha roupa… levaram minha bolsa. Porque, tipo, querendo ou não, que tipo de ocupação consegue ganhar cream cheese.

Mia. Sim.

Paulo. Tá ligado?

Mia. Não, e é um conflito de classe neh, tipo, a gente tava lá, várias pessoas com IPhone, várias pessoas com várias tecnologias possíveis. Em pouco tempo a gente tinha uma ocupação estruturada com chuveiro, com Wi-Fi, com num sei o quê, com num sei o quê. A linha do trem levou cinco anos pra ter uma estrutura maior. Agora eles têm casa de tijolo mesmo, mas na época era só lona. Claro que a gente trazia uma estrutura que é também uma afronta e uma provocação pra uma pessoa pessoa que vem de um contexto que não tem essa estrutura. É natural. Mas acho que a gente esbarrava muito em sonhar, em diluir essas tensões só pelas relações pessoais, por que a gente ia conhecer a pessoa, quando, na verdade, tinha uma tensão material que era mais grave. E tipo, questões de gênero também neh.

[…]

Mia. Agora eu ia falar dessas festas…tinha alguma outra coisa que eu tava lembrando…

Paulo. Teve o dia da Argyreia Nervosa neh?

Mia. Foo-o-oi… que era aquele cara. Um viageiro que tinha, eu esqueci o nome dele.

Paulo. Menina, eu…Ah, Kiki? Aquele equatoriano? Não foi ele que trouxe não.

Mia. Não, era um outro… Véi, eu não consigo lembrar o nome dele. Que no final ele era um ozzy também. No

meio da ocupação a gente tava meio puta com ele.

Paulo. Tinha um monte de gente ozzy. Agora, esse dia da Argyreia Nervosa, foi um dia que foi um Lesbian, foi uma festa interna da gente.

Mia. Sim.

Paulo. foi foda, porque, tipo, pelo menos eu amei, véi. Foi a primeira vez na minha vida que eu tomei Argyreia Nervosa. Fiquei louco pra caralho. Como eu já disse pra Vitor, eu dancei frevo e tava tocando música eletrônica. De tão louco que eu tava. Perez comeu 34 sementes, comeu semente que só a porra. Esse dia, eu considero um dos auges. Tulembra desse dia da Argyreia Nervosa?

Mia. Eu acho que eu lembro, eu lembro.

Paulo. Aquele dia do batom vermelho…

Mia. Sim.

Paulo. …Que aquele boy, Matheus, de São Paulo, ele trouxe…

Mia. Dos beijos, neh? Lembro total.

Paulo. Ha ha ha.

Mia. No Estelita eu tive tanto beijo grupal que depois eu tive uma ressaca, assim.

Paulo. Ha ha ha.

Mia. Eu via a galera dando esses beijos na rua e ficava “Ai, minha gente, que preguiça. Me poupe”. Tipo assim, gastei tanto essa exposição do corpo, ai orgia, orgia, assim, sexual não, só dava uns beijinhos. Não participei de nenhuma orgia no Estelita, não cumpri meu currículo completo. Mas depois teve um período que eu fiquei, não careta, mas cansada. Via as pessoas e ficava assim, ai gente, isso já passou, isso é tão 2016. Vocês estão

nessa ainda?

Paulo. Ha ha ha ha ha… ou 2014 neh? Esse dia do Batom, eu acho que não foi no mesmo dia da Argyreia Nervosa, eu acho que não, acho que era outro dia.

Mia. Eu acho que era um Lesbian, também.

Paulo. Foi, foi um Lesbian também, isso com certeza. Por que, tipo, é um negócio que eu acho massa. As festas que a gente organizava pra gente, internamente, eram totalmente diferentes das festas que organizavam pra todo mundo.

Mia. Sim, das que aconteciam nos domingos.

Paulo. Sempre era uma zona. No outro dia a gente se judia de limpar as coisas, tirar a sujeira, armar a barraca virada, véi, por causa da galera. Teve uma vez que eu lembro que a galera entrou em uma dessas barracas pra transar, tipo, era uma barraca da gente, tá ligado. Entraram e a gente ficou puto. Botou pra fora, tirou, “sai daí…”.

Mia. Eu lembro que teve um dia que a gente saiu em ato. Teve um ato contra a Copa do Mundo. A gente foi pra Fifa Fan Fest, depois voltou pro Estelita. Aí tava tendo um Lesbian desses de Fernando. Aí rolou um negócio muito doido, que foi uma aparição de uma menina loira, jovem loira, que chegou lá nua procurando por Fernando Peres.

Paulo. morta…

Mia. E ficava todo mundo meio sem saber o que fazer. Uma galera “veste essa menina” e outra “não, deixa ela, dá uma água”. Ela tava lá de boa, mas ela chegou lá nua, perguntando por Fernando Peres e ninguém sabia onde que tava Fernando. Ela desesperada atrás de Fernando Peres. Tinha a casa da árvore de Fernando que era muito incrível também. Teve uma vez que ele subiu lá com uma gatinha e a gatinha caiu da rede. Ela não se machucou

não, mas ela caiu.

Paulo. E logo Fernando que tem, tipo, milhares de gatos neh? Ele tinha muitos gatos, não tem como hoje, mas ele tinha gato pacarai.

Mia. É. Tinha hérnia neh? que era a gata que tinha uma hérnia que nem ele.

Paulo. Ha ha ha…

Mia. Hérnia era muito boa.

Paulo. Meu Deus, era muito boa. Até Kiki tinha uma gata que ele cuidava.

Mia. Cada um pegava o seu gato. Tinha Estelita que era a cachorra.

Paulo. Meu deus, a cachorra, véi. Caralho, eu não lembrava disso, que era uma vira-lata.

Mia. Acho que ela até foi doada depois do Estelita. Ela meio que arranjou uma casa.

Paulo. Eu acho que foi. Deve ser neh. É muito doido, neh menina? Era realmente uma comunidade.

Mia. Era.

Paulo. Uma comunidade alternativa. Literalmente uma sociedade alternativa. Era muito bizarro isso. Como um…Porque, tipo, como tu falasse que aprendesse muito no Estelita. Pra mim foi uma escola, tá ligado? O Estelita. Eu aprendi coisa pra caralho. A gente tinha rodas de conversas que eu achava foda, pow… A gente conversou sobre gênero, conversou sobre gentrificação,… tinha cinema, uns vídeos lá que passava, tá ligado. Tinha Cine Debate.

Mia. É isso. E por uma época, por um período. Toda a movimentação da cidade se cristalizou ali. Tudo que acontecia na cidade se convergia ali, porque era o que de mais interessante vinha acontecendo. Então as aulas da federal eram lá, os cineastas iam pra lá, os artistas iam

pra lá. Todo mundo que ia fazer alguma coisa na cidade escolhia o Estelita pra fazer. E não era como se a gente tivesse recebendo, assim, de certa forma, a gente tava também provendo pra pessoas, assim, a experiência de fazer lá. As pessoas ficavam muito honradas de poder fazer lá. Um evento aberto que a gente fez depois da ocupação, foi com aquele David Harvey, que é um dos grandes teóricos da geopolítica, quis fazer ali. Como se uma gama de pessoas que pensam a cidade, que pensam a política, que pensam o corpo, cristalizassem o que estavam querendo falar e ter aquilo ali acontecendo ao mesmo tempo. Um privilégio que poucas vezes você tem, assim. A gente fala sobre muitas coisas na universidade, mas a gente fala sobre elas numa sala fechada, num plano muito abstrato, como se elas fossem se concretizar em algum momento, como se a gente fosse absorver e depois a gente fosse praticar. Isso é uma promessa, assim, que quem sair vai praticar. Numa galeria de arte a gente conversa sobre e ela tá cristalizada ali, mas é sempre uma promessa que vai se infiltrar em um novo corpo, um novo discurso. que vai ter uma nova forma pra esse discurso que tá sendo criado ali. E no Estelita, as pessoas que iam falar sobre o que elas davam pensando e criando, meio que já tava no espaço em que isso já tava fervilhando neh. Porque já tava acontecendo, era incrível… Foi uma época também que tava muito na moda, eu lembro que foi uma das grandes trilhas sonoras do Estelita era o Anarcofunk. Dia tarde e noite, anarcofunk. E era muito bom.

Paulo. “Vou cortar sua pica, vou cortar sua pica…”. Eu lembro daquele, éé… “várias caras de mucama, várias caras de mucama”, eu disse “MEU DEUS!”. Véi, e era sempre na cozinha que a gente ouvia isso. Eu lembro que quem levou isso, eu não lembro se foi as meninas ou foi Artur, porque Artur também vivia botando essas músicas pra gente ouvir. Eu amava.

Mia. Carai, anarcofunk era muito bom.

Paulo. Era muito foda, era muito foda. Foi uma escola mesmo, o Estelita, pra tudo.

[…]

Mia. …Eu ainda conseguia aproveitar bastante do Estelita, acho que foram as primeiras vezes que eu fiquei com meninas também. Já tinha dado uns beijos antes, mas ficar mais, conversar mais sobre isso. Conhecer mais amigas sapatão, eu não tinha tantas amigas sapatão, porque eu tava no colégio. Ninguém dizia que era sapatão na escola. Agora, no Estelita tinham mulheres sapatão pra falar sobre sexo, pra falar sobre outras coisas. Foi bem foda. Confluiu também, assim. Eu tava nos meus 15, 16 anos, a minha vida sexual meio que se intensificando e lá tinha um debate mais aberto, o corpo se expressava mais. Muita coisa na minha vida foi definida ali. Teve muita gente que parece que se conhece há anos, mas na verdade você descobre que se conheceu no Estelita e depois foi morar junto, tipo Vcitória e Pethrus, pra mim eles se conheciam há séculos, mas eles se conheceram no Estelita. E conheceram Bibi também.

Paulo. Bibi ainda namorava com Falcone.

Paulo. Falcone que assim que ele chegou eu achava ele super certinho, assim. Eu ficava vendo ele na assembleia e pensava “ai meu deus, esse boy”. Depois eu fui conhecer melhor ele.

Mia. É muito louco isso.

Paulo. Carai, amizades se formaram, amizades se desfizeram.

[…]

Mia. E é isso, eu também, tinha um negócio que a gente ia criando uma identidade muito doida. Você aderindo a uma identidade Estelita. Confluência enorme neh, porque a gente ia criando um dialeto que era nosso. Porque era uma convivência muito intensa. E tipo, de bicha, era bia, num sei o que e novas palavras. Eu saía do Estelita, aí quando eu chegava em casa chamando meu pai de bicha e minha mãe de

sapatão. Era muito doido o que se criava. Uma identidade coletiva mesmo. Que por um lado era bom, mas depois foi meio difícil no após Estelita. Dissolver essa identidade ou a gente ficava muito grudado. Tinha uma morosidade muitas vezes pelas pessoas que não participavam tanto e meio que se sentiam excluídas desse lugar. Que a gente por um tempo excluiu um pouco também, assim. Nós somos nós, a gente viveu isso intensamente. A gente ficou aqui. Muito encarnado no corpo. Tudo o que era notícia sobre o Estelita a gente encarnava na gente mesmo e ficava tipo, “então a gente fez isso”. Acho que teve uma crisezinha no final. Pra gente também entender que tinha acabado essa experiência. Entender…

Paulo. Foi um impacto neh.

Mia. …o que tinha sobrado dela na gente e que não era só a gente. Acho que a vivência lá dentro foi só a gente, e tinham outras coisas também lá ao redor. Um tipo de crise que eu tinha pelo menos com a galera do DU, davam mais no jurídico, no urbanismo e que não ocupavam tanto. E eu julgava muito eles “vocês não ficam aqui”. Hoje em dia eu já reavalio um pouco, por que às vezes quando a gente vai se referir às pessoas que não estavam ocupando e cobrar coisa delas, a gente fala da nossa ocupação como um ato de sacrifício, assim, a gente diz “Porque a gente tá aqui segurando e você não tá aqui, e você só tá fazendo as coisas de casa”. Claro que é importante as pessoas que não tão, elas têm quem chegar junto, elas tem que segurar essa ocupação também, mas às vezes elas tão segurando de fora. E aí a gente fica num pensamento duplo, porque na hora de cobrar a gente diz que a gente tá aqui segurando tudo, mas na verdade, eu vejo, agora olhando pra trás, que o que me segurava lá era exclusivamente o desejo. Eu queria tá lá porque eu queria viver aquilo com todo o tesão do mundo. Às vezes eu ficava na barraca com Ingá conversando e a gente ficava imaginando “Se um dia a gente conseguir atingir a nossa pauta que é cancelar o Novo Recife e conseguir fazer um projeto popular pra esse lugar, moradia popular, um parque, várias coisas. A gente vai ter que sair daqui. A gente vai chorar

tanto quando sair daqui". Era como se a experiência por si, ela suprimisse, assim, o resultado final. Claro que a gente queria, mas o que a gente absorvia ali já era o próprio fim também. E foi realmente, porque eu me formei militante. Várias pessoas se formaram militantes. A ocupação, ela tem dois objetivos neh. E aí, hoje em dia, com os outros movimentos de ocupação que tiveram depois, eu participei do Cine Olinda. E aí eu tive que reavaliar muito do meu posicionamento quando eu tava no Estelita. Porque eu me realmente como essa pessoa que já não tinha essa pulsão de desejo e não queria se dispor a dormir num cinema abandonado com condições precárias. Aquele desejo que eu tinha naquela época, porque eu era muito jovem. Porque eu queria construir aquele espaço 24h por dia, aquelas festas.Quando chegou o Cine Olinda, eu já não via do mesmo jeito. Eu admirava muito e eu me via naquelas pessoas que queria tá ali. Eu via os meus dilemas, via a minha euforia, eu via aquelas relações, aquelas festas. O dormir junto, o stress do tempo dilatado de você acordar e dormir, acordar e dormir. Grudado. Mas eu não tava mais no momento que eu queria fazer aquilo. Eu queria ser alguém que visitava, eu morava perto, que levava coisa, que fazia a programação, que tinha um computador em casa, que não tinha internet no cinema, então eu podia resolver os B.O.s. E aí eu repensei muito, um pouco assim, essa dicotomia que fica entre quem tá lá e quem não tá. Porque de repente era eu a pessoa que tava lá na Assembleia e diziam: Ah, mas você não dormiu aqui e você tá dizendo que a gente tem que fechar a porta às onze da noite porque é perigoso; olha como você tá sendo moralista. Eu, caralho, realmente, o mundo dá voltas neh.

Paulo. Uma inversão de papéis neh?

Mia. É. Mas é que são as disposições neh. A ocupação é uma disposição extrema. É você querer fazer daquilo o seu projeto de vida naquele momento. Tornar aquilo o seu projeto de vida e se doar totalmente àquela experiência. Você tem que tá muito aberto também porque não dá pra controlar quem entra e quem sai de uma ocupação. Vai entrar os hippie, vai entrar a galera anarcopunk, vai entrar todo

mundo. Todo mundo vai entrar lá. E aí, construir essa convivência diária, construir formas de diálogo, negociação do espaço é muito trabalho, é muito difícil.

Paulo. Foi difícil pra gente até construir como a gente tava, porque toda hora a gente tava se adaptando, pô. A gente nunca tinha vivido essa experiência normalmente na vida da gente. Quando a gente tava lá, a gente tinha que se adaptar também. Os macho que tava lá, eles tiveram que se adaptar porque, tipo, tinha muita feminista. Foi o primeiro momento que elas estavam de igual pra igual dividindo o poder, tá ligado. Porque eles eram confrontados, o que era uma coisa que eles não estavam acostumados. Tinham pessoas lá que eram homofóbicas e tavam na ocupação. Tinha gente que tinha problema com classe. Foi um negócio massa, porque a gente aprendeu muito com a galera de sociologia que tava por lá. De Ciências Sociais de forma geral. De Serviço Social. Larissa, Jéssica. Eu lembro que o pessoal dos direitos urbanos não queria deixar que a galera consumisse droga, consumisse cola, a gente começou a refletir e a gente em alguns momentos também era levado por esses pensamentos, mas a gente meio que “não, tem alguma coisa errada aí”. Tipo, por quê a gente tá seguindo o que ele tá achando?

Mia. E se a gente fuma maconha, por quê que eles não podem cheirar cola?

Paulo. Ééé…

Mia. A gente tava tentando sempre se equilibrar dentro desses recortes, assim. Porque num momento a gente decidiu que não, se a gente podia usar drogas, eles também podiam. Era uma droga deles e eles tinham n motivos que faziam eles usarem. Era um entorpecente que alivia um pouco a dureza da realidade, por exemplo. Agora em outro, rolou uma assembleia que me marcou muito, que teve um momento que a gente aceito, tinha uma galera da ocupação que já tava meio cheirando cola também. Convivia com os pirai cheirando cola e dizia: quem sou eu pra julgar a sua

realidade, você entende a sua realidade. E aí Lu Andrade, que ocupou com a gente, na época ela era namorada de cabeça de ovo…e ela tinha uma filhinha, Nara, que acho que ela tinha uns 6 anos. A gente tava numa reunião dessas à tarde, não tinha muita gente, ficava meio entre uma assembleia e uma conversa. Todo mundo deitado ali naquele toldo. Conversando sobre isso e como cabia também da gente respeitar a decisão deles. E aí ela disse assim: Não, de boa, eu entendo vocês, mas tem crianças de 6 anos cheirando cola aqui. O que é que vocês iam dizer se vocês chegassem e vissem Nara cheirando cola, minha filha? E agente, não, ia dizer alguma coisa neh Lu, calma. Ela colocou de alguma forma que a gente tinha que respeitar que aquelas crianças cheirassem cola, mas naturalizar, estimular, como em algum momento a gente virou, assim. E a ética e a estética do Estelita, a gente começou a pautar o que eram a estética daqueles corpos mais periféricos. E aí a cola virou um discurso afirmativo, a linguagem. Tudo o que vinha deles a gente começou a afirmar e tomar pra si. E quando ela colocou a filha dela, ela colocou a outra face do debate. que complexificou. Que não podia achar normal e agir muito cegamente, é que a gente achava normal e de boa e batia palmas praguejas crianças que estavam cheirando cola, a gente tava desumanizando elas, um pouco também. Porque se fosse a filha de Lu, que é uma menina vinda da classe média, que tá no mermo lugar que a gente, que a gente conhece. A gente ia ficar muito preocupado, a gente não ia deixar ela fazer isso. Acho que Batoré foi a criança dos mais novos, acho que foi Edilson. Mas Batoré foi uma criança que a gente criou um dos afetos mais fortes. E ele chegou muito pirrai, ele não usava nada, nem ele nem Edilson. Eram mais crianças. Acho que eles tiveram uma passagem pra adolescência um pouco ali. Porque eles chegaram, eles foram muito adotados, eles eram crianças fofas, eles eram muito simpáticos. E a gente acolheu muito eles, eles começaram a ficar lá. Chegaram os boys mais velhos, e eles começaram a querer se nivelar com os boys mais velhos.

Paulo. Porque essa era a realidade deles neh, a gente ia embora e eles iam ficar.

[…]

MIa. A gente tá muito permeado. Todas as tensões que a gente passa fora do Estelita, a gente passa dentro também.

–

A.3 Entrevista com Vitor Araripe

Membro ativo da ocupação do Cais José Estelita (#OcupeEstelita)

Entrevista realizada em 24 de maio de 2019, em Recife, PE

Tempo de duração: 0:58:12

Obs: A entrevista aconteceu no Mercado da Madalena, enquanto Vitor almoçava e dividíamos uma cerveja.

Paulo. …Uma dos momentos que eu vou citar, já pra ir soltando tuas lembranças…é o rodízio de cu de Álvaro…tu se lembra disso?

Vitor. De Álvaro de cinema?

Paulo. A galera tava brincando de verdade ou consequência, aí ele botou o cu na roda pra galera chupar. Em cima do silo.

Vitor. Carai. Eu lembro dessas idas no silo, mas eu não lembro dessa…tô ligado qual foi…

Paulo. E foi no dia que foi o Eu Acho é Pouco pra lá.

Vitor. O grandão? Que foi gente pra carai.

Paulo. Não, foi o dia do Eu Acho é Pouco, num foi o dia de Otto não…Mas eu tô citando…se lembra daquela festa que a gente fez lá, tava tocando Gal. Eu lembro perfeitamente. Tava tocando Gal e a gente começou a tirar a roupa, ficou todo mundo pelado.

Vitor. E tinha uns boy ozzy de fora…

Paulo. É, olhando a gente. que a gente ficou meio que olhando…

Vitor. Uns boy de fora, uma galera bem nada a ver de fora da ocupação. Tudo muito louco, assim.

Paulo. A gente chapado…

Vitor. E a galera de longe, assim, meio que só olhando. E querendo se chegar nas meninas, num sei o que.

Paulo. Mas eles iam se fuder, porque as meninas lá iam meter os cacete neles também viu, querida. Num ia ser só a gente não, viu querida. Ia ser elas também, porque, tipo, tinha um monte de racha juntas…

Vitor. Uma coisa boa pra fazer essa conversa, é as fotos de Peres, véi.

Paulo. Eu tenho! Eu consegui todas.

Vitor. Ele tinha…na época ele tinha 16 gigas.

Paulo. Eu tenho 25 gigas de fotos. Inéditas.

[…]

Vitor. Eu não sei se tu lembra, mas no fim eu tava com o caixa e com o livrinho que a gente anotava as coisas. Foi perdido no dia da reintegração. Foi no dia que eles destruíram tudo. Se destruiu tudo, tudo, tudo. Ele tava naquela casinha do Almoxarifado que a gente fez. Tu lembra…

Paulo. Que era a tua casa, né, também.

Vitor. …Que eu tava dormindo. É. Que eu dormia pra guardar as ferramentas. Que tinha que dormir alguém, senão sumia as ferramentas de um dia pro outro. Maicon dormiu lá um dia, eu acho, eu dormia lá. Ela tava lá, lá tinha informação pra

caralho, visse.

Paulo. O caderno eu não tenho, mas…

Vitor. Então, esse caderninho não existe mais, ele se perdeu mesmo, 100%.

Paulo. Eu tenho várias folhas, eu tenho nota fiscal das compras que a gente fez…

Vitor. Eu tenho algumas, também.

Paulo. …de Armazém…

Vitor. Eu tenho uma pasta em casa com coisas do Estelita. Notas, coisas da gente escrevendo, enfim, coisas que eu consegui guardar. Porque um monte se perdeu no dia da reintegração.

Paulo. Porque, tipo, eu dormi em casa nesse dia, porque eu ia fazer intercâmbio.

Vitor. Foi o dia que todo mundo dormiu em casa, pô.

Paulo. Foi o dia que tinha menos gente na Ocupação.

Vitor. Foi do domingo pra segundo né?

Paulo. Foi dia 17 de junho.

Vitor. Acho que foi do domingo pra segunda.

Paulo. É, acho que foi.

Vitor. Segunda era o jogo da copa…

Paulo. Foi na manhã de segunda-feira, foi na manhã de segunda-feira. Dia 17 de junho. Aí, tipo, foi um dos dias que tava mais vazio o Estelita, porque, tipo, a gente já tava lá há muito tempo também.

Vitor. Não, e tavam rolando as tretas né. Começou a ficar pesado e tal.

Paulo. Teve um boato que abafaram também. Tava rolando altas tretas né, porque tipo, roubaram bolsa minha.

Vitor. Não, isso roubavam tudo. Mas lembra que teve uma festa que tava um boy armado? Tu lembra dessa festa?

Paulo. Não…

Vitor. Daniel tava…Eu não sei se ele tava cuidando da cozinha ou de um outro negócio. E aí tinha uns boy das comunidades que tavam na festa. Aí teve uma treta que os boys queriam pegar as coisas da cozinha. Comer ou levar, sei lá, alguma coisa. Daniel ficou barrando a galera. Barrando, barrando, e começou a galera ficar mais puta e o clima ficar mais…até que em algum momento teve uma história dessa, apareceu alguém com arma. Todo mundo ficou nervoso assim na hora. Uma treta dessas pesada…Daniel deve lembrar. Eu não lembro porque foi nesse dia que eu tava na coisa de Peres. Tu lembra que Peres fez uma exposição?

Paulo. Lembro, lembro. Nesse dia eu tava na ocupação, eu não tava em casa não.

Vitor. Eu tava na exposição e voltei no outro dia de manhã.

Paulo. Vocês dormiram lá! Tem uma foto tua e Juma dormindo no sofá, e disseram que vocês sujaram o sofá delas. ha ha. Ela falou. Mas pronto, esse acontecimento de violência, tá ligado, da arma, é bem importante pra mim.

[…]

Vitor. Teve um dia que teve uma treta que era…tu lembra que teve uma história dizendo que o povo ia vim invadir?

Paulo. Aham.

Vitor. E aí nesse dia chegou uma galera que ficava jogando pedra pow, na ocupação, bem de longe. Tu lembra um tempo que a gente ficou, a ocupação lá na árvore de Peres? Aquele centrinho/

Paulo. Lembro sim.

Vitor. E a gente ficava na segurança mais perto na entrada.

Paulo. A ocupação começou dia 21, eu cheguei dia 25. Foi num domingo. Começou na quarta, eu cheguei no domingo.

Vitor. Pronto, aí naquela parti ali, no miolinho, onde tinha a ocupação. Pro começo, esse dia, tava eu, esse doidão e não lembro se mais alguém. Aí, começou a voar umas pedras pow, a gente não tava nem vendo e de repente uma zoada, uma zoada. Aí esse bicho, o boy doidão, viu os cara lá do outro lado do trilho do trem, onde tem a ocupação da Avenida Sul chegando, jogando pedra de lá. Aí o bicho começou a jogar pedra também…

Paulo. Morta…

Vitor. Aí ficou assim, uma jogação de pedra e a gente “carai, véi, será que esses boy vão vir aqui querer jogar pedra na gente?”

[…]

Paulo. Eu cheguei lá pra visitar. Pra fazer igual a galera que vinha e visitava, aí eu falei: véi, vou ficar! Que foi dia 25, domingo.

Vitor. Eu fui já no outro dia, eu morava na Torre. Aí, eu tinha saído do estágio, véi. E tipo, há uma semana atrás. Eu tava só com a faculdade, sem trabalhar. Aí a galera foi de noite, Juma, ou Daniel, alguém foi de noite. Uma dessas galeras assim. Aí no outro dia, as coisas na

internet neh, a galera “chaga aí”. Aí eu fui. Aí levei uma comida e já fiquei no outro dia. Era massa que a galera foi montando assim aos pouquinhos. Nas fotos eu fico já viajando nisso. Você consegue ver como foi melhorando a infraestrutura das coisas. A cozinha, a primeira cozinha, na real não era uma cozinha, mas era só aquele andaime com umas madeira pra galera botar as doação em cima. Era só um lugar pra doação não ficar no chão. Aí depois, Raul Jungman trouxe um fogão. Vê, Raul Jungman, o bicho era vereador na época, um ano depois ele virou ministro da defesa. Aí ele levou o fogão, aí foi a primeira coisa, e a geladeira foi só depois. A geladeira chegou quando…

Paulo. Oxe, chegou muito depois…

Vitor. O fogão chegou na primeira semana, mas aí a gente levou a cozinha dali, lá pro fundo, pra onde a gente fez aquela estrutura grande; mas aí foi uma semana depois, eu acho…ficou bem precária no começo, aí depois tinha caixa d’água. Tinha duas caixa d’água. Tinha a caixa d’água da torneira, que era um tonel com uma torneirinha saindo e tinha a caixa d’água mesmo lá do banho. Tu lembra diss…

Paulo. Não, mas isso aí foi depois. Porque antes a gente carregava balde. O banho era no começo, porque a gente fez…

Vitor. Mas aí antes era só balde, 100% balde. Aí depois a gente fez o gato, lembra? Que era, abriu a calçada, puxou o cano e começou a tomar banho de cano mesmo, só que lá na frente. E depois, a gente conseguiu comprar os canos, levar lá pro fundo e fazer a caixa d’água mesmo. E fazer o banho lá do lado.

Paulo. E ainda teve banheiro químico…Ah eu vou falar da…

Vitor. …Menina do cocô?

Paulo. Ééé…

Vitor. Foi tu que botou o nome dela

de menina do cocô, num foi?

Paulo. Claro, ela só falava do cocô.

Vitor. Nem lembro o nome da menina por causa disso.

[…]

Paulo. Juma falou uma coisa importante, Ramos era uma das pessoas que ficava organizando o acampamento. Por que, tipo, as coisas iam crescendo […] Porque virou realmente uma cidade, tá ligado.

Vitor. E começou a ter guetos. Não guetos, as pessoas foram se dividindo espacialmente pelas afinidades que tinham. Ficavam os rastas depois da cozinha; uma galera que a gente não conhecia, começou a ocupar as barracas do começo que a gente já tinha saído…

Paulo. Tinha a barraca do Poliamor…

Vitor. A Daniel mesmo, eram umas dez pessoas na barraca dele né?

Paulo. Que era a chic né?

Vitor. Que as barracas dessa galera que ficavam no começo ficavam meio embaixo da barraca de Peres que era aquele miolinho, aquela pracinha ali.

Paulo. Ainda teve casa na árvore!

[…]

Vitor. …E a gente foi fazer o almoxarifado. Que foi uma estrutura da porra, aquele bicho ali ficava. Se deixasse aquilo ali, aquilo ali ficava um tempo. Que a gente cavou, meu irmão, a gente cavou meio metro pra baixo pra botar o barrote, aí apoiou naquele ferro amarelo que já tinha, que era da estrutura do trem, e usou uma árvore de apoio também. Aí fez uma estrutura sólida da porra, aquilo

ali era arquitetura mesmo. A parede de trás toda fechada com aquelas chapas de zinco. Que era aquelas placas véia que a gente tinha achado…ficou do caralho aquele almoxarifado. Eu tenho umas anotações disso. A gente viajando nas plantas do almoxarifado.

[…]

Paulo. Tu lembra do dia do côco, do dia da argyreia nervosa?

[…]

Vitor. Todas as pessoas tomaram alguma coisa naquele dia. Teve uns dias assim, que a gente fez algumas festas pra gente.

Paulo. Não, acho que foi um Lesbian Bar.

Vitor. Então, os Lesbian Bar eram festas pra gente porque eram durante a semana e quase ninguém ia. Assim, ia, mas eram coisas que mais a gente curtia que as do fim de semana. No fim de semana, eu subia na árvore de Peres e ficava lá. Fumando um, olhando…era gente, a galera sujando, destruindo. Minha barraca sendo destruída, a galera pisando. Eu ficava puto, subia, ficava lá em cima contanto dinheiro. Fazendo alguma atividade, assim, que tinha de…fumando um, olhando, tal, pronto. Depois descia. Que lá você ficava de boa né, ninguém lhe aperreava.

Paulo. Eu ficava pedindo cerveja pra pessoas.

Vitor. E no dia do evento ficava a galera pedindo tudo, porque a gente era da comissão de estrutura. “Som na Rural: Não, a gente quer um plano de luz, num sei o que…”. Tinha dias que a Rural, que a gente tinha decidido que a Rural ia ficar lá fora…

Paulo. Rogê brigou com…

Vitor. Rogê ficou puto, brigou com Peres, todo mundo brigou com todo mundo.

Paulo. …Com Gordinho. “Você tá se sentindo o dono da ocupação!”.

Vitor. E a gente “meu filho, a gente deliberou junto. A gente, coletivamente, que tá na ocupação, que não é pra ficar aqui dentro. Fique ali fora véi, vai ficar um caos”.

Paulo. É porque a galera tava usando o terreno pra estacionar carro pô. A gente começou a proibir isso aí. Aí Rogê veio um dia, tá ligado, só que ele também é um carro. E a gente pensou: Véi, se botar essa galera aqui dentro, é um caos.

Vitor. E era um caos. Porque era isso, era lindo, maravilhoso, Ocupe Estelita com 10 mil pessoas. No outro dia era o lixo que a gente limpava, era a barraca da gente que tava destruída, as coisas que a gente tava morando que tava destruído.

Paulo. A gente se fudia.

Vitor. Tu libra que no show de Karina Buhr ela ficou e no outro dia de manhã ela ficou catando lixo?

Paulo. E ainda pegou roupa da gente e levou pra irmã dela lavar na máquina dela. Ela ficou catando com a gente.

Vitor. Acordou no outro dia de manhã com ressaca pacarai e começou a catar. Que nem a gente, nem conseguia nem ficar em pé direito. E ainda tomava lapada de pitu pra dar…

Paulo. Bicha, era muito quente.

Vitor. Por isso que eu tomava Pitú. Porque era isso, você acordava de ressaca, mal, o sol mal, tudo ruim, véi. Tomava a pituzinha e ficava bom. E a laranjinha. Era Pitú com laranja.

Paulo. Ou limão. Vixe maria, era horrível. Era isso e carreteiro. Não tem como falar da ocupação sem

falar de carreteiro.

Vitor. Era, carreteiro era de noite.

Paulo. Puta que pariu, era demais.

Vitor. De manhã era Pitú e de noite carreteiro.

Paulo. Pra cozinhar, pra lavar prato. Era a época que a gente aboliu prato descartável. Véi, era muito prato.

Vitor. Tu lembra quando começou a ter treta de almoço? Porque, tipo, era muita gente e tinha um puta almoço. Mas tipo, tinha muita gente que não fazia nada. Ficava o dia moscando no sofá e era o primeiro a chegar na fila. Aí teve um dia que essa treta foi mais forte, assim, por que a gente saiu com uma galera pro armazém lá pro final do terreno, aquele que vão manter. Tá ligado? As madeiras que a gente usou pra fazer o almoxarifado. Umas linhas de madeira…

Paulo. Eram várias pessoas carregando, eu lembro que eu carreguei também.

Vitor. Do caralho aquele galpão. Aquele galpão tem uns carros abandonados, véi…Aí a gente chegava, a gente passava um tempão trabalhando, vamo dizer até três da tarde. Aí voltava de três da tarde com as madeira e não tinha mais almoço. A galera que ficava moscando e não fazia nada pra contribuir com a ocupação como um todo e a gente trampando pacarai e não tinha almoço. A gente ficou muito puto nesse dia…Teve mais de um dia, mas teve um dia que foi assim. Quando sabe que tem atividade guarda a comida e quem tem prioridade é a galera que tá trabalhando. Porra. E a gente achava de boa dar comida pra os moradores de rua. Todo mundo tava junto, comia.

Paulo. O pessoal do Coque levava tapaué.

Vitor. E a gente não tinha problema nenhum de dar, porque não estragava comida. Agora, a galera que trabalha deixar de comer pra galera comer é que era foda. E teve vários momentos que a gente deixava de comer e a gente ficou revoltado véi.

Paulo. Eu lembro que Daniel era um dos que mais brigava.

Vitor. Daniel ficava puuuto, véi.

[…]

Vitor. Teve o negócio da construção da cozinha. A galera doidão, depois de uma festa. Começaram a fazer a cozinha toda errada. Pegaram um toco. Tem uma foto de Peres que é um monte de gente carregando um tronco, assim. Aí a galera quis usar esse tronco pra segurar a lona, só que ia rasgar a lona. A gente começou a ver que ia dar tudo errado. Aí foi quando a galera passou aquela corda e fez aquela do jeito que ficou. Que era aquela tenda, assim, grandona. Com a lona gigante. A galera ia botar aquela lona e ia botar uma madeira no meio. Só que a madeira ia roçar a lona e ia furar ela. Ia destruir a lona. Foi uma doideira. A galera começou a fazer e tinha esse negócio. A galera começava a fazer na tora as coisas…

Paulo. É, verdade.

Vitor. …Não conversava com ninguém da comissão. Chegava na doida e ia fazer. Aí era uma galera dessa. Era massa que era uma galera instigada pra fazer, mas fazia na doida.

[…]

Vitor. A da cozinha, porra, era lona de banner. que de um lado era a propaganda da Schin. Por isso que ela era laranja da propaganda de cerveja e do outro lado era cinza só.

[…]

Paulo. A cozinha era o centro de tudo.

Vitor. A gente fazia as nossas assembleias na cozinha… Ali onde tinha o almoxarido virou uma pracinha no fim.

Paulo. Virou uma pracinha mesmo porque a gente arrumou, construiu um caminho botou pedrinhas…

Vitor. Tu tem a foto da assembleia, que a gente desenhou num quadro de hidrocor o desenho que a gente ia fazer da ocupação, onde iam ficar as barracas… Isso era massa porque foi num tempo em que a gente começou a reorganizar tanto pra segurança interna. Porque as barracas que estavam sendo furtadas, eram as barracas que ficava mais longe. Nas pontas, assim. A gente tentou fazer um jeito que elas ficassem assim…

Paulo. Era meio que uma campanha “Conheça seu vizinho”…Sabe uma coisa que tinha? Meditação lá, mas eu nunca tava na vibe.

Vitor. Tinha mil coisas, tinha yoga, tecido…

[…]

Paulo. Tu lembra das aulas? Das oficinas e tal? Tinha oficina vegana…

Vitor. Isso era muito massa! Porque o objetivo dessas oficinas era movimentar a galera pra dentro. Aí como a gente tava dentro, tava nos corres…o tempo todo tinha coisa pra gente fazer, aí eu nunca ía pra nada, assim. Nenhuma aula, nenhuma oficina. Quase nada.

Paulo. Não é nem não ir. Às vezes quando eu ia não tinha paciência pra me concentrar. Porque, tipo, era tudo tão intenso o que a gente tava vivendo…

Vitor. E a gente tava resolvendo outras coisas. Mil coisas na cabeça,

eu nunca tava…conseguia me concentrar muito pra parar pra uma aula de conjuntura. E a gente cansava porque, eu pelo menos e uma galera, fazia trabalho braçal pela manhã e de tarde a gente meio que ficava morto, assim.

Paulo. Por que vocês capinavam tanto hein?

Vitor. Porque tinha muito mato no começo, boy. A gente abriu outros… Lembra que o acampamento era no começo, ali, antes da gente expandir pro lado da cozinha, a gente capinou tudo man. Foi quem que capinou aquilo ali? e depois virou as barracas em cima? Todos os lugares da ocupação a gente capinou antes, pô, era muita área pra capinar. Capinar onde ficou o lugar do banho, do chuveiro. A tenda da comunicação.

Paulo. Que tinha wifi. A galera conseguiu roteador. Eu véi, como assim?

[…]

Vitor. No Estelita aconteceu isso.

Paulo. Mas não era tão separado assim.

Vitor. A delimitação não era política, mas era separada, eu acho.

Paulo. Era uma outra lógica.

Vitor. Eu acho que era mais no sentido de quem era amigo de quem…era mais nesse sentido.

Paulo. Era mais as LGBT's, as meninas…

Vitor. As novinhas, a galera da arquitetura num canto. Eu fui muito porque conhecia Daniel, conhecia Juma, conhecia Ramos. Teve uma galera de arquitetura que foi e meio que ficava naquele grupinho assim…

[…]

Vitor. Os rastas ficavam depois da cozinha, ainda… Tinha FIPE. Tu lembra da Fipe?

Paulo. Fipe?

Vitor. Que eram os mais anarquistas.

Paulo. Ah, a “galera da norca”. Por que FIPE?

Vitor. Era Frente Independente de Pernambuco. Surgiram em 2013, nos protestos de 2013. A FIPE queria fazer uns protestos mais pesados… Enfim, inclusive todos eles usavam codinomes.

Paulo. A gente também criou codinomes.

Vitor. Mas isso foi um momento paranoia que todo mundo entrou. Tipo, caralho, eles tão espionando a gente. Eles tão entrando na nossa conta.

Paulo. Teve um negócio que a gente pensou que o celular tava sendo grampeado. Porra, difícil não entrar na paranoia na situação que a gente tava.

Vitor. Não, era o momento da paranoia mesmo. Todo mundo comprou a ideia de que tinha alguma coisa.

–

A.4 Entrevista com Artur Maia

Membro ativo da ocupação do Cais José Estelita (#OcupeEstelita)

Entrevista realizada em 17 de março de 2019, em Recife, PE

Tempo de duração: 1:02:32

Obs: A entrevista aconteceu no Jardim do Baobá, no bairro das Graças, em Recife, PE. Tudo se desenrolou enquanto fumávamos maconha sentados num dos bancos do jardim.

Paulo. …É importante dar esse viés, porque eu tô analisando essa parte lúdica da ocupação, que é o que a gente viveu. Porque todo esse contexto urbano de direito à cidade não teria existido se não tivéssemos aquelas vivências da ocupação. Eu tô falando, tipo…"a suruba que não aconteceu"…tava tu, Caetano e tudo o mais; tinha um pano branco no chão…

Artur. Siiimm…lembro.

Paulo. Que a gente ficou "eita, bora minha gente, e aí e aí?

Artur. E ninguém foi.

Paulo. [gargalhadas] …Tô contando até daquele batom daquele boy…como é o nome dele mesmo?

Artur. Mateus.

[…]

Artur. Pra mim não é possível pensar

em consciência sem levar em consideração a minha relação com Daniel. Eu tava namorando. Porque foi muito constitutivo da minha… Eu só fui pro Estelita porque Daniel já era engajado, já era do DU. E aí no dia que começou a destruição lá, ele foi. E eu lembro que eu até fui com ele depois. Eu lembro que ligaram pra ele de madrugada e a gente acabou indo pra lá de madrugada porque ligaram pra Daniel avisando. A gente foi correndo e eu terminei não ficando, porque eu tinha aula no dia seguinte, e tal.

Paulo. E tu fazia Direito né?

Artur. Isso. E aí, ele ficou lá e eu fui pra aula. E no dia seguinte eu fui pra lá. Muitas vezes a minha experiência era essa. Às vezes eu dormia lá, acordava, ia pra aula e depois voltava. Ou então ia pra casa e depois ia pra lá. Mas, assim, no começo foi muito de estar com Daniel. Por mais que eu não dissesse isso na época, mas o que me moveu na época, a princípio foi isso. Muito. Óbvio que tinha todo o engajamento político. Eu tava entrando na faculdade de Direito, tava começando o movimento estudantil do Zoada.

Paulo. Eu lembro. Altas galeras do Zoada estavam colando lá.

Artur. Mas talvez se eu não tivesse namorando Daniel, sei lá. Talvez eu não teria mergulhado. Dormido e ficado lá pra sempre. Talvez eu seria um desses que ficava lá de vez em quando. Eu acho que começou assim, mas depois eu me sentia muito parte daquilo, e pra mim deixou de existir, assim, um espaço que eu estava colando por causa de Daniel e passou a ser um espaço que eu queria estar, sabe.

[…]

Artur. Vê que loucura. E é doido porque o processo de abandonar o Direito pra mim demorou muito tempo né. Teve o Estelita inteiro e, sei lá, um ano e meio depois foi que eu saí de Direito. Mas assim, além de tudo isso tinha uma relação de estar participando de algo que era grande. Quando começou aqueles

ocupes nos domingos, foi ali que a gente teve a dimensão de como era grande. A gente, caralho, é grande. A gente não tinha muito noção disso.

Paulo. Eu cheguei na ocupação assim, eu cheguei no domingo. no dia 25 ou 26, que era um domingo.

Artur. Não, mas, tipo assim, eu tinha a noção de que por mais que a gente tivesse ali discutindo política e tal, muita gente não tinha noção do que tava sendo feito ali, sabe. Não tinha a dimensão da política presente, no estar ali. No estar tentando construir uma parada junto, ali. Quer dizer, a gente tinha dimensão, mas ao mesmo tempo a gente tava criando e entendo o que tava acontecendo…

Paulo. Na medida do que tava acontecendo.

Artur. …tudo, entendeu? Eu acho que é isso. A gente não tinha dimensão anterior. A gente tava aprendendo, vivendo e fazendo, tudo ao mesmo tempo.

Paulo. Sabe o que eu acho? Que foi muito de deslumbramento, porque pra mim foi assim, véi. Meu irmão, uma coisa foi na quarta-feira. A galera que foi dia 21. Que tipo, chegou “Ah não, aconteceu isso…”, publicaram no DU e a galera foi pra lá. Mas tipo, no primeiro domingo, que foi o domingo que eu fui. Que eu, tipo, CARALHO, já tinham mudado um monte de coisas. A posição das barracas…QUE PORRA É ESSA? Eu tenho que tá aqui, tá ligado?! E eu ia pro intercâmbio…

Artur. Por isso que a senhora sumiu logo depois.

[…]

Artur. A minha experiência foi bem imersiva, eu não tive essa saída, sabe. É porque tinha uma galera que tava muito mais imerso, tipo, vivendo lá. Eu tava muito na dinâmica de ir pra minha casa, comia, trocava de roupa, tomava banho, ia pra uma aula, voltava. Meio tipo, meio que vivendo minha vida e querendo estar mais ali também. Eu não fiquei full-

time mergulhado naquilo. Quer dizer, fiquei, mas não fiquei morando full-time.

Paulo. Ah, eu fiquei.

Artur. E tipo, tinha uma galera que já tinha vivência de ocupação, se envolvia com isso.

Paulo. Até porque tinha muita gente que era de arquitetura e urbanismo.

Artur. Mas tinha uma galera, que era do rolê meio anarquista, que, assim, já pensava a ocupação. Já tinha participado de ocupações, tipo a da UFPE, num sei o que. Sem ser essa agora. Mas a da reitoria. Mas de uma galera que já tinha experiência de organizar comissões, é…organização de tarefas, pensar comunicação. E muita coisa que a gente foi aprendendo foi, tipo, organização de assembleia, divisão de tarefas. Tinha uma galera que já veio meio que trazendo isso.

Paulo. Palavra de ordem…

Artur. Então era uma galera que já vinha fazendo isso. E a gente veio aprendendo e fazendo, e redimensionando. E entendendo como era o nosso jeito de fazer aquilo. Era muito doido, assim. E tinha uma parada que a gente não tinha essa dimensão, mas era algo que estava pairando no ar. De uma juventude da nossa geração, da galera de 2013 e 2014, assim. Porque isso tava acontecendo em muitos lugares do mundo e do Brasil. Só que eu acho que a gente não tinha tanto essa dimensão do que tava ali. Só que essa forma de se organizar horizontalmente. Por exemplo, horizontalidade é uma parada que eu já experimentava no Zoada. E já tinha uma relação com tipo de reunião com fala, com horário, num sei o que. Assim, acabou seu tempo, com inscrição, com relatoria. Mas a experiência das distribuições, das comissões, da constituição de uma vida coletiva, assim. Eu acho que foi isso que a gente foi aprendendo fazendo. Só que eu acho que a gente não tinha dimensão que isso tava conectado numa rede de acontecimentos similares no mundo.

Paulo. A gente tinha muitos embates com a galera do DU né?

Artur. Sim.

Paulo. Porque a gente que tava na ocupação, mas eles achavam que a gente era brinquedo.

Artur. Eles tinham uma relação muito forte de tipo: Nós é que estamos acompanhando esse caso a mais tempo, nós entendemos tudo que está acontecendo tecnicamente e burocraticamente. Então nós é que somos as melhores pessoas pra estar em diálogo com a prefeitura diretamente. Só que eles não entendiam o redimensionamento que a ocupação deu pra toda aquela discussão política.

Paulo. Deu a possibilidade pra eles falarem né.

Artur. Exato! E também porque, a ocupação, da forma como a gente tava produzindo ela. Numa comunidade, assim, a própria ocupação estava produzindo experiências de cidade e experiências de estar no mundo que a discussão técnica que eles estavam mantendo não abarcava. Porque o pensamento de quem está discutindo desenvolvimento urbano na academia, e sem nenhum julgamento de valor sobre isso, porque eu acho super potente…

Paulo. É necessário também.

Artur. …mas ele não consegue compreender esse círculo de afetos, círculo de experiências do corpo no lugar. Que isso também produzem demandas técnicas. Eu acho que era isso que eles não conseguiam entender. Que tipo, estar na cidade, estar sentindo o nosso corpo naquele terreno produzia percepções sobre aquele espaço que a percepção técnica, jurídica, arquitetônica, sei lá, urbanística, não dava conta. Porque a gente começou a entender, por exemplo, que a gente queria não só uma área verde ali, que a gente queria um espaço de convivência queria que aquela experiência que a gente tava

tendo fosse possível outras vezes, permanentemente. Que o espaço se torna-se um espaço de encontros, de trocas, de debate político. Porque começou a rolar muita roda de conversas, cineclube, e a gente começou a perceber que o espaço que a gente queria pra ali, passava por isso.

Paulo. Era aquilo, né.

Artur. Bem, não era só sobre debater a altura de prédio e garantir que ali tivesse uma área verde. A gente queria que essa discussão toda fosse incorporada. Porque a gente começou a entender que a discussão sobre urbanismo era a discussão sobre pessoas morando num lugar. Que eu acho que às vezes a dimensão técnica esquece, né. Mas tipo, quando a gente tá discutindo sobre passagem de carro ou não, sobre ter muito prédio, sobre ter moradores…E eu acho que eles perdem a dimensão de que essa discussão toda envolve pessoas morando. Sentindo com seus corpos, se relacionando, transando, brigando, se beijando, divergindo. Essa é a verdadeira dimensão que eu acho que eles não podiam prever também. Não é porque eles estavam enclausurados na “Torre de Marfim”, mas é porque eles não podiam prever que aquilo acontecesse.

Paulo. Eu achava eles muito tecnicistas. Perderam esse âmbito que pra gente era muito importante. Foi muito mais importante do que tudo. A vivência foi muito importante. A gente chamava de casa, “vamo voltar pra casa”, quando a gente ia pra algum canto.

Artur. e Aquilo modificou profundamente a própria relação de muita gente com a cidade. Como o estar na cidade modifica a sua relação com ela. Quando a gente começou a criar afeto por aquele lugar, e afeto digo aquilo que a gente vivenciou lá, com a cidade, com o lugar mesmo. Com esse chão daqui, com aquele tijolo, com aquele banheiro seco. Isso redimensiona nossa relação com aquele espaço. E isso era a própria concretude de toda a discussão do urbanismo. Que é a discussão de tipo, as pessoas não tem uma relação de cuidado com a cidade porque não tem uma relacão

de pertencimento com a cidade. E a gente tava experienciando pertencer a cidade.

Paulo. Nossa, total!

Artur. Pertencer à cidade, não ela pertencer à gente. Isso foi algo que modificou profundamente minha relação com a cidade do Recife, com meus desejos de cidade, com meus desejos de relação. Porque, para além disso, envolveu muitos jovens que, além de tudo isso, eram jovens que estavam vivendo um processo de 2013. No mundo inteiro. Então a gente tava acompanhando tudo aquilo que estava acontecer em São Paulo. A gente tava vivendo o florescer, o início da nova era do feminismo. Acho que 2013 é meio o início, aqui no Brasil, pelo menos. A gente tava vivendo o início da discussão sobre…

Paulo. …sobre problematizar tudo…

Artur. O início sobre gênero e transgeneridade. É super recente no Brasil. Óbvio que já existia muita gente pensando e debatendo sobre isso. Só que isso tava começando a ganhar…

Paulo. Ganhar corpo.

Artur. Ganhar corpo. Então, tem essas dimensões que o discutir a legalidade da construção não compreendeu. Porque aquela discussão sobre a legalidade da discussão estava inserida num mundo, numa cidade, em determinados corpos, em determinado momento. Então eu acho que o Estelita floresceu, permitiu essas discussões que já estavam pairando e a gente trouxe aquele caldeirão…

Paulo. Foi o estopim.

Artur. Isso.

[…]

Artur. É porque eles davam muito externos à discussão né. A gente tava discutindo cidade, mas a gente tava discutindo mundo. E eles davam só discutindo cidades nos termos da legalidade. E a gente tava discutindo cidade na sua profundidade do que era a cidade. É vida. É essa relação com droga, e as pessoas precisam debater droga, porque discutir cidade é debater droga. E a gente sempre tinha esse embate com eles (DU). Porque a gente queria discutir o todo e eles queriam focar no tema Estelita. E pra gente o tema Estelita era isso. E a gente começou a entrar sobre esse diálogo de política de drogas. Sobre a relação com meninos, moradores de rua, ou ocupações urbanas, perto. Que vinham pra ocupação pra cheirar cola. E como é que a gente se relaciona com isso? Porque isso é cidade. A gente fazia um almoção com as doações que vinham pra ocupação e as pessoas próximas iam comer. Porque não tinham o que comer. As ocupações deles não eram *hype*. Não davam no instagram, no facebook. A ocupação deles era pra conseguir algum lugar pra morar.

Paulo. E teve até embate com eles porque eles não queriam deixar a galera lá. Queriam que eles fossem embora. E a gente “Como assim?! Não tem sentido o que tu tais falando. Vai continuar nessa higienização”.

Artur. Tanto que no dia seguinte da ocupação, a gente começou…começou a chegar uma galera, começou a demarcar lotezinhos, como se fosse pra barraco. Pra ocupação. E teve um super bafafá, porque Liana conseguiu conversar com o poder público de que aquilo não era uma ocupação por moradia. Liana, não só Liana, mas ela tava como porta voz, mas ela que tava à frente disso. Que a gente conseguiu ficar mais, porque conversou de que aquilo não era uma ocupação política. Não tinha finalidade de morar, de estar lá. E isso começou a criar uma distinção da nossa ocupação pra outras ocupações. Só que isso começou a gerar uma reflexão sobre por que a nossa ocupação era diferente das outras. E a gente começou a entender que foi um espaço onde a gente discutiu muito recortes de classe, de raça. Eu acho que muita

gente já tava pensando e discutindo isso.

Paulo. Mas a gente aprendeu muito mesmo.

Artur. A gente entendeu o sentido de cidade ali. Com toda a complexidade que é uma cidade. Racista, classista, machista, homofóbica, transfóbica.

Paulo. a gente tava vivendo como uma cidade utópica. Tipo, “Ah, a construção perfeita de cidade”. Só que a gente vive em uma cidade que é totalmente corrupta, então tipo, era impossível a gente não levar essa sociedade corrupta pra lá. Por isso que a gente foi se construindo também na ocupação. Participava das reuniões, dos debates, das palestras. É tudo tão maior.

Artur. É isso, é um espaço muito formativo neh. Foi um espaço de muita formação pra muita gente, mesmo quem não tava ficando.

Paulo. E formação pesada de muita coisa mesmo véi.

Artur. É, foi bem doido, assim. Mas pra mim é uma menção de cidade mesmo. Acho que a gente viveu um microcosmo de uma cidade. Uma micro experiência do que é uma cidade.

Paulo. Do que deveria ser né. Ou pelo menos tentar.

Artur. Com todas as complexidades que tinham nisso. Discussão sobre horário pra baixar o som…

Paulo. É, começaram a se criar regras.

Artur. Regras de convivência e espaços de convivência. Tinham os espaços privados, tinham os espaços de convivência. Os banhos, os banheiros, os cuidados com aquele lugar.

Paulo. Não fazer cocô onde toma banho.

[…]

Paulo. É impossível não ter violência num contexto desse. E é até o que eu tô falando. Porque as pessoas que não iam se adaptando, pra bem ou pra mal, elas saíam.

Artur. Elas eram expulsas, mas não por decisão, expulsas pelo processo.

Paulo. Porque não cabia ali.

[…]

Artur. Era uma experiência, obviamente, de jovens universitários, majoritariamente. Descobrindo uma forma de viver que a experiência da classe média e dessa cidade não permitiram até então. Então, também tinha uma dimensão de relação. Pra mim foi um espaço muito forte de mim, eu bicha, eu começar a colocar no mundo enquanto bicha. Que era isso no mundo e ver outras bichas circulando no espaço e ver potência naquilo. E o dia da reintegração foi um dia muito doido, porque eu não dormi lá.

Paulo. Eu também não.

Artur. Foi um dia que teve pouca gente e foi um dia, assim, eles ficaram bombardeando a gente. Assim, a gente já tinha saído do terreno e eles continuaram pra dispersar. E a gente não dispersou, a gente ficou voltando.

Paulo. Quanto mais voltava, mais gente tinha, véi. Eu lembro, “caralho, cada vez mais gente”.

Artur. Só que não foi combinado, vamos voltar, foi meio organicamente rolando. A gente foi voltando ali pro viaduto né. E o viaduto se tornou um outro espaço de ocupação.

Paulo. Sabe o que é também? Eles tão acostumado com aquele tipo de manifestação que solta bomba, tiro, num sei o que, e a galera vai embora,

dispersa. Mas a gente não, a gente tava ocupado. Não é uma manifestação que a polícia vive. Primeiro que muita gente ali, e isso é um ponto importante pra botar, a maioria das pessoas tinha casa pra morar. Aí, tipo, a gente não tinha a realidade daquela população mais pobre, de ocupação. Isso não aconteceu com a gente. A lógica deles, não davam preparados pra gente.

Artur. Mas pra mim, é um experiência de deslumbramento, acho que a palavra que tu usou é muito boa, assim. Deslumbramento com a possibilidade de viver outra vida, de outro jeito.

Paulo. Novos modos de vida, né.

Artur. Deslumbramento com a possibilidade de viver comunitariamente, de viver…ter outra relação com o corpo. A gente tirou aquelas fotos no ônibus.

Paulo. Aham, no metrô.

Artur. No TREM. Era um trem abandonado. As fotos no trem abandonado. A gente tinha uma outra relação com nossos afetos, com a nossa forma de tratar os outros, a relação de amor pelas pessoas que davam ali, naquele lugar, uma relação quase de uma comunidade mesmo, assim.

Paulo. Até a nossa relação com o nosso corpo, porra véi, só o fato da gente tomar banho junto, todo mundo lá.

Artur. Pra mim foi uma das primeiras experiências de ficar nu no meio de gente, ficar nu em público, assim. Que hoje em dia, sabe, a gente não tava inventando nada de novo, mas pra aquelas pessoas que estavam ali tudo aquilo era muito novo pra muita gente.

Paulo. Eu lembro que eu não gostava muito dos finais de semana porque sempre vinha gente de fora e eu me sentia num zoológico. E a gente era os bichos enjaulados e as pessoas iam fazer um safari.

Artur. E era tipo assim, a galera ia meio pra uma baladinha né. E a gente tava tipo acordando, com roupa de casa.

Paulo. Com o barulho da galera.

Artur. É, incomodada com o barulho. E a galera meio que queria ir entrando nos lugares e a gente meio, tipo, “ei pô, não pode entrar aí não”. Meio nossa casa.

Paulo. A galera tipo, abrindo a barraca pra ver como era dentro. Caralho, é um safari.

Artur. Eu lembro, sabe uma cena que eu lembro? Não sei se a senhora tava. Juma tinha uma barraca gigante né, que dava pra seis pessoas, aí eu lembro de um dia que tava eu, Daniel, Nanda, várias pessoas. Todo mundo entrou nessa barraca e ficou fumando um pelado na barraca. E rolava meio que a gente fumando um dentro das barracas uma época, pra não dar meio…

Paulo. Foi, mas não conseguiram controlar isso não. Foi massa, eu lembro disso. Véi, eu tava já chapado pacarai do lado de fora e vocês tipo, tinha um monte de gente dentro da barraca dela. Quem tava também era Victor Hugo, dentro da barraca.

Artur. Gente, é tanta gente né? Que doideira.

Paulo. Eu lembro que eu tomei semente de argyreia nervosa, no dia da argyreia. Véi, era uma menina de cabelo cacheado…Esse dia da argyreia nervosa foi uma coisa louuuuca.

Artur. Pra mim, o Estelita ganhou uma dimensão mais política e militante depois, depois de tudo, assim. Quando a gente se rearticulou enquanto movimento.

Paulo. Que viu que ia continuar né.

Artur. Quando a gente começou a pensar atos de rua. A sensação era como se a ocupação fosse mais uma formação, no sentido mais militância, pra o que veio depois. Bolar ato, bolar ocupação. Bolar reunião.

[…]

Artur. Pronto. Uma coisa que eu lembro muito foi no dia que a gente voltou da marcha das vadias. Tu tava.

Paulo. Sim. foi no dia que tu falou: Vamo voltar pra casa. E a gente foi andando.

Artur. Foi. E agente saiu de lá, tinham várias minas e algumas bichas. E a gente foi pra marcha das vadias. Bem montadas, assim, todas montadas. A gente tomou banho…Sabe o que eu lembro? Aaaaaiiii…Que doido né, que a gente vai falando e vai lembrando. Eu lembrei de quando a gente, não tinha água lá, a gente foi na casa de uma moradora. Tava eu, Mirli, Caetano, Sandri. E eu lembro que a gente foi, tomou banho todas e de lá a gente foi pra marcha das vadias. E de lá a ocupação voltou e a marcha foi pra ocupação do Estelita.

Paulo. A gente veio pela avenida sul. Porque tinha um buraco lá. Essa parte do Anarcofunk mesmo, a gente ouvia muito, aquele “Vou cortar sua pica, vou cortar sua pica…”. Véi, isso foi muito importante pra gente.

Artur. Super. Eu lembro que a gente teve notícia de que ia ter reintegração de posse e a gente ficou em vigília, aí uma galera foi pra ocupação. 300, 400 pessoas. Que ficaram lá a noite inteira. Uma galera foi embora mais de madrugada. Lembro muito desse dia que teve essa vigília. E terminou não tendo reintegração de posse nesse dia. Eu lembro de um cineclube que projetou o filme num mural bem grande. Acho que era Brasil S.A., de Marcelo Pedroso. Lembro de muitas assembleias, assim.

Artur. Eu lembro também de, sei lá, na primeira noite ou nas primeiras. A gente tinha feito uma assembleia e aí

a galera do DU chegou lá e começou a ter uma reunião paralela. Lembra dessa história?

Paulo. Ai num sei, é porque eles viviam tendo reunião sem a gente.

Artur. Não, mas eles davam na ocupação reabrindo pontos de pauta que a gente já tinha discutido na Assembleia. E tava rolando, assim, a gente tinha colocado assembleia, assembleia. E tava a galera do DU, assim, conversando separado. Aí eu lembro que eu fui e falei no meio da assembleia “Gente, eu acho melhor a gente esperar, porque tem uma galera se reunindo ali, vamo esperar voltar pra eles virem pra cá se reunirem com a gente.”

Paulo. Moooorta, querida, o afronte.

Artur. O afronte…E eu lembro que eu fui na outra reunião e a galera tava decidindo e eu fiz “galera, porque a gente não se junta” . Eu fiquei meio que querendo craudear a reunião, pra meio que a reunião fosse uma só. A galera tava criando uma reunião paralela.

Paulo. Tava excluindo a gente, pra variar, né.

Artur. Eu lembro do show de Karina Buhr.

[…]

Artur. Eu lembro que rolavam reuniões nos trilhos. Rolavam reuniões anarquistas, assim. Pensando táticas, discutindo como se…éé…Teve um momento que começou a existir claramente grupos dentro da ocupação. E aí eu lembro da galera anarquista assim…que era uma galera que tava muito discutindo, tendo umas reuniões paralelas, pra gente chegar na assembleia blocado. Começou a rolar isso, dinâmicas organizacionais de movimentos, de afinidades políticas.

[…]

Artur. A gente pintou um paredão branco de cal e tal, pra virar um telão.

Paulo. E também pra colocar as intervenções da galera, os lambes.

[…]

Artur. E é doido que, a gente tava vivendo o começo de Brasil que tá aqui. Esse era o começo de ódio como um sentimento público assim.

Paulo. Do ódio se expor né.

–

A.5 Entrevista com Daniel Veras

Membro ativo da ocupação do Cais José Estelita (#OcupeEstelita)

Entrevista realizada em 20 de março de 2019, em Recife, PE

Tempo de duração: 01:42:49

Obs: A entrevista aconteceu na casa do entrevistado, em Parnamirim, vendo fotos do período da ocupação, comendo e conversando.

Daniel. …Essa menina looooooca.

[…]

Paulo. Essa é Cris, não?

Daniel. O povo plantando bananeira de onde escorria água dos pratos pra filtrar, porque bananeira tira o cheiro de coisa ruim.

Daniel. Eu num tô dizendo a tu que a gente atraía as pessoas que…

Paulo. E é, é?

Paulo. É, a gente atraía mesmo.

Daniel. …Não se sentiam bem na sociedade. Iam pra lá.

Daniel. Por isso que bananeira sempre tem perto de alguma coisa de escorrer água. Banheiro… num sei o que. Ela meio que filtra a terra. Aí não fica um cheiro tão forte.

[…]

Paulo. Caralho, foi bem massa isso. Porque, tipo, Nanda, ela foi se construíndo durante o Estelita. E hoje em dia, PUTA QUE O PARIU, que mulher foda do caralho, Nanda, véi.

Daniel. Ela é muito foda mesmo…Olha, quando Juliana começou a fazer a escolinha. Era muito lindo pô.

Paulo. E isso foi muito útil. E ela faz até hoje, sabia? Ela faz pedagogia na UFPB. E ela tem um negócio de levar biblioteca pra comunidades. Ela vai com um carrinho, com a biblioteca e fica lendo historinhas com os pirrai. Ela é conhecida no interior…Caia, maravilhosa.

Daniel. Que não era Caia ainda…

Paulo. É, ela tava em processo de transição.

Daniel. Tá vendo que TU-DO foi depois do Estelita. (20 mim)

[…]

Daniel. Eu lembro, Fernando Peres tinha uma sacola. Esse dia foi INCRÍVEL.

Paulo. Bicha, esse dia todo mundo ficou doido. E foi um dia de um Lesbian Bar, que todo mundo ficou doido…

Daniel. Foi, foi, que tocou Catarina de Jah, Sosha que tocou.

Paulo. Porque, tipo, Sosha tocou e eu fiquei dançando frevo na música eletrônica que ele tava botando. Foi muito, muito bom esse dia. Eu tava tão loca, dancei tanto.

Daniel. Esse dia da argyreia foi doideira. Eu lembro de um dia que

Fernando Peres ficou muito doido, ele tinha uma porta, ele derrubou a porta em cima da fogueira e deitou na porta. Ele tava dentro da fogueira deitado. Ele é muito doido pô. “Eu sou passiva, mas meto bala…”

Paulo. Do ANARCOFUNK… Tocava direto…

Daniel. Tocava di-re-to.

[…]

Daniel. O trem do forró ia passar, as crianças começaram a brincar e apontaram a arma pra eles. Aí quando o trem voltou a galera não deixou passar, acendeu fogueira…

Paulo. Mooorta…

Daniel. Tem as fotos disso.

Paulo. Sabe uma coisa que eu me lembro? Que rolou um boato no Estelita que os caras que tinham arma, era arma com laser.

[…]

Daniel. A doideira é que você não sabe o quanto é imaginação da galera e o quanto é verdade. Porque tudo ali, a gente tava primeiro que com medo, botavam medo da gente. Que era perigoso, tinha muito disso. Pode ser que tenha o laser mesmo, mas a gente não sabe se foi uma arma, tipo, o cara pode ter jogado um laser nela. Pra assustar..

Paulo. É, pra assustar. Mas os seguranças davam bem armados viu, disso aí eu lembro. Quando eles começaram a proibir de ir mais pra dentro dos silos, porque eles tavam preocupados que a ocupação fosse mais lá pra dentro.

Daniel. Eu lembro disso, mas eu não cheguei a ver nenhuma arma dos seguranças. Tudo pra mim era “vamo se ligar”, num sei o que. Mas não vi nada. Mas devia tá com certeza, propriedade particular, com a galera poderosíssima e um monte

de…

Daniel. Lá a gente não dormia de tanta informação pra acessar.

[…]

Paulo. Mas eu achei isso muito rico, por que, tipo, a galera vegana foi pra lá pra discutir veganismo.

Paulo. E foi bem como Chico falou. Cada pessoa do Estelita foi seguindo meio que pras suas pautas individuais.

Daniel. Virou um espaço de discussão contra hegemônico.

[…]

Paulo. Ééé…

Paulo. Juma me falou “Não, porque o que eu digo hoje pode ser totalmente diferente do que eu achava no período da ocupação”. Mas é exatamente isso que me interessa, amiga.

Daniel. A gente vai discutir sobre uma sociedade que a gente idealiza, então a gente vai lidar com todos os problemas que que a sociedade da gente não trata. Não discute. As mulheres saírem da cozinha e forem fazer o próprio banheiro. Tu lembra que tipo existiu um momento que tinha um banheiro só pra mulher?

Daniel. Com certeza.

[…]

Paulo. Eu entendo o posicionamento delas e entendo o posicionamento deles. Porque elas queriam um lugar que não se sentissem olhadas. E pô, principalmente quando tinha festa lá, nos finais de semana, PUTA QUE

Paulo. A gente lá foi mudando bastante, tá ligado.

PARIU.

Daniel. Eu acho que elas queriam um lugar que pudessem fazer xixi, nera [sic] pra ser olhadas não. Porque a gente tinha o nosso banheiro, tinha aquela madeira e tal. Eu acho que era por questão de limpeza, um banheiro…Ah, porque era só pra xixi num era? Lembrei agora. Elas não queriam fazer xixi, porque a gente fazia xixi em qualquer lugar. E elas queriam, tipo, se acocorar.

Paulo. Acho que é esse lugar de apoio delas. Eu entendo perfeitamente.

[…]

Paulo. E tipo “a gente vai de novo dividir esse binarismo?”

Daniel. Ele não tem como questionar isso delas, eu acho. Eu entendo também, mas se elas tão…

Paulo. Sentindo essa necessidade…

Daniel. E inclusive, elas falavam isso nas assembleias e sempre tinha alguma coisa mais importante pra ser resolvida. E é por isso que elas pegaram as próprias ferramentas pra fazer e tal. Isso também já reflete sobre exatamente o quedas tavam querendo dizer, porque, tipo, as nossas pautas. Por mais que vocês questionem que a gente tá sendo binarismo, a gente quer isso. Tipo, tá partindo da gente, a gente não tá sendo ouvida e não tão colocando nas pautas de tarefas do dia, assim. Construir um banheiro para as mulheres fazerem xixi. Que foi massa porque, tipo, também tinha essa discussão de onde as mulheres estão, que era na cozinha, e onde os homens estão, que era construindo a infraestrutura do acampamento. Então já foram dois coelhos numa só cajadada. Elas queriam banheiro e não queriam tá cozinhando na…

Paulo. E tipo, nem era assim na cozinha né. A gente começou a inverter. Puta que o pariu, o que

seria da gente sem a cozinha do Gordinho, véi. Sem ele cozinhando.

[…]

Daniel. Aqui, já tinham destruído o muro. Que foi Beloto e foguinho. Que é o que fez o primeiro fogo do Estelita, que é a primeira fogueira.

[…]

Daniel. Mas enfim, a gente entrava pela janela no começo, do começo, do começo. Aí derrubaram o muro e começou a ser aberto, assim, pra galera visitar. Tu lembra né, que a gente começou a entrar pela janela?

Paulo. Uhum. Eu cheguei no Domingo…

[…]

Paulo. Bicha, eu lembro disso. A galera tipo, “Ah não, vou comemorar meu aniversário no Estelita”. As pessoas começaram a criar seus eventos. A fazer suas coisas na ocupação.

Daniel. Foi, tudo lá.

Paulo. Aí era uma coisa meio fechada e eu lembro que a gente se entocava.

Daniel. Era, a gente pedia dinheiro também.

Paulo. Horrores. Quando vinha gente de fora, a gente com o chapeuzinho, assim, pedindo dinheiro.

[…]

Paulo. Porra, a gente derrubou tanta coisa, menina. Tantos muros.

Daniel. Isso foi no dia depois da festa de Karina Buhr. Todo mundo reclamava que rolava festa pra gente limpar. Aí ela foi lá limpar.

Paulo. E a irmã dela pegou as roupas da gente pra lavar em casa. A roupa suja. Pra Otto fizeram uma cotinha, uma vaquinha, pra pelo menos pagar passagem de avião pra equipe dele. Aí eu fiquei tipo, puta que pariu, Karina Buhr tirou dinheiro do bolso dela e Otto tem mais dinheiro que ela e ele não fazia nada.

Daniel. Nessa época a gente ouvia muito a galera do DU. Porque tipo, de onde veio essa ideia de chamar Otto. Tipo, não foi da gente.

Paulo. Foi não, foi Liana.

Daniel. Era sempre uma galera que era mais próxima desses artistas que era a galera do DU e eles sempre vinham com essa ideia do céu, que a gente não sabia de onde vinha. Achava que já era uma ideia que tinha sido construída por muitas pessoas. Eu lembro que no começo a gente não se preocupava de onde vinham as ideias. A gente tava lá, aí aparecia alguma coisa e a gente fazia “é, bora”. Tipo, vai ser bom, mas não era discutido desde o início.

Paulo. Eles queriam mandar na gente né. A gente era meio que um fantoche deles.

Daniel. E tipo, a gente percebeu isso em algum momento. Existiu esse racha de DU e MOE.

Paulo. Eles começaram a tomar decisões…

Daniel. …desde o primeiro dia…

Paulo. É, em cima da gente.

Daniel. Na revista. Quando a galera do Coque veio tipo…

Paulo. Pra montar barraca aí.

Daniel. É, que eles vieram… No primeiro dia, a gente ocupou, dormiu. No outro dia já tava tudo cercado por polícia, a mídia também lá fora, num

sei o que. E essa galera veio pelo trilho do trem. Veio do Coque pelo trilho. Já vieram com as estaquinhas pra delimitar terreno. Eles são assim, já chegam tipo, delimitaram terrenozinho e tal, num sei o que. Quando a polícia fez um acordo com Liana, Edilson Silva, num sei o que. A polícia falou que a gente estava com armas brancas, e as armas brancas eram as ferramentas da galera do Coque. Então, tipo, quando Liana e a galera do DU fez um acordo com a polícia de "a gente vai ficar, mas teremos que ser revistados", pra dizer que não tem arma dentro da ocupação. A galera do Coque foi embora. Então, tipo, já é o primeiro recorte de classe assim, a galera que é rica, que tava lá. Rica que eu digo que não é pobre né. A galera que tem grana, que tá na universidade, que num sei o que, ficou…

Paulo. Que tem uma casa né.

Daniel. É. e a galera que tava lá com enxada, com pá, achando que poderia ter um lugar pra morar, assim, esperança, foi embora. No segundo dia. Tipo, no segundo dia que…existem decisões de cima que a gente não sabia de onde tavam vindo.

[…]

Paulo. Porque, tipo, a galera do DU usava muito a gente como fantoche né.

Daniel. Tinha o telefone que ficava com alguém da gente, ou Juma, ou eu, ou Milton, ou Vitor. Que era Liana ligando pra gente. A ideia desse telefone era pra gente pedir socorro, tipo, qualquer coisa que acontecesse ligasse, que eles eram tipo a galera do jurídico. Sabia de tudo, assim. A gente confiava neles pra tudo, assim. E aí a gente percebeu que a gente tava sendo usado…

Paulo. Como controle.

Daniel. Era! Ligavam e diziam: Não façam isso. Ligavam e diziam tipo, "Isso vai queimar a imagem do

movimento”. Era uma frase que depois a gente ficou usando sempre como piada. Tipo, a gente fazia alguma coisa e “vai queimar a imagem do movimento”.

Paulo. Quando cheirou cola, quando cheirou cola. “Ah, isso vai queimar a imagem do movimento”. Aí Sergio Urt foi lá pra dizer “Não, eu acho que vocês não deviam deixar essa galera que cheira cola ficar frequentando aqui”. Aí eu lembro que Jéssica falou “Como assim?”, e ela é de Ciências Sociais, outra vivência, tá ligado. “Como assim vai excluir a galera?”.

Daniel. E já tinha envolvimento. Teve uma história de que tavam dizendo que as meninas estavam de sutiã. Uma mulher chegou lá e falou “Olhe, vocês querem que as pessoas de fora pra cá, mas chegar aqui e ver um monte de gente pelada, com sutiã, num sei o que”. Vê, a gente tava em outra discussão.

Paulo. E tinham meninas que, tipo, andavam com os peitos de fora mesmo. Foi a primeira vez que eu tive uma experiência de tomar um banho coletivo.

Daniel. Pelado! É…

Paulo. A gente, tá ligado, tomava banho.

Daniel. No meio da galera.

Paulo. E a gente tava nem aí. No começo né, antes da gente ter o chuveiro.

Daniel. Foi incrível esse chuveiro.

Paulo. Foi tudo, menina. Mas tipo, eu fiquei pensando, eles cortar as coisas da gente. Disciplinar a gente. Bem cão adestrado.

Daniel. Tudo pensando em como tava saindo pra quem tava fora, assim. A proposta deles era só essa.

Paulo. Tipo, qual a imagem que tava sendo vista.

Daniel. E tinham duas assembleias, tu lembra? Uma de manhã e uma de noite. As de manhã essa galera não participava, era só pra quem tava na ocupação. E a de noite vinha essa galera de fora cheia de demanda pra fazer. E eles não dormiam lá. Não ficavam lá.

Paulo. Não sabiam nada do que tava acontecendo.

Daniel. Aí, também, meio que a gente percebeu isso. “Oxente, eles não dormem aqui, não ficam aqui e as funções que são delegadas é a gente que faz”. Tudo foi motivo pra poder a gente brigar com o DU.

Paulo. O DU, ou o que era visto externo, não comportava o círculo de afetos que a gente construiu dentro da ocupação. Porque a gente aprendeu muito um com o outro. Vocês de arquitetura e urbanismo vinham com o “Ah, direito à cidade”. A galera de Ciências Sociais “Pô, e essa parte de classes?”. Meu irmão, a gente aprendeu muito, pô.

Daniel. E se você perceber, é uma galera meio já excluída da sociedade, assim, já com desacordos da sociedade. Bicha, mulher, gente pobre.

Paulo. Preto.

Daniel. Pra você ver, assim, de que era uma vontade muito grande de construir uma coisa nova. De discutir sobre coisas que a gente não discute no nosso dia-à-dia. Por isso que foi gente que apanha, que tem um relacionamento abusivo. Acabou que virou um lugar de cura, e ali eu vou me sentir bem, não vou me sentir diferente. Era realmente um protótipo de sociedade…

Paulo. De sociedade perfeita, né. Que a gente queria, que a gente desejava.

Daniel. E que tipo, eu, por ser branco, por ser classe média, num sei o que. Nunca ia entender como funciona a vida de uma pessoa de outra bolha.

Paulo. Gordinho não tinha casa.

Daniel. Era, pô. Exatamente. Foi um lugar de muito, a gente achava que os nossos problemas eram os maiores problemas do mundo quando você tá andando com pessoas ali que não tinham onde morar.

Paulo. Não tinham o que comer. E o DU queria cortar isso. Queria que a galera não viesse. A gente “VAI VIR, SIM”.

Daniel. Vocês querem que a doação seja só pra classe média? Porque a gente recebia doação, não era comprado com o dinheiro de ninguém. E tipo, eles pediam que a doação fosse só pra gente, e a gente poderia voltar pra casa, comer em casa. Aí foi quando a gente questionou tudo. E também a gente sofria as consequências das nossas ideias, pois acabava comida, ficava todo mundo sem comer. Rolou isso.

Paulo. Às vezes a gente esbanjava comida, véi. Aí que você também vê o corte de classe. Às vezes tipo “tem comida pra carai, bora comer. Êê…”. Bicha, eu falei pra minha mãe que eu tava comendo muito melhor ali do que em casa.

Daniel. Eu também, pô.

Paulo. Tinham altas galeras que sabiam cozinhar pra caralho e fazia as comidas…

Daniel. Não tinha porque voltar pra casa. Eu tava com os amigos, comendo bem, discutindo cidade. Que era eu que, como arquiteto e urbanista, tipo, me interessava. E aprendendo milhões de coisas novas, assim. Entendendo as minhas incoerências, porque é importantíssimo pra você crescer.

[…]

Daniel. …Aí a gente vai entendendo que aquilo ali deveria ser casa, moradia popular. Tudo a partir da

vivência, percebendo que tinha gente que não tinha casa, que aparecia por lá…É exatamente onde furou a bolha e onde começa a perceber que seus problemas não são nenhum…

Paulo. Um choque de realidades né.

Daniel. Entender o feminismo, entender a luta de classes. Tudo foi lá pra mim. recorte de raça.

[…]

Daniel. Que é isso. Eu não digo que o DU não serviu de nada. Eu só estava ali porque acompanhava sempre os Direitos Urbanos.

Paulo. Mas que é uma discussão da classe média né?

Daniel. É, mas que é de onde eu sou. Então é meu primeiro contato com essa discussão. Claro que eu critico, eu aponto, mas também reconheço que foi o meu, a minha inserção nesse debate.

[…]

Daniel. E tipo, o que a gente viveu naquele momento da ocupação não tem registro.

[…]

Daniel. Era muito lúdico mesmo. Tinha que ser senão ninguém ficava.

Paulo. Exatamente. São vislumbres da existência da gente.

Daniel. Se não fosse isso a gente ia parecer que tava na universidade. Discutindo, assembleia…

Paulo. Se não fosse o rodízio de cu, por exemplo.

Daniel. As festas inclusive traziam muitas pessoas de fora né. Gente pra ver o que tava acontecendo.

Paulo. Gente do Brasil né. Aquela

Bárbara Paz foi pra lá. Um monte de artista global. Porque a gente tava bem away de internet.

Daniel. Tinha comunicação interna e comunicação externa. Era dividido o QG da comunicação.

[…]

Paulo. Eu me lembro que a primeira roda de gentrificação no Estelita foi Akuenda que coordenou. Foi a primeira vez na minha vida que eu ouvi. Os desenhos de Sosha que são FODA. Isso é ocupação também. Casa na árvore. E isso não é contado. Como isso não é contado?

[…]

Paulo. Ah, isso aí é massa, foi quando a galera tava cagando no banho.

Daniel. Era, haha, o banho era ainda ali na ponta. Eu amo as placas, são ótimas. E Fernando Peres tem um olhar muito doido que ninguém tá enxergando. Olha, a gente começou a entrar por essa janela antes de derrubar o muro.

Paulo. Eu lembro que era uma felicidade cada vez que a gente derrubava um muro.

Daniel. Também tem muito isso, né, a gente usava codinomes. Então tem gente que eu não sei o nome até hoje.

[…]

Daniel. Eu confesso que teve um dia que eu recebi um reiki assim, que eu tava muito fudido. Uma massagem de Cristina Gouveia…Olha o nosso almoxarifado. Era ótimo ó, tinha lâmpadas, arames, ferramentas…

[…]

Daniel. Lady Norca, botaram aqui ó hahaha…

[…]

Paulo. Ocupar! Resistir! Mas se não fosse por isso aí, a gente não ocupava e resistia não, pô. Fizeram balanço com pneu. Vivia tendo aula de tecido. E tipo, os pirrai viviam brincando. Como assim isso não era contado.

[…]

Daniel. Isso daqui a gente passou pro lado dos trilhos, porque tinha essa conversa de que eles não podiam tirar a gente dos trilhos porque são da União. Aí tinha muito isso também, a gente tava ocupando a parte privada e o nosso conselho sempre era esse: se vier a reintegração de posse, vier polícia, corram pros trilhos. Porque o trilho é da união. Pela lei eles não podiam tirar a gente dos trilhos…Olha as assembleias de manhã…

Paulo. Que era um saco.

Daniel. As duas eram um saco, mas a gente aprende muito.

Paulo. Até tipo sobre horizontalidade, bicha.

Daniel. Horizontalidade, gestão, tudo foi no estelita.

Paulo. Lugar de fala. Eu aprendi tudo isso lá.

Daniel. Tinham esses helicópteros passando e a gente tava pelado e dizia que eles tavam tirando foto da gente…Eu amo essa foto. É a capa do álbum. “É proibido trepá. Ass: Cardinot”. Porque teve um programa dizendo que era só sexo e drogas, num sei o que. Eu lembro disso.

[…]

Paulo. Minha professora deu pra mim cigarro, sandália, maconha…

Daniel. Tinha uma galera que doava

isso pra gente antes de começarem a roubar.

Paulo. Porque foi ficando tenso né. Também existia um fetichismo nisso. A gente tava tendo o que a comunidade aqui do lado, poucos metros, não tem. Como assim a gente…A realidade deles era totalmente diferente.

Daniel. Outro…Tudo era muito doido ali.

[…]

Daniel. As minhas maiores crises vieram depois do Estelita. Que é quando o paraíso cai né…

[…]

Daniel. E tinha o mamódromo. Que era pras mães ficarem com os filhos dando de mamar.

[…]

Paulo. Eu lembro da gente brincando de Eu Nunca, sabia? E quem disse isso foi Jéssica. Porque ela disse assim “véi, vamo brincar de eu nunca?”.

Daniel. A gente voltava com brincadeiras quando não tinha nada pra fazer. Verdade ou consequência. Esse negócio do rodízio de cu foi uma verdade ou consequência.

Paulo. Mentira…

Daniel. Foi uma brincadeira tipo assim, “vai, agora é tua vez”, alguém desafiou assim. Aí ele arriou as calças e começou a rodar o cu. Era sempre brincadeira, fazendo nada, bebendo.